

The background of the entire page is a close-up photograph of a dark brown wood grain, showing natural, wavy patterns and textures. The lighting is slightly darker towards the edges, creating a sense of depth.

**POR QUE**  
a ciência e a fé  
caminham juntas

HISTÓRIAS DE ENRIQUECIMENTO MÚTUO

malcolm a. jeeves

"Malcolm Jeeves expressa neste livro de fácil compreensão toda uma vida de pesquisa científica eminente em neurociência e psicologia e toda a sabedoria de suas reflexões teológicas adquiridas como cristão. Qualquer pessoa que queira compreender como a ciência contemporânea, em toda sua complexidade, pode ser coerente com a crença teológica comprometida, deve ler este volume com cuidado: ele toca em todos os principais pontos de discórdia metafísicos e teológicos, e o faz com clareza, perspicácia e compaixão".

—SARAH COAKLEY

Editora de *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*

"Com base na experiência de toda uma vida em psicologia e neurociência, e com a perspectiva de sua fé cristã, o Prof. Malcolm Jeeves mostra que muitas, talvez a maioria das pessoas hoje em dia, acreditam em deuses "encolhidos" que não fazem justiça nem à profundidade do conhecimento científico sobre o mundo criado, nem à visão bíblica de um Deus criador soberano. Em uma visão magistral do entendimento atual, ele nos incentiva a expandir nossa visão para abraçar tanto os frutos da ciência moderna quanto os insights da erudição bíblica para proporcionar uma visão mais rica e completa deste maravilhoso mundo em que vivemos, e do lugar dos seres humanos dentro dele".

—BOB WHITE

Professor Emérito de Geofísica, Universidade de Cambridge, e Diretor Emérito do Instituto Faraday de Ciência e Religião

"Hoje em dia ouvimos afirmações extremamente reducionistas: *Eu tenho fé, então, não preciso da ciência!* ou *eu tenho ciência, então, não preciso da fé!* Com uma surpreendente amplitude de perspectiva, Malcolm Jeeves dissipa esses dois enunciados - e o faz com uma prosa tão simples e fácil de ler que é importante fazermos uma pausa e refletirmos sobre a sabedoria prática deste livro. Eis um convite para assumir maneiras novas, robustas e cheias de fé para entender o sentido da boa criação de Deus".

—JOEL B. GREEN

Autor de *Body, Soul, and Human Life: The Nature of Humanity in the Bible*

"Como responder a um grito de ajuda de alguém que luta contra suas dúvidas sobre a fé cristã? Eis a experiência de toda uma vida de um ilustre professor de psicologia e neurociência confrontado com os questionamentos atuais sobre origens, natureza humana, milagres, fé e falsidades. Malcolm Jeeves explora os progressos significativos não apenas nas ciências, mas na erudição bíblica. Juntas, elas nos ajudam a evitar o perigo de estreitar nossas ideias sobre o Deus vivo".

—BRIAN HEAP

Ex-presidente do Conselho Consultivo Científico das Academias Europeias

"Malcolm Jeeves, um neurocientista cognitivo pioneiro e fundador de um dos principais departamentos de psicologia do mundo, é também um dos pensadores mais sábios do planeta em assuntos de ciência e fé. Após uma vida inteira de experiência entre grandes cientistas e pessoas de fé visionárias, ele nos convida a sentar ao seu lado enquanto apresenta suas reflexões finais. E como é revigorante e inspirador - em uma época em que a religião tantas vezes parece anticência - pensar com ele enquanto unifica a sabedoria científica e bíblica sobre as origens humanas e a natureza humana, sobre milagres e até mesmo sobre a própria fé".

—DAVID MYERS

Professor of Psicologia, Hope College



---

POR QUE A CIÊNCIA E A FÉ CAMINHAM JUNTAS  
Histórias de Enriquecimento Mútuo

Copyright © 2021 Malcolm A. Jeeves. Todos os direitos reservados com exceção de citações breves em publicações ou resenhas críticas, não é permitida a reprodução de qualquer parte deste livro sem a permissão prévia por escrito da editora. Escreva para: Permissões, Wipf and Stock Publishers, 199 W. 8th Ave., Suite 3, Eugene, OR 97401.

Cascade Books  
An Imprint of Wipf and Stock Publishers  
199 W. 8th Ave., Suite 3  
Eugene, OR 97401

[www.wipfandstock.com](http://www.wipfandstock.com)

ISBN BROCHURA: 978-1-7252-8619-1

ISBN CAPA DURA: 978-1-7252-8620-7

ISBN EBOOK: 978-1-7252-8621-4

---

Nomes: Jeeves, Malcolm A., 1926–, autor.

Título Por quê a ciência e a fé caminham juntas: histórias de enriquecimento mútuo / Malcolm A. Jeeves.

Descrição Eugene, OR: Cascade Books, 2021 | Inclui referências bibliográficas e índice.

Identificadores: ISBN 978-1-7252-8619-1 (brochura) | ISBN 978-1-7252-8620-7 (capa dura) | ISBN 978-1-7252-8621-4 (ebook)

Assuntos: LCSH: Religião e ciência | Bíblia e ciência | Antropologia Teológica - Cristianismo | Evolução (Biologia) - Aspectos Religiosos - Cristianismo | Milagres

Classificação: BL240.3 J44 2021 (brochura) | BL240.3 (ebook)

---

07/27/20

As citações das Escrituras marcadas como (ACF) são da Versão da Bíblia Almeida Atualizada e Fiel.  
As citações das Escrituras marcadas como (AJK) são da Versão em português da Bíblia King James  
As citações das Escrituras marcadas como (RCS) são da Tradução Interconfessional em Português.

---

Para Ruth, por seu amor e apoio por  
mais de seis décadas de minha vida.

# ÍNDICE

**Prefácio 7**

**Agradecimentos 14**

**SEÇÃO I: Colocando em Perspectiva 15**

1. Seu Deus Ainda é Pequeno Demais? Ecos do Passado 16
2. Há Algo de Novo por Aí? A Proliferação de Deuses 42
3. “Deuses” em Oferta. Amostra do Mercado do Século 20 55

**SEÇÃO II - Histórias de Enriquecimento Mútuo 71**

4. Origens Humanas: A Evidência da Ciência 77
5. Origens Humanas: A Evidência das escrituras 90
6. Natureza Humana: A Evidência da Ciência 106
7. Natureza Humana: As Evidências das Escrituras 119
8. Milagres da Natureza. Divino Sustentador ou Preenchedor Ocasional de Lacunas? 134
9. Milagres da Natureza. Exemplos Ilustrativos 151
10. Milagres de Saúde e Cura. Insights Científicos e das Escrituras 163
11. A Natureza Multifacetada da Fé. As Evidências das Escrituras 184
12. A Natureza Multifacetada da Fé. A Evidência da Ciência 196

**SEÇÃO III. Reflexões Teológicas 212**

13. Sustentação Divina e Esvaziamento Divino. Um Equilíbrio Essencial 213

Posfácio 230

**Apêndice 232**

Para aprofundar: Guia para Estudo e Discussão 232

**Bibliografia 251**

**Sobre o autor 274**

## PREFÁCIO

Ninguém que tenha vivido a epidemia de COVID-19 de 2020 pode ter deixado de reparar na forma como os líderes mundiais, como o Primeiro-Ministro do Reino Unido, fazem repetidas referências à necessidade de seguir as melhores evidências da pesquisa na ciência e na medicina. Realmente, seria apenas um pequeno exagero dizer que a imagem apresentada é que a ciência e a medicina são nossos salvadores potenciais em nossa situação atual. Esse lembrete constante da necessidade de prestar atenção aos avanços da ciência e da medicina enfatiza ainda mais os desafios que estudantes das universidades enfrentam diariamente em relação à sua fé cristã. Os e-mails que recebo regularmente de tais estudantes ilustram graficamente estes dados. Por exemplo, um aluno me escreveu recentemente:

Meu nome é [\*\*\*\*] e atualmente estou cursando o segundo ano de biologia e ciências da saúde para um dia poder me tornar docente de ciências no ensino médio. ... Embora você não me conheça e isto possa parecer pessoal, como estudante de biologia, assim como de psicologia para uma das minhas exigências educacionais, minha fé tem sido posta à prova e eu tenho lutado contra dúvidas em minha fé há uns seis a sete meses. Entendo que pode ser um tiro no escuro, mas realmente tenho dificuldade em conciliar minha fé, que eu conheço há dezenove anos, e as pesquisas que tenho feito em minhas aulas e em meu tempo livre. Minha fé parece estar ficando cada vez mais hesitante com o passar do tempo, portanto... Tenho muitas perguntas que gostaria de lhe fazer se você estiver disposto a responder e ajudar. *Elas vão desde a biologia, neurologia e o cérebro, até as ciências da vida de forma geral, mas todas têm algo a ver com minha fé.* Se você estiver disposto a me ajudar, ficarei muito, muito agradecido (grifo nosso).

Outro estudante escreveu:

Sou um cristão com dificuldade de acreditar em alma, vida após a morte, ou poder superior. Muitas pessoas em sua área de atuação específica são ateístas. O ateísmo delas não o faz questionar sua fé? Por que sim? Por que não? Você acha que a mente pode ser reduzida ao cérebro? Se a consciência estivesse confinada ao cérebro, isso eliminaria a ideia de uma alma/vida depois da morte? Você pode me dar algumas razões científicas/lógicas (de preferência científicas) para se acreditar na vida após a morte? Gostaria muito de receber uma resposta.

Esse aluno, em um e-mail posterior, acrescentou:

Também ouvi dizer que nossa moral pode ser totalmente atribuída aos processos científicos evolutivos. Você acha que é verdade? Se for, isso a torna menos valiosa/preciosa?

Este e outros e-mails semelhantes de alunos e alunas preocupados revelam uma tensão entre a fé cristã e sua compreensão da ciência. Algumas das perguntas mais recorrentes dizem respeito às origens humanas, natureza humana, milagres na natureza e milagres de curas - questões que são destacadas regularmente pela organização BioLogos. Nos Estados Unidos, os resultados de pesquisas nacionais feitas pelo Pew Research Center e o Grupo Barna deixam claro que essas inquietações não afligem apenas estudantes. Por exemplo, uma pesquisa do Pew de 2015 revelou que 59% da população americana acha que a ciência e a religião são conflitantes.<sup>1</sup> A percepção de conflito tem maior peso nas pessoas jovens, que tentam encontrar sentido no mundo e encontrar seu lugar nele, e muitas delas estão se afastando da igreja. De acordo com uma pesquisa da Barna, de 2018, pessoas nascidas entre 1999 e 2015 se tornaram uma “geração pós-cristã” - na qual 49% de adolescentes que frequentam a igreja concordaram que “A igreja parece rejeitar grande parte do que a ciência nos diz sobre o mundo”<sup>2</sup>. A juventude ouve muitas vozes - seja na escola, na igreja ou cultura popular - dizendo que ciência e fé não se misturam. Quando suas perguntas ficam sem resposta, tendem a aceitar a mensagem de que a igreja é “anticiência”.<sup>3</sup>

Com muita frequência, ao tentarmos entender a nós mesmos e ao mundo em que vivemos, primeiro olhamos para a ciência - e apenas depois disso, se ainda encontramos lacunas e enigmas, tentamos resolvê-los buscando a Deus e nossa fé. Essa abordagem de “deus das lacunas” tem uma longa história e infelizmente persiste viva e constante nos dias de hoje, Este livro foi escrito para oferecer uma abordagem alternativa, trazendo esta pergunta básica: *Como pessoas cristãs com educação formal podem manter nossa honestidade intelectual e, ao mesmo tempo, ser fiéis tanto às Escrituras quanto à ciência?* Neste livro, seleciono exemplos de algumas das questões mais vivas sobre "ciência versus fé" dos dias de hoje e sugiro maneiras de pensar de forma construtiva sobre cada uma delas. Essa perspectiva está refletida no título do livro, *Porque a Ciência e a Fé Caminham Juntas - Histórias de Enriquecimento Mútuo*.

## O CENÁRIO ATUAL

Considerando a importância da ciência em nosso mundo moderno, as preocupações das/os estudantes mencionadas/os acima foram o que me levou a escrever este livro. Está claro que existem muitas cristãs e cristãos jovens racionais, que precisam de ajuda e orientação sobre essas questões. Como estudantes universitários podem manter seu compromisso com a verdade, quando figuras de autoridade nas igrejas locais e nacionais parecem não

---

<sup>1</sup>. Pew Research Center, “Religion and Science.”

<sup>2</sup>. Barna Group, “Atheism Doubles.”

<sup>3</sup>. Cootsona, “Apologetics.”

estar cientes dos avanços empolgantes da ciência, que têm implicações teológicas em desacordo com o que é pregado nos púlpitos, ou que negam a verdade ou a relevância desses novos conhecimentos? E não são apenas alunos e alunas confusas que precisam de ajuda. Pastores com sobrecarga de atividades têm pouquíssimas oportunidades para se manter a par do que acontece no mundo científico. Eles podem ter consciência dos problemas com os quais jovens brilhantes de suas congregações estão se debatendo, mas ainda assim se sentem incapazes de ajudar. Pensando principalmente neles, tentei escrever de uma maneira que não parecesse um curso acadêmico de ciências.

É importante destacar que esses problemas não afligem somente estudantes dos Estados Unidos. A newsletter da primavera de 2020 de *Christians in Science* no Reino Unido trouxe uma entrevista com Gavin Merrifield, que atualmente é membro do comitê do *Christians in Science*. A primeira pergunta que ele respondeu foi: “Quando você se tornou cristão e isso mudou sua visão da ciência em relação a Deus”? Ele respondeu:

Cresci em um lar cristão, onde meu pai se tornou ministro da igreja na época que eu era adolescente e assumi um compromisso pessoal com Cristo bem cedo. Da mesma forma, sempre fui fascinado pela ciência. Conforme fui crescendo, compreender o mundo e o universo ao nosso redor como criação de Deus me ajudou a nutrir esse interesse. *Infelizmente, quando era adolescente, eu me deixei envolver pela visão particular tanto da ciência quanto da teologia apresentada pelo Young Earth Creationism (Jovem Criacionismo Terrestre - YEC). Creio que isso aconteceu principalmente porque ninguém nunca me apresentou uma compreensão alternativa de como a ciência e a Bíblia podem se unir nos círculos da igreja em que eu estava envolvido. ... Tudo isso mudou na Universidade, quando eu encontrei o Christians in Science e os recursos que ofereceu para minha reflexão. Eu também fui desafiado pelo exemplo de certos professores em minha universidade que eram apaixonados por sua fé, mas que tinham ideias muito diferentes sobre como a ciência e a fé se combinam para mim.*<sup>4</sup>

Mais tarde, na entrevista foi perguntado a Merrifield: "Que desafios, se é que existem, você já enfrentou como cristão e como cientista? Sua resposta: “O primeiro desafio que eu encontrei foi a criação e a evolução, que tenho o prazer de dizer que resolvi com minhas reflexões. Isso não quer dizer que a evolução não imponha questionamentos interessantes para as pessoas cristãs - ela impõe! Agora, porém, esses são questionamentos de consequência, não de conflito. *O conflito entre as duas visões ainda é um desafio para partes da igreja geral e compromete as tentativas de produzir uma compreensão frutífera da ciência em nossas igrejas*”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup>. PrÉCIS, “Interview with Gavin Merrifield” (grifo nosso).

<sup>5</sup>. PrÉCIS, “Interview with Gavin Merrifield” (grifo nosso).

A ideia popular de um conflito, de uma batalha entre a ciência e o cristianismo, na qual ele está em um recuo milenar e perdendo terreno para ela, é uma fábula moderna. Quem a propaga frequentemente tem um claro rancor anticristão. De fato, o chamado “modelo de conflito-recuo” não foi popularizado até as décadas finais do século 19. R. L. Numbers rastreou seu início pelo menos até um artigo de 1845 em um jornal dos Estados Unidos da América<sup>6</sup>, que afirmava que, “Cada nova conquista alcançada pela ciência, envolvia a perda de um domínio para a religião”.<sup>7</sup> E a ideia já estava indiscutivelmente implícita no meio intelectual do Iluminismo. Entretanto, esse modelo de conflito é uma simplificação excessiva, já que a história das relações entre ciência e cristianismo mostra uma história mais rica e muito mais complexa. Nos capítulos seguintes, farei um breve resumo de um consenso moderno sobre as relações entre ciência e religião desenvolvido por estudiosos dedicados ao longo dos últimos 50 anos.

O segundo motivo para escrever este livro é chamar a atenção para alguns fundamentos da fé cristã que, nos últimos anos, tenderam a passar para o segundo plano do pensamento cristão. Cristianismo é sobre Jesus Cristo. Nas Escrituras, Jesus Cristo é descrito como “a Palavra”. As linhas de abertura do Evangelho de João dizem que “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós... cheio de graça e de *verdade*” (João 1:14 ACF). No Evangelho de Marcos, esse mesmo Jesus, que é cheio de verdade, é também aquele que exorta seus seguidores e seguidoras a “Amar o Senhor, o seu Deus, com todo o seu coração, toda a sua alma, *com toda o seu entendimento* e todas as suas forças” (Marcos 12:30 ACF). Infelizmente, hoje o uso da razão foi fortemente reduzido, ou mesmo esquecido, em questões de fé e vida. Sempre que o poder da razão é minimizado ou posto de lado, aumenta o risco de estreitar a nossa fé e a nossa compreensão de quão grande é nosso Deus. Mark Noll, Professor de História na Universidade Notre Dame, estava tão preocupado com a incapacidade de algumas pessoas cristãs de usar a razão que dedicou uma monografia ao tema *Jesus Christ and the Life of the Mind* (Jesus Cristo e a Vida da Mente). Esse trabalho foi um seguimento de seu livro anterior *The Scandal of the Evangelical Mind* (O Escândalo da Mentalidade Evangélica). Embora, como veremos, tenha se verificado algum progresso em corrigir a situação exposta com tanta clareza pelos dois livros de Mark Noll, percebe-se, contudo, uma queda nos números de filiação e comparecimento à igreja à medida que jovens avançam para os últimos anos da escola e depois para a faculdade.

O terceiro motivo para escrever este livro é compartilhar com estudantes - como as pessoas citadas acima - e com a comunidade em geral, algumas formas de pensar de forma construtiva sobre as questões levantadas com mais frequência na interface da ciência e a

---

<sup>6</sup>. Boston Cultivator, “Science and Religion”, 344.

<sup>7</sup>. Numbers, *Galileo Goes to Jail*, 4.

fé. Ao fazer isso, também estou interessado em ilustrar como o conhecimento *tanto* dos avanços da ciência *quanto* da erudição bíblica realmente expande nossa compreensão do Deus maravilhoso no qual acreditamos.

Minha experiência ao longo de meio século em psicologia e neurociência me dá a qualificação necessária para escrever sobre algumas dessas questões com base no conhecimento de primeira mão. Desde que me tornei professor emérito, tenho me mantido em contato próximo com meus colegas da Escola de Psicologia e Neurociência da Universidade St. Andrews. Também mantenho contato com teólogos e estudiosos da Bíblia do St. Mary's College, que compartilham um quadrângulo com psicólogos/os e neurocientistas. Algumas dessas interações contínuas resultaram em publicações com as quais contribuí e editei. Por exemplo, *From Cells to Souls and Beyond, Rethinking Human Nature* (Das Células à Alma e Além: Repensando a Natureza Humana), e *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* (O Surgimento da Personalidade: Um Salto Quântico?). Portanto, é natural para mim, ao selecionar exemplos ilustrativos de questões na interface da ciência e a fé - que dão origem a muitos dos problemas para jovens estudantes curiosos e inteligentes e que resultam em vários deuses "encolhidos", que são na verdade "não deuses" (no sentido bíblico da palavra Deus) - abordar situações nas quais meu trabalho diário em ciências me qualifica a escrever com conhecimento de primeira mão. Duas dessas questões são: primeiro, os rápidos avanços na psicologia evolucionista, nos quais as/os cientistas têm sido protagonistas e, em segundo lugar, os avanços nas interfaces da psicologia e neurociência, nos quais tenho me envolvido pessoalmente, atuando por um período como Editor Chefe do *Neuropsychologia*, um dos mais importantes jornais científicos nesse campo. A pesquisa na psicologia evolucionista contribuiu para renovar o entendimento das origens humanas, e a pesquisa em neuropsicologia colocou novas questões e trouxe uma nova luz no entendimento da natureza humana. É por isso que quatro dos próximos capítulos sobre questões contemporâneas ilustrativas são dedicados às origens e à natureza humana. Meu objetivo é ajudar estudantes confusos/os a compreender que, ao se analisar criteriosamente, as evidências mais atuais da ciência e dos estudos acadêmicos, quando são analisados em conjunto, produzem um entendimento mais rico do Deus em quem acreditamos. Ao mesmo tempo em que ressalto as principais evidências científicas recentes, indiquei à leitora e ao leitor tratamentos muito mais detalhados a cada tópico do que um pequeno livro como este permitiria.

Os demais capítulos são dedicados a discussões sobre milagres, uma vez que esse é um tópico capaz de gerar mais controvérsias do que esclarecimentos, especialmente no que se refere a alegações de milagres de cura contemporâneos. É também um tópico que traz à tona nossas suposições sobre a relação de Deus com sua criação, talvez constringendo

Deus, que deixa de ser o "sustentador divino" e passa a ser um "ocasional preenchedor de lacunas".

Escrevendo agora em meio à pandemia da COVID-19, observei acima que nós, na Grã-Bretanha, temos sido diariamente tranquilizados pelo Diretor Médico do governo, Professor Chris Whitty, que foi descrito pela BBC Health Editor Hugh Pym como "O homem que tem nossas vidas em suas mãos". Todas/os sabemos o que Pym quer dizer. A frase nos lembra que, ao longo das Escrituras, fomos ensinados que nossas vidas estão nas mãos de Deus, nosso criador. Por exemplo, em sua dor e angústia, Jó declarou: "Em sua mão (de Deus) está a vida de cada criatura" (Jó 12:10 NIV). Davi, perseguido por seus cruéis inimigos, que ameaçavam sua vida, colocou sua confiança de Deus, dizendo: "Os meus dias estão nas tuas mãos" (Salmos 31:15 NIV). Paulo, falando sobre Deus ao povo de Atenas - que era naquela época considerada a população mais civilizada, filosófica, educada, artística e intelectual da face da Terra - declarou que Deus tinha feito o mundo e tudo o que nele existe, e que "nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (Atos 17:24–28 NIV). Recentemente houve um lembrete salutar de Paul Nurse, ganhador do Prêmio Nobel e atual diretor do Instituto Francis Crick, de que o excelente conselho dos cientistas não é a última palavra. Ele disse: "Sei que Chris Whitty e Sir Patrick Vallance e eu achamos que somos excelentes cientistas. Deveríamos nos sentir em mãos seguras, ... mas eu acho que é muito importante que os cientistas não falem com a palavra de Deus".<sup>8</sup> Os maiores cientistas sempre conheceram suas limitações, reconheceram a face mutável da ciência, e tomaram muito cuidado em não afirmar mais do que o justificado pelas evidências atuais. Infelizmente, nem sempre a interpretação das Escrituras por pregadores e teólogos demonstrou essa humildade. Nunca é demais nos lembrar que:

A forma como chegamos a conclusões sobre o que a Bíblia ensina é uma parte indispensável da forma como a usamos. Ninguém chega à Bíblia como uma página em branco. Pelo contrário, chegamos com uma série de pressupostos e hábitos mentais, alguns conscientes e deliberados, outros como produtos da cultura, família, denominação e de nossa decadência e finitude pessoal. O mesmo se aplica aos comentaristas clássicos do passado cristão.<sup>9</sup>

Resta ainda um problema recorrente: "Alguns cristãos abominam essa falta de resolução pela incerteza que ela parece conferir à Bíblia".<sup>10</sup> Essa "incerteza sentida" é uma das razões pelas quais dedicamos um capítulo ao exame da natureza complexa da fé na teoria e na prática.

---

<sup>8</sup>. Sylvester and Thomson, "Boris Knows."

<sup>9</sup>. Thompson, *Reading the Bible*, 183–84.

<sup>10</sup>. Thompson, *Reading the Bible*, 184.

Por fim, nunca se deve esquecer que o sustentador divino é também aquele que, em Cristo, “esvaziou-se a si mesmo”. Qualquer compreensão equilibrada da relação de Deus com sua criação deve manter em delicado equilíbrio *tanto* a sustentação divina *quanto* o esvaziamento divino. Não é uma tarefa fácil. Nunca se deve esquecer que o sustentador divino é também aquele que, em Cristo, “esvaziou-se a si mesmo”. Vemos esses dois aspectos da divindade soberanamente encarnados em Cristo, aquele em quem todas as coisas se mantêm unidas e também aquele que se esvaziou a si mesmo em sua autodoação em sua encarnação e no Calvário.

---

## AGRADECIMENTOS

A publicação deste livro somente foi possível devido ao incansável incentivo e apoio de Thomas Ludwig, que me ajudou em todos os aspectos da preparação do manuscrito. Meus colegas em St. Andrews, Alan Torrance e Andrew Torrance, proporcionaram orientações inestimáveis sobre as questões para estudo e discussão.



## SEÇÃO I: COLOCANDO EM PERSPECTIVA

# 1. Seu Deus Ainda é Pequeno Demais? *Ecos do Passado*

Não poderemos jamais compreender a Deus em toda a sua grandeza, e quanto mais os conhecimentos científicos avançam em todos os campos, maior se torna a ideia de sua vasta e complexa sabedoria.<sup>11</sup>

Será que vamos deixar Deus ser como ele é, majestoso e santo, vasto e maravilhoso, ou sempre vamos procurar talhá-lo para ser do tamanho de nossas mentes pequenas, insistir em confiná-lo dentro dos limites com os quais nos sentimos confortáveis, recusar a pensar nele senão em termos convenientes ao nosso estilo de vida?<sup>12</sup>

É comparativamente fácil nomear os sistemas de idolatria de outrora. É muito mais difícil apontar os equivalentes no mundo de hoje e no de amanhã.<sup>13</sup>

## O Cenário Atual

Por que jovens que cresceram na igreja a abandonam em grande número em sua adolescência? Por que 50% das pessoas que cresceram na Igreja Batista do Sul dos EUA a abandonaram ao chegar aos 30 anos? De acordo com inúmeras pesquisas, uma das razões é que seus pastores lhes pedem que acreditem em explicações sobre o mundo em que vivem que contradizem e negam totalmente o que Deus permitiu que cientistas dedicados descobrissem sobre esse mesmo mundo e sobre si mesmos. O compromisso com a verdade por meio do uso diligente de nossas mentes é uma responsabilidade cristã. É também uma questão pastoral inadiável. Em seu livro *O Eclipse da Graça*,<sup>14</sup> Philip Yancey enfatiza isso destacando alguns dos resultados desafiadores e perturbadores das pesquisas recentes da Barna com foco na juventude nas igrejas dos EUA. Ele ilustra suas preocupações citando o exemplo de um blogueiro chamado Mark Yoder que escreveu sobre "dez motivos surpreendentes para nossos filhos deixarem a igreja". Ele se baseou em entrevistas realizadas no Texas, um estado comparativamente religioso. As perguntas que são

---

<sup>11</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*, 123

<sup>12</sup>. Peterson, *Longa Obediência na Mesma Direção*.

<sup>13</sup>. Wright, *O Dia em que a Revolução Começou*.

<sup>14</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

tipicamente levantadas pelos avanços da ciência - que são o foco das diferenças entre o que jovens ouvem do púlpito aos domingos e o que aprendem nas escolas e faculdades - são: De onde vêm os seres humanos? Existe essa coisa chamada alma? Qual é a relação de minha mente, meu cérebro e minha alma (se é que eu tenho uma)? O que devo fazer hoje com as alegações de milagres de cura nas igrejas? Por que orar? A oração funciona para doenças? O efeito acumulado dessas questões prementes tem sido o de alertar a juventude para o fato de que, infelizmente, às vezes ela está sendo apresentada a versões extremamente encolhidas do Deus Cristão que, de acordo com as Escrituras, criou todas as coisas - que são "muito boas" - e que "sustenta todas as coisas com a sua palavra poderosa" (Hebreus 1:3 KJV). Ele não é um Deus que aparece de vez em quando nos domingos ou nos eventos de evangelização para fazer um "burburinho emocional" passageiro ou fazer truques de magia religiosa chamados milagres.

Este é um tema abordado por James Bryan Smith quando escreve:

Mas por várias razões, a mensagem evangélica que ouvimos com frequência, a história contada muitas vezes, é encolhida e distorcida. É por isso que vemos tantas pessoas cristãs frustradas, desapontadas. Não é que sejam más pessoas, mas nunca ouviram a magnífica história em sua plenitude.<sup>15</sup>

Por boas razões, quando compartilhamos a essência do evangelho, nos concentramos nas maravilhas da graça de Deus. A centralidade da graça na apresentação do evangelho cristão tem sido sublinhada e amplamente compartilhada em livros como *Maravilhosa Graça* de Philip Yancey. Infelizmente, apesar da seriedade e sinceridade com que continuamos a cantar hinos como "*Amazing Grace*", às vezes, contudo, como documentado por Yancey, o entendimento da graça se tornou tão degradado, distorcido e corrompido que ele se sentiu movido a escrever *O Eclipse da Graça* como um seguimento de seu livro anterior. Mas não apenas a ideia de graça se tornou grosseiramente distorcida, infelizmente um destino semelhante se abateu sobre nossa compreensão da "verdade". Este livro é em parte um apelo para darmos à palavra "verdade" o mesmo peso que damos a amar a Deus com o entendimento, lembrando da descrição de Jesus Cristo como "cheio de graça e verdade", da mesma forma que o fazemos, com toda a razão, à palavra "graça". A noção de que apenas o "Filho Unigênito era cheio de verdade", parece, às vezes, ter sido quase perdida por completo. Se, como Philip Yancey bem argumenta, o entendimento bíblico da graça foi encolhido quase ao ponto de desaparecer, a importância da verdade hoje está sendo diminuída ou ignorada de forma semelhante. As *fake news* estão por toda parte.

Na Grã-Bretanha, a exposição a programas de TV de megaigrejas nos EUA continua limitada. No entanto, ainda é suficiente para observar quantas vezes um pregador promete uma vida mais próspera ou uma cura imediata de doenças e enfermidades, se quem estiver ouvindo

---

<sup>15</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 13.

fizer uma oração sob a orientação do pregador. Comentando sobre esta tendência, Philip Yancey, observador e analista da vida da igreja nos EUA há muito tempo, escreveu: "Visitei igrejas onde figuras autoritárias faziam grandes promessas sobre um plano superior de vida, ou sobre prosperidade e boa saúde, como se uma fé superior alçasse alguém a uma classe privilegiada. Essa mensagem pode conseguir resultados por certo tempo — até que a realidade se manifeste".<sup>16</sup> Porém, na Grã-Bretanha testemunhamos de vez em quando algumas cruzadas evangélicas com forte ênfase em milagres de cura. O que devemos fazer com as alegações, às vezes dramáticas, feitas nessas cruzadas de cura? Ao procurar responder essa pergunta, temos a sorte de um médico experiente ter realizado um estudo detalhado das pretensas curas em uma dessas cruzadas na Grã-Bretanha. Com base em suas descobertas publicadas, há um capítulo mais à frente dedicado a uma discussão sobre milagres e cura. Um outro capítulo sobre milagres da natureza se baseia no livro bem documentado de um ilustre cientista de Cambridge sobre os milagres registrados no livro do Êxodo. Juntos, estes dois capítulos oferecem uma oportunidade para refletir sobre como, com demasiada frequência, o Deus das Escrituras "que sustenta todas as coisas com a sua palavra poderosa" (Hebreus 1:3 ACF) é diminuído a um "deus das lacunas" ou um "mágico divino". Todos esses deuses são na verdade "deuses encolhidos".

## **Aprendendo com o Passado: Um Livro Pequeno com um Grande Impacto**

De tempos em tempos, um livro pequeno tem um enorme impacto nos círculos cristãos, por exemplo, o *Cristianismo Puro e Simples*<sup>17</sup>, de C. S. Lewis, não só foi muito lido, mas que também teve grande influência na formação do pensamento do povo cristão durante várias décadas. Mais ou menos na mesma época, um livro muito pequeno, de J. B. Phillips, amigo de Lewis, teve um efeito semelhante. Em 1952 ele publicou *Seu Deus é Pequeno Demais*.<sup>18</sup> Phillips já havia consolidado sua reputação como estudioso e tradutor criterioso das cartas de São Paulo para as jovens igrejas em inglês contemporâneo e acessível. Finalmente, o leitor e a leitora comuns, muitas vezes mistificados pelo inglês da Versão Autorizada, sentiu-se capaz de compreender o impacto da mensagem das Escrituras. Phillips escreveu sobre os problemas enfrentados por quem, honestamente, buscava respostas nas igrejas cristãs de todas as denominações na metade do século 20: "E será sempre através desse artifício que ele adorará ou servirá a um Deus, *o qual será, para ele, pequeno demais* para merecer a sua lealdade e cooperação de um adulto".<sup>19</sup> Refletindo sobre os pontos de vista de quem está fora das igrejas ao analisar as atitudes das pessoas cristãs, ele escreveu: "Se elas [as pessoas cristãs] não defendem com ardor um conceito antiquado de Deus, é porque

---

<sup>16</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

<sup>17</sup>. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*.

<sup>18</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>19</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais* (grifo nosso).

acalentam a ideia de um “deus de estufa”, que só pode subsistir encerrado nas páginas da Bíblia ou dentro das quatro paredes de uma igreja.”<sup>20</sup>

O título deste livro, *Por que a Fé e a Ciência Caminham Juntas: Histórias de Enriquecimento Mútuo*, é um convite a que o leitor e a leitora se sentem ao meu lado para refletirmos sobre o cenário atual das discussões contemporâneas sobre como estabelecer uma relação adequada entre a fé e o entendimento científico informado do mundo em que vivemos, do qual somos um produto, e do qual, segundo a doutrina cristã, temos que ser guardiões responsáveis. Desde que Phillips escreveu seu livro instigante, ocorreram avanços significativos em muitas áreas da ciência e dos estudos bíblicos. Mas ainda produzimos “deuses” que são pequenos demais, e reduzimos o significado de “fé” a várias formas de “o que eu ganho com isso?” e várias “crendices de atalho”. Em sua análise penetrante e perspicaz, J. B. Phillips detalhou a variedade de “deuses” em oferta no mercado religioso daquela época - “deuses” que, ele acreditava, poderiam ser descritos como o “Policial Onipresente”, o “Ilustre Ancião”, o “Seio Divinal”, o “Diretor Presidente”, e vários outros. O “Policial Onipresente” de Phillips destacou os perigos de se transformar “consciência em Deus”. Isso, diz Phillips, é uma atitude altamente perigosa considerando tudo o que sabemos sobre como a consciência é formada e condicionada pelo contexto social e pressões do grupo, muitas vezes levando a falsos sentimentos de culpa.

Embora muitas coisas tenham mudado no mundo atual se compararmos com o mundo de Phillips na metade do século 20, muitos temas de seu livro ainda ressoam fortemente com as características observáveis no cenário cristão dos dias de hoje. Nos anos 50, no Reino Unido, certamente poucas pessoas possuíam televisão, em termos relativos. Os computadores basicamente ficavam confinados aos laboratórios científicos. A comunicação acontecia principalmente por carta ou telefone. Nem se sonhava com acesso instantâneo e comunicação instantânea. Hoje os laptops, computadores portáteis e smartphones ostentam um poder computacional superior ao de alguns dos maiores computadores dos laboratórios de ciências de setenta anos atrás. Os supermercados davam os primeiros passos. Lojas de conveniência eram coisas desconhecidas. Hoje o mundo está sobrecarregado pelo excesso de informações através do desenvolvimento da multimídia. Nos Estados Unidos e, em menor proporção, na Europa, esses pontos de multimídia são amplamente utilizados pelas igrejas e organizações cristãs. O que podemos chamar hoje de “supermercados religiosos” são de alto nível e estão bem abastecidos com uma gama quase desconcertante de “deuses” em oferta. Nas “seções de conveniência” dos supermercados religiosos, é possível identificar rapidamente quais são os best-sellers atuais para acesso imediato. Os muitos “deuses” em oferta na época de Phillips se multiplicaram várias vezes

---

<sup>20</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

e as promessas e contra promessas de deuses específicos são vendidas com todo o poder da mídia de hoje. Métodos de marketing muito bem elaborados são usados à exaustão. O efeito final de tudo isso é que existe em cada canto uma desconcertante profusão de “deuses” em oferta. E cada um desses “deuses” faz promessas e contra promessas. A questão é: Como avaliamos esses diferentes “deuses” e as promessas ligadas a eles? Será que Deus existe principalmente para nos tornar mais prósperos, para nos fazer felizes, para oferecer um atalho para a saúde e a cura? Em resumo, sob vários aspectos, o diagnóstico de Phillips é hoje tão relevante quanto era em 1952. Escrevendo sobre o povo cristão naquela época, ele disse,

Muitos homens e mulheres estão vivendo, hoje em dia, com insatisfação interior, sem a mínima fé em Deus. Não que sejam propriamente maus, egoístas ou “ímpios”, como diriam os mais antiquados, mas o fato é que não conseguiram encontrar, com suas mentes adultas, um Deus suficientemente grande para “explicar” o fenômeno da vida, ou suficientemente grande para “encaixar-se” na nova era científica ou suficientemente grande para merecer deles a máxima admiração e respeito e, então, receber sua pronta cooperação.<sup>21</sup>

Em 1962, uma década depois do surgimento do livro de Phillips, um jovem pastor começou a pregar na Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei, em Hartford, Connecticut, EUA. Ele veio a se tornar um dos autores mais lidos e respeitados do final do século 20 e início do século 21. De certa forma, ele continuou a cruzada de Phillips para levar a mensagem do evangelho cristão às pessoas comuns. Em 1993, ele publicou uma paráfrase pessoal do Novo Testamento em um livro intitulado *A Mensagem: O Novo Testamento na Linguagem Contemporânea*,<sup>22</sup> acrescentando o Antigo Testamento em 2002.<sup>23</sup> Em 2018, a publicação de alguns dos sermões coletados de Peterson retoma e amplia os temas de Phillips.<sup>24</sup> Por exemplo, Peterson escreveu,

Existem algumas pessoas que estão sempre buscando uma religião que não faça exigências e ofereça apenas recompensas, uma religião que fascine e entretenha, na qual não exista espera nem vazio. E elas geralmente podem encontrar alguém como Arão que as ajude a criar algum tipo de religião, com um bezerro de ouro. ... E então em um momento de tédio, alguns de nós viram as costas para tudo isso e dizem a qualquer pessoa: "Faça-nos deuses, entretenha-nos, deleite-nos, divirta-nos, dê-nos algum brinquedinho sobrenatural com o qual possamos brincar". ... Abandonamos o maravilhoso silêncio da adoração e enchemos o ar com *jingles* de terceira categoria.

---

<sup>21</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>22</sup>. Peterson, *Mensagem: Novo Testamento*

<sup>23</sup>. Peterson, *Mensagem: A Bíblia*

<sup>24</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*.

Ficamos cansadas/os de participar da vida extenuante, mas revigorante, da liberdade e da fé.<sup>25</sup>

Hoje, considerando nosso conhecimento da idade do universo, o “Ilustre Ancião” de Phillips ficou muito mais velho até mesmo do que era quando Phillips o descreveu. Do conceito de Deus como “Diretor Presidente”, Phillips observou que, à primeira vista, ele parece realmente ser muito elevado e esplêndido. Entretanto, quando analisado mais acuradamente, manifesta a mesma concepção de um deus “pequeno demais”. Phillips escreveu: “Tal conceito resume-se na ideia de que Deus, sendo responsável pela imensa vastidão do Universo, não pode preocupar-se com as partículas diminutas de vida consciente que existem neste insignificante planeta”.<sup>26</sup> Novamente, ele se refere à ciência, quando diz: “Ter, ao menos, um começo de apreciação da grandeza do poder controlador do incrível sistema que a ciência está começando a nos revelar, é uma experiência desconcertante, porém salutar”.<sup>27</sup> Uma consequência dessa visão do inimaginável tamanho de Deus, escreveu Phillips, é que “Eu não posso imaginar que um Deus tão extraordinário esteja interessado em mim”.<sup>28</sup> Phillips conclui que “Imaginar Deus como sendo, simplesmente, um ser humano amplificado, é incorrer no erro de tê-lo apenas como o alto comandante que, de tão atarefado, não tem tempo a perder com as particularidades das vidas das pessoas que são suas subordinadas.”<sup>29</sup> Porém, continua ele, “Precisamos de um Deus que tenha a capacidade de reter em sua mente, tanto o grande e o pequeno ao mesmo tempo. E essa, a religião cristã, assegura, é a verdadeira e completa concepção de Deus, revelada por Jesus Cristo.”<sup>30</sup>

O último Deus irreal identificado por Phillips foi o “Frágil Galileu”. Phillips escreveu sobre pessoas infelizes adoradoras que estão “presas a seu Deus negativo, pela educação, pelas tradições de uma igreja ou de uma seita, pela manipulação dos textos isolados das Escrituras ou por algum peso na consciência.”<sup>31</sup> Ele sentiu que essa negatividade e manipulação não era fiel ao Novo Testamento, que ele descreveu como “um livro cheio de liberdade e alegria, coragem e vitalidade”.<sup>32</sup> Depois, ele comenta:

Essa ideia mística de se considerarem “algo especial” é agarrada desesperadamente, a tal ponto que encontramos certas pessoas adoradoras do Deus negativo que sabem muito bem, no íntimo de seus corações, que suas vidas não estão em grau de qualidade superior à de seus “amigos do mundo” ou “crentes fracos”. Firmemente agarradas às

---

<sup>25</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 32.

<sup>26</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>27</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>28</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>29</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>30</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>31</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>32</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

regras da “segregação” espiritual, só assim eles se sentem como se fossem, realmente, as pessoas favoritas ou especiais de seu Deus!<sup>33</sup>

Ele acrescenta “Tudo isso é muito desagradável e sem atrativos, mas é bastante comum entre pessoas religiosas”.<sup>34</sup> Uma avaliação honesta do cenário atual teria que concordar que as coisas não mudaram tanto quanto deveriam.

Tendo em mente o rápido progresso feito pela psicologia social que estuda dinâmicas de grupo e a psicologia cognitiva que estuda a natureza dos sistemas de crenças, hoje podemos compreender melhor a força do quadro pintado por Phillips. Por exemplo, mais ou menos na época em que Phillips escrevia, apareceram livros revolucionários de psicólogas/os trazendo nova luz sobre como os fatores da personalidade moldavam os sistemas de crenças das pessoas. Alguns eram flexíveis e outros, extremamente inflexíveis. Entre eles, estão *A Personalidade Autoritária*<sup>35</sup> e *The Open and Closed Mind (A Mente Aberta e Fechada)*.<sup>36</sup> As pesquisas avançaram, e com uma análise retrospectiva, podemos avaliar melhor a força do quadro pintado por Phillips. Hoje, certamente temos um conhecimento muito maior sobre a multiplicidade de fatores que atuam na formação de nossas crenças. Por exemplo, na revisão recente de seu livro didático *Psicologia Social*, David Myers escreveu,

No âmbito político, mesmo informações corretas podem deixar de descartar a desinformação implantada. ... Quando, durante a campanha presidencial de 2016, Donald Trump proclamou repetidas vezes que estava acontecendo um aumento dos crimes violentos, as histórias na mídia refutaram veementemente suas afirmações com estatísticas do FBI mostrando que, na verdade, a criminalidade tinha diminuído de forma acentuada desde 2008. Entretanto, 78% dos apoiadores de Trump continuaram a acreditar que a criminalidade estava aumentando. ... Esse processamento politicamente tendencioso das informações é bipartidário, relata Peter Ditto e seus colegas (2018). Eles encontraram "evidências claras de tendência partidária tanto em liberais quanto em conservadores, e em níveis praticamente idênticos". Quando as evidências sustentam nossas opiniões, nós as achamos convincentes; quando as mesmas evidências contradizem nossas opiniões, nós as refutamos.<sup>37</sup>

O que acontece na formação de crenças no âmbito político também se aplica ao contexto da formação e funcionamento dos sistemas de crenças religiosas. Mais recentemente, foi publicado um artigo no conceituado *Journal of Experimental Psychology: General* com o título de “*The Partisan Mind: Is Extreme Political Partisanship Related to Cognitive Inflexibility?*” (A Mente Partidária: O Partidarismo Político Extremo está Relacionado à Inflexibilidade Cognitiva?). O artigo começa fazendo referência aos dois livros

---

<sup>33</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*

<sup>34</sup>. Phillips, *Seu Deus é Pequeno Demais*.

<sup>35</sup>. Adorno et al., *Personalidade Autoritária*.

<sup>36</sup>. Rokeach, *Open and Closed Mind*.

<sup>37</sup>. Myers and Twenge, *Psicologia Social*.

mencionados acima, de Theodor Adorno e colegas e de Milton Rokeach. Embora o foco da pesquisa desse artigo fosse o partidário político, portanto, as crenças políticas, suas conclusões sobre a rigidez mental e flexibilidade cognitiva parecem bastante relevantes no que se refere ao partidário religioso. Eles escreveram: “Os resultados deste trabalho, em conjunto com outros estudos, sugerem que a mente cognitivamente inflexível pode ser especialmente suscetível à clareza, certeza e segurança muitas vezes proporcionadas pela forte lealdade às ideologias e doutrinas coletivas, seja qual for o assunto e a motivação. Isto está de acordo com o argumento de Rokeach (1954) de que os adeptos tanto de ideologias de extrema esquerda como de extrema direita demonstrariam tendências à rigidez”.<sup>38</sup> Hoje não é difícil pensar em ideologias religiosas extremas, que apresentam mais ou menos a mesma rigidez quando se pede que considerem novas interpretações de passagens muito familiares das Escrituras.

Eugene Peterson ecoou alguns dos principais temas de Phillips. Ao escrever sobre “deuses pequenos” feitos para servir a nossos propósitos, Peterson argumentou “Sua relação (de Abraão) com Deus não era mercantil, nem utilitária. Ele não enfrentou a dor para manter boas relações com Deus e assim ter direito a uma boa herança. A construção de seu altar não parece ter sido uma apólice de seguro contra desastres. Seus altares foram atos espontâneos de amizade e gratidão, expressões de respeito.”<sup>39</sup> Ele continua: “É possível comprar uma religião de promessas e sábios dizeres e interessantes respostas para grandes questões por quinze ou vinte dólares. O mundo está cheio dessas coisas. Mas o que a maioria de nós quer saber é: elas acontecem realmente? Podem acontecer aqui? E estão vivas? Temos que fazer as perguntas teimosamente práticas no que se refere a Deus e à igreja. Eu não tenho paciência com uma verdade que não pode ser vivida, e também não quero que você tenha paciência com ela.”<sup>40</sup>

N. T. Wright ressaltou o tema principal de Phillips como uma questão contemporânea em seu livro *Os Desafios de Jesus*. Wright listou o que ele chama de “Deuses feitos por nós mesmos”. Ele escreveu: “Tem havido um ressurgimento do interesse, em nosso mundo pós-secular, em todos os tipos de assuntos vagamente religiosos ou espirituais. ... Portanto, existem atualmente muitos deuses em oferta. ... Porém, será que algum deles tem alguma coisa a ver com Jesus? ... É vital que, em nossa geração, questionemos uma vez mais: a que, ou melhor, a quem, a palavra Deus realmente se refere?”<sup>41</sup> Posteriormente, Wright escreveu: “Você pode mandar Deus ou deuses para longe, como um parente idoso

---

<sup>38</sup>. Zmigrod et al., “Partisan Mind”, 416.

<sup>39</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 20.

<sup>40</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 24.

<sup>41</sup>. Wright, *Os Desafios de Jesus* (grifo nosso).

desagradável. Todavia, a história mostra várias vezes que outros deuses se infiltram silenciosamente para ocupar o lugar deles".<sup>42</sup> Ele continua, dizendo

Esses outros deuses não são estranhos. O mundo antigo conhecia-os bem. Só para citar três bem populares: há Marte, o deus da guerra, Mamon, o do dinheiro e Afrodite, a deusa do amor erótico. Acho fascinante, nas ideias modernas do Ocidente, as obras dos "mestres da suspeita", Nietzsche, Marx e Freud, que alegaram revelar os motivos que se escondem sob a superfície aparentemente amena e compreensível do mundo moderno. Trata-se de poder, declarou Nietzsche. Tudo se resume a dinheiro, disse Marx. De fato, é sobre sexo, disse Freud. Em cada caso, esses eram vistos como forças ou impulsos que que estão presentes, gostemos ou não. Podemos pensar que somos livres para escolher, mas na verdade somos servos cegos desses impulsos.<sup>43</sup>

Cientistas também entraram nesse tema. 21 anos atrás - no livro *How Large Is God?* (Quão Grande é Deus) - grandes cientistas alertavam para que não diminuíssemos o Deus que adoramos. O professor de física Howard Van Till escreveu: "Convido minhas amigas e amigos teólogos e teólogas, especialmente as/os que continuam a defender o quadro criacionista da atividade criadora de Deus, a *alargar seu retrato do Criador*. Permitam que o retrato seja grande o suficiente para comportar a expectativa de que o Universo ao qual esse Criador deu vida tenha sido generosamente dotado desde o início com uma constituição formativa suficientemente robusta para tornar possível sua auto-organização em toda a gama de estruturas físicas e formas bióticas que se tornaram reais."<sup>44</sup> Essa ideia foi defendida com eloquência por Peterson quando ele pregava sobre milagres. Ele disse: "*Chamar um evento de milagre não significa que não podemos compreendê-lo. Significa que não podemos prevê-lo. Significa que não podemos produzi-lo. Não podemos controlá-lo. Há mais coisas acontecendo do que temos capacidade de compreender. Há mais na vida do que podemos explicar. Milagre é uma palavra que o povo cristão usa para dar nome a eventos, pelo menos a alguns deles, que Deus faz acontecer.*"<sup>45</sup> Considerando a relevância duradoura dessas visões sobre milagres e o fato de que, sob um exame criterioso, ainda hoje existe uma tendência aparentemente quase irrefreável de interpretar milagres, antigos e modernos, *como intervenções ocasionais de um Deus que estaria preocupado em retornar para elucidar a falta de uma explicação* em nossa compreensão do mundo em que vivemos, os últimos capítulos serão dedicados a uma análise detalhada de milagres antigos e modernos.

---

<sup>42</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

<sup>43</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

<sup>44</sup>. Van Till, "*No Place for a Small God*", 113 (grifo nosso).

<sup>45</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 22 (grifo nosso).

## Deuses Encolhidos: Soa o Alarme Teológico

Importantes teólogos dos dois lados do Atlântico continuam a destacar o perigo onipresente de estreitar nossas ideias de Deus. Nos Estados Unidos, Eugene Peterson escreveu sobre “Tentar reduzi-lo [Deus] ao tamanho de nossas mentes pequenas.”<sup>46</sup> Peterson pergunta: “Será que vamos deixar Deus ser como ele é, majestoso e santo, vasto e maravilhoso, ou sempre vamos procurar talhá-lo para ser do tamanho de nossas mentes pequenas, insistir em confiná-lo dentro dos limites com os quais nos sentimos confortáveis, recusar a pensar nele senão em termos convenientes ao nosso estilo de vida? Mas então não estamos tratando com o Deus da criação e o Cristo da cruz, e sim com uma reprodução de lojinha de algo feito à nossa imagem, geralmente por razões comerciais.”<sup>47</sup> No Reino Unido, N. T. Wright, um dos mais conhecidos e respeitados teólogos e estudiosos da Bíblia do século 20, ecoa esse tema ao escrever que estamos rodeados por “deuses feitos por nós mesmos”. Suas frequentes referências à proliferação de “deuses” ressaltam o espetáculo de “deuses encolhidos” como uma questão contemporânea.

Em abril de 2018, um relatório do Pew Research Center dos Estados Unidos revelou a ambiguidade evidente na miríade de “deuses” em quem a população americana diz acreditar. O relatório nos diz que “Nove em cada dez pessoas americanas acreditam em um poder superior, mas apenas uma pequena maioria acredita em Deus como descrito na Bíblia.”<sup>48</sup> Esse mesmo relatório destacou uma tendência etária: “Em comparação com a população adulta mais velha, pessoas com idade abaixo de 50 anos, geralmente acham que Deus é menos poderoso e menos envolvido com os assuntos terrenos do que as mais velhas. Ao mesmo tempo, porém, pessoas jovens adultas são um pouco *mais* propensas do que as/os mais idosas/os a dizer que acreditam ter sido punidos pessoalmente por Deus ou por um poder superior no universo”.<sup>49</sup>

Outra tendência que se repete nas pesquisas recentes do Pew é que a população americana mais instruída é menos propensa a acreditar no Deus da Bíblia. “Entre a população adulta americana com educação secundária ou inferior, dois terços dizem acreditar no Deus descrito na Bíblia. Um número muito menor de pessoas adultas com alguma formação universitária diz acreditar no Deus descrito na Bíblia (53%). Entre pessoas com formação superior, pouco menos da metade (45%) afirmam acreditar do Deus da Bíblia.”<sup>50</sup> Conclusão: Muitos dos “deuses” que estão no mercado hoje em dia *ou são rejeitados abertamente ou*

---

<sup>46</sup>. Peterson, *Longa Obediência na Mesma Direção*.

<sup>47</sup>. Peterson, *Longa Obediência na Mesma Direção*.

<sup>48</sup>. Pew Research Center, “Americans Say They Believe.”

<sup>49</sup>. Pew Research Center, “Americans Say They Believe.”

<sup>50</sup>. Pew Research Center, “Americans Say They Believe.”

*não são levados a sério por pessoas jovens instruídas, porque elas sentem que o que se pede é que comentam um suicídio intelectual. Pede-se a elas que neguem a maior parte do que aprenderam, por exemplo, nos cursos de ciências. Pede-se a elas que acreditem em deuses diminuídos, “preenchedores de lacunas”. Tudo isso nos remete de volta ao argumento de J. B. Phillips de que construímos deuses subdimensionados. Explicamos as lacunas estreitas em nosso conhecimento fazendo referência a um “Papai Noel celestial” que justifica nossos propósitos tribais.*

## **Deuses Reformulados: Soa o Alarme Tecnológico**

Uma característica do mundo atual é surpreendentemente diferente do mundo de J. B. Phillips da metade do século 20. É uma mudança que tem impacto em toda a população. Refiro-me à quase inacreditável diversidade e rapidez das formas de comunicação entre indivíduos e grupos desenvolvidas nos anos que se seguiram. Um visitante do espaço que passasse pela pequena cidade universitária onde moro ficaria fascinado com o número de estudantes caminhando por aí, com uma mão apoiada na orelha, ou com cabos pendurados nos ouvidos enquanto aparentemente conversam animadamente consigo mesmos. Se este mesmo visitante do espaço consultasse a edição de 12 de janeiro de 2019 da revista internacional *The Economist*, encontraria uma pista para entender este estranho comportamento. Em um artigo com o título de “Más notícias para a Apple. Boas notícias para a Humanidade”, lemos que “as vendas de smartphones dispararam e parecem estar estabilizando em cerca de 1,4 bilhão de unidades por ano.”<sup>51</sup> O artigo continua: “As pessoas usaram suas carteiras para eleger o smartphone como o produto de consumo de maior sucesso na história: quase 4 bilhões das 5,5 bilhões de pessoas adultas do planeta agora têm um. E não é de se admirar. Eles conectam bilhões de pessoas às redes de informações e serviços.”<sup>52</sup> Esse é apenas um exemplo das mudanças quase inacreditáveis na diversidade e rapidez dos meios de comunicação entre pessoas e grupos. *Essa comunicação instantânea e quase universal no mundo de hoje, incluindo o conhecimento de Deus e da religião, tem implicações para a disseminação do conhecimento, que estamos apenas começando a entender.* Isso significa que, no que eu chamei de mercado religioso, podemos esperar uma grande concorrência tanto no marketing como na venda dos “deuses em oferta”, incluindo os “deuses que não são deuses”, que chamei de “deuses encolhidos”.

Como podemos aproveitar a vasta gama de tecnologias desenvolvidas desde que Phillips escreveu seu livro em 1952 sem distorcer a mensagem cristã? O uso de tecnologias em desenvolvimento para compartilhar o Evangelho não é novidade. O que é novo são as

---

<sup>51</sup>. Economist, “Maturing Smartphone Industry.”

<sup>52</sup>. Economist, “Maturing Smartphone Industry.”

muitas diferentes formas de resumir, apresentar e comentar a informação, junto com o crescimento exponencial da tecnologia de comunicação. *Estas tecnologias não são simplesmente "neutras", elas têm a capacidade de afetar efetivamente as mensagens que são comunicadas, de forma sutil, e não tão sutil assim* Elas podem *alterar a mensagem*. Se esquecermos disso, cometeremos o erro de esquecer esses efeitos, apesar do impacto do livro de Marshall McLuhan, de 1964, que nos lembra que “o meio é a mensagem”.<sup>53</sup>

Ao explorar e adotar os benefícios dessas tecnologias modernas para compartilhar o Evangelho, precisamos estar sempre atentos aos perigos sempre presentes de, no processo, "encolher impensadamente o Deus" do evangelho cristão que queremos tanto compartilhar. Às vezes diminuimos Deus a um “Deus de caixa de seleção” Às vezes, diminuimos Deus a “um outro modo de satisfazer meus instintos de consumo”. As palavras de Campbell e Garner podem ajudar a nos protegermos contra os perigos onipresentes de *encolher a fé e a Deus*.

Caminhar humildemente com Deus é uma jornada para toda a vida, e muitos dos exercícios espirituais, disciplinas e realidades da vida cristã *não resolvem tudo instantaneamente com pouco ou nenhum esforço*. Uma vertente do uso da mídia e da tecnologia em nossas comunidades de adoração e igreja é reconhecer as expectativas de curto prazo das pessoas e as suas vidas centradas em *chronos* (tempo) - usando a terminologia de Kevin Miller - e depois ajudá-las e encorajá-las a aprofundar suas caminhadas com Deus, ajudando-as a desenvolver uma visão mais longa do tempo.<sup>54</sup>

### **A Invenção da Imprensa Mudou Tudo: Agora a Multimídia está Mudando Tudo de Novo**

Em seu livro *The Hidden Power of Electronic Culture: How Media Shapes Faith, The Gospel, and the Church* (O Poder Oculto da Cultura Eletrônica: Como a Mídia Molda a Fé, O Evangelho e a Igreja), Shane Hipps observa que,

No século 15, Johannes Gutenberg encontrou um uso inovador para uma prensa de vinho, e com isso nasceu a era moderna da imprensa. Com esta simples invenção, Gutenberg desencadeou inconscientemente uma explosão com um poder tão avassalador que ainda hoje continuamos a sentir suas reverberações. A imprensa tornou o alfabeto perfeitamente uniforme e infinitamente reproduzível. Esta produção em massa colocou a educação nas mãos de qualquer pessoa, em seguida dando início à Reforma Protestante.<sup>55</sup>

---

<sup>53</sup>. McLuhan, *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*.

<sup>54</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 175 (grifo nosso).

<sup>55</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 51.

Em resumo, o desenvolvimento da imprensa foi extremamente importante para viabilizar os amplos efeitos da Reforma Protestante. Isto significa que a nova tecnologia não apenas afetou a comunicação da mensagem cristã, mas também afetou o *conteúdo* da mensagem cristã para milhares de pessoas e sua disseminação mais ampla testemunhada pelos frutos da Reforma. A imprensa não apenas teve efeitos benéficos e afetou nossa teologia, mas também teve outros reflexos, que trouxeram benefícios e malefícios. Hipps observa alguns deles.

Primeiro, ele acredita que a imprensa nos tornou mais individualistas e isso significa que “A era moderna idealizou um evangelho que *é importante principalmente para o indivíduo*. O evangelho foi reduzido ao *perdão como uma transação*, uma preocupação com a moralidade pessoal e a busca intelectual de precisão doutrinária. Nesta visão, a Bíblia tornou-se pouco mais que um manual individual de vida moral e de pensamento correto. Consequentemente, a imprensa teve a *tendência de corroer a natureza comunitária da fé*.”<sup>56</sup> Repare nos "deuses encolhidos" implícitos por um evangelho que é importante principalmente para o indivíduo e como "a Bíblia se tornou pouco mais do que um manual de vida moral e de pensamento correto". O efeito foi uma "fé encolhida", que corroeu a natureza comunitária da fé - o que em um capítulo posterior eu me refiro como "fé em ação". Esse tema foi abordado por Dietrich Bonhoeffer em meados do século 20 com sua ênfase no discipulado e na comunidade.

Em segundo lugar, segundo Hipps, a imprensa introduziu a noção de objetividade. Isso traz benefícios, mas também possíveis armadilhas. Hipps escreve que: “Contudo, se a objetividade for levada ao extremo, ela nos leva a crer que podemos ler e descobrir a verdade bíblica com clareza imparcial de visão. Assumimos que a Bíblia apresenta um conjunto objetivo de proposições que todos irão descobrir meramente com uma leitura adequada. Esse senso inflado de objetividade, impulsionado pela imprensa, alimenta uma ilusão lamentável e arrogante de onisciência. Deixa pouco espaço para a experiência subjetiva na atuação do Espírito Santo”.<sup>57</sup>

Terceiro, a imprensa nos faz pensar com mais abstração. Hipps argumenta que “Outro efeito dessa ênfase na abstração foi que os protestantes passaram a se preocupar com a interpretação rígida da doutrina. *Qualquer pessoa que não tivesse um conjunto particular de proposições abstratas* em sua mente era considerada herege. Conforme a era moderna da impressão avançou, as pessoas cristãs começaram a esquadrihar a Bíblia para extrair a

---

<sup>56</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 54 (grifo nosso).

<sup>57</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 55.

verdade proposicional com base em lugares e contextos diferentes, a fim de organizar sua teologia em categorias abstratas".<sup>58</sup>

Finalmente, Higgs argumenta que a imprensa intensifica o pensamento linear racional. Ele escreve que "A imprensa amplificou e expandiu imensamente esse sistema de símbolos, levando à era da razão da modernidade, na qual o pensamento linear racional passou a ser o único meio para se descobrir a verdade. Na vida da fé, as habilidades de raciocínio promovidas pela imprensa ampliaram nossa capacidade de discernimento".<sup>59</sup> Ele observa que "Paulo era uma pessoa com alto grau de instrução, e suas cartas refletem o tipo de raciocínio abstrato se/então característico de uma mente educada. Isso contrasta com os Evangelhos, que se *caracterizam por contar histórias concretas enraizadas na velha tradição*. ... Esta é uma das razões pelas quais a redescoberta de Romanos por Martinho Lutero ressoou com a cultura pós-Reforma de uma forma que não poderia ter acontecido antes".<sup>60</sup>

Higgs dá um exemplo recente da aplicação dessa ênfase no pensamento racional. Ele diz que:

A preferência moderna pelo raciocínio linear e a desconfiança em relação aos sentimentos também é bem ilustrada pelas "quatro leis espirituais", um tratado evangelístico do saudoso Bill Bright. Nesse panfleto, Bright expôs o *silogismo de quatro proposições abstratas nas quais se deve acreditar para ser salvo*. Uma vez que as doutrinas tenham sido aceitas por meio da razão, e Cristo seja aceito através do consentimento cognitivo, Bright lança um grande alerta sob o título "Não Dependendo de Sentimentos". ... A rejeição da emoção ao ostracismo é lamentável, pois reduz nossa visão das pessoas a pouco mais do que seres racionais cognitivos.<sup>61</sup>

O efeito ainda hoje é aparente em algumas formas do que, em nossas discussões sobre o "supermercado religioso", descrevemos como "o cristianismo de caixa de seleção". Mais uma vez, isto me lembra que a fé envolve cognição, conação (esforço consciente) e emoção. Esta abordagem também deixa de reconhecer as diversas raízes da fé real na vida real, que é moldada por influências biológicas, psicológicas e socioculturais, como demonstrado com exemplos em capítulos posteriores.

---

<sup>58</sup>. Higgs, *Hidden Power of Electronic Culture*, 57–58 (grifo nosso).

<sup>59</sup>. Higgs, *Hidden Power of Electronic Culture*, 58.

<sup>60</sup>. Higgs, *Hidden Power of Electronic Culture*, 58 (grifo nosso).

<sup>61</sup>. Higgs, *Hidden Power of Electronic Culture*, 59–60 (grifo nosso).

## Potenciais e Armadilhas da Tecnologia

Algumas pessoas cristãs, cientes do impacto potencial da expansão das tecnologias, tanto na forma como o evangelho cristão é retratado na mídia moderna como nos métodos usados para compartilhá-lo, nos alertaram para a necessidade de análise e ação. Uma dessas tentativas iniciais foi o livro de Shane Hipps mencionado acima. Outro, uma década depois, foi o livro de Heidi Campbell e Stephen Garner, *Networked Theology: Negotiating Faith in Digital Culture* (Teologia Em Rede: Negociando a Fé na Cultura Digital).<sup>62</sup>

Hipps chama a atenção para a ideia encontrada no livro de McLuhan, e afirma que “Moldamos nossas ferramentas e depois nossas ferramentas nos moldam.”<sup>63</sup> Ele explorou os efeitos mais amplos de alguns dos rápidos avanços das tecnologias de comunicação sobre a igreja cristã. Um tema fundamental do livro de Hipps não foi simplesmente como os avanços tecnológicos afetaram a gama de mídias disponíveis nos dias de hoje e sobre como são usadas, e sim, como ele escreve, “Pelo contrário, ele busca oferecer as ferramentas para nos ajudar a interpretar nossa cultura eletrônica e compreender as implicações para nossa fé e nossa vida corporativa ao mesmo tempo. Por trás de tudo, está a convicção de que dentro das formas da mídia e da tecnologia, independentemente de seu conteúdo, *“estão forças extremamente poderosas que causam mudanças em nossa fé, teologia, cultura e, ao final, na igreja”*<sup>64</sup>.

A relevância das questões discutidas por Hipps é ilustrada por uma outra citação. Ao comentar sobre o impacto de Marshall McLuhan, um devoto católico, em seu livro de 1967, *A Mídia é a Mensagem*, Hipps escreve “McLuhan tinha muito a dizer sobre a igreja, mas suas percepções sobre o assunto foram amplamente ignoradas e raramente ouvidas. Por exemplo, exatamente quando o movimento das mega igrejas estava ganhando impulso no início dos anos 70, ele disse: “O cristianismo - na forma centralizada, administrativa e burocrática - é certamente irrelevante”.<sup>65</sup> “A maioria das pessoas não acreditou nele na época, mas sua previsão está se tornando cada vez mais verdadeira. Embora certos setores da igreja (por exemplo, pentecostais e anabatistas) sempre tenham praticado uma liderança descentralizada, este agora está se tornando o modelo para muitas igrejas evangélicas tradicionais.

---

<sup>62</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*.

<sup>63</sup> A citação na verdade foi escrita pelo Padre John Culkin, SJ, professor de comunicação da Universidade Fordham em Nova York e amigo de McLuhan. Porém, embora a citação seja de Culkin, o consenso é que a ideia é de McLuhan, pois ela surge em um artigo escrito por Culkin sobre McLuhan. Culkin, *Schoolman's Guide to McLuhan*.

<sup>64</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 17 (grifo nosso).

<sup>65</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 32.

É extremamente importante perceber que os possíveis efeitos das novas tecnologias, não apenas sobre a *comunicação* da fé cristã, mas também sobre seu *conteúdo*, têm sido amplamente demonstrados na história da igreja cristã. A título de ilustração, Higgs observa que “A formação do alfabeto fonético foi um elemento importante para moldar o pensamento ocidental, mas *seu verdadeiro impacto se tornou aparente apenas depois que foi canalizado através da mídia impressa*. A imprensa amplificou os efeitos do alfabeto com força exponencial e reestruturou totalmente a cultura - e portanto, a igreja - no processo”.<sup>66</sup>

## **Fazendo Deus à Nossa Própria Imagem: Percepções dos Cientistas Sociais**

David Myers, autor do livro didático de psicologia mais vendido dos últimos quarenta anos, observou que para crentes religiosos, existe uma tentação permanente de idolatria - isto é, de formar um Deus à sua própria imagem e adorar esse falso deus. Myers comenta que três recentes estudos da ciência social demonstraram a atração dessa tentação e sua relevância na cultura e na política dos dias de hoje.<sup>67</sup> Ele pergunta: será que Deus se importa com a moralidade pessoal dos políticos? Ele observou que, em 2011, o Instituto de Pesquisa de Religião Pública (PPRI, na sigla em inglês), perguntou aos eleitores e eleitoras: “Se uma pessoa pública eleita cometer um ato imoral em sua vida pessoal, ela ainda pode ter um comportamento ético e cumprir seus deveres e sua vida pública e profissional? Apenas três em cada dez pessoas protestantes evangélicas brancas concordaram que a vida pessoal dos políticos não tem nenhuma relação com suas funções públicas. Contudo, em julho de 2017, sete em cada dez pessoas evangélicas brancas estavam dispostas a separar a vida pública da pessoal. Foi uma virada de total de mentalidade, disse o Presidente do PPRI - uma mudança explicada pela pesquisadora política Michele Margolis que descobriu que “Não é apenas o fato de que nossas crenças religiosas afetam nossa política - é que nossa política afeta nossas escolhas religiosas”.<sup>68</sup> Há um século, William James escreveu que às vezes, “a piedade é a máscara” que cobre e justifica nossas paixões e política: “Quando muito, podemos censurá-la por não conseguir refrear nossas paixões naturais e, às vezes, por lhes fornecer pretextos hipócritas”.<sup>69</sup>

Myers continuou observando que o psicólogo social Nicholas Epley e seus colegas exploraram *a tendência humana de fazer Deus à nossa própria imagem*. Eles descobriram que muitas pessoas acreditam que Deus concorda com o que quer que elas acreditem. Isso

---

<sup>66</sup>. Higgs, *Hidden Power of Electronic Culture*, 50 (grifo nosso).

<sup>67</sup>. Myers, “For Irreligious Evangelicals.”

<sup>68</sup>. Margolis, “When Politicians Determine Religious Beliefs.”

<sup>69</sup>. James, *Variedades da Experiência Religiosa*.

não é surpresa. Talvez elas apenas deixem que suas atitudes sejam guiadas por seu entendimento religioso. Mas considere que, quando pesquisadores persuadiram as pessoas a mudar de opinião sobre a ação afirmativa ou a pena de morte, elas então assumiram que Deus acreditava na nova visão. Deus é como eu sou hoje. Myers também observou que, da mesma forma, as pessoas projetam suas crenças sociais em seus textos religiosos. Como ele observou em outro texto, este fenômeno permite a partidários de questões ligadas à guerra cultural, como imigração ou orientação sexual ou igualdade de gênero, *ler suas Escrituras de forma a apoiar quaisquer crenças elas que lhes tragam*. Como meus colegas e eu escrevemos em uma publicação recente, é muito fácil para pessoas de fé como nós "não ouvir realmente a Bíblia, mas simplesmente ouvir nossas próprias vozes ecoando fora das páginas".<sup>70</sup> O estudo final observado por Myers busca responder à pergunta: como é a imagem de Deus? Ele diz que um novo estudo conduzido por uma equipe de pesquisa da Universidade da Carolina do Norte liderada por Joshua Jackson expôs 511 pessoas cristãs americanas a conjuntos de rostos sobrepostos com ruído visual (fazendo-os parecer difusos). Quando se perguntou a elas qual se encaixa melhor à sua imagem de Deus, a maioria das pessoas o imagina de formas semelhantes a si mesmas em idade aparente, atrativo e, em menor escala, raça. Liberais viram Deus como relativamente mais feminino e afro-americano. Conservadores imaginaram um Deus mais velho. Talvez, os pesquisadores concluíram em uma nota de esperança, ensinar às pessoas como suas percepções de Deus são diferentes "possa ajudar a aumentar a tolerância religiosa".<sup>71</sup>

Mas será que existe um remédio para essa idolatria? Parte da resposta é uma nova humildade. Acreditar que os seres humanos são criaturas imperfeitas, não pequenos deuses, é a base para a humildade. Teístas podem dar um salto de fé, acreditando que, às vezes (como quando se casam ou votam), a vida as/os leva a se comprometer com algo sobre o qual têm 51% de certeza. Mesmo assim, podem também reconhecer que algumas de suas crenças certamente estão erradas. Ao serem tentadas a se ver, como o Hamlet de Shakespeare, que "na apreensão se aproxima aos deuses", elas devem se lembrar: se existe um ser criativo infinito, suas mentes comparativamente mais pobres estão mais próximas daquilo que T. S. Eliot entendeu como um "elmo cheio de nada".<sup>72</sup> Elas podem, portanto, se esforçar para assumir a perspectiva de Deus em vez da sua própria.

No passado, a humildade foi uma marca dos grandes cientistas. Mas nem sempre é assim. Cientistas também têm interesses pessoais. Às vezes, fazem afirmações exageradas de forma veemente. Por exemplo, em abril de 1953, quando James Watson e Francis Crick

---

<sup>70</sup>. Lucas et al., "Bible, Science, and Human Origins", 99.

<sup>71</sup>. Jackson, "Faces of God."

<sup>72</sup>. Eliot, "Homens Ocos".

anunciaram seu modelo da estrutura do DNA em Cambridge, foi registrado que eles descreveram sua descoberta no bar local, afirmando que tinham resolvido "o segredo da vida". Teria sido bom se, no caminho para o bar, ao cruzarem os portais do Antigo Laboratório Cavendish, inaugurado em 1874, eles tivessem notado a inscrição em latim do livro de Salmos que estava sobre o arco: "Grandes são as obras do Senhor; nelas meditam todos os que as apreciam (Salmos 111:2 ACF). Este é um lembrete oportuno de que cientistas igualmente geniais antes e depois de Watson e Crick eram cristãos humildes e comprometidos.

## **Fé “Encolhida” e Deuses “Encolhidos”**

Ao identificarmos exemplos de "deuses encolhidos", precisamos parar e fazer uma pergunta relacionada: *nosso Deus é pequeno demais, não apenas porque nossa ideia de Deus encolheu, mas também por que nossa compreensão da natureza da fé também encolheu?* Tendo em mente essa pergunta, dedico dois capítulos a colocar a fé - da forma como é falada, entendida e praticada hoje - no microscópio. Será que nossa aparente prontidão excessiva para adorar deuses “encolhidos” se deve ao fato de termos aceitados ideias encolhidas e antibíblicas sobre o que se entende por fé e crença? Como descreverei mais à frente, existe muito a se aprender com as vidas das maravilhosas pessoas de fé das gerações passadas. Como a fé envolve cognição, afeto e conação (esforço consciente), e como todos esses aspectos de nossas vidas mentais podem falhar, vou dar exemplos das vidas de pessoas como Martinho Lutero, John Bunyan, John Wesley, William Cowper, e J. B. Phillips, como eles, às vezes, tiveram que se esforçar para enfrentar os desafios de sua fé. Espero que possamos aprender com suas vidas e suas lutas ao buscarmos, em nosso dia a dia, vivenciar a vida de fé em toda a sua plenitude.

## **Deuses das Lacunas e Deuses Encolhidos**

Se considerarmos os "deuses irrealis" de Phillip, muitos deles poderiam ser caracterizados como deuses "tapa-buracos" temporários com um escopo e vida útil estritamente limitados. Sua frequente referência aos avanços científicos estabelece elos imediatos com discussões contemporâneas generalizadas na literatura, que relacionam a fé cristã ao empreendimento científico, onde a tentação constante de produzir uma variedade de "deuses das lacunas" está sempre por perto. Deuses “tapa-buracos” não são novidade. Veja a prevalência generalizada nos dias de hoje (muitas vezes associada a tentativas de relacionar o que sabemos de Deus das Escrituras com o que inferimos sobre Deus a partir dos avanços da filosofia e da ciência) de uma atitude de recuo, que no passado se tornou algo como: "explique o máximo que puder, sem fazer referência a Deus e, se ainda restar

uma lacuna em seu conhecimento, use Deus para preenchê-la". A exposição e crítica da chamada abordagem de "deus das lacunas" será sempre associada com o matemático de Oxford, Charles Coulson.<sup>73</sup> Coulson criticou uma visão que pode ser ilustrada com uma citação do teólogo W. A. Whitehouse, que escreveu:

Eu mesmo estou inclinado a pensar que o mistério da Providência Divina é mais profundo que a eclosão dessas interferências na natureza (ele está pensando no possível controle da matéria pela mente) e sou atraído pelo fato de que as explicações e previsões científicas repousam agora na "lei dos grandes números"; que as leis físicas fundamentais são estatísticas, não são exatas no sentido popular. Porque isso deve ser assim é uma interessante especulação metafísica. Ela pode oferecer um espaço de manobra suficiente sob os processos observáveis e regulares, para que o cuidado pessoal de Deus seja exercido ativamente.<sup>74</sup>

A frase principal é "espaço de manobra", que implica que a natureza tem coisas mais ou menos interligadas, mas pode haver algumas lacunas nas quais Deus ainda tem seu próprio caminho. Não é apenas gente da teologia que às vezes escreve desta forma; assim também pessoas ilustres da ciência, como um astrofísico de renome, que escreveu aprovando "a noção de Deus que intervém continuamente, com toques de destreza aqui e ali, para direcionar as partículas materiais do universo de modo a se conformar às leis deduzidas racionalmente".<sup>75</sup> Este modo de pensar intervencionista do "deus das lacunas" foi criticado pelo filósofo/teólogo Austin Farrer,<sup>76</sup> que sugeriu que a ação de Deus no universo deveria ser descrita em termos de "agência dupla". Ele argumentou que é impossível conceber, por conta própria, as formas de agir de Deus e, portanto, a união causal entre a ação de Deus e a nossa estará sempre oculta. Consequentemente, cada evento no universo deve ter uma descrição dupla e, portanto, pode ser falado em termos da ação providencial de Deus e, ao mesmo tempo, ter uma explicação natural completa. Mais tarde, ofereceremos vários exemplos ilustrativos deste importante princípio. Hoje, diversas variedades de "deuses das lacunas" não apenas estão vivas e florescentes, mas estão espalhando sua influência.

Em contraste com a ênfase histórica da teologia cristã em entender Deus como o Criador e Sustentador de todas as coisas, existe hoje uma diversidade quase desconcertante de "deuses preenchedores de lacunas" menores e limitados em oferta no mercado religioso. Esta observação ressoa nos escritos de figuras importantes da teologia e da ciência contemporânea, que documentaram a proliferação de "deuses" no mercado religioso. Como vamos documentar mais tarde, alguns desses estudiosos escreveram sobre como a compreensão cristã tradicional de Deus continua a ser distorcida e diminuída. Como os

---

<sup>73</sup>. Coulson, *Science and Christian Belief*.

<sup>74</sup>. Whitehouse, *Christian Faith*, 121.

<sup>75</sup>. Milne, *Modern Cosmology*, 156.

<sup>76</sup>. Farrer, *Faith and Speculation*.

"deuses das lacunas" ainda estão vivos e bem, vamos dedicar um tempo mais à frente para examiná-los mais de perto. O conhecimento sobre eles pode ajudar a vê-los pelo que eles são, usando Deus como "tapa-buracos" quando nossos outros esforços para compreender a nós mesmos, nossa misteriosa natureza humana e o mundo em que vivemos por meio do entendimento científico são, no momento, incompletos. A dica está na frase "*no momento, incompletos*" porque essa é a natureza do esforço científico onde, com o passar do tempo e mais pesquisas, estas lacunas atuais serão preenchidas e assim os "deuses" que as preenchem encolherão e eventualmente se tornarão redundantes. Daremos exemplos de como isso já aconteceu, não apenas em consequência de avanços científicos, mas também de avanços nos estudos bíblicos, que nos ajudaram a ver como, às vezes, compreendemos mal as Escrituras no passado.

Citando o livro de Phillips e refletindo sobre a pergunta "Quão grande é Deus?" o historiador da igreja luterana Martin Marty escreveu:

De tempos em tempos, um pensador religioso escreverá, como fez J. B. Phillips há alguns anos, um livro com um título instigante, como "*Seu Deus é Pequeno Demais*". Essas obras costumam a estar relacionadas com os limites que algumas pessoas de oração colocam no poder de um Deus pessoal, de modo que esse Deus não lhes pode ser muito útil, seja como juiz ou salvador ou consolador. Embora não possam usar a fórmula precisa do "Quão Grande é Deus", ao se depararem com o sofrimento, os crentes se fazem perguntas como estas. O Senhor a quem você ora e cujo consolo você busca é grande o suficiente para ouvir e dar apoio? Quão grande é Deus? é também uma pergunta que se pode fazer em momentos de dúvida ou desespero, quando esse Deus parece remoto ou eclipsado, silencioso ou morto. Seu Deus é tão pequeno que você se sente abandonada/o? Seu Deus é tão reduzido que não te dá respostas para sanar suas dúvidas ou desespero?<sup>77</sup>

Ao desenvolver esse tema, Marty levantou a pergunta "Por que você pergunta quão grande é Deus?" Ele acredita que a pergunta deve ser respondida com uma resposta tripla.

Porque se você tiver que lidar com o conceito de Deus, então se Deus, o seu Deus, o Deus em seu mundo de concepção e ideias e prática, for pequeno, você, primeiro, fará justiça à realidade - e todas as pessoas responsáveis devem procurar ser verdadeiras, falar a verdade o melhor que puderem. Segundo, você será simplesmente deixada para trás no mercado intelectual por quem faz perguntas que negam ou são contra Deus. Ou, em terceiro lugar, você vai restringir a imaginação e obstruir a vontade, em um momento em que *nossas culturas precisam de uma ampla imaginação para lidar com problemas amplos. Elas também precisam de vontades liberadas, para que as pessoas*

---

<sup>77</sup>. Marty, "Voices of Theologians and Humanists", 170.

*nessas culturas possam dar uma abordagem moral adequada às questões que se impõem.*<sup>78</sup>

Em resposta a essas questões profundas levantadas por Martin Marty, devemos, através deste livro, buscar fazer justiça *tanto* ao que estamos aprendendo sobre nós mesmos e a criação da qual fazemos parte, por meio de esforços científicos *como*, ao mesmo tempo, buscar fazer justiça às coisas que nos são reveladas nas Escrituras e que, graças aos esforços contínuos de dedicados estudiosos da Bíblia, continuam a nos dar novas percepções sobre a grandeza de nosso Deus. Os detalhes dos avanços científicos são apresentados em cada capítulo à medida que discutimos as origens humanas, a natureza humana, milagres, curas, etc. O que não é tão amplamente reconhecido, e precisa ser, é que assim como há progresso na ciência, também há progresso nos estudos do Novo e do Antigo Testamento.

Quando Steve Walton deu sua palestra inaugural como Professor de Novo Testamento na London School of Theology em 2012, ele escolheu o título: "O Que é Progresso nos Estudos do Novo Testamento?" Ele começou com uma descrição de como um eminente cientista trouxe a ele a pergunta: "Então, eu sei o que é progresso em minha disciplina. O que é progresso em sua disciplina, em estudos do Novo Testamento?"<sup>79</sup> Walton continua ressaltando que suas respostas a esta pergunta têm implicações tanto na academia quanto na igreja de forma geral. E, como já vimos, alguns membros da igreja em geral são pessoas conscientes, que estudam em universidades e faculdades e precisam saber que existem avanços não apenas na ciência, mas também nos estudos bíblicos. Se soubessem disso, poderiam refletir melhor sobre alguns dos chamados conflitos que já listamos e discutiremos em detalhes em capítulos posteriores. A resposta detalhada de Walton nos ajuda, que somos meros cientistas e pessoas leigas a permanecermos conscientes de que, nos estudos do Novo Testamento, as pesquisas avançam e os pontos de vista mudam. Também nos ajuda a evitar a tentação de colocar demasiada fé em uma interpretação particular de textos específicos, feita por um grupo particular de teólogas/os em um determinado momento da história, em vez de depositar sua fé na figura central de todas essas pesquisas. Nossa fé como povo cristão não está em uma interpretação particular de um texto de prova específico no início do século 21, nossa fé está no Deus vivo que nos foi revelado de forma suprema em seu único Filho Jesus Cristo.

A palestra de Walton é um exemplo de que os avanços estão acontecendo e que existe progresso nos estudos do Novo Testamento. Ele dá exemplos de como as interpretações, a cada momento, são incorporadas culturalmente. Ele cita o exemplo de como, por algum tempo, os estudos do Novo Testamento em alguns círculos na Alemanha, foram capazes de

---

<sup>78</sup>. Marty, "Voices of Theologians and Humanists", 171–72 (grifo nosso).

<sup>79</sup>. Walton, "What Is Progress."

fechar os olhos para o Holocausto e para as trágicas consequências de uma forma de interpretar o Novo Testamento. Da mesma forma, o *apartheid*, a política de segregação de diferentes grupos étnicos do governo sul-africano, foi justificada por formas de leitura do Novo (e do Antigo) Testamento que destacam as diferenças entre os grupos étnicos, em vez de reconhecer sua humanidade comum. Ele observa que Richard Burridge demonstrou como a Igreja Reformada da Holanda defendeu o *apartheid*, alegando estar em harmonia com as Escrituras. Walton observa ainda que os estudos também têm seus modismos acadêmicos, que vêm e vão. Ele observa os surgem questionamentos e que, de vez em quando, se constrói castelos no ar, com base nas mais frágeis fundações. Para ilustrar seu argumento, ele se refere ao documento do plenário de Richard Bauckham em uma reunião de estudiosos do Novo Testamento no mundo Britânico de 1995, abordando a questão: "Para quem foram escritos os Evangelhos?"<sup>80</sup> Bauckham atacou convincentemente os fundamentos do estudo crítico da redação dos Evangelhos, argumentando que eles foram escritos para um público amplo do Mediterrâneo, e não para comunidades cristãs locais específicas. Walton diz que Bauckham argumentou de forma persuasiva que os estudos do Novo Testamento se viram em um beco sem saída por 50 anos tentando reconstruir a "comunidade lucana" e outras, e assim a mudança - o desenvolvimento da crítica de redação das reconstruções das comunidades - não foi um progresso. Na conclusão dessa parte de sua palestra, Walton argumenta: "mas a questão permanece: o método, o desenvolvimento de hipóteses e então testá-las em comparação com os dados, é a prática comum da pesquisa científica e dos estudos do Novo Testamento. Isto implica que, tanto nos estudos científicos quanto nos do Novo Testamento, nosso conhecimento é provisório: é insensato reivindicar certeza, pois em ambas as áreas lidamos com graus de probabilidade, que vão de altamente provável a altamente improvável. A honestidade intelectual (e, como cristão, acrescentaria a humildade intelectual) requer que reconheçamos isso e não exageremos em nossas afirmações".<sup>81</sup>

Walton comenta que os arqueólogos fazem novas descobertas a cada dia, e que elas são relevantes para o conhecimento do Novo Testamento. Ele observa, por exemplo, que "o achado mais significativo do século 20 para o conhecimento do Novo Testamento certamente foi a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto em 1947."<sup>82</sup> Walton também destaca a necessidade de ler o Novo Testamento considerando seu contexto sociocultural. Nesse aspecto, ele escreve: "Peter Oakes iluminou significativamente os textos de Filipenses e Romanos com seu belo trabalho sobre os contextos físicos e sociais de Filipos e Pompeia. Nos dois estudos, Oakes usa o conhecimento que buscou em fontes

---

<sup>80</sup>. Bauckham, "For Whom Were the Gospels."

<sup>81</sup>. Walton, "What Is Progress."

<sup>82</sup>. Walton, "What Is Progress."

arqueológicas, epigráficas e literárias para reconstruir o tipo de comunidade que vivia nessas cidades e depois procura "ouvir" os escritos de Paulo através dos ouvidos do tipo de pessoas que mais provavelmente receberam as cartas."<sup>83</sup>

No final de sua palestra, Walton faz um comentário que tem estreita relação com um ponto enfatizado reiteradamente em um capítulo posterior deste livro - isto é, a necessidade de ter plena consciência do tipo de leitor a quem os autores do Novo Testamento se dirigem. Seu público eram discípulos/os. O público-alvo não era formado por diletantes, não se trata de um grupo de pessoas que buscavam atalhos para uma vida fácil, mas, como diz Walton, estes textos são dirigidos "a uma pessoa que se compromete a adorar Jesus como Senhor e a viver em sintonia com esse compromisso".<sup>84</sup>

Mais de uma década antes de Walton dar sua palestra inaugural, outro ilustre estudioso do Novo Testamento, Martin Hengel da Universidade de Tübingen, havia publicado um trabalho com o título "Tasks of New Testament Scholarship" (Tarefas dos Estudos do Novo Testamento). O resumo no cabeçalho de seu trabalho define claramente sua agenda. Ele diz o seguinte:

Os estudos do Novo Testamento devem ir além de sua preocupação atual com métodos passageiros (evidenciados pelas muitas variações da chamada nova crítica literária) e retornar a um sólido fundamento na história, materiais de origem primária, arqueologia e competência nas línguas pertinentes. Isso também implica uma familiaridade com os primórdios do judaísmo antigo, com o mundo grego e romano e a patrística antiga.<sup>85</sup>

O tema do trabalho de Martin Hengel é uma mensagem que precisa ser repetida hoje, quando parece haver mais preocupação com "certeza" em cada aspecto da vida religiosa. Ele escreveu:

Os estudos do Novo Testamento sempre foram, em boa parte, uma *ciência de conjecturas* e a cada dia isso se intensifica ainda mais. Esse fato deveria nos tornar mais modestos. Frequentemente, é uma questão de somente pesar probabilidades, plausibilidades ou meras possibilidades, e com muita frequência existe o perigo de confundir o que é precisamente possível com o que de fato é provável na realidade. Uma equação com muitas variáveis desconhecidas não pode ser resolvida! ... Temos que aprender a reconhecer nossos limites ao ponto em que não podemos mais

---

<sup>83</sup>. Walton, "What Is Progress."

<sup>84</sup>. Walton, "What Is Progress."

<sup>85</sup>. Hengel, "New Testament Scholarship", 67.

estabelecer probabilidades, podemos apenas conjecturar. Portanto, não devemos ter vergonha de falar francamente sobre nossa grande incerteza.<sup>86</sup>

## A leitura da Bíblia em Seus Contextos Históricos e Literários

Cada avanço na tecnologia se traduz em uma comunicação cada vez mais rápida entre diferentes nações em todo o mundo. Um efeito colateral dessa crescente intercomunicação entre nações e povos tem sido uma nova percepção de que cada grupo e cada nação tem sua própria maneira de pensar habitual, seus próprios pressupostos sobre o mundo em que vivemos. Isso também se aplica aos pressupostos que todos nós carregamos, geralmente de forma inconsciente, e que desconhecemos, os quais influenciam nosso modo de interpretar os eventos e as pessoas que encontramos e os livros que lemos. A leitura da Bíblia não está isenta dos efeitos poderosos desses pressupostos inconscientes e não ditos. Dessa forma, tem havido um número crescente de livros escritos por pessoas cristãs que destacam nosso fracasso passado e presente no mundo ocidental em compreender e observar os pressupostos trazidos por quem não tem nosso "olhar e pressupostos ocidentais" para a leitura das Escrituras. As pessoas que se dedicam profissionalmente aos estudos do Antigo e do Novo Testamento conhecem, naturalmente, os efeitos desses pressupostos há séculos, mas os resultados de seus esforços acadêmicos frequentemente levam muito tempo para chegar à consciência do indivíduo típico que frequenta as igrejas, se é que chegam lá.

Um resultado de nossa falta de conhecimento sobre os progressos nos estudos bíblicos é que nossas interpretações da Bíblia estão enraizadas no passado e nosso pensamento é empobrecido por nos faltar o enriquecimento proporcionado pelos frutos dos trabalhos acadêmicos mais recentes. Recentemente, surgiram vários livros com o objetivo de nos ajudar a entender o enraizamento cultural das Escrituras. Um exemplo típico é o livro de E. Randolph Richards e Brendan J. O'Brien, com o título *Misreading Scripture with Western Eyes: Removing Cultural Blinders to Better Understanding the Bible* (Interpretando Mal as Escrituras com Olhos Ocidentais: Removendo as Vendas Culturais para Melhor Entender a Bíblia). Richards e O'Brien nos lembram que: "Seja qual for o lugar ou época em que as pessoas liam a Bíblia, nós instintivamente recorremos ao nosso próprio contexto cultural para dar sentido ao que estamos lendo. Podemos facilmente esquecer que as Escrituras são uma terra estranha e que ler a Bíblia é uma experiência transcultural. Abrir a Palavra de Deus é entrar em um mundo estranho, no qual as coisas são muito diferentes das nossas. A maioria de nós não fala as línguas bíblicas. Não conhecemos a geografia e os costumes ou quais comportamentos eram considerados rudes ou educados. E, no entanto, quase não

---

<sup>86</sup>. Hengel, "New Testament Scholarship", 75–76 (grifo nosso).

nos damos conta disso".<sup>87</sup> Essas considerações foram o que motivou Richards e O'Brien a escrever seu livro. Eles escreveram: "A convicção central que motiva este livro é que alguns dos hábitos que leitores ocidentais (Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental) trazem para a Bíblia podem nos cegar para interpretações que o público e os leitores originais em outras culturas veem de forma bastante natural".<sup>88</sup> Richards e O'Brien têm plena consciência de que "É imprudente fazer declarações generalizadas sobre as culturas *orientais e ocidentais*". Porém, dizem eles, temos que começar em algum lugar. Ao fazê-lo, é bom lembrar o conselho de Richards e O'Brien de que "A melhor maneira de nos conscientizarmos quanto a nossos próprios pressupostos sobre costumes culturais - o que não nos é dito - é ler os escritos de pessoas cristãs de diferentes culturas e épocas. Ser confrontado com o que outras pessoas tomam como certo nos ajuda a identificar o que nós tomamos como certo".<sup>89</sup> Eles citam C. S. Lewis em sua introdução ao livro *Sobre a Encarnação do Verbo*, de Atanásio, onde ele escreve: "Cada era tem sua própria perspectiva. Cada uma é especialmente boa em encontrar certas verdades e muito propensa a cometer certos erros. Portanto, nós precisamos dos livros que irão corrigir os erros característicos de nossa época. E isso significa os livros antigos. ... É claro, não que exista uma mágica no passado. As pessoas não eram mais sábias do que são agora; elas cometeram tantos erros quanto nós. Mas não os mesmos erros".<sup>90</sup> Também é importante lembrar, como Richards e O'Brien observam, que, "da mesma forma que o mundo que habitamos hoje, os mundos do Antigo e do Novo Testamento eram etnicamente diversos e ricamente texturizados por uma gama de culturas, línguas e costumes. Também como hoje, os povos antigos tinham várias formas de diferenciação entre locais e forasteiros, amigos e inimigos, a elite e as pessoas marginalizadas. O preconceito aparece em todas as suas variedades, ontem, hoje e amanhã. Desde tempos imemoriais, os seres humanos têm mantido preconceitos contra os outros com base em sua etnia, na cor de sua pele ou em fatores como de onde vêm e como falam".<sup>91</sup>

Um dos temas recorrentes em capítulos posteriores deste livro será as formas em que a fé cristã pode ser enriquecida e nossa compreensão do Deus que adoramos pode ser ampliada ao prestarmos atenção não apenas ao que lemos na Bíblia, mas também ao que continuamos a aprender sobre nós mesmos e sobre a criação a partir das pesquisas dedicadas dos cientistas. Isto se aplica a este capítulo, onde é relevante lembrar que as pesquisas psicológicas têm salientado com profusão de evidências o que pessoas racionais acreditam há muito tempo, ou seja, que nossas expectativas, crenças e preconceitos

---

<sup>87</sup>. Richards and O'Brien, *Misreading Scripture*, 11.

<sup>88</sup>. Richards and O'Brien, *Misreading Scripture*, 15.

<sup>89</sup>. Richards and O'Brien, *Misreading Scripture*, 49.

<sup>90</sup>. Lewis, "Introduction", 7.

<sup>91</sup>. Richards and O'Brien, *Misreading Scripture*, 57.

influenciam nossa forma de ver o mundo, incluindo outras pessoas, e como interpretamos o que lemos. As/Os psicólogas/os acumularam inúmeras evidências que nos dão uma visão de como alguns desses mecanismos funcionam no nível básico da percepção visual, no nível da cognição (os efeitos de nossas crenças e pressupostos), e no nível da influência de fatores sociais.

## 2. Há Algo de Novo por Aí? A Proliferação de Deuses

Conta-se a história de que o diretor de cinema Cecil B. DeMille foi questionado por que não reproduziu seu famoso filme mudo "O Rei dos Reis", visto por uma estimativa de 800 milhões de pessoas, com som e cor. Ele replicou: "Nunca jamais conseguirei fazer isso, porque se eu desse a Jesus um sotaque do sul, as pessoas do norte não o veriam como seu Cristo. Se eu desse a ele um sotaque estrangeiro, os americanos e ingleses não o veriam como seu Cristo. Da forma como foi feito, as pessoas de todas as nações, de todas as raças, credos, clãs, podem aceitá-lo como seu Cristo".<sup>92</sup> Isto ressalta o desejo humano aparentemente quase universal de criar "deuses" de um ou outro tipo e, com demasiada frequência, de refazer Deus à sua própria imagem. É mais um exemplo dos resultados das pesquisas mencionadas no capítulo anterior, mostrando como todos nós fazemos nossos "deuses" com excessiva facilidade para corresponder à nossa própria autoimagem.

As pessoas do mundo da antropologia documentaram a necessidade das pessoas de todas as épocas e lugares de criar deuses que possam adorar. Embora as funções dos "deuses" mostrem grandes variações com o passar do tempo e nas diferentes culturas, existem temas em comum - como o desejo de ter um deus que venha a suprir as necessidades humanas e que proteja seus adoradores e oradoras. Mas o que queremos dizer com "deus"? Pouco menos de um século atrás, Cyril Valentine escreveu um livro intitulado *What Do We Mean by God?* (O Que Queremos Dizer por Deus?). Nele, ele cita os escritos de Xenófanos de Cólofon, que viveu mais de quinhentos anos antes de Cristo e já era cético com relação à verdade de algumas ideias populares sobre deuses. Valentine diz que "Em seu verso pitoresco, ele faz um ataque impiedoso ao antropomorfismo".<sup>93</sup> Vale a pena lembrar o que Xenófanos disse há tanto tempo atrás:

Os mortais imaginam que os deuses foram gerados e que têm vestuário e fala e corpos iguais aos seus. ... Sim, mas se os bois e os cavalos tivessem mãos e pudessem pintar e produzir obras de arte similares às do homem, os cavalos pintariam os deuses sob forma de cavalos e os bois pintariam os deuses sob forma de bois. Os Etíopes dizem que os seus deuses são de nariz achatado e negros; os Trácios, que os seus têm olhos claros e o cabelo ruivo.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup>. Graham, *Wisdom for Each Day*, 358. Hoje estamos muito mais conscientes das questões de cor e raça. Com o benefício do olhar retrospectivo, podemos ver que mesmo Cecil B. DeMille refletia sobre a cegueira de seu próprio tempo em apresentar um Jesus obviamente anglo-saxão.

<sup>93</sup>. Valentine, *What Do We Mean*, 11.

<sup>94</sup>. Clement, "Stromata", 5:14 e 7:4 (Fragmentos 14 e 15 de Xenófanos).

A tentação de moldar nossa ideia de Deus, consciente ou inconscientemente, para se adequar aos nossos pressupostos e necessidades momentâneas está muito presente nos dias de hoje. Ela é evidenciada pelos resultados de inúmeras pesquisas nos Estados Unidos que estudaram as crenças da população cristã americana. Por exemplo, o psicólogo social Nicholas Epley e seus colegas estudaram essa tendência humana de fazer Deus à nossa própria imagem. Eles relataram que a maioria das pessoas acredita que Deus concorda com o que quer que elas acreditem. Quando os pesquisadores persuadiram as pessoas a mudar de opinião sobre a ação afirmativa ou a pena de morte, elas então assumiram que Deus acreditava em sua nova visão.<sup>95</sup> *Assim como sou, o pensamento vai, assim é Deus.*

O impacto total das repetidas mensagens trazidas por inúmeras pesquisas nos Estados Unidos nas últimas duas décadas, que monitoraram a natureza e a ocorrência de mudanças nas crenças religiosas, pode facilmente se perder entre o labirinto de estatísticas. Às vezes, para conseguirmos perceber o impacto total do que algumas estatísticas realmente significam, e o que está por trás delas, precisamos ouvir os relatos em primeira pessoa da jornada para a fé. Um deles é a carta do estudante americano que me referi acima. Outra é o livro *The Magnificent Story* (A História Magnífica) de 2017 pelo excelente autor James Bryan Smith. No livro, ele nos dá um relato honesto, às vezes doloroso, de como chegou a alcançar uma fé viva em Cristo. Creio que sua história é típica de muitas pessoas jovens cristãs nos dias de hoje. O Capítulo 2 de seu livro é chamado “Iludido por Histórias Encolhidas”, um título que ecoa um dos principais temas deste livro.<sup>96</sup> Smith nos conta que foi criado como o que ele chama de “Metodista do Natal e da Páscoa”. Ele continua dizendo como ele e um amigo próximo decidiram “se conectar com Deus, mas não sabiam como”. Assim, juntos eles decidiram aprender sobre Deus. Sua primeira tentativa foi participar de uma reunião que era chamada no informativo de sua igreja de “reunião de pessoas que buscam”. Contudo, eles ficaram tristemente desapontados. Quando eles perguntaram “Qual é o objetivo do cristianismo?” receberam a resposta de que “É tentar ser uma boa pessoa e fazer coisas boas. Tentar viver uma vida ética, consertar os erros da sociedade, e se envolver em causas ligadas à justiça social”. Eles ficaram com uma sensação, como descreveram, de que “Deus é distante e não se envolve”. Eles escreveram: “Essa história encolhida já esteve em voga, especialmente no século 20. Duas grandes guerras e incontáveis outras guerras, terrorismo e tiroteios em escolas indicam que não evoluímos muito como acreditávamos. Essa história é pequena demais. Ela é centrada em seres humanos, que são fracos. Teve sua chance e revelou-se insuficiente”.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup>. Epley et al., “Believers’ Estimates.”

<sup>96</sup>. Smith, *Magnificent Story*.

<sup>97</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 21.

O próximo evangelho com o qual eles foram confrontados em sua busca é o que eles chamam de "o evangelho da culpa e do terror". Tendo alcançado uma fé rudimentar em Cristo, Smith partiu para a faculdade onde foi confrontado pelo líder de um ministério paraeclesiástico para estudantes universitários que lhe disse que ele não era um verdadeiro cristão porque não havia orado "a oração do pecador". Por um tempo, ele escreve, esse evangelho da culpa e do terror soou convincente, mas eventualmente Smith decidiu que "não era nem bom, nem bonito, nem verdadeiro". Como ele conta, "O evangelho de Fred (o líder do ministério paraeclesiástico) pode ser resumido assim: você é mau, Deus é louco, mas Jesus arcou com as consequências. Então, esforce-se mais e você poderá chegar ao céu". Smith continua, dizendo "Cada uma das histórias encolhidas contém uma medida de verdade. Nós *somos* gente pecadora. Jesus *realmente* morreu por nós. O progresso científico *tem sido* uma grande bênção para a humanidade. Nós *devemos* tornar o mundo melhor. Elas são convincentes porque contêm uma medida de verdade."<sup>98</sup> Destas e das várias outras histórias vividas por James Bryan Smith, ele tirou a pergunta: "o que está em jogo ao se entender errado"? Ele continua, "As histórias são pequenas demais porque começam em nós. O evangelho social coloca os seres humanos no centro do universo. A raça humana como geradora da ciência, progresso e justiça. O evangelho da culpa também começa por nós, "você é um pecador, a salvação é para nos levar para o céu..."<sup>99</sup>Essa tendência de permitir que as opiniões públicas predominantes e em constante mudança influenciem a profissão de nossas crenças religiosas depende em parte do quanto nossa vida religiosa está envolvida e ativa em um determinado momento. Como psicólogo social, David Myers observou recentemente: "Não é segredo que muitas pessoas que se autoproclamam "evangélicas" na verdade não são religiosamente engajadas. Durante as primárias republicanas, a base de Donald Trump era composta por pessoas "evangélicas" que não frequentavam a igreja."<sup>100</sup>Uma pesquisa de 2016 feita pelo American National Election Studies, mostrou que pouco mais de um terço de evangélicos que frequentavam semanalmente a igreja apoiavam Trump, e mais da metade de seus apoiadores e apoiadoras eram "evangélicos" que raramente iam à igreja. Essas pessoas não participantes também eram "mais propensas a concordar com uma visão racista e anti-muçulmana".<sup>101</sup>

---

<sup>98</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 27.

<sup>99</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 32 (grifo nosso).

<sup>100</sup>. Myers, "Frontiers in Psychological Science."

<sup>101</sup>. American National Election Studies, "2016 Time Series Study."

## Idolatria e Criação de Nossos Próprios Deuses

Valentine observou que

Xenófanés recusou o nome de Deus para as crenças religiosas de seu tempo, mas não negou a realidade de Deus. ... Se pudermos confiar em Aristóteles neste ponto, Xenófanés considerou que o nome de Deus era usado corretamente quando foi feito para designar o princípio de unidade e plenitude que, para ele, era a realidade definitiva. A afirmação de Aristóteles pode ser traduzida, portanto: ... “Fixar sua atenção no universo como um todo, ele disse, que em sua unidade era Deus. Desta forma, Xenófanés coloca Deus no lado objetivo, junto com o universo, e, assim, libera a ideia do lado subjetivo onde se encontram as mitologias. As imagens de Deus podem estar penduradas nas paredes insubstanciais da habitação autodidata da mente, mas o fato de Deus está embutido na ampla realidade abaixo e além. ... Deus não é apenas outro nome para o Universo; nem é apenas uma fantasia para satisfazer as necessidades humanas. Se for concebido meramente como o universo, ele não pode satisfazer as necessidades humanas; mas também não pode satisfazer as necessidades humanas se lhe faltar a realidade que o universo possui. O problema é compreender como Deus pode ser tão real e objetivo quanto o universo e ao mesmo tempo ser o que o universo não é. Para Deus, para ser Deus, é preciso entrar no coração humano e fazer com que aconteçam as mudanças morais e espirituais que o universo não tem como alcançar.”<sup>102</sup>

Dentro da tradição hebraico-cristã, essa necessidade arraigada da criação e registro de deuses é bem documentada. De fato, uma forma de contar a história da religião do Antigo Testamento seria em termos de uma tensão persistente entre a concepção espiritual de Deus e de adoração, a marca da fé genuína de Israel, e as contínuas pressões evidentes nas tentações à idolatria que rebaixaram e materializaram a consciência e a prática religiosa nacional. No Antigo Testamento, não existe uma simples evolução ascendente da idolatria para a pura adoração a Deus. Pelo contrário, encontramos o povo de Deus possuidor de uma adoração pura e de uma teologia espiritual, mas lutando, no entanto, com a ajuda de seus líderes espirituais, contra contínuas seduções religiosas de desvalorizar e rebaixar a religião pura. Por exemplo, Eugene Peterson, ao escrever sobre o profeta Isaías, nos lembrou que “Todas as pessoas mais ou menos acreditam em Deus ou deuses. Mas a maioria de nós se esforça para manter Deus nas margens de nossas vidas ou, se não conseguimos, redesenhamos Deus para se adequar à nossa conveniência. Os profetas insistem que Deus é o centro soberano, não pode ser colocado de lado, aguardando nosso aceno e chamado. E eles insistem que falemos com Deus como Ele se revela, não como imaginamos que ele seja.”<sup>103</sup> Peterson continua “o Deus de quem os profetas falam é grande demais para se encaixar em nossas vidas. Se quisermos ter alguma relação com

---

<sup>102</sup>. Valentine, *What Do We Mean*, 11–12.

<sup>103</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 115.

Deus, temos que nos encaixar nele.”<sup>104</sup> Eugene Peterson nos lembrou que o Egito, o país onde o povo de Israel foi escravizado, era profundamente religioso. Ele diz que

O Egito era extremamente religioso, uma das culturas mais religiosas na história do mundo. Toda a arte e arquitetura era religiosa, ou como templo ou uma tumba que garantia uma vida após a morte. ... Arqueólogos e turistas continuam deslumbrados por eles. E a religião? Impressionante, para dizer o mínimo. Era uma religião feita para manter a ordem e o controle, para fazer as coisas acontecerem. Ela garantia uma imortalidade feliz, controlava a alta e a baixa do Nilo, de forma que a terra fosse fértil, controlava cada movimento das pessoas para que houvesse lei e ordem. O povo egípcio falava incansavelmente sobre deuses, fazia preces para os deuses, construía templos para os deuses. Mas a religião no Egito era sempre o que as pessoas estavam fazendo ou haviam feito. ... o Egito era uma sociedade profundamente religiosa. ... Se você quiser controlar a família ou a sociedade, não existe uma forma melhor do que por meio da religião. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era no antigo Egito.<sup>105</sup>

Ao passarmos da antiga presença generalizada da idolatria por meio do apóstolo Paulo para os atuais supermercados religiosos, podemos perguntar: será que alguma coisa mudou? A necessidade de estar alerta às tentações constantes de desvalorizar ou rebaixar a religião é hoje ainda mais evidenciada, quando uma característica marcante do cenário religioso contemporâneo é a gama desconcertante de ofertas no "supermercado religioso". Ele está bem abastecido com ofertas especiais tentadoras que prometem um "deus que fará algo por você", como oferecer um caminho fácil para a prosperidade ou para a cura instantânea.<sup>106</sup>

A polêmica generalizada contra a idolatria encontrada ao longo do Antigo Testamento, levada adiante principalmente pelos profetas e salmistas, reconhece a mesma verdade que o apóstolo Paulo mais tarde afirmaria: que os ídolos não são nada, no entanto, havia uma força espiritual demoníaca a ser reconhecida. Os ídolos, portanto, constituíam uma ameaça espiritual positiva. Em Isaías 44:6–21 encontramos uma longa seção alertando sobre a tentação constante de criar ídolos. Por exemplo, lemos que “Todos os que fazem imagens nada são, e as coisas que estimam são sem valor” (Isa 44:9). Continuando a seguir, “Quem é que modela um deus e funde uma imagem, que de nada lhe serve?” (Isa 44:10), Todos os seus companheiros serão envergonhados; pois os artesãos não passam de homens.” O ídolo é nada; o povo adora objetos que fez com as próprias mãos (Isa 2:8). Sua própria construção e composição declaram sua futilidade (Isa 40:18–20; 41:6–7). Esse é um tema abordado pelo apóstolo Paulo ao escrever aos Coríntios. Ele escreve: “Sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão um só. Porque, ainda que haja também alguns que

---

<sup>104</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 116.

<sup>105</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 29.

<sup>106</sup>. Peterson, *Longa Obediência na Mesma Direção*.

se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele. (1 Coríntios 8:–6). No Novo Testamento, encontramos um reforço e amplificação dos ensinamentos do Antigo Testamento. Existe, no Novo Testamento, um reconhecimento de que os ídolos, embora sejam “não-entidades”, são forças espirituais perigosas. No capítulo 1 de sua carta aos Romanos, Paulo expressa a visão do Antigo Testamento de que a idolatria é um declínio da verdadeira espiritualidade e não uma etapa no caminho para um puro conhecimento de Deus. No entanto, o novo tema encontrado no Novo Testamento destaca o fato de que os perigos da idolatria existem mesmo onde não há adoração de ídolos materiais. Por exemplo, a associação de idolatria com pecados sexuais (Gal 5:19–20) ou a equiparação de cobiça com idolatria (1 Cor 5:11; Ef 5:5; Col 3:5), incluindo a cobiça sexual (Ef 4:19 e 5:3; 1 Ts 4:6; 1 Cor 10:7, 14). Em termos semelhantes, o apóstolo João, tendo salientado a finalidade e a plenitude da revelação em Cristo, advertiu que qualquer desvio disto é idolatria. (1 João 5:19–21). Em resumo, o ídolo é o que quer que reivindique a lealdade que pertence somente a Deus (Isa 42:8). Como veremos mais à frente, alguns dos falsos deuses de hoje, os “outros deuses” de hoje, são distorções de deuses cristãos, que continuam a ter uma atração poderosa, aparentemente, para tantas pessoas.

## **Fazendo Deus à Nossa Própria Imagem**

Todos nós temos necessidades. Elas parecem mais urgentes em alguns momentos do que em outros. Algumas, queremos que sejam atendidas na hora. Para outras, podemos esperar um pouco mais - desde que não demore muito! Existe uma evidência clara, historicamente e nos dias de hoje, de como nossas "necessidades" moldam com demasiada facilidade o "deus" em que acreditamos. A Bíblia tem muitas coisas a dizer sobre a natureza humana e a motivação humana. O Salmo 8, por exemplo, nos lembra o contexto teocêntrico das declarações bíblicas, visto que elas tratam principalmente dos seres humanos em relação a Deus como Criador, Sustentador e Redentor. Este é um lembrete oportuno de que muitas das perguntas levantadas pelos escritores do século 21, especialmente cientistas, não foram sequer consideradas por autores bíblicos, muito menos respondidas por eles. A tentação sempre presente, motivada pelas necessidades que sentimos, de encontrar nossas visões pessoais nas Escrituras, foi ressaltada por John Stott em seu comentário sobre a carta de Paulo aos Romanos. Em seu comentário sobre o Capítulo 7 da Carta aos Romanos, Stott escreveu “*Não é sábio trazer a uma passagem das Escrituras nossa própria agenda pronta, insistindo que ela responda às nossas perguntas e resolva as nossas preocupações. Porque isso é ditar para as Escrituras em vez de ouvi-las. Precisamos colocar de lado nossos pressupostos, para que possamos pensar conscientemente em nós mesmos voltando aos*

cenários históricos e culturais do texto. Então ficaremos em melhor posição para deixar o autor dizer o que ele diz e não forçá-lo a dizer o que nós queremos que ele diga.”<sup>107</sup> Esta foi uma visão ressaltada recentemente por um grupo de cientistas e estudiosos da Bíblia britânicos que escreveram após um estudo detalhado dos primeiros capítulos do Gênesis. Eles observaram como as pessoas de fé muitas vezes "não ouvem realmente a Bíblia, mas simplesmente ouvem [suas] próprias vozes ecoando fora das páginas".<sup>108</sup> N. T. Wright retoma este pensamento e coloca a questão: "Com que direito pegamos as Escrituras e encontramos meios para fazer com que elas falem das coisas de que queremos que elas falem"?<sup>109</sup>

## **Como as Necessidades e Motivos Humanos Moldam Nossos Deuses: Estudos de Casos Psicológicos**

Por que as pessoas fazem certas coisas? O que as motiva a cometer atos de ódio e violência, ou atos de compaixão e amor? Que necessidades elas buscam atender? Teólogos e filósofos ponderaram sobre essas questões por séculos, e no século passado, os psicólogos entraram na discussão. As teorias de personalidade contêm premissas básicas e afirmações sobre a natureza humana. Cada teoria apresenta um modelo composto de várias construções hipotéticas ou entidades que supostamente interagem de maneiras específicas, tanto dentro do indivíduo como com o ambiente. O resultado dessas interações direciona nossos pensamentos, sentimentos e nosso comportamento. Todos esses modelos visam aumentar nossa compreensão dos comportamentos ideais e disfuncionais e dos processos mentais. Não é de se surpreender, já que todos estes modelos tentam explicar os mesmos eventos, possuem certas características em comum e compartilham certos temas difundidos. Um desses temas envolve identificar as necessidades humanas comuns, localizar suas raízes e investigar o que dá errado quando essas necessidades não são atendidas. O desejo constante de atender tanto as necessidades imediatas como as de longo prazo foi observado por alguns dos maiores teóricos da personalidade do século 20. Por outro lado, podemos ver como, às vezes, o atendimento dessas necessidades moldou nossas visões do Deus em quem afirmamos acreditar.

Por exemplo, a teoria psicanalítica de Sigmund Freud propôs que a personalidade consiste em três componentes - id, ego e superego - juntamente com um pequeno número de processos psíquicos básicos, cujas interações mútuas moldaram a personalidade e a saúde mental de um indivíduo. Freud escreveu: "As forças que assumimos existir por trás das

---

<sup>107</sup>. Stott, *Message of Romans*, 189 (grifo nosso).

<sup>108</sup>. Lucas et al., "Bible, Science and Human Origins."

<sup>109</sup>. Wright, "Reading Paul", 70.

tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de instintos.”<sup>110</sup> Ele classificou as demandas veementes do id como originárias dos impulsos inatos de sobrevivência e reprodução. Esses impulsos sexuais e agressivos são contrapostos pelos padrões morais do superego, decorrentes das expectativas dos pais e da sociedade. O ego, a parte executiva da personalidade, tem que conciliar de alguma forma essas forças opostas - satisfazer os impulsos do id sem ofender o superego - para realizar as tarefas da vida diária no mundo real. Freud alegava que o modo como esses conflitos internos inconscientes são tratados determinaria a vida mental e os relacionamentos interpessoais desse indivíduo.

Várias décadas mais tarde, o modelo de Freud foi ampliado por um de seus discípulos, Erik Erikson, uma figura muito influente na história da psicanálise, nome dado à teoria de Freud. Erikson inicialmente trabalhou dentro da estrutura padrão freudiana, que enfatizava os conflitos inconscientes dentro da personalidade de um indivíduo, frequentemente emaranhados na relação com os pais na infância. Porém, Erikson gradualmente avançou para uma visão de "ciclo de vida" da personalidade, desenvolvido através de oito períodos cronológicos na vida de uma pessoa.<sup>111</sup> Dentro de cada período, Erikson identificou uma necessidade específica ou um desafio que precisa ser dominado em cada estágio. Os primeiros quatro estágios cobrem a primeira infância e a infância, à medida que o bebê forma um laço especial com os pais (desenvolvendo confiança), depois passa os anos da infância gradativamente se desvinculando dos pais (desenvolvendo *autonomia e iniciativa*), e então constroem um senso de *competência* individual para se preparar para uma vida adulta independente.

Outros dois renomados teóricos da personalidade foram Abraham Maslow e Carl Rogers. Ambos enfatizaram, de formas diferentes, o papel do atendimento das necessidades como vital para o desenvolvimento da personalidade. Eles são frequentemente descritos como os arquitetos do “movimento humanista” na psicologia moderna. Ao contrário de Freud, que enfatizava os aspectos antissociais “malignos” da motivação humana, Maslow acreditava que a natureza humana é essencialmente boa. Se forem deixados por conta própria, os indivíduos naturalmente se direcionarão para alcançar seu potencial máximo - o que Maslow chamou de autorrealização.<sup>112</sup> Ele propôs que a humanidade compartilha certas motivações básicas que podem ser esquematizadas em uma “hierarquia das necessidades”. As que estão nos níveis inferiores (necessidades fisiológicas e de segurança) precisam ser atendidas e satisfeitas antes que as dos níveis superiores (necessidades de afiliação e de realização) comecem a dominar a motivação de uma pessoa. Maslow explicitamente

---

<sup>110</sup>. Freud, *Esboço de Psicanálise*.

<sup>111</sup>. Erikson, *Infância e Sociedade*.

<sup>112</sup>. Maslow, *Introdução à Psicologia do Ser*.

considerou o relacionamento entre religião e sua teoria (como parte do movimento de psicologia humanista mais amplo que ele fundou). Ele propôs que a psicologia humanista pode servir como um substituto secular para a religião. Ele escreveu:

O ser humano necessita de uma estrutura de valores, uma filosofia da vida, uma religião ou um substitutivo da religião no qual possa pautar sua vida e compreensão, mais ou menos no mesmo sentido em que precisa de sol, cálcio ou amor. Sem o transcendente e o transpessoal, ficamos doentes, violentos e niilistas, ou então vazios de esperança e nos tornamos pessoas apáticas. Necessitamos de algo “maior do que somos”, que seja respeitado por nós próprios e a que nos entreguemos num novo sentido, naturalista, empírico, não-eclesiástico.<sup>113</sup>

Carl Rogers incorporou as ideias de Maslow - sobre o potencial positivo dos seres humanos e o movimento em direção à autorrealização - como base para seu novo método de psicoterapia, que ele chamou de "terapia centrada no cliente" para diferenciá-la de outras abordagens terapêuticas.<sup>114</sup>

Um exemplo final da ênfase no papel das necessidades humanas na formação e funcionamento da personalidade é o trabalho da Erich Fromm. Ele foi fortemente influenciado por Sigmund Freud e Karl Marx, e também pelas ideias do Judaísmo Ortodoxo de sua infância. Ele pegou a dinâmica intrapessoal de Freud e buscou aplicá-la a uma compreensão psicológica mais profunda dos grupos e sociedades. Ele acreditava que a personalidade humana poderia ser entendida como a coexistência entre as qualidades animais e as características humanas. Enquanto o aspecto animal da natureza humana produzia impulsos psicológicos como fome, sede e sexo, outras necessidades especificamente humanas também precisam ser satisfeitas para se alcançar a verdadeira felicidade. Essas necessidades, acreditava Fromm, incluíam relações de cuidado; um senso de identidade, liberdade e independência; e a busca ativa e a realização de objetivos gratificantes.<sup>115</sup> No mundo moderno, a natureza humana é moldada pelas estruturas econômicas e sociais em que as pessoas vivem, mas ainda é limitada por essas necessidades psicológicas básicas. O ponto importante aqui é que Fromm colocou a presença e a satisfação das necessidades humanas como uma parte crucial de sua teoria psicológica.

O objetivo deste breve panorama ilustrativo é tornar óbvio que a lista de *necessidades psicológicas* sugeridas por esses diferentes teóricos da personalidade contém temas comuns, como a ideia de que a motivação humana vai muito além das motivações baseadas na sobrevivência individual, que é importante haver um senso de identidade e que o

---

<sup>113</sup>. Maslow, *Introdução à Psicologia do Ser*, iv.

<sup>114</sup>. Rogers, *Terapia Centrada no Cliente*.

<sup>115</sup>. Fromm, *O Coração do Homem*.

funcionamento ideal requer tanto um senso de conexão social quanto a liberdade de fazer escolhas independentes. Porém, estas teorias contêm perspectivas bastante divergentes sobre questões como se as pessoas são essencialmente boas ou más, se a motivação humana é principalmente consciente ou inconsciente, e se a tensão dentro da personalidade ajuda ou dificulta o crescimento pessoal. Como podemos decidir qual dessas listas de necessidades, se for o caso, devemos aceitar? A dificuldade de decidir entre elas deve certamente incomodar quem pretenda reivindicar uma base científica para essas teorias. Se os psicólogos de personalidade quiserem colocar o rótulo "científico" em seus modelos, eles precisariam apresentar evidências mostrando quão bem os modelos se ajustam aos resultados de pesquisa estabelecidos sobre padrões típicos de comportamento adaptativo e disfuncional. Até o momento, nenhum dos modelos no mercado conseguiu obter aceitação generalizada entre os psicólogos. Há ainda muito trabalho a ser feito.

## **Como as Necessidades e Motivos Humanos Moldam Nossos Deuses: Estudos de Casos Teológicos**

Embora no século passado tenham sido os psicólogos que estudaram e escreveram sobre as necessidades humanas, nem sempre foi assim. Muito antes do surgimento dos psicólogos, eram os teólogos que escreviam com grande percepção sobre as necessidades humanas. Com uma breve análise de alguns dos principais teólogos dos séculos passados e de *suas opiniões sobre as necessidades humanas*, podemos ter uma boa visão de como suas ideias do que acreditavam ser necessidades humanas dominantes influenciaram sua teologia.

*Santo Agostinho* (354–430), que é considerado o maior dos pais da igreja latina, acreditava que a situação de cada ser humano diante de um Deus santo *resultava em necessidades básicas universais* que só Deus poderia satisfazer. Agostinho comparou as profundezas pelas quais a humanidade caiu em pecado com as alturas às quais ela pode ser elevada pela graça redentora de Deus. Esse tema permeou muitos dos escritos de Agostinho e foi descrito como “a pedra fundamental da antropologia agostiniana”.<sup>116</sup> Por exemplo, em suas *Confissões*, lemos sobre suas próprias angústias, que ainda ressoam com a vida no século 20. Agostinho não tinha dúvidas de que sem a intervenção direta da graça de Deus, os seres humanos não tinham esperança de redenção. Obviamente, sua perspectiva era muito diferente da abordagem de “autorrealização” dos psicólogos humanistas, citada acima. Isto

---

<sup>116</sup>. Sullivan, *Image of God*.

é evidenciado quando se lê a análise profunda de Agostinho sobre a impossibilidade de qualquer ser humano alcançar a felicidade sem Deus. Ele escreveu:

A verdade pura e simples é que o laço de uma natureza em comum faz com que todos os humanos sejam um. Todavia, cada indivíduo nesta comunidade é conduzido por suas paixões para buscar seus propósitos pessoais. Infelizmente, os objetos desses propósitos são de tal forma que nenhuma pessoa (deixada sozinha na comunidade mundial) pode jamais se sentir inteiramente satisfeita. A razão para isso é que nada, a não ser o Ser Absoluto pode satisfazer a natureza humana.<sup>117</sup>

*Tomás de Aquino* (aprox.1225–74) é nosso segundo exemplo. Ele é outra figura importante que exerceu uma influência duradoura sobre a cristandade ocidental. Ele procurou sistematizar aspectos da filosofia aristotélica com a teologia cristã. Aquino frequentemente *se referia à noção de que as necessidades humanas* dão origem à motivação para as ações, com um objetivo supremo de *alcançar* a "felicidade" (na forma de realização ou bem-estar). Concordando com Agostinho, Tomás de Aquino acreditava que os seres humanos não eram capazes de alcançar a felicidade completa sem a presença de Deus em suas vidas. Segundo ele, como todos temos uma tendência inerente ao pecado, os seres humanos são maus em sua essência, no sentido de que estamos constantemente em oposição à vontade de Deus. Assim, como observou Étienne Gilson, "Na base da filosofia de Aquino, assim como na base de toda a filosofia cristã, existe uma profunda consciência da miséria e necessidade de um confortador que só pode ser Deus".<sup>118</sup> *Precisamos* do conforto de Deus para aliviar nossos medos e ansiedades, e precisamos da graça de Deus para restaurar o bem dentro de nós, para que possamos viver de acordo com Sua vontade.

*Jonathan Edwards* (1703–58) é nosso terceiro exemplo. Ele é de uma época bem diferente, uma tradição diferente, e tinha uma posição teológica muito diferente. As obras de Jonathan Edwards foram em grande parte influenciadas por suas experiências religiosas. Em sua opinião, os temas sobre soberania, santidade e graça de Deus estão ao lado dos temas sobre a tendência humana ao pecado e a necessidade de redenção. Inspirado nos autores puritanos mais antigos, seus pontos de vista ilustram as principais características da tradição da Reforma (calvinista) no que diz respeito às necessidades humanas. Ele certamente reconheceu e ensinou a necessidade de uma mudança básica na condição do coração humano através do poder do Espírito de Deus. De fato, a transformação que ele considerou necessária era tão radical quanto a que ocorre ao passar da morte para a vida. Ele escreveu:

---

<sup>117</sup>. Agostinho, *Cidade de Deus*.

<sup>118</sup>. Gilson, *Philosophy of Aquinas*, 375.

As afeições que são verdadeiramente espirituais e graciosas, surgem das influências e operações no coração, que são espirituais, sobrenaturais e divinas. ... E as influências do Espírito de Deus nisso. . . [para] se comunicar, e transformar a criatura em participante da natureza divina, isto é o que quero dizer quando digo que "as afeições verdadeiramente graciosas surgem daquelas influências que são espirituais e divinas". ... E os homens naturais são representados nos escritos sagrados como não tendo vida espiritual, nenhum ser espiritual; e, portanto, a conversão é frequentemente comparada à abertura dos olhos dos cegos, à ressurreição dos mortos, e a uma obra de criação. ... A graça é a semente da glória e o amanhecer da glória no coração, e por isso a graça é a seriedade da futura herança.<sup>119</sup>

Assim, *as necessidades humanas sobre as quais Edwards* escreveu eram *a necessidade fundamental* de restauração do *relacionamento* rompido com Deus e a necessidade de se colocar todas as afeições e esperanças nas promessas de Deus de uma herança futura em Cristo.

*Karl Rahner* (1904–84) é um último exemplo. Ele é chamado de "o pai da Igreja Católica no século 20". Rahner apresentou uma abordagem que é descrita como transcendental-existencial. Ele via a liberdade básica de uma pessoa como a capacidade de se mover em direção ao amor de Deus ou de se afastar dele. Os seres humanos têm necessidades biológicas, mas como são mais do que biológicos, eles têm necessidades que transcendem as necessidades físicas, que o esforço humano não consegue satisfazer. Rahner enfatizou que a abordagem a Deus deve ser para o próprio bem de Deus. Ele não pode ser moldado para se adequar às nossas necessidades.<sup>120</sup> O teólogo britânico John Stott escreveu: "Nós barateamos o evangelho quando o retratamos apenas como algo que nos liberta da tristeza, do medo, da culpa e de outras necessidades pessoais".<sup>121</sup> Segundo Rahner, a tentativa de reduzir Deus a um mero preenchimento das necessidades humanas é "a heresia específica de nosso tempo".<sup>122</sup>

Aqui, então, voltamos a um tema importante deste capítulo, a tentação constante de fazer nossos Deuses para preencher as necessidades que sentimos no presente. Este tema ocorre com frequência na pregação de Eugene Peterson. Por exemplo, em de seus sermões, Peterson imagina o apóstolo João pregando para sua congregação local do século 1 e tentando encorajá-los em face da adversidade. Peterson comenta: "Mas com todo seu conhecimento de Jesus e seu entusiasmo por Jesus nas montanhas, nada disso parece fazer muita diferença no vale".<sup>123</sup> Peterson imagina ainda alguém de uma de

---

<sup>119</sup>. Edwards, *Afeições Religiosas*.

<sup>120</sup>. Rahner, *Fé em uma estação invernal*.

<sup>121</sup>. Stott, *A Mensagem de Romanos*.

<sup>122</sup>. Rahner, *Fé em uma estação invernal*.

<sup>123</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 361.

suas congregações do século 20 dizendo “Olha, às vezes, eu mal posso esperar pelo domingo para poder subir às montanhas para um pouco de paz e sossego, escalar aqueles Picos de Jesus e desfrutar de um momento de quietude junto ao riacho Aleluia. Aliás, Pastor, outro dia uma pessoa me falou sobre uma prece que eu posso fazer, e que é certeza que vai me dar um aumento de salário e também é boa para evitar o câncer. É que eu tenho casos de câncer na família, então ando preocupado com isso. Você pode me ensinar essa prece?”<sup>124</sup> Não é fácil saber quando nossos "quereres" escapam com facilidade e inconscientemente e se transformam no que sentimos ser nossas "necessidades" legítimas. Temos sempre que fazer a pergunta, as necessidades que sentimos são “necessidades do reino” ou “necessidades temporárias de autossatisfação?”

---

<sup>124</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 362.

### 3. “Deuses” em Oferta. Amostra do Mercado do Século 20

Diga uma prece para mim: O aplicativo Alexa ajuda os usuários a se conectarem com Deus. ... A ideia é dar informações a quem acaba de chegar ao cristianismo e socorro espiritual para quem é crente. Em outras palavras, usuários e usuárias podem pedir que Alexa lhes diga uma prece ou uma aula rápida de teologia.<sup>125</sup>

Pai nosso, que está no ciberespaço: Igrejas se voltam para a internet para alcançar seus rebanhos.<sup>126</sup>

Seguindo os rápidos desenvolvimentos desde 1970, publicitários têm capitalizado o poder esmagador das imagens, não apenas para exibir seus produtos, mas *também para fabricar necessidades e desejos nas pessoas, que não existem naturalmente*. A consequência foi uma cultura que hoje penetra em quase todos os aspectos de nossas vidas. Um efeito colateral disso foi que algumas pessoas dentro da igreja, ansiosas para aproveitar esses novos desenvolvimentos, viram esses novos métodos publicitários como formas de promover suas escolhas particulares de estilo de vida e disponibilizá-las para "consumidores religiosos". Aproveitando o sucesso das técnicas e estruturas já desenvolvidas pelas grandes corporações, as igrejas começaram a utilizar estratégias sofisticadas para atingir seus "consumidores". Por exemplo, um resultado foi o desenvolvimento de cultos extravagantes de finais de semana, destinados principalmente a atrair a atenção do maior número possível de pessoas e, ao mesmo tempo, maximizar o propósito digno de encorajar transformações individuais e aprofundar as relações pessoais com Cristo. Infelizmente, uma manifestação disso tem sido a tendência muito frequente de criar deuses para satisfazer nossas necessidades, uma tendência evidente no passado, que reapareceu no século 21.

As onipresentes mídias sociais têm o potencial e o poder para enormes benefícios. O artigo principal na edição de Natal de 2019 da revista internacional *The Economist* foi intitulado “*Pessimism versus Progress,*” com o subtítulo “*Contemporary Worries about the Impact of Technology Are Part of a Historical Pattern*” (Pessimismo versus Progresso: As preocupações contemporâneas sobre o impacto da tecnologia são parte de um padrão histórico). Os autores comentam que:

---

<sup>125</sup> Bridge, “Say a Little Prayer.”

<sup>126</sup> Economist, “Our Father in Cyberspace”, 51.

O clima sombrio de hoje está centrado em smartphones e mídias sociais, que decolaram há uma década. ... Para algumas tecnologias, seus inconvenientes às vezes parecem superar seus benefícios. Quando isso acontece com várias tecnologias de uma só vez, como hoje, o resultado é um senso mais amplo de tecnopessimismo. ... Isso nos mostra outra lição, de que a solução para os problemas relacionados à tecnologia muitas vezes envolve mais tecnologia. ... A lição mais importante é sobre a própria tecnologia. Uma tecnologia poderosa pode ser usada para o bem ou para o mal. ... A tecnologia em si não tem agência: são as escolhas das pessoas que moldam o mundo.<sup>127</sup>

No início de 2019, o Arcebispo da Cantuária escreveu no *The Times*, “as mídias sociais transformaram nosso modo de viver. ... Cada vez que interagimos online temos a oportunidade de aumentar o cinismo e o abuso atual ou de escolher, em vez disso, compartilhar luz e graça.”<sup>128</sup> Como a igreja está cada vez mais sob o domínio da cultura de consumo e das mídias sociais de hoje, ela precisa estar atenta aos efeitos recíprocos do meio sobre a mensagem e vice-versa, um tema desenvolvido por Heidi Campbell e Stephen Garner em 2016 em seu livro *Networked Theology* (Teologia em Rede). Porém, antes de explorar esses desafios em mais detalhes, é importante lembrar que “A tecnologia em si não tem vida própria, são as escolhas *das pessoas* que moldam o mundo.”<sup>129</sup> Temos que aceitar que traçar uma linha muito clara entre o meio e a mensagem é uma falsa distinção. A mídia não é simplesmente um condutor, mas pode, no processo de ser um meio, mudar sutilmente o conteúdo da mensagem.

Ao comentar sobre os desenvolvimentos recentes, Shane Hipps escreveu: “A mídia destas igrejas é principalmente um culto destinado a atrair uma multidão, responder às demandas esmagadoras de uma sociedade de consumo e facilitar a transformação pessoal. *Esta forma de fazer igreja amplifica e reforça o evangelho moderno que afirma o individualismo e a privatização da fé.* ... Assim, as pessoas que frequentam os cultos ganham uma relação pessoal com Jesus, *mas ficam com uma teologia empobrecida, tanto de comunidade como de igreja*”.<sup>130</sup> Elas empobreceram sua teologia e reduziram seu Deus. Hipps observa: “Isto contrasta fortemente com a visão bíblica da igreja, na qual os indivíduos existem para o bem da comunidade e a comunidade existe para a missão de Deus no mundo”.<sup>131</sup>

---

<sup>127</sup>. Economist, “Pessimism v Progress”, 13.

<sup>128</sup>. Burgess, “Thou Shalt Not Tweet” (grifo nosso).

<sup>129</sup>. Economist, “Pessimism v Progress”, 13 (grifo nosso).

<sup>130</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 99–100 (grifo nosso).

<sup>131</sup>. Hipps, *Hidden Power of Electronic Culture*, 100.

## Teologia em Rede: Enriquecimento ou Empobrecimento?

A teologia em rede tem a capacidade tanto de enriquecer a vida cristã ou de empobrecê-la, encurtar nossa ideia de Deus e da vida cristão ou expandi-la. Os dados falam por si. "O Grupo de Pesquisa Barna relatou aumentos significativos no uso da Internet por líderes da igreja (de 78% em 2000 para 97% em 2014<sup>132</sup>)". Eles notaram um aumento na percepção dos pastores sobre a utilidade da Internet para facilitar experiências religiosas espirituais (15% a 39%). De acordo com um relatório de 2014, nove em cada dez pastores acreditavam que é "teologicamente aceitável que uma igreja forneça assistência de fé ou experiências religiosas às pessoas através da Internet". Campbell e Garner escreveram: "Em geral, muitas igrejas nos Estados Unidos consideram que a internet deixou de ser um luxo e passou a ser uma ferramenta essencial para o ministério. ... À medida que a Internet se torna cada vez mais um lugar onde as pessoas se encontram e vivem uma grande parte de suas vidas sociais, o chamado tem soado cada vez mais alto para encontrá-las lá com o evangelho de Cristo".<sup>133</sup> Por exemplo:

Em 2014, a Billy Graham Evangelistic Association registrou mais de 6 milhões de conversões on-line conectadas a seus sites e recursos, em comparação a apenas quinze mil conversões feitas por meio de contato presencial. Da mesma forma, o Global Media Outreach - um ministério alavancado na Internet, os dispositivos móveis e as mídias sociais - proclamou que mais de trinta e quatro milhões de pessoas tomaram decisões de seguir a Cristo através de seu trabalho de evangelização digital.<sup>134</sup>

O que *não* sabemos é quantas das seis milhões de conversões online relatadas pela Billy Graham Evangelistic Association ou as trinta e quatro milhões de pessoas que tomaram decisões através do Global Media Outreach eram ligadas a uma comunidade eclesial local, adoradora, testemunhadora, servidora, e estavam se tornando discípulos cristãos nos passos das pessoas cristãs do primeiro século e do cristão Dietrich Bonhoeffer do século 20, para quem o discipulado significava martírio.

Adotando uma abordagem extremamente bem-informada e obstinada em sua compreensão do que eles chamam de "teologia em rede", Campbell e Garner escreveram, "A rede está embutida tanto em narrativas positivas quanto negativas, oferecendo-nos esperança de um futuro melhor através da tecnologia, juntamente com as sementes do medo de que nossas tecnologias nos seduzirão ou nos escravizarão".<sup>135</sup> No contexto deste

---

<sup>132</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 1.

<sup>133</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 1.

<sup>134</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 1.

<sup>135</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 62.

livro, é claro que a tecnologia pode desempenhar um papel para "encolher nossa fé" e/ou "encolher o Deus" em quem acreditamos.

Campbell e Garner sugeriram que a compreensão da "religião em rede" tem implicações diretas para o cristianismo e as comunidades cristãs:

Argumentamos que uma atenção cuidadosa à forma como a religião é vista online pode nos ensinar como a fé das pessoas é manifestada e informada pelas estruturas e a cultura da sociedade em rede em geral. *Revela também as formas específicas de como as novas tecnologias de mídia podem moldar as práticas das pessoas de fé e refletir a mudança nas premissas sobre a natureza de suas vidas espirituais.*<sup>136</sup>

Eles também identificam o que acreditam ser "questões ou perguntas essenciais que uma teologia cristã da rede pode precisar abordar à luz de como as novas tecnologias e espaços de mídia potencialmente moldam a vida cristã". Eles fazem a pergunta: "Quem [é] o seu próximo em um mundo digitalmente conectado em rede? Temos amigos na mídia social, contatos de e-mail e telefone, links para os perfis digitais de outras pessoas por meio de nossas redes online, e uma ampla gama de outras conexões digitais. *Será que algumas delas são o nosso próximo no sentido teológico?*"<sup>137</sup> Para esses autores, a chave para um entendimento cristão adequado das questões *se concentra na natureza da própria humanidade* e seu argumento é que *em essência, humanos são seres relacionais*. Eles acreditam que isso faz parte da teologia em rede. Eles escrevem: "A teologia em rede é inerentemente relacional, e o motivo da rede descreve de forma explícita as várias relações dentro da mesma". Referindo-se aos escritos de Irineu, Agostinho, Karl Barth, Emil Brunner, Gerhard von Rad e outros, eles argumentam que "o cristianismo é visto como uma fé inerentemente relacional, pois se baseia na crença na Trindade, que Deus é ao mesmo tempo três e um".<sup>138</sup> Este aspecto-chave de nossa natureza e do que significa ser feito à imagem de Deus será abordado em detalhes mais à frente. Ao explicitar a importância deste foco na relacionalidade, Campbell e Garner chamam a atenção para um possível aspecto dos efeitos da nova tecnologia sobre a natureza da fé religiosa. Eles escrevem: "Philip Meadows argumenta que as pessoas cristãs são chamadas a se preocupar com a transformação deste mundo e que uma percepção de que uma vida online é mais envolvente ou preferível a uma no mundo físico *poderia gerar uma mentalidade escapista, onde o mundo físico é ignorado, e essa missão transformadora se perde*".<sup>139</sup> Isso traz outra

---

<sup>136</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 61–62 (grifo nosso).

<sup>137</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 82 (grifo nosso).

<sup>138</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 82.

<sup>139</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 87 (grifo nosso).

pista sobre os perigos de como a “fé encolhida” se torna apenas um mero escapismo egoísta.

## Impacto da Tecnologia na Espiritualidade e na Fé

Qualquer efeito da mídia e tecnologia modernas *que diminua nossa fé ou diminua o Deus em quem acreditamos* deve ser contestado pelo que é. Campbell e Garner continuam:

Para todos os que seguem a Cristo e o chamado para espelhá-lo no mundo cotidiano, a passagem levanta a questão de como isso deve acontecer no mundo da mídia em rede e dos ambientes tecnológicos. Em especial, isso levanta perguntas importantes sobre quem são "pobres" em uma sociedade da informação, como essas pessoas podem estar sofrendo, tecnologicamente deprimidas, e qual é a nossa resposta em Cristo para tratar disso. Vamos além de perguntas banais como "Jesus usaria as mídias sociais?" para uma reflexão mais profunda sobre como espelhar o caráter de Cristo na forma como vivemos e falamos sobre a tecnologia e a mídia.<sup>140</sup>

Campbell e Garner nos lembram que “um ponto de partida bíblico destaca aspectos específicos de como é amar a Deus, amar o próximo e reconhecer a humanidade dos outros.”<sup>141</sup> Esses autores nos lembram que, no início do ministério de Jesus, segundo o Evangelho de Lucas, Jesus descreve as boas novas que ele veio proclamar. Jesus pega o livro do Profeta Isaías e lê em voz alta:

"O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque ele me ungiu  
para pregar boas novas aos pobres.  
Ele me enviou para proclamar liberdade aos  
presos e recuperação da vista aos cegos,  
para libertar os oprimidos e  
proclamar o ano da graça do Senhor". (Lucas 4:18–19 ACF)

Como podemos enfrentar este desafio com consistência e não diminuir nossa concepção de Deus? Campbell e Garner nos ajudam muito ao ver uma pista para a resposta nas palavras do profeta Miquéias, onde encontramos o que poderíamos chamar de uma resposta adequada dada por Cristo à tecnologia e aos meios de comunicação. Lá, lemos que “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom. e o que o SENHOR exige: Pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.” (Miquéias 6:8 ACF). Campbell e Garner escrevem: "Aqui nos é apresentado um chamado a fazer três coisas concretas: fazer justiça, amar a bondade e a misericórdia, e caminhar humildemente com Deus. O biblista

---

<sup>140</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 121.

<sup>141</sup>. Campbell and Garner, *Networked Theology*, 122.

Walter Brueggemann afirma que estas são três dimensões importantes da vida de fé que se apoiam mutuamente".<sup>142</sup> Acrescentaríamos que, ao lembrá-las, encontramos uma proteção parcial contra a sempre presente tentação contemporânea de "encolher a fé" para algo como uma "crendice", sem consequências ou implicações para a vida diária. É esta configuração inspirada em Miquéias que pode aprofundar e expandir tanto nossa fé como o Deus em quem confiamos. É necessária uma vigilância eterna para evitar o encolhimento da fé em Deuses "encolhidos".

## **A Necessidade ainda é a Mãe da Invenção**

No auge da crise mundial do coronavírus em 2020, Heidi Campbell observou quantas igrejas estavam mobilizando a tecnologia da realidade virtual para oferecer culto digital para as pessoas isoladas em suas casas. Ela comentou: "Atualmente os pastores não apenas transmitem para seu rebanho em quarentena ... Sua expectativa é que o rebanho também participe, usando aplicativos e mídias sociais para tornar os cultos virtuais interativos".<sup>143</sup> A participação é possível de maneiras novas e até agora inimagináveis. O culto online realizado pela equipe e membros em suas casas e coordenado pela moderna tecnologia por uma igreja no centro de Londres (*All Souls Church em Langham Place*) tornou-se tão popular que logo milhões de pessoas estavam participando em todo o mundo. Um artigo no *The Economist* pergunta: "Quando o coronavírus for embora, será que o culto digital irá com ele?" Sua resposta: "É improvável. Life Church, uma mega igreja com sede em Oklahoma, que ajuda outras paróquias a navegar no mundo online, diz que o número de comunidades que utilizam sua plataforma *Church Online* aumentou de 25.000 para 47.000 somente em março [2020]".<sup>144</sup> A mensagem: Os avanços da ciência, utilizados com sabedoria, têm a capacidade de enriquecer nossa fé em tempos de provação. Nas palavras do título deste livro, precisamos contar uma história melhor sobre porque fé e ciência caminham juntas.

## **Os Avanços da Ciência Podem Alargar Nossa Compreensão de Deus**

Nos anos que se seguiram desde que Phillips escreveu *Seu Deus é Pequeno Demais*, os avanços no conhecimento científico e os frutos dos estudos bíblicos mudaram a opinião tanto de cientistas quanto de teólogos sobre a relação entre a ciência e a fé cristã. *Tudo isso destaca a necessidade de reconhecer a natureza sempre mutável da relação entre o que*

---

<sup>142</sup>. Campell and Garner, *Networked Theology*, 122.

<sup>143</sup>. Economist, "Our Father in Cyberspace", 51.

<sup>144</sup>. Economist, "Our Father in Cyberspace", 51.

*acreditamos sobre a natureza do universo em que vivemos e o que acreditamos sobre nossa própria natureza humana misteriosa; uma relação que, com base nas evidências, parece claramente estar em constante mudança.* Isto nos alertou para a necessidade de reconhecer que o Deus em quem acreditamos é muito maior hoje do que o Deus que poderíamos ter imaginado em 1952.<sup>145</sup> O universo que Deus criou e sustenta se torna cada vez maior e mais surpreendente a cada avanço da ciência. É claro que é possível fechar os olhos para esses novos conhecimentos ou mesmo, como alguns fizeram e continuam a fazer, negar sua própria existência. Basta pensar nos pontos de vista dos criacionistas. Veremos em capítulos posteriores como a "dúvida construtiva" tem o potencial de levar a um maior conhecimento e uma fé mais profunda, tanto em matéria de ciência como de fé. Refletindo sobre o cenário contemporâneo, podemos ilustrar como descobertas específicas em várias áreas da ciência têm ramificações generalizadas, não apenas para a saúde e o florescimento humano, mas também para um repensar de algumas doutrinas cristãs longa e amplamente difundidas. Podemos ilustrar como a pesquisa científica sobre os componentes básicos de nossa criação, bem como a pesquisa sobre a vastidão do universo, continuam a desafiar nossa concepção da grandeza do Deus que criou e continua a sustentar a existência de tudo o que existe.

## O Desafio de Pesquisar o Muito Pequeno

No ano seguinte à publicação do livro de Phillips de 1952, foi publicada a mais importante descoberta científica do século 20 em ciências biológicas e médicas, de autoria de James Watson e Francis Crick, que mostrou a estrutura do DNA. Ninguém poderia então imaginar as imensas ramificações desta descoberta revolucionária. Por exemplo, em um único dia em 2019, o *London Times* continha três matérias diferentes sobre pesquisas atuais com benefícios potencialmente importantes para a humanidade. Todas elas surgiram de nossa compreensão da estrutura do DNA. Um artigo com o título "Novo Teste Revelará o Risco De Contrair Câncer de Mama", baseado em um artigo da revista *Genetics in Medicine*, cita Richard Rupe do Cancer Research UK: "Uma pesquisa como esta é extremamente empolgante porque nos permitirá no futuro oferecer um atendimento muito mais personalizado, que beneficiará os pacientes e fará melhor uso dos serviços que temos à nossa disposição".<sup>146</sup> Algumas páginas depois temos o título: "Seu DNA Indica a Expectativa

---

<sup>145</sup>. Naturalmente, precisamos qualificar o que queremos dizer com "maior" neste caso. Para a teologia clássica, Deus é a *fonte infinita do ser* e não há espaço para uma visão *literalmente* "maior" de Deus do que essa, não importa o quanto nossa compreensão da criação cresça. No entanto, ocorre que nosso crescente conhecimento do cosmos amplia enormemente nossa compreensão da criação e nosso assombro pelo poder e sabedoria do Deus que o faz existir, sustentando-o a todo momento.

<sup>146</sup>. Smyth, "New Test."

de Vida, Dizem os Cientistas".<sup>147</sup> Esse artigo relata que uma equipe de pesquisadores da Universidade de Edimburgo produziu um sistema de pontuação para analisar o efeito combinado das variações genéticas que influenciam a expectativa de vida. Na mesma página há um relatório sobre um estudo publicado na *Nature Genetics* que nos conta:

O comportamento de risco está nos genes das pessoas que amam viver em alta velocidade. ... Os cientistas encontraram um grupo de mudanças genéticas que parecem tornar as pessoas mais propensas a assumir riscos - seja nos negócios, com sua saúde ou em suas vidas pessoais. As variantes ainda explicam apenas uma proporção muito pequena do comportamento de risco das pessoas, mas, mesmo assim o estudo é sem dúvida a maior investigação sobre como podemos herdar propensões a assumir riscos. Mais que isso, as descobertas também trazem uma pista de como pode ser o funcionamento dos genes. Entretanto, o valor das últimas pesquisas é que, ao identificar as variantes genéticas mais significativas envolvidas, os pesquisadores podem começar a ver como essas diferenças em nosso DNA se traduzem em diferenças em nosso modo de agir. Eles descobriram que algumas das 124 variantes que tiveram o maior efeito foram expressas no córtex pré-frontal, a parte do cérebro associada a funções cognitivas superiores, e um produto neuroquímico como o glutamato que estimula a comunicação entre os neurônios.<sup>148</sup>

O propósito de chamar a atenção para estes estudos selecionados aleatoriamente é enfatizar ainda mais como o conhecimento do mundo em que vivemos, incluindo sobre nós mesmos, expandiu quase todo o reconhecimento desde que J. B. Phillips escreveu seu livro *Seu Deus é Pequeno Demais*. O desafio persiste, *como podemos garantir que nossa concepção de Deus faça plena justiça a um Deus que criou, e a cada momento sustenta uma criação tão surpreendente, incluindo nós mesmos?*

## O Desafio de Pesquisar o Muito Grande

Se fosse vivo hoje, desconfio que Phillips chamaria a atenção para os desafios da fé cristã em um universo em constante expansão. Quando ele escreveu em 1952, acreditava-se que a criação pela qual o Deus do início do século 20 era responsável era muito menor do que hoje acreditamos que ela seja. Porém, Phillips teria perguntado: será que nossa compreensão de Deus cresceu? É difícil hoje nos darmos conta de que no início do século 20 pensava-se que o universo se resumia apenas à Via Láctea. Em 1917, Shapley estimou seu raio em aproximadamente 100.000 anos-luz. (Um ano-luz, a distância que a luz percorre em um ano, é cerca de 9 trilhões de km). As coisas começaram a mudar em 1924 quando Hubble se deu conta que o universo estava se expandindo e isso levou a um aumento enorme na dimensão aceita do universo. O ano de 1952 é anterior à revisão para baixo da

---

<sup>147</sup>. Horne, "DNA Points to Life Expectancy."

<sup>148</sup>. Whipple, "Your Attitude."

chamada constante de Hubble, por um fator de 5 e 10 de 550km/s/Mpc. Em 1952, existiam duas teorias concorrentes - a teoria do estado estacionário, que sustentava que o universo é infinito em tamanho, e a teoria do *big bang*. Pela teoria do *big bang*, a idade do universo e seu tamanho dependem da taxa de expansão (a constante de Hubble). O valor aceito para a constante de Hubble em 1952 estabelece a idade do universo em cerca de 9 bilhões de anos e uma distância até a borda do universo visível em torno de 30 bilhões de anos-luz. A título de comparação, os valores aceitos hoje são de 13,8 bilhões de anos e 46 bilhões de anos-luz. Desta forma, entre 1952 e os dias de hoje, nossa compreensão do tamanho do universo cresceu por um fator entre 5 e 10, dependendo de qual dos dois principais valores da constante de Hubble é aceita em 1952. É realmente fantástico até mesmo começar a tentar compreender a enormidade do universo em que vivemos - e se alguns teóricos estiverem corretos, então somos apenas um entre muitos universos. Como podemos começar a pensar de forma significativa sobre um Deus que cria e sustenta este universo fantástico do qual somos uma parte tão minúscula?

O desafio dos avanços mais marcantes em nossa compreensão do universo foi ainda mais acentuado, com grande e merecida publicidade, quando um consórcio internacional de cientistas mostrou ao mundo, em 10 de abril de 2019, a primeira imagem já feita de um buraco negro. Esta façanha monumental foi viabilizada, em parte, pela liderança fundamental do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian. O telescópio que produziu essas imagens memoráveis foi o Event Horizon, um conjunto global de radiotelescópios envolvendo dezenas de instituições e centenas de cientistas. O que foi especialmente impressionante foi o quanto o quadro real se assemelhava ao construído por cientistas com base em seus modelos teóricos de buracos negros e das chamadas equações matemáticas de Event Horizon. Tudo isso ilustra mais uma vez como o empreendimento científico oferece benefícios potenciais tão extraordinários para toda a humanidade e seu bem-estar em todo o mundo. *O Deus que criou e continua a criar e sustentar um universo tão surpreendente simplesmente não irá se encaixar em muitas maneiras de pensar sobre Deus, que querem limitar a Ele e a sua atividade a alguns milhares de anos.* Esses “Deuses pequenos” não têm lugar na teologia cristã. Catherine Heymans, professora de Astrofísica e Pesquisadora Europeia na Universidade de Edimburgo, além de ser a primeira vencedora do novo Prêmio Max-Planck-Humboldt de Pesquisa no valor de 1,5 milhão de euros para continuar sua pesquisa sobre energia negra, comentou recentemente: “Somos realmente muito insignificantes no grande esquema das coisas - apenas uma entre sete bilhões de pessoas no planeta Terra, orbitando apenas uma estrela entre 100 bilhões de estrelas em

nossa galáxia Via Láctea, apenas uma galáxia entre 100 bilhões de galáxias em nosso universo observável".<sup>149</sup>

O anúncio dos vencedores do Prêmio Nobel de Física de 2019 aumentou ainda mais a necessidade de estarmos abertos à possibilidade de vida em algum outro lugar do universo. Didier Queloz, um dos ganhadores do prêmio, descobriu um planeta do tamanho de Júpiter, chamado de *51 Pegasi b*, que é bastante diferente de qualquer outro que se pensava existir anteriormente. Em vez de ser medida em anos da terra, sua órbita dura quatro dias. Na época de sua descoberta, a própria existência de outros planetas era uma questão em aberto, mas a descoberta iniciou um campo totalmente novo, que agora identificou 4.118 exoplanetas. Comentando sobre a questão da existência de vida em outros planetas, Queloz disse: "Eu não posso acreditar que somos a única entidade viva no universo. Simplesmente existem muitos planetas, muitas estrelas e a química é universal. A química que gerou a vida tem que acontecer em outros lugares".<sup>150</sup> Se existe vida em outras partes do universo continua sendo uma questão em aberto, mas nenhum bem é feito à causa do cristianismo ao negar essa possibilidade. Seguir esse caminho seria repetir as divergências anteriores sobre a existência de *antípodas*.

## O Universo em Expansão tem Alguma Implicação para a Teologia Cristã?

É significativo que uma edição recente (novembro de 2018) da conceituada revista *Theology and Science* seja dedicado inteiramente ao que eles chamam de "astroteologia". O editorial dessa edição<sup>151</sup> faz referência a um livro recém-publicado, com o título de *Astrotheology: Science and Theology Meet Extraterrestrial Life* (Astroteologia: Ciência e Teologia Encontram a Vida Extraterrestre). Ele foi editado por Ted Peters, que é também o editor do jornal *Theology and Science*. Os títulos de algumas das contribuições dessa edição especial dão uma ideia do que é apresentado nela. Por exemplo, o artigo de David Wilkinson tem o título de "Why Should Theology Take SETI Seriously?" (Por que a Teologia Deve Levar a Busca de Inteligência Extraterrestre a Sério?) O trabalho de Andrew Davison tem o título "Christian Systematic Theology and Life Elsewhere in the Universe: A Study in Suitability" (Teologia Cristã Sistemática e Vida em Outro Lugar no Universo: Um Estudo de Adequação". O trabalho de Alexei Nesteruk tem o título de "The Motive of the Incarnation in Christian Theology: Consequences for Modern Cosmology, Extraterrestrial Intelligence, and a Hypothesis of Multiple Incarnations" (O Motivo da Encarnação na Teologia Cristã: As

---

<sup>149</sup>. Edit, "Out of This World."

<sup>150</sup>. Ritschel, "Aliens Will Likely Be Discovered."

<sup>151</sup>. Peters, "Astrotheology."

Consequências para a Cosmologia Moderna, a Inteligência Extraterrestre e uma Hipótese de Encarnações Múltiplas). O desafio para pensadores cristãos contemporâneos é abordar essas questões de uma maneira acessível ao indivíduo médio, que não é nem cientista espacial nem teólogo. Já é evidente, a partir das contribuições criteriosas listadas acima, que cientistas e teólogos bem-informados estão cientes dos perigos de reações instintivas e procuram tranquilizar as pessoas cristãs preocupadas com as possíveis implicações para sua fé da existência de seres sencientes em outros lugares do universo. Entretanto, uma breve pausa e atenção à história da igreja pode imediatamente ajudar a contextualizar as preocupações de hoje com a astroteologia.

## **Aprendendo com o Passado**

Uma das perguntas levantadas pela possibilidade de existência de seres extraterrestres é se eles são contemplados pelo sacrifício cabal da morte de Cristo no Calvário. Diante de novos desafios ao nosso pensamento tradicional sobre a universalidade do amor redentor de Cristo, é muito fácil ignorar o pensamento profundo dos grandes cristãos do passado, como Santo Agostinho. Ele se debateu com essas questões quando pensou e escreveu sobre a situação das pessoas que foram rotuladas como antípodas: seres humanos vivendo no outro lado do mundo conhecido daquela época. *Para Agostinho e teólogos medievais, a possível existência dos chamados antípodas era semelhante às preocupações atuais com a possível existência de seres extraterrestres, mesmo que os antípodas compartilhassem nosso próprio planeta, já que se pensava que eles eram geneticamente desconectados de nós.* Portanto, à medida que os teólogos de hoje se engajam nestes novos campos da astroteologia, é de vital importância ter em mente que o cristianismo já passou por isso antes. Além disso, pelo menos desde a Renascença até o século 19, havia, entre as pessoas cristãs e não-cristãs, uma crença generalizada na existência de habitantes extraterrestres. Portanto, será importante estudar a literatura cristã dos séculos passados à luz dos interesses e preocupações contemporâneas.

Os debates e ansiedades atuais sobre o possível impacto da existência de vida extraterrestre inteligente nos lembram, portanto, os debates antigos e medievais sobre a existência de antípodas e habitantes antípodas. Esse debate chegou a um ponto de inflexão nas palavras de Agostinho em *Cidade de Deus*, onde ele se mostrou pouco preocupado com a existência destas supostas terras e mesmo com os habitantes não humanos. Ele se preocupou mais com o impacto de habitantes semelhantes a humanos para a ancestralidade comum da humanidade. Diante dessa questão e da falta de provas históricas/científicas da existência

de antípodas, ele preferiu negar sua existência e considerá-los como uma fábula.<sup>152</sup> Essas poucas linhas de Agostinho tiveram um imenso impacto no debate medieval sobre os antípodas, que foram sistematicamente rejeitados até o final do século 15.

Teólogos medievais discutiram as diferentes possibilidades se eles existissem. Seriam eles pecadores ou não? Se fossem pecadores, teriam sido afetados pela redenção de Cristo? Será que Cristo vai encarnar em outro lugar e morrer novamente? O debate naquela época relacionava-se aos habitantes do outro lado (do ponto de vista europeu) de nosso planeta, que supostamente não poderiam ser alcançados por causa do calor extremo na linha do equador e da impossibilidade de cruzar os oceanos. Nesse sentido, pelo menos, as questões não eram tão diferentes de alguns debates atuais em astroteologia.

Ao refletir sobre a mudança das visões do universo entre cientistas no final do século passado, Owen Gingerich, na época professor de Astronomia e História da Ciência da Universidade de Harvard e astrônomo sênior do Observatório Astrofísico Smithsonian, escreveu:

Quando o salmista perguntou: “Que é o homem, para que com ele te importes?” Eu diria que a declaração reflete a suprema Majestade do que deve ser uma superinteligência criadora, *um Deus muito grande de fato*. Mas eu também citaria outra passagem, Genesis 1:27: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”, e eu responderia que, como seres contemplativos, criados à imagem de Deus, com atributos de criatividade, consciência e autoconsciência, somos essenciais para os propósitos do cosmos. Compreender o cosmos é parte desse propósito. Compreender o papel da raça humana também faz parte desse propósito. O Livro da Natureza e o Livro das Escrituras. Para mim, fé não é fé cega, e sim, confiança. E eu confio que, à medida que aprendemos mais sobre o vasto escopo cósmico e nosso lugar nele, nosso senso do mundo espiritual jamais irá atrofiar, e sim sempre expandir.<sup>153</sup>

As referências passageiras de Gingerich a "fé", "fé cega" e "confiança" levantam questões fundamentais que devemos abordar em uma época em que é indiscutível que temos que enfrentar não apenas "Deuses encolhidos", mas também o espetáculo da "fé encolhida".

---

<sup>152</sup>. Agostinho, *Cidade de Deus*.

<sup>153</sup>. Gingerich, “Astronomical Perspective”, 45 (grifo nosso).

## De Volta às Escrituras.

“São as Escrituras que dão vida às pessoas - o livro onde elas encontram Jesus e o encontram falando com elas.”<sup>154</sup> Mas nosso modo de considerar as Escrituras tem consequências para nosso modo de compreendê-las e como procuramos viver de acordo com elas. Wright preocupa-se profundamente com o fato de que nem todos veem as coisas dessa maneira. Ele diz que:

Para alguns, as Escrituras em si, exceto em alguns versículos e passagens selecionadas, se tornou um dogma seco e empoeirado. Estão cheias de problemas e enigmas, leituras alternativas e teorias privadas de interpretação, e parece-lhes como um buraco negro que pode sugar toda a energia de pessoas que, caso contrário, seriam boas cristãs (exegetas e pregadores) e sem dar muito em troca. Para elas, o que importa é invocar o espírito, adorar por mais e mais tempo, realizar prolongadas reuniões de oração e louvor, dizer aos outros como é maravilhoso ter uma relação viva com Jesus. Essas pessoas assumem (já que o contexto da tradição é amplamente evangélico), que as Escrituras permanecem em algum sentido normativas, *mas há pouca clareza sobre como elas exercem essa normatividade, ou como exercem qualquer coisa, ou como se envolvem com sua vida e fé.*<sup>155</sup>

Quando as coisas começam a acontecer da maneira que Wright descreve, então *imediatamente o Deus vivo das Escrituras se reduz muito rapidamente* à dependência de formas particulares de adoração, formas particulares de oração, formas particulares de louvor e formas particulares de testemunho - uma variedade de "deuses encolhidos".

## Verificações e Equilíbrio com Base na Ciência

Para ilustrar algumas de suas preocupações sobre nossa prontidão em nos prendermos facilmente a interpretações tradicionais de passagens específicas das Escrituras, N. T. Wright usa o exemplo de pontos de vista largamente difundidos e defendidos com veemência sobre o que as Escrituras ensinam sobre a segunda vinda de Cristo. Refletindo sobre o pensamento confuso em torno da chamada "segunda vinda" e do que tem sido rotulado como "dogma do atraso", Wright observa que, "Não podemos, em hipótese alguma, pensar em catástrofes cósmicas divinamente engendradas, agora que a ciência moderna nos ensinou o contrário. É provável que o "fim do mundo" venha através do

---

<sup>154</sup>. Wright, "Reading Paul", 59.

<sup>155</sup>. Wright, "Reading Paul", 59 (grifo nosso).

resfriamento do sol, não através de uma milagrosa intervenção divina".<sup>156</sup> Posteriormente, Wright observou:

Para o “dogma do atraso”, porém, tudo mais pode ser alegremente simbólico, mas por alguma razão “o filho do homem que surge nas nuvens” tem que ser literal. ... Mas a antiga esperança de Israel - que é o que representam todos estes textos apocalípticos - não era pelo fim do mundo, mas pela *transformação* do mundo; em especial, pela transformação das realidades sociais e políticas reais para que a justiça fosse feita, a maldade fosse desviada, e Israel fosse livre em sua própria terra.<sup>157</sup>

Ao contrário, devemos ver, como N. T. Wright argumentou ao discutir o significado da referência ao “dia do Senhor”, que, “Estes serão *eventos transformadores dentro do mundo do espaço-tempo contínuo*, não a destruição daquele mundo e sua substituição por um outro, ‘puramente sobrenatural’. Tudo o que Paulo diz sobre o *advento* precisa ser visto com essa perspectiva.”<sup>158</sup> *Um Deus escapista é outro Deus encolhido*.

## Os Perigos de Substituir as Escrituras pela Fantasia e Experiência

O desafio para as pessoas cristãs de hoje, como no passado, é como manter um relacionamento próximo com a revelação bíblica de Deus e sua natureza e não sucumbir à tentação de “fazer deuses” apenas para satisfazer nossos próprios desejos e necessidades imediatas. O Deus da tradição hebraico-cristã não é *encolhido*, mas um *Deus em constante expansão* que espera que nossa espiritualidade se expanda a cada nova revelação do poder e da majestade de sua criação. Capítulos posteriores deste livro mostrarão como o trabalho de cientistas dedicados nos deu novos vislumbres de como “maravilhosamente fomos feitos” e como nosso Deus é imenso. O Deus hebraico-cristão é, ao mesmo tempo, um Deus que chama ao discipulado, que desafia, mas ao mesmo tempo também promete: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei (Mateus 11:28 ACF).

Existe uma linha tênue entre acolher e aplaudir todos os esforços para compartilhar da forma mais ampla possível as boas novas do evangelho de Jesus Cristo, como eu faço, e, ao mesmo tempo, expressar profundas preocupações que hoje, infelizmente, esse compartilhamento, às vezes, degrada, distorce e rebaixa o foco da própria mensagem. A ideia de um “supermercado de deuses” nos lembra que essa tentação não é nova. Quarenta anos atrás, Eugene Petersen já alertava suas congregações nas manhãs de domingo sobre

---

<sup>156</sup>. Wright, “Hope Deferred”, 41.

<sup>157</sup>. Wright, “Hope Deferred”, 50.

<sup>158</sup>. Wright, “Hope Deferred”, 56 (grifo nosso).

os perigos e as lembrava de que “fazer deuses” para atender a nossas necessidades não é novidade. Ele escreveu:

Você pode comprar uma religião de promessas e sábios dizeres e interessantes respostas a grandes questões por quinze ou vinte dólares. O mundo está cheio dessas coisas. Mas o que a maioria de nós quer saber é: elas *acontecem* realmente? Podem *acontecer aqui*? E estão *vivas*? Temos que fazer as perguntas teimosamente práticas no que se refere a Deus e à igreja. Eu não tenho paciência com uma verdade que não pode ser vivida, e também não quero que você tenha paciência com ela.<sup>159</sup>

Esses temas são salientados e ilustrados em *Uma Longa Obediência na Mesma Direção*. Prosseguindo com sua crítica ao tema da gratificação instantânea e do imediatismo, Peterson escreveu:

“Não é difícil num mundo desses conseguir que uma pessoa fique interessada na mensagem do evangelho; é *terrivelmente difícil sustentar o interesse*. Milhões de pessoas, na nossa cultura se decidem a favor de Cristo, *mas há uma porcentagem de desgaste terrível*. Muitos afirmam ter nascido de novo, mas a evidência de um discipulado cristão maduro é fraca. Em nosso tipo de cultura, qualquer coisa, até notícia sobre Deus, pode ser vendida se tiver embalagem novinha; mas quando perde a novidade, vai para o lixo. *Há um grande mercado para a experiência religiosa no nosso mundo*; há pouco entusiasmo pela paciente aquisição de virtude, pouca vontade de assinar o contrato de uma longa aprendizagem naquilo que gerações cristãs anteriores chamavam de santidade.<sup>160</sup>

Para ilustrar os “deuses encolhidos” de hoje, ele continua:

No nosso tempo, a religião foi tomada pela mentalidade de turista. A religião é entendida como sendo uma visita a um local atraente quando temos tempo disponível. Para alguns é um passeio semanal à igreja; para outros, visitas ocasionais a cultos especiais. Alguns, com inclinação para entretenimento religioso e diversão sagrada, planejam a vida em torno de eventos especiais como retiros, concentrações e conferências. Vamos para ver uma nova personalidade, ouvir uma nova verdade, obter uma nova experiência e assim de alguma forma ampliar nossa vida que, sem alguma novidade, seria monótona. A vida religiosa é definida como a mais recente e a mais nova: Zen, curas de fé, potencial humano, parapsicologia, vida de sucesso, coreografia no santuário, Armagedom. Nós tentamos qualquer coisa — até que apareça alguma novidade.<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup>. Peterson, *As Kingfishers Catch Fire*, 24 (grifo no original).

<sup>160</sup>. Peterson, *Longa Obediência* (grifo nosso).

<sup>161</sup>. Peterson, *Longa Obediência*.

Continuando nesse tema, ele observa:

Todo mundo está com pressa. As pessoas que dirijo no culto, entre as quais eu aconselho, visito, oro, prego e ensino, *querem atalhos*. Querem que eu as ajude a preencher o formulário que lhes proporcionará crédito instantâneo (na eternidade). São impacientes por resultados. Adotaram o estilo de vida de um turista e só querem os pontos altos. Mas o pastor não é um guia de turismo. Não tenho interesse em contar narrativas religiosas apócrifas em e sobre sítios sagrados de identificação dúbia. A vida cristã não consegue amadurecer sob essas condições e essas tais maneiras.<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup>. Peterson, *Longa Obediência*.

## SEÇÃO II - HISTÓRIAS DE ENRIQUECIMENTO MÚTUO

### VISÃO GERAL

Cada nova conquista já alcançada pela ciência envolveu a perda de um domínio da religião.<sup>163</sup>

Teólogos extintos jazem sobre o berço de toda ciência como as cobras estranguladas ao lado do berço de Hércules; e a história registra que sempre que a ciência e a ortodoxia se opuseram de forma justa, esta última foi forçada a se retirar das fileiras, sangrando e esmagada, se não aniquilada; queimada, se não assassinada.<sup>164</sup>

### Conflitos Reais e Imaginários: Colocando em Perspectiva Histórica

No prefácio deste livro, citei um típico e-mail que recebo de vez em quando, ilustrando que hoje existem estudantes cristãos honestos, racionais e sinceros que lutam com conflitos aparentes entre os princípios de sua fé cristã e o que aprendem sobre o mundo em que vivem e do qual fazem parte, em suas palestras nas universidades e faculdades. Alguns dos conflitos são gerados involuntariamente e reforçados pelo que essa juventude cristã ouve de seus pastores e líderes da igreja. Suas dificuldades estão agora bem documentadas por inúmeras pesquisas do Pew Research Center e do Grupo Barna nos EUA, e mais recentemente pelo trabalho da Organização BioLogos. Muitas vezes, novamente como fica claro com base nessas pesquisas, existem diversos focos recorrentes dessas fontes de conflito.

Uma típica resposta “instintiva” à pergunta: “Qual é a relação entre ciência e religião?” é: “Existe um conflito”. As raízes desta resposta amplamente difundida são profundas. Certos episódios históricos importantes deram origem à visão de que sempre existiu e sempre existirá um conflito entre ciência e religião. Nas mãos de um bom narrador, é possível listar

---

<sup>163</sup>. Boston Cultivator, “Science and Religion.”

<sup>164</sup>. Huxley, “Darwin.”

uma sucessão de confrontos - quase sempre retratados com dois lados em disputa, e sempre com o mesmo lado (o cristianismo) apresentado em defesa de pontos de vista sem sentido, que foram destruídos pela ciência. A narrativa resultante retrata uma ciência vitoriosa, que força um inimigo religioso derrotado a recuar sistematicamente e, e em algum momento, desaparecer.

Para demonstrar o conflito “ciência versus cristianismo”, costuma-se citar quatro episódios típicos:

1. nos tempos antigos/patrísticos, o debate sobre o formato da terra (achatada ou redonda);
2. na época medieval, a negação dos antípodas (seres humanos que viviam no outro lado da terra);
3. no início da era moderna, o debate sobre o movimento da terra (estacionária ou em órbita do sol);
4. no período contemporâneo, a rejeição da evolução das espécies.

Em todos esses casos, disseram-nos que o cristianismo finalmente teve que abandonar suas posições anteriores e recuar, reconhecendo a autoridade da ciência sobre a questão em disputa até que um novo conflito eclodisse na nova fronteira ciência/cristianismo. Contudo, uma pesquisa mais criteriosa desses episódios históricos mostra um quadro muito mais complexo, que resiste a esses realinhamentos simplistas e arranjados do campo de batalha. Esse caso é mostrado em detalhes em um trabalho de Pablo de Felipe e Malcolm Jeeves.<sup>165</sup>

Outros autores, como Alistair McGrath, Colin Russell e John Henry, observaram que a narrativa de “ciência versus religião” é obsoleta, desatualizada e largamente desacreditada. Ela se sustenta não pelo peso das evidências, mas por uma repetição acrítica interminável, que cuidadosamente evita a nova erudição histórica que comprometeu sua credibilidade. Podemos concluir que um retrato de “conflito-recuo” das relações entre ciência e religião nos conta apenas uma parte da história que, na verdade, é mais complexa.

A ideia popular de um conflito, uma batalha entre a ciência e o cristianismo, na qual ele está em um recuo milenar e perdendo terreno para ela, é uma fábula moderna, com um claro rancor anticristão. Aparentemente, o chamado “modelo de conflito-recuo” não foi popularizado até as décadas finais do século 19. As palavras-chave que popularizam o “modelo de conflito” vieram dos seguintes livros famosos: John William Draper, *History of*

---

<sup>165</sup>. De Felipe e Jeeves, “Science and Christianity Conflicts.”

*the Conflict between Religion and Science (História do Conflito entre Religião e Ciência)*; John Tyndall, *Address Delivered before the British Association Assembled at Belfast (Discurso proferido perante a Associação Britânica reunida em Belfast)*; Andrew Dickson White, *The Warfare of Science (A Guerra da Ciência)*; e *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom (Uma História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade)*. Seu retrato do relacionamento histórico entre ciência e cristianismo se encaixa não apenas no modelo simples de conflito, mas também no modelo de conflito-recuo. Para mais detalhes sobre essa história, vide artigo de Colin Russell, com o título de *"The Conflict Metaphor and Its Social Origins"* (A Metáfora de Conflito e Suas Origens Sociais).

R. L. Numbers rastreou seu início, pelo menos até um artigo de 1845 em um jornal norte-americano que declarava: "Cada nova conquista já alcançada pela ciência envolveu a perda de um domínio da religião".<sup>166</sup> Entretanto, a ideia já estava indiscutivelmente implícita no meio intelectual do Iluminismo.<sup>167</sup> O modelo de conflito é uma simplificação excessiva, já que a história das relações entre ciência e cristianismo mostra uma história muito mais complexa e mais rica.

Os modelos históricos gerais predominantes de amigos e inimigos são imprecisos. Se a ideia de conflito como explicação para as relações entre ciência e cristianismo é inadequada, o uso de episódios históricos que dão *a impressão de um direcionamento histórico* - ou seja, um recuo cristão sob a marcha da ciência, aqui descrita como um modelo de "conflito-recuo" - *é pura fabricação e manipulação das evidências*. Apontando para o fato de que "a mesma inovação científica poderia ser dada tanto à leitura sagrada quanto à secular", John H. Brooke chegou à conclusão de que "as 'relações entre ciência e religião' não podem ser reduzidas a um simples padrão de recuo religioso à medida que as ciências avançam".<sup>168</sup> De fato, é necessário ser mais crítico e questionar até mesmo a possibilidade de qualquer generalização, como o próprio Brooke apontou anos atrás: "Não existe essa coisa de *um* relacionamento entre ciência e religião Trata-se do que diferentes pessoas e comunidades fizeram dele em uma infinidade de diferentes contextos".<sup>169</sup> Peter Harrison também questionou o uso das palavras "ciência" e "religião", em generalizações que duraram séculos; essas palavras não representam as imensas transformações intelectuais no significado dessas palavras e conceitos.<sup>170</sup>

---

<sup>166</sup>. Boston Cultivator, "Science and Religion", 344.

<sup>167</sup>. Brooke, "Science and Religion."

<sup>168</sup>. Brooke, "Science and Religion", 746.

<sup>169</sup>. Brooke, *Science and Religion*, 321.

<sup>170</sup>. Harrison, *Territórios da Ciência e da Religião*.

Um conjunto diferente de episódios históricos retrata as relações entre ciência e cristianismo de um modo muito diferente daquele que costuma ser transmitido com o conjunto “tradicional” de episódios históricos.<sup>171</sup> Se prestarmos atenção a esses episódios alternativos, teremos uma imagem muito mais positiva do cristianismo em seu relacionamento com a ciência. Contudo, isso não nos levou a propor um modelo de “anticonflito”, apenas para corrigir a tendência habitual e ilustrar que é possível dar uma descrição mais complexa. É por esse motivo que não podemos aceitar algumas das tentativas “apologéticas” de negar ou minimizar os debates históricos em torno das relações entre ciência e cristianismo em questões controversas específicas. Nenhuma tese anticonflito para favorecer a causa do cristianismo é aceitável, se exigir a negação das evidências históricas. Este tipo de pensamento pode ser considerado um dos mitos sobre ciência e religião, como indicado por Noah Efron.<sup>172</sup> No passado, historiadores como Pierre Duhem,<sup>173</sup> Stanley Jaki,<sup>174</sup> e mesmo Reijer Hooykaas<sup>175</sup> foram criticados por esse tipo de raciocínio. É verdade que eles enfatizaram as contribuições positivas do cristianismo para o desenvolvimento da ciência moderna (com alguns episódios que observamos aqui no segundo conjunto de exemplos), embora seja discutível até que ponto suas opiniões extrapolaram os limites tanto da evidência histórica disponível como da interpretação fundamentada. Uma crítica direta às opiniões históricas de Jaki e Hooykaas sobre a grande influência do cristianismo no desenvolvimento da ciência moderna apareceu na introdução e em alguns capítulos de um livro editado por David Lindberg e Ronald Numbers intitulado *God and Nature: Historical Essays on the Encounter between Christianity and Science* (Deus e a Natureza: Ensaio Histórico sobre o Encontro entre Cristianismo e Ciência). Uma crítica ainda mais ácida às opiniões de Jaki pode ser encontrada na revisão feita por Lindberg, de sua obra *The Savior of Science*<sup>176</sup> (O Salvador da Ciência). Quanto a Hooykaas, é justo dizer que as críticas que recebeu foram principalmente por seu livro, *Religion and the Rise of Modern Science* (Religião e a Ascensão da Ciência Moderna), que foi rotulado como apologético em favor do protestantismo (levando em conta que ele mesmo era protestante). Contudo, essas críticas não mencionam seu trabalho que enfatiza o papel dos navegantes portugueses na ascensão da ciência moderna um século antes da Reforma.<sup>177</sup>

Recentemente, os historiadores abandonaram os modelos de conflito e anticonflito para encontrar a complexidade da vida real, como observado por David Lindberg<sup>178</sup> e John

---

<sup>171</sup>. de Felipe e Jeeves, “Science and Christianity Conflicts.”

<sup>172</sup>. Efron, “Christianity Gave Birth.”

<sup>173</sup>. Duhem, *History and Philosophy of Science*.

<sup>174</sup>. Jaki, *Savior of Science*; Jaki, *Bible and Science*.

<sup>175</sup>. Hooykaas, *Religion and Modern Science*.

<sup>176</sup>. Lindberg, “Review.”

<sup>177</sup>. Hooykaas, *Science in Manueline Style*; Hooykaas, “Rise of Modern Science.”

<sup>178</sup>. Lindberg, “Fate of Science.”

Brooke.<sup>179</sup> Assim, a história recontada não é de guerra entre ciência e igreja. Também não é uma história de constante apoio e aprovação. Em vez disso, o que encontramos, como deveríamos ter suspeitado, é uma relação que demonstra toda a variedade e complexidade com a qual estamos familiarizados em outros domínios do esforço humano - conflito, compromisso, acomodação, diálogo, alienação, a criação de uma causa em comum e caminhos separados.

Embora os historiadores tenham estudado intensamente as relações entre ciência e cristianismo no século passado e a maioria tenha alcançado uma visão equilibrada, a mídia popular ainda precisa descobrir essas interações complexas. Um relato completo da ciência e das relações de fé deve dar sentido aos eventos incontestáveis, assim como aos conflitos. É hora de *redefinir a agenda* na divulgação da história da ciência e da fé, especialmente nos meios populares - televisão, filmes, peças de teatro, imprensa, recursos educacionais, livros didáticos e outros.

Ao abordarmos essa evidência, escrevo este livro em um momento em que fomos advertidos de que dentro de algumas semanas enfrentaremos os efeitos do pico da pandemia da COVID-19 na Grã-Bretanha. Poucas vezes antes a relevância da ciência para as políticas públicas foi invocada com tanta frequência pelos líderes nacionais. Em suas aparições na televisão, tanto o Presidente dos Estados Unidos como o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha se esforçam para salientar que estão seguindo "as melhores evidências médicas e científicas disponíveis". Por exemplo, Sir Patrick Vallance, Conselheiro Científico Chefe na Grã-Bretanha, que havia enfatizado várias vezes ao longo do tempo que todas as suas recomendações eram baseadas na "melhor ciência e modelagem científica disponível" observou: "Devemos estar preparados para mudar de opinião à medida que as evidências mudarem. Não podemos seguir com um plano fixo que seja imutável".<sup>180</sup> Por razões compreensíveis, nos baseamos nas melhores evidências científicas e médicas disponíveis para garantir nossa saúde e bem-estar. Por que, então, às vezes, algumas pessoas parecem relutar em se basear nas evidências científicas relevantes para entender e interpretar as Escrituras? E não é apenas no reino da ciência, mas no reino da erudição e interpretação bíblica que devemos procurar "tirar proveito das melhores evidências disponíveis". Nos próximos capítulos desta seção, ao tratarmos de questões de compreensão da Bíblia, procuraremos aproveitar tanto as melhores evidências científicas relevantes disponíveis como as mais atualizadas trazidas por biblistas dedicados. Ao abordarmos essas evidências,

---

<sup>179</sup>. Brooke, "Historians."

<sup>180</sup>. Vallance, "Herd Immunity."

devemos de fato estar preparados para mudar de opinião conforme que as evidências mudam.

Questões típicas e muito recorrentes dizem respeito a como, nos dias de hoje, devemos interpretar adequadamente as passagens das Escrituras que nos dão *insights* sobre nossas origens humanas, e sobre nossa natureza humana. Além disso, por causa das afirmações por vezes dramáticas feitas nos púlpitos sobre eventos milagrosos, estudantes cristãos honestos são forçados a repensar o que as Escrituras realmente ensinam sobre milagres, suas ocorrências, seus propósitos e suas interpretações. Nesta seção do livro, portanto, abordamos em detalhes algumas dessas questões recorrentes. Explicamos como, com honestidade e integridade, a consciência do que aprendemos *tanto* com base na ciência moderna e na medicina *como* por meio das pesquisas sobre o que os estudiosos da Bíblia bem-informados agora nos dizem sobre como interpretar as partes das Escrituras que parecem abordar essas mesmas questões, nos leva a uma nova e maior visão do Deus que adoramos e servimos.

## 4. Origens Humanas: A Evidência da Ciência

Se a antropologia teológica pretende evitar o isolamento teórico do mundo acadêmico geral e manter sua relevância para as gerações atuais e futuras, ela deve ouvir os detalhes mais refinados de uma ampla gama de narrativas seculares sobre a personalidade.<sup>181</sup>

A disputa sobre a "ciência da criação" continua muito acirrada, e assim continua a exigir um alto custo tanto no estudo sério da natureza quanto no aprendizado sério das Escrituras.<sup>182</sup>

A história de bancos de igreja vazios não é apenas uma obra de ficção. É o que está acontecendo em todo este país à medida que as gerações mais jovens abandonam a fé cristã, sendo a juventude incapaz de se identificar com uma igreja que elas sentem que rejeitou a ciência. Como eu, você sabe que o suposto conflito entre fé e ciência é uma falsa narrativa, e que é possível apresentar um caminho melhor a quem se sente obrigado a escolher. Um caminho que demonstre a harmonia entre a ciência e a fé bíblica identificada nos dois livros de Deus: a Bíblia e o livro da natureza. Como nos diz o salmista, "Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos."<sup>183</sup>

### Ouvindo os Cientistas

#### De Onde Viemos e Quando?

Somos criaturas estranhas e complicadas. Compartilhamos muitos traços, incluindo habilidades cognitivas e emoções, com outros animais, e aprendemos cada vez mais que os limites entre eles e nós são nebulosos e permeáveis. Surgem novos *insights* sobre a natureza humana com base nas pesquisas de biólogos evolucionistas, psicólogos evolucionistas, psicólogos sociais, neurocientistas cognitivos, neurologistas, geneticistas, arqueólogos e antropólogos. Como a mente humana atingiu seu estado e complexidade atuais continua a ser um mistério. Ainda estamos em busca de respostas para questões como: Como surgiu a consciência? Como se desenvolveu a linguagem? Como surgiu o potencial para a tomada de decisões éticas e o comportamento moral? Ao começarmos a encontrar respostas para algumas destas perguntas, devemos questionar ainda mais qual é

---

<sup>181</sup>. Turner, "Disunity and Disorder", 135.

<sup>182</sup>. Noll, *Jesus Christ*, 161.

<sup>183</sup>. Haarsma, "Empty Pew."

a relação entre estes entendimentos da natureza humana e os baseados no conceito teológico da humanidade feita à imagem de Deus. A compreensão das origens humanas é claramente um desafio multidisciplinar. A diversidade de opiniões pode ser positiva. Ela pode trazer uma consciência mais profunda da complexidade das questões em discussão e das evidências relevantes que precisam ser consideradas.

Em resposta à necessidade de conhecimento atualizado de uma série de disciplinas relevantes para os enigmas sobre nossas origens, em 2015, as deliberações de um grupo de importantes cientistas e teólogos foram publicadas com o título de *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap*<sup>184</sup> (O Surgimento da Personalidade: Um Salto Quântico). Todos os participantes reconheceram e aceitaram as afirmações bem documentadas e testadas dos poderes explicativos da teoria neo-neodarwiniana da evolução biológica. Ao mesmo tempo, reconheceram que ainda existem perguntas sem respostas que devem ser resolvidas, como observado em um livro recente intitulado *Darwin's Unfinished Symphony* (A Sinfonia Inacabada de Darwin) de Kevin Laland, meu colega em St. Andrews.

Ficou claro que esta ainda é uma questão muito atual com a publicação, pela revista *Nature* de um comentário provocador intitulado “*Does Evolutionary Theory Need a Rethink?*” (Será que a Teoria Evolutiva Precisa de um Repensar?). Os renomados autores Kevin Laland e Tobias Uller argumentaram em sua obra que a teoria evolucionista realmente precisa ser repensada. Porém, é necessário um repensar baseado em evidências, e não uma manobra publicitária espalhafatosa. Os autores argumentaram que a "síntese moderna" da teoria evolucionista de genética e seleção natural, com décadas de existência, havia se concentrado demais nos genes com os quais um organismo nasce, e não aborda suficientemente a forma como os organismos se desenvolvem e interagem com seu ambiente para afetar a adaptação e a herança. Nos últimos cinco anos, Laland, Uller e colegas de todo o mundo realizaram um conjunto de estudos destinados a colocar à prova sua visão de uma síntese evolutiva ampliada, realizando experimentos para investigar como fatores não genéticos mudam a forma como os organismos evoluem. Relatórios completos desta pesquisa inovadora apareceram e continuam a aparecer em revistas científicas e em um grande volume editado.<sup>185</sup>

Sua análise demonstrou que a síntese evolucionista moderna tem sido de fato um alvo móvel, particularmente no que diz respeito à forma como os mecanismos de desenvolvimento e o conhecimento socialmente aprendido moldam a inovação evolucionista. Por exemplo, uma descoberta interessante foi que a plasticidade do

---

<sup>184</sup>. Uma obra na qual participei como editor.

<sup>185</sup>. Uller and Laland, *Evolutionary Causation*.

desenvolvimento pode direcionar a evolução (o que sugere que os genes podem ser seguidores, e não líderes, na evolução). O ponto importante é que a *ciência avança* - e isso se aplica tanto à teoria evolucionista quanto a qualquer outra teoria. O fato de que a compreensão científica sobre a evolução biológica continua a mudar deve ser mais um aviso aos apologistas cristãos sobre o perigo de tentar fazer com que uma determinada interpretação das Escrituras se ajuste a uma teoria científica específica. Essa abordagem está, por sua natureza, condenada ao fracasso. A ciência avança, oferecendo novos olhares sobre como os seres humanos vieram a se tornar da forma como somos hoje. Para uma pessoa cristã, os novos *insights* serão uma nova evidência da sustentação de Deus a cada momento no trabalho através dos tempos.

Como exemplo mais detalhado para ilustrar como as diversas correntes dos dados científicos trouxeram novos *insights* sobre a personalidade humana, vamos considerar a consulta interdisciplinar relatada em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap*<sup>186</sup> (O Surgimento da Personalidade: Um Salto Quântico). Uma das questões que os colaboradores desse volume tiveram em mente foi se, na compreensão da natureza e do surgimento da personalidade humana, existem lacunas nas histórias científicas onde a referência a Deus foi feita com demasiada facilidade. Os colaboradores analisaram as evidências da paleoarqueologia, antropologia, genética, neurologia, sociobiologia, psicologia evolucionista, neuropsicologia e a ciência cognitiva da religião. Todas essas disciplinas têm algo a dizer sobre as origens humanas e a personalidade humana. Por exemplo, eles perguntaram se os processos evolucionistas sozinhos levaram ao desenvolvimento gradual das características humanas ou se houve, durante o caminho, alguns “saltos quânticos”. Todos eles estavam bem cientes de que, nos dias de hoje, qualquer lacuna aparente apresentaria para algumas pessoas uma tentação quase irresistível de preenchê-la com a invocação de Deus. Do ponto de vista científico, essa lacuna poderia, em princípio, com o tempo e mais pesquisas, ser preenchida, por exemplo, pela descoberta de mutações genéticas específicas ou pela crescente complexidade das redes neurais no cérebro que, juntas ou separadamente, podem ter resultado em habilidades ou características distintamente humanas. O consenso geral, amplificado abaixo, foi que, de forma geral, as evidências consideradas endossaram o que poderíamos chamar de uma abordagem gradualista. Isto é importante, porque no contexto de debates mais amplos sobre a relação entre ciência e crenças religiosas, tem havido uma constante tentação de procurar lacunas na evidência científica e de encaixar Deus nessas lacunas como um conceito explicativo adicional.

---

<sup>186</sup>. Jeeves, ed., *Emergence of Personhood*.

Donald MacKay, um físico e cientista do cérebro, escreveu:

Há uma abordagem bastante comum que poderíamos chamar de "procurar a Deus nas lacunas". ... Você explica as coisas cientificamente até onde pode ir, depois traz Deus para explicar o que sobra. Você concorda em uma espécie de divisão de território em "as partes da natureza que a ciência pode explicar e Deus não pode tocar" e "as partes onde a ciência fracassou até agora e talvez seja trabalho de Deus". *Então, é claro, Deus é colocado em um território em constante declínio, podendo ser devastado por qualquer nova descoberta em nosso jornal da manhã.* ... A questão é que, por mais imperfeita que seja a compreensão de um cientista sobre os processos que estuda, ela faz avançar uma ideia não-cristã de Deus ao sugerir que Seu trabalho é visto apenas nas partes da natureza que intrigam os cientistas.<sup>187</sup>

*Em resumo, essa abordagem do "deus das lacunas" é a receita para encolher sistematicamente o Deus em que acreditamos.*

## Indicadores de Disciplinas Relevantes

Com base nos capítulos do livro *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap*, podemos ter uma amostra de como diferentes disciplinas científicas relevantes podem oferecer novos *insights* sobre como nossa misteriosa natureza humana veio a ser como é.

### Da Genética

#### *Perguntas Típicas*

Nosso senso moral é mais uma dimensão de nossa constituição biológica? Os valores éticos são um produto da evolução biológica, ou são conferidos por tradições religiosas e outras tradições culturais? Os Neandertais tinham valores morais? Será que nossas espécies ancestrais *Homo erectus* e *Homo habilis* desenvolveram um senso moral? O senso moral foi promovido diretamente pela seleção natural, ou surgiu como subproduto de algum outro atributo, como a racionalidade, que era um alvo direto da seleção? Ou, como alternativa, o senso moral é resultado da evolução cultural e não da evolução biológica?

#### *Indicadores da Ciência*

O geneticista Francisco Ayala observou que a distinção entre *senso moral* e *normas morais* é importante. Ele enfatizou que devemos fazer uma distinção entre a *capacidade de ética* e

---

<sup>187</sup>. MacKay, *Open Mind*, 34 (grifo nosso).

os sistemas ou *códigos de normas éticas* aceitos pelo ser humano serem determinados biologicamente. Ele argumentou que uma diferenciação semelhante pode ser feita com relação à linguagem. A capacidade de linguagem é determinada pela natureza biológica, mas esta é uma questão diferente quando se trata de falar uma linguagem específica - essa não é determinada biologicamente.

## Da Psicologia Evolucionista

### *Perguntas Típicas*

Existem ainda diferenças substanciais que nos diferenciam dos animais de uma forma que possa justificar adequadamente um tratamento separado em termos de personalidade e moralidade?

### *Indicadores da Ciência*

O psicólogo evolucionista Richard Byrne comentou: "Se for possível um dia identificar uma linha divisória cognitiva sólida e rápida, meu voto é para a linguagem humana. ... Como psicólogo cognitivo, que usa o comportamento natural dos animais não humanos para descobrir precursores das habilidades mentais humanas, para mim o Santo Graal sempre foi a base evolutiva da linguagem."<sup>188</sup> Ele continua: "No entanto, a linguagem humana não surgiu *de novo*: ela foi construída sobre bases cognitivas que compartilhamos com os macacos".<sup>189</sup> O foco de sua busca é a comunicação gestual natural do chimpanzé-pigmeu, a qual ele acredita que merece atenção especial porque, segundo ele, "é assim que minha hipótese de uma linha divisória linguística pode ser mais facilmente testada".<sup>190</sup> Todas as vezes que alguém procurou identificar uma característica do comportamento humano que acredita diferenciar claramente os humanos dos animais, foi apenas uma questão de tempo até que um projeto de pesquisa engenhoso demonstrasse que, estudado da maneira correta e sob as condições certas, essas habilidades supostamente únicas já estão presentes em forma embrionária em nossos ancestrais não humanos. Quando isso acontece, outra lacuna foi preenchida. Não existem pistas claras de quando pode ter ocorrido "um salto quântico" em nossa linhagem humana, se é que isso ocorreu. Continua ser insensato apostar a singularidade humana em "algo" que, com o tempo, pode ter uma explicação perfeitamente natural.

---

<sup>188</sup>. Byrne, "Dividing Line", 24.

<sup>189</sup>. Byrne, "Dividing Line", 25.

<sup>190</sup>. Byrne, "Dividing Line", 27.

## Da Neurociência

### *Perguntas Típicas*

O que os estudos detalhados dos cérebros humanos dizem a nosso respeito, em comparação com os cérebros de outros seres de nossa linhagem biológica?

### *Indicadores da Ciência*

Os neuropsicólogos Warren Brown e Lynn Paul, reconhecendo que as propriedades da personalidade estão enraizadas em processos físicos e emergentes em nossa trajetória evolutiva, observaram que "a neuroanatomia comparativa deixou claro que, embora os humanos não tenham os maiores cérebros, eles têm um córtex cerebral relativamente maior e, em especial, um córtex pré-frontal muito maior".<sup>191</sup> Essa ampliação do córtex pré-frontal em humanos deve-se principalmente ao aumento da matéria branca. Brown e Paul observam que existe uma correlação linear positiva na proporção de matéria cinza/branca entre as espécies de primatas, e que o cérebro humano se encontra nessa linha de regressão para todas as áreas neocorticais não-frontais. Mas como eles também observam, "Devido a um aumento desproporcional da matéria branca pré-frontal, o córtex pré-frontal humano é muito diferente do que seria previsto de outras espécies". Assim, o córtex pré-frontal humano não é simplesmente maior, mas mais intensamente interconectado dentro de si mesmo e com outras estruturas corticais e subcorticais do cérebro".<sup>192</sup> Brown e Paul acreditam que algumas das principais propriedades do ser humano necessariamente emergem de padrões complexos de interatividade fisiológica, particularmente dentro do cérebro. Isso os leva a perguntar: O que acontece se, no curso do desenvolvimento normal, ou devido a danos posteriores ao cérebro, alguns desses padrões de interatividade fisiológica estiverem ausentes ou reduzidos? Eles exploram esta relação hipotética entre a conectividade e o surgimento de capacidades humanas de personalidade analisando um grupo de crianças com anormalidades de conectividade cerebral, especificamente crianças com autismo e aquelas com agenesia do corpo caloso. Sua hipótese, claramente afirmada, é que, "se as propriedades do ser humano e da personalidade emergem de padrões complexos de interações fisiológicas, então a neuropatologia que reduz (ou altera) a interatividade das regiões cerebrais, particularmente dentro do córtex cerebral, reduzirá (ou alterará) a natureza de características humanas importantes".<sup>193</sup> Usando os dados

---

<sup>191</sup>. Brown e Paul, "Brain Connectivity", 113

<sup>192</sup>. Brown e Paul, "Brain Connectivity", 113

<sup>193</sup>. Brown e Paul, "Brain Connectivity", 105.

disponíveis, eles apresentam um argumento convincente para a plausibilidade de sua suposição.

A abordagem de Brown e Paul para o surgimento da personalidade ressoa intimamente com a do professor de neurologia Adam Zeman, que se concentra especificamente no surgimento da subjetividade. Com honestidade tocante, Zeman comenta sobre nossa "singularidade e interioridade" e como elas podem aparecer como elementos particularmente misteriosos de nosso ser. Para Zeman, "a subjetividade está no cerne da individualidade humana".<sup>194</sup> Porém, embora ela possa parecer misteriosa, ele defende com veemência o modo como várias formas de subjetividade surgiram ao longo da evolução biológica e também amadureceram durante o curso do desenvolvimento humano individual. Estas, ele acredita, explicam em grande parte as origens naturais da subjetividade. Zeman se concentra na relação de nossa fisicalidade com as notáveis conquistas cognitivas e comportamentais apresentadas pelos seres humanos, e não tem dúvidas de que as origens da subjetividade, que é uma dessas características de nossa natureza, não foram mágicas e sim naturais - "Pelo menos não mais mágicas do que qualquer outra coisa em nosso mágico universo".<sup>195</sup> Portanto, não existe uma "lacuna" a ser preenchida aqui.

## Da Antropologia e Paleoarqueologia

### *Perguntas Típicas*

O que produz nossa condição cognitiva única? O que torna os seres humanos qualitativamente diferentes, como entidades cognitivas, de qualquer outro habitante do planeta?

### *Indicadores da Ciência*

Ian Tattersall, curador emérito e cientista sênior residente na Divisão de Antropologia do Museu Americano de História Natural, argumentou que é nossa "condição cognitiva única" que "torna os seres humanos qualitativamente diferentes, como entidades cognitivas, de todos os outros habitantes do planeta". Em seu livro *Becoming Human: Evolution and Human Uniqueness* (Tornando-se Humano: Evolução e Singularidade Humana), ele escreve: "O *Homo sapiens* não é simplesmente uma versão melhorada de seus ancestrais - é um novo conceito, qualitativamente diferente deles em aspectos extremamente significativos,

---

<sup>194</sup>. Zeman, "Origins of Subjectivity", 120.

<sup>195</sup>. Zeman, "Origins of Subjectivity", 121.

embora limitados".<sup>196</sup> Em sua contribuição para *The Emergence of Personhood*, após examinar cuidadosamente o registro fóssil humano, Tattersall observa que "este registro, obviamente, nada mais é do que um espelho da riqueza comportamental completa dos homínídeos do passado; *mas, no entanto, ele contém muito pouco para corroborar o quadro gradualista*".<sup>197</sup>

O arqueólogo e professor da Universidade de Cambridge, Lord Colin Renfrew tem uma visão diferente, argumentando que "o aumento regular, mas incremental, da complexidade da sociedade humana desde o fim da última era glacial" é uma alternativa realista.<sup>198</sup> Renfrew deixou claro que a essência de sua resposta é que, em sua opinião, assim como observamos "o surgimento da personalidade no sentido ontogenético no nascimento e desenvolvimento de cada bebê humano, *assim poderíamos procurar o surgimento ou múltiplos surgimentos da personalidade em uma sucessão de espécies ancestrais*". Partindo do ponto de vista de um arqueólogo da pré-história que busca, em suas próprias palavras, "entender a história humana com base nos restos materiais que chegaram até nós do passado humano", Renfrew encontra "uma história que hoje está se tornando clara em linhas gerais". Renfrew perguntou ainda, como, na perspectiva de tempo, ocorreu o surgimento da personalidade humana? Vale a pena citar sua declaração inicial porque ela resume algumas evidências muito importantes que devemos considerar:

Há dez milhões de anos, não havia seres humanos na Terra. Não existiam pessoas. Havia espécies vivas multitudinárias, incluindo os grandes símios dos quais nossos antepassados homínídeos evoluíram. Durante esses dez milhões de anos, como ficou demonstrado pela pesquisa paleontológica, uma sucessão de espécies ancestrais se desenvolveu, incluindo *Australopithecus* e *Homo erectus*, culminando (de nossa perspectiva) no surgimento de nossa própria espécie, o *Homo sapiens*, aparentemente na África, há mais de 100.000 anos. A diáspora do *Homo sapiens* para fora da África parece ter começado há cerca de 60.000 anos. Estas primeiras pessoas eram caçadoras-coletoras, já equipadas com uma cultura material bastante elaborada. Há cerca de dez mil anos, observa-se a transição para uma nova economia agrícola nas comunidades que vivem em diferentes partes do mundo, acompanhada por um movimento em direção ao sedentarismo. Dessas comunidades sedentárias surgiram as primeiras sociedades alfabetizadas e as primeiras cidades há cerca de cinco ou seis mil anos. Esta é uma história filogenética de nossa espécie, bastante resumida.<sup>199</sup>

Renfrew faz a pergunta chave: "Onde, ao longo desta linha narrativa, se situa o surgimento - ou, sem dúvida na verdade, os múltiplos surgimentos - da personalidade? Onde e como

---

<sup>196</sup>. Tattersall, *Becoming Human*, 188.

<sup>197</sup>. Tattersall, "Human Evolution", 47 (grifo nosso).

<sup>198</sup>. Renfrew, "Personhood."

<sup>199</sup>. Renfrew, "Personhood", 51.

surgiram essas qualidades que reconhecemos como as de pessoas sencientes, de pessoas imbuídas das qualidades que reconhecemos como inerentemente humanas"?<sup>200</sup>

Para Renfrew, "os critérios para a personalidade parecem difíceis de separar dos critérios de ser humano". O surgimento da personalidade no sentido filogenético considerado inicialmente poderia então ser equiparado ao surgimento da humanidade". E ao traçar o surgimento da humanidade, Renfrew nos lembra que "foi o desenvolvimento da análise do DNA, aplicada a uma ampla gama de seres humanos vivos, usando primeiro o DNA mitocondrial e depois a análise dos cromossomos Y, que levou à firme conclusão de que os aspectos-chave da especiação humana ocorreram na África, mais ou menos 200.000 anos antes de 60,000 antes do tempo presente [ap]."<sup>201</sup>

O quadro que Renfrew expõe a partir do que ele chama de fase de especiação (200.000 a 60.000 ap) e fase de dispersão (60.000 a 12.000 ap) levanta a questão que ele descreve como o "paradoxo sapiente". Ele diz que: "Se nossa espécie foi estabelecida talvez em 100.000 ap na África e certamente em 60.000 ap, por que os novos comportamentos que associamos à fase tectônica e que levaram, em alguns milhares de anos, à ascensão da civilização e da alfabetização, demoraram tanto tempo para emergir?" Isso, diz ele, "é um problema que ainda não foi claramente respondido e é negligenciado pela maioria dos relatos existentes sobre a 'revolução humana'".<sup>202</sup> Refletindo sobre a trajetória delineada por ele das três fases em que a evolução humana pode ser dividida, ele pergunta sobre *onde podemos colocar o surgimento da personalidade*. Para ele, *não é fácil identificar qualquer tipo de "salto quântico"*, e isso pode, portanto, nos levar a adotar *uma abordagem gradualista*. Ele vai além, acrescentando que se estivéssemos procurando algum tipo de salto evolutivo, então possivelmente "a capacidade de falar, compreender e ser compreendido" (ecoando aqui a visão de Byrne), que "é um componente importante da personalidade", pode ter evoluído gradualmente ao longo de vários milhões de anos, como alguns argumentam, ou pode ter se desenvolvido mais rapidamente como um salto evolutivo, como defendido por outros.<sup>203</sup> Essa é uma questão que continua em aberto. Novamente, pergunta-se se descobertas como o gene miR-941 poderiam contribuir para a compreensão de um salto como esse. Se Renfrew estiver correto, outra "lacuna" foi preenchida.

---

<sup>200</sup>. Renfrew, "Personhood", 51–52.

<sup>201</sup>. Renfrew, "Personhood", 57.

<sup>202</sup>. Renfrew, "Personhood", 59–61.

<sup>203</sup>. Renfrew, "Personhood", 65.

Mais recentemente, em 2019, Katerina Harvati e seus colegas da Universidade de Tübingen relatam como examinaram um fragmento de crânio que estava em um museu em Atenas.<sup>204</sup> Esse fragmento de crânio era um de um par escavado nos anos 70 em Apidima, uma caverna no sul da Grécia. Já se sabia que estes fragmentos eram partes de fósseis humanos, mas até agora eles não tinham sido datados ou devidamente analisados. Usando técnicas de datação por rádio isótopo não disponíveis na época das descobertas originais, Harvati e seus colegas mostraram que um fóssil tinha 170.000 anos de idade. Eles relatam que, com o uso de métodos de reconstrução computadorizada, revelou-se que era um exemplo do *Homo neanderthalensis*, o homem de Neandertal, uma espécie comum na Europa até 40.000 anos atrás, quando o *Homo sapiens* se tornou dominante. O outro fóssil, que era a metade posterior de um crânio, demonstrou ser de um *Homo sapiens*. Descobriu-se que tinha 210.000 anos e, portanto, era o terceiro exemplo mais antigo conhecido da humanidade moderna. O mais fascinante é que este é o mais antigo espécime de *Homo sapiens* encontrado fora da África, e a África é o continente onde, com base nas melhores evidências disponíveis, o *Homo sapiens* teve origem.<sup>205</sup>

Como e quando o *Homo sapiens* se espalhou da África para a Europa até recentemente era uma questão considerada simples, mas agora, com o acúmulo de evidências como as relatadas por Harvati e seus colegas, está se tornando uma questão mais complexa. Dados genéticos sugeriam que a maioria das pessoas vivas hoje, que não são africanas ou de ascendência africana recente, podem rastrear seus ancestrais até uma ou algumas migrações "para fora da África" que começaram há cerca de 60.000 anos na Ásia e depois se espalharam para a Austrália, Europa e Américas. Em sua migração, alguns cruzaram com outras espécies humanas, agora extintas, incluindo os Neandertais. A ciência não para. E não apenas a juventude é confrontada e enfrenta estas questões. Pessoas mais velhas, ao lerem seus jornais diários, tomam conhecimento de descobertas emocionantes feitas por paleoarqueólogos, que têm implicações diretas nas visões amplamente difundidas das origens humanas. Por exemplo, a edição de 19 de agosto de 2019 do London *Times* trouxe um artigo completo de duas páginas do correspondente do *The Times* Science, Tom Whipple, intitulado "*Who Do You Think You Are? Probably a Little Bit Neanderthal*" (Quem Você Pensa Que É? Talvez um Pouco Neanderthal). Depois de ler esse artigo, ninguém poderia ter dúvidas de que são as *evidências*, não os protestos estridentes, que estão influenciando nossa compreensão de nós mesmos, de nossa natureza e de onde viemos. O autor nos lembra de que apenas uma década atrás nós pensávamos que tínhamos uma boa ideia da história da evolução humana. Em resumo, por centenas de milhares de anos nossos ancestrais na África evoluíram para se tornarem inteligentes, engenhosos e conquistadores

---

<sup>204</sup>. Harvati et al., "Apidima Cave Fossils."

<sup>205</sup>. Harvati et al., "Apidima Cave Fossils."

do mundo. Há cerca de 60.000 anos eles deixaram a África, espalhando-se pelo mundo, onde encontraram uma criatura semelhante a eles, chamada Neandertais. Os Neandertais não sobreviveram ao contato com o *Homo sapiens* da África. Nas palavras de Tom Whipple, "Hoje, grande parte dessa narrativa desmoronou".<sup>206</sup>

As pesquisas de Johannes Krause, que realizou testes detalhados de DNA na menor lasca de um osso de dedo encontrada na caverna siberiana, mostraram que não parecia em nada com o DNA do *Homo sapiens*.<sup>207</sup> Krause declarou: "Cheguei à mesma conclusão: este era de fato um novo tipo de *hominim*".<sup>208</sup> O restante do artigo da Whipple traz um relato acessível do gênero que chamamos de humanos, que inclui o *Homo erectus*, *Homo habilis*, *Homo rudolfensis*, *Homo neanderthalis*, toda uma série de outros *Homos*, incluindo o *Homo sapiens*. Cada ramo é separado - uma espécie distinta fazendo seu caminho distinto através do tempo evolutivo. Porém, Whipple não se deixa cegar pela ciência. Ele observou que quando o *Homo sapiens* saiu da África, nós passamos de apenas outra espécie humana dentre muitas para uma força irrefreável. A evidência pode um dia nos dizer qual era nossa propriedade distinta, mas ainda não é suficiente. Parece provável que, embora os corpos possam ter sido os mesmos, os cérebros dos que deixaram a África na última migração eram muito diferentes. Whipple concluiu provisoriamente que "Desde que o *Homo sapiens* começou a fazer arte, nós não paramos mais. ... *Homo sapiens* tornou-se um tipo de animal bastante excepcional, que pensava de forma excepcional".<sup>209</sup> Isso, diz ele, é algo que não vemos em outras espécies. Eu acrescentaria, ou pelo menos ainda não. Há muitas surpresas esperando por nós.

## Da Ciência Cognitiva

### *Perguntas Típicas*

Que mecanismos cognitivos os seres humanos devem ter para conceituar um deus e gerar ações para interagir com esse deus?

### *Indicadores da Ciência*

A teoria da mente superior aparece como peça central em qualquer resposta satisfatória. Por exemplo, Barrett e Jarvinen identificam "algumas características da narrativa da CCR

---

<sup>206</sup>. Whipple, "Who Do You Think You Are?" n.p.

<sup>207</sup>. Krause et al., "Mitochondrial DNA Genome."

<sup>208</sup>. Whipple, "Who Do You Think You Are?" n.p.

<sup>209</sup>. Whipple, "Who Do You Think You Are?" n.p.

[Ciência Cognitiva da Religião] que merecem destaque". Resumidamente, em suas palavras: Primeiro, essas narrativas cognitivas normalmente pressupõem uma forte continuidade biológica e cognitiva com espécies ancestrais e, por extensão, com primatas não humanos, os quais se pensava que eram próximos aos ancestrais humanos. Segundo, mesmo aceitando a possibilidade de exaptação (uma característica que realize uma função, mas que não foi produzida pela seleção natural para sua função atual. Talvez a característica tenha sido produzida pela seleção natural para uma função que não a que realiza atualmente e depois foi cooptada para sua função atual) posterior,<sup>210</sup> *as narrativas cognitivas são, em essência, narrativas de subprodutos evolutivos de religião*. Isto é, *presume-se que o equipamento cognitivo que dá origem à expressão religiosa evoluiu sob pressões da seleção não relacionadas à religião ou a entidades religiosas*. Terceiro, muitos subsistemas cognitivos diferentes ou "ferramentas mentais" cooperam para promover crenças e práticas religiosas e, portanto, a crença em deuses (ou almas, a vida após a morte, etc.) são subprodutos de múltiplas adaptações cognitivas e não de apenas uma. Entretanto, uma "ferramenta mental" tem protagonismo nessas narrativas: a ToM (Teoria da Mente).<sup>211</sup> É importante observar, no contexto deste capítulo, que Barrett e Jarvinen ressaltam a continuidade evolutiva no surgimento da religião e não fazem referência a nenhuma "lacuna a ser preenchida".

As contribuições para *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* concluíram que não existe lugar nem necessidade na crença cristã bem fundamentada para invocar um "deus das lacunas". Nosso objetivo não é defender nenhum desses "deuses 'encolhidos' das lacunas". Refletindo sobre todas as diversas contribuições, em um esforço sustentado para responder à pergunta feita aos autores do livro, ficou claro o surgimento de um tema pervasivo. Conforme esses colaboradores traçaram o surgimento da personalidade ao longo de milhões de anos, houve ocasiões em que pareceu que poderia ter ocorrido um salto, uma descontinuidade, até mesmo um salto quântico. Entretanto, como Ian Tattersall enfatizou e exemplificou muitas vezes em seu livro *Palaentology: A Brief History of Life*, (Paleontologia: Uma Breve História da Vida) essas aparentes descontinuidades acabam por ter uma explicação perfeitamente natural em termos de eventos que também ocorreram na história da Terra. De uma forma ou de outra, a abordagem gradualista defendida por Colin Renfrew em seu capítulo tem sido endossada por muitos dos que procuram uma resposta para nossa pergunta. Isto é importante, porque nos contextos de debates mais amplos sobre a relação entre ciência e crenças religiosas, e especificamente neste livro, tem havido uma constante tentação de procurar lacunas na evidência científica e de encaixar Deus nessas lacunas como um conceito explicativo adicional. Não há lugar na crença cristã

---

<sup>210</sup>. Exaptação é uma mudança na função de um traço durante a evolução.

<sup>211</sup>. Barrett and Jarvinen, "Cognitive Evolution", 169 (grifo nosso).

bem fundamentada para essa conclusão. O Deus hebraico-cristão não é um "deus das lacunas".

## 5. Origens Humanas: A Evidência das escrituras

Como leitores das Escrituras, estamos comprometidos em ser intérpretes fiéis e, portanto, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ter certeza de que estamos lendo o texto das Escrituras sem impor nossa própria visão de mundo ou significado sobre ele.<sup>212</sup>

Novos *insights* e novas informações podem surgir a qualquer momento. Há algumas centenas de anos, novas possibilidades de acesso às línguas originais tiveram um impacto significativo na interpretação bíblica. Nas últimas décadas, a disponibilidade de documentos do mundo antigo ofereceu um recurso considerável para nossa leitura do texto bíblico. Não podemos nos atrever a negligenciar essas ferramentas quando elas podem contribuir de forma tão significativa para nossa interpretação.<sup>213</sup>

### Uma Questão Contemporânea Decisiva Pode Indicar a Grandeza de Deus

Por que incluir um capítulo sobre as origens humanas em um livro sobre a fé encolhida em deuses “encolhidos”? A resposta: perguntas sobre nossas origens não são apenas uma questão acadêmica. São também questões pastorais, e com muita frequência, produzem problemas para a juventude religiosa típica do início do século 21. O e-mail que eu citei no Prefácio ilustra o problema apresentado pela compreensão equivocada de nossas origens biológicas. O estudante escreveu: “Também ouvi dizer que nossa moral pode ser totalmente atribuída aos processos científicos evolutivos. Você acha que é verdade? Se for, isso a torna menos valiosa/preciosa? Essas são perguntas reais, de estudantes reais. Infelizmente, ao discutir os fundamentos de nossas crenças como pessoas cristãs, muitas vezes descobrimos que são feitas declarações muito seguras sobre a confiabilidade das Escrituras e esta é igualmente refutada com a mesma segurança. Frequentemente, a discussão se concentra no que as Escrituras nos dizem sobre nós e nossas origens. Em um esforço para defender o Deus em quem acreditamos, atribuímos a ele “intervenções” diretas de tempos em tempos em sua ordem criada. Um momento óbvio em que Deus deve ter interferido diretamente para nos diferenciar de todas as outras criaturas, em um determinado momento e lugar, está em nossa origem como espécie. Se acreditamos que existem lacunas em nossas atuais narrativas científicas, então somos imediatamente tentados a trazer Deus para preencher as lacunas. Invocamos o “deus das lacunas”. Como

---

<sup>212</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 107.

<sup>213</sup>. Walton, *Lost World*, 12.

já foi mencionado, esta não é apenas uma questão acadêmica. É também uma questão pastoral. Perguntas sobre nossas origens muitas vezes produzem problemas não apenas para estudantes, mas também para pessoas racionais que frequentam as igrejas e que se mantêm atualizadas com os avanços da ciência através de documentários da televisão tão bem apresentados.

Com demasiada frequência se diz diretamente a um estudante (ou fica claramente implícito) que, para ser "uma verdadeira pessoa cristã", é preciso deixar de lado o conhecimento científico sobre as origens humanas que lhe foi ensinado na escola e na faculdade, o qual, assim se afirma, é incompatível com o que é claramente ensinado nas Escrituras. As tensões e pressões enfrentadas pela juventude de hoje se tornaram uma questão tão preocupante para os líderes cristãos nos Estados Unidos, que Francis Collins, juntamente com colegas cientistas e estudiosos da Bíblia, criou uma organização chamada BioLogos, cujo objetivo principal é ajudar jovens que se esforçam para dar sentido ao que aprendem com seus professores de ciências e ao que alguns de seus pastores lhes dizem que eles devem acreditar. Por exemplo, Deb Haarsma, presidente da organização BioLogos, escreveu: "Em um estudo recente, quase metade dos adolescentes que frequentam a igreja concordaram que 'A igreja parece rejeitar grande parte do que a ciência nos diz sobre o mundo'".<sup>214</sup> Isto evidencia a necessidade urgente de não adotar posturas defensivas, mas de estarmos prontos para dar respostas claras e inequívocas a perguntas difíceis que podem tão facilmente minar a fé de pessoas cristãs sinceras. *Ao fazê-lo, não podemos encolher Deus diante dos desafios do progresso científico.*

As evidências das tensões e pressões enfrentadas pela juventude são ainda mais enfatizadas por pesquisas de organizações como o Centro de Pesquisa Pew e o grupo Barna, que têm sistematicamente evidenciado as opiniões predominantes de diferentes grupos socioeconômicos em várias nações sobre religião e tópicos associados. Por exemplo, uma pesquisa da Barna de 2011 sobre o cristianismo americano, publicada com o título "*Six Reasons Young Christians Leave the Church*" (Seis Razões para a Juventude Cristã Abandonar a Igreja, em tradução livre para o português), deu ampla publicidade à situação de alguns jovens de hoje que parecem estar abandonando sua fé.<sup>215</sup> Os resultados dessa pesquisa foram discutidos com mais profundidade em um livro de David Kinnaman, o pesquisador-chefe da Barna.<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup>. Haarsma, "Kids Ask Tough Questions."

<sup>215</sup>. Barna Group, "Six Reasons."

<sup>216</sup>. Kinnaman, *You Lost Me*.

Várias razões dadas pela juventude cristã para abandonar a igreja são diretamente relevantes para este capítulo:

- As igrejas parecem superprotetoras. Quando a juventude cristã expressa o desejo de que sua fé em Cristo se conecte ao mundo em que vivem, descobre que grande parte de sua experiência de cristianismo é sufocante, baseada no medo e aversão ao risco.
- A experiência de adolescentes e jovens na casa dos 20 anos com o Cristianismo é superficial. Alguns dizem que “a igreja é entediante” (31%). Um quarto disse que “a fé não é relevante para minha carreira ou interesses” (24%). Outro quarto disse que “a Bíblia não é ensinada de forma clara e com a frequência suficiente” (23%). Um quinto dos que frequentavam a igreja na adolescência disseram que “Deus parece estar ausente em minha experiência de igreja” (20%).
- As igrejas se colocam como antagonistas da ciência. Uma das razões para pessoas jovens se sentirem desconectadas da igreja ou da fé é a tensão que sentem entre cristianismo e ciência. Um terço disse que “Os cristãos têm confiança demais de que sabem todas as respostas” (35%). Um terço das pessoas jovens com formação cristã sentiu que “as igrejas estão fora de sintonia com o mundo científico em que vivemos” (29%). Um quarto tem a percepção de que “o cristianismo é anticiência” (25%). A mesma proporção (23%) disse que “perdeu o interesse devido ao debate criação versus evolução”. Além disso, a pesquisa mostra que muitas pessoas jovens cristãs com espírito científico estão lutando para encontrar formas de permanecer fiéis às suas crenças e à sua vocação profissional nas indústrias relacionadas à ciência.
- A igreja parece pouco amigável para quem têm dúvidas. Pessoas jovens com experiência cristã dizem que a igreja não é um lugar que lhes permita expressar dúvidas. Elas não se sentem seguras em admitir que às vezes o cristianismo parece não fazer sentido. Além disso, muitas sentem que a resposta da igreja à dúvida é trivial. Algumas das percepções a este respeito incluem não poder “fazer minhas perguntas mais prementes sobre a vida na igreja” (36%) e ter “dúvidas intelectuais significativas sobre minha fé” (23%).

Ao discutir as seis razões mencionadas no relatório Barna, o biblista Peter Enns escreveu:

Eu li cada uma delas e pensei comigo mesmo: “Sim. Sim. Ha-hã. Esta também. E também esta.” Isto soa absolutamente verdadeiro para mim pela minha experiência, incluindo como professor universitário cristão. ... Continuo a achar que os pais e mães, as igrejas e as escolas precisam estar cientes dessas tendências e considerar meios de enfrentá-las com menos medo do que pode acontecer se as enfrentarem e mais medo

do que ESTÁ acontecendo se deixarem de fazê-lo. Um estudante do primeiro ano disse na sala de aula há alguns anos que “Eu sinto que minha igreja não me preparou para a vida fora dela. Eles estão mais interessados em me proteger de conclusões erradas e garantir que eu seja um “bom cristão” do que me preparar para viver no mundo”. Eu ouço isso muitas vezes, e isso é um desserviço para essa juventude, com consequências previsíveis. *Os líderes cristãos devem à sua juventude a criação de culturas onde a exploração e o questionamento de sua fé sejam vistos como parte da jornada de fé e não como um problema a ser evitado, domado ou rejeitado.* Em vez de tentar manter a juventude em segurança a qualquer custo sob um manto protetor, munindo-a com uma fé ingênua, os líderes deveriam confiá-la a Deus, permitindo que esses jovens enfrentem as inevitáveis ambiguidades e desafios da fé que todos nós experimentamos. Caso contrário, irão embora e encontrarão outros lugares onde possam fazer isso, e provavelmente não será em um contexto cristão. Em outras palavras, em vez de simplesmente sermos “fiéis ao passado”, devemos à nossa juventude sermos “fiéis ao futuro”, descobrir com ela como se pode ter uma fé inteligente, sábia, gentil e viável que respeite profundamente o passado, ao mesmo tempo em que eles navegam no presente e constroem uma visão para o futuro.<sup>217</sup>

A organização BioLogos começou a abordar algumas dessas preocupações que são expressas com clareza por jovens racionais. Um dos principais objetivos da BioLogos é compartilhar de uma maneira significativa, positiva e construtiva, como os avanços da ciência, especialmente com relação a temas como o das origens humanas, podem ser relacionados de maneira construtiva com o que os acadêmicos bíblicos estão nos dizendo hoje sobre as histórias das origens humanas contidas nas Escrituras. As atividades das pessoas envolvidas com a BioLogos acontecem paralelamente a uma série de publicações, de livros e de artigos em revistas, todos abordando, de uma forma ou de outra, respostas à mesma pergunta: como podemos relacionar com criatividade e honestidade o conhecimento adquirido pelos líderes dos grupos de disciplinas científicas relevantes que têm algo a dizer sobre as origens e evidências iniciais para a humanidade, com as histórias que os estudiosos da Bíblia nos contam que estão encontrando para as mesmas questões sobre as origens humanas dentro das Escrituras?

Em dezembro de 2018, o site da Organização BioLogos anunciou: “Cinco Professores do Wheaton College Lançam Novo Livro sobre as Teorias das Origens”.<sup>218</sup> Próximo ao final de sua análise do conteúdo desse novo livro, eles escreveram: “Na parte seis, analisamos as origens humanas, partindo da exploração da narrativa bíblica da criação dos seres humanos. Discutimos as evidências científicas relativas às origens humanas de acordo com as observações dos registros fósseis, a biologia dos povos modernos, incluindo evidências registradas nos genes humanos e em algumas formas fósseis. As conclusões baseadas nesse tipo de evidências são resumidas, e as implicações das conclusões científicas são exploradas

---

<sup>217</sup>. Enns, “Why Young Christians Leave Church” (grifo nosso).

<sup>218</sup>. BioLogos, “Five Wheaton College Professors.”

no contexto da narrativa bíblica, da doutrina da criação e a imagem de Deus nos seres humanos". Esse trabalho dos professores da Wheaton é oportuno e adota uma abordagem defendida em 1957 pelo geólogo e historiador da ciência, Reijer Hooykaas. Ela é chamada de *Philosophia Libera*. Hooykaas afirma que: "A ciência é asfixiada sempre que as pessoas acalentam ideias preconcebidas que eles se recusam a submeter a testes. Isto acontece ... quando o ego é exaltado como a medida, em vez de humilde receptor da verdade, ... quando uma piedade indulgente exalta padrões secundários de autoridade para um lugar que pertence apenas a Deus".<sup>219</sup>

## Cuidado com Falsas Premissas e Fake News

Independentemente de termos ou não consciência disso, todos trazemos conosco um conjunto de premissas sobre como devemos entender e interpretar todas as coisas que lemos. Obviamente, reconhecemos que quando o poeta nos diz: "Meu amor é como uma rosa vermelha",<sup>220</sup> sabemos que não devemos entender isto como uma declaração de um botânico de ter descoberto outra variedade de roseiras. Neste caso, não há nenhum problema. Porém, com outras coisas que lemos, a situação nem sempre é tão clara nem não óbvia. Temos que refletir com cuidado para saber se estamos lendo declarações factuais, imagens poéticas, metáforas úteis ou linguagem figurativa. Tudo o que lemos tem um contexto incorporado e corremos o risco de uma interpretação equivocada sempre que deixamos de entender o contexto do que lemos. Este último ponto, infelizmente, ainda não é tão óbvio ou tão amplamente compartilhado como imaginamos. Se fosse, o texto de dois volumes que recebi recentemente e que descrevo abaixo jamais teria sido escrito. Sabendo de meu interesse no relacionamento entre ciência e fé cristã, um amigo me presenteou com dois volumes lindamente ilustrados sobre o assunto. Eles alegam traçar a história da terra e da humanidade considerando a narrativa das Escrituras e da ciência. O primeiro tem o título de *The Time Chart of Biblical History*, com o subtítulo *Over 4000 Years in Charts, Maps, Lists, and Chronologies*<sup>221</sup> (O Gráfico do Tempo da História Bíblica: Mais de 4000 Anos em Gráficos, Mapas, Listas e Cronologias). O segundo tem o título de *The Time Chart History of the World* com o subtítulo *Over 6000 Years of World History Unfolded*.<sup>222</sup> (Gráfico de Tempo da História do Mundo: Mais de 6000 Anos de História do Mundo Revelada). Quando comecei a analisar estes dois volumes superficialmente impressionantes, fiquei decepcionado ao perceber que estavam cheios de mentiras e deturpações: mentiras sobre a geologia e deturpações sobre o status da teoria da evolução. O que caracterizou muitas

---

<sup>219</sup>. Hooykaas, *Philosophia Libera*, 5.

<sup>220</sup>. Burns, "Red, Red Rose."

<sup>221</sup>. Editado por Harry Hill.

<sup>222</sup>. Editado por David Gibbons.

das mentiras foi a hipótese de que, para responder perguntas do tipo como o mundo funciona, como os seres humanos surgiram e questões fundamentais similares, a abordagem deveria ser ver até onde os cientistas progrediram até agora e depois *preencher eventuais lacunas restantes* em nosso conhecimento, invocando atos especiais de Deus. Como a ciência progride constantemente, este modo de pensar significa que nós encolhemos constantemente o Deus em quem acreditamos - como foi apontado por outros dois livros. O primeiro foi escrito por Ian Plimer, Professor de Geologia da Universidade de Melbourne, intitulado *Telling Lies for God* (Mentindo para Deus). O segundo, de Kenneth Miller, Professor de Biologia na Universidade de Brown nos Estados Unidos, é um excelente livro sobre evolução com o título *Only a Theory* (Apenas Uma Teoria).

O termo específico "*fake news*" tem apenas alguns anos, mas ao longo da história as pessoas têm circulado informações falsas, tendenciosas ou imaginárias. Hoje, com a prevalência e o poder persuasivo da Internet, enfrentamos a perspectiva de uma circulação extremamente rápida e generalizada de *fake news* sobre a Bíblia, que tende a assumir duas formas. Algumas são produzidas e circuladas por crentes ansiosos em demonstrar que a Bíblia é verdadeira. O resto é produzido e circulado por críticos da fé cristã, ansiosos em fazer o oposto. Recentemente Alan Millard, Professor Emérito de Hebraico e Línguas Semíticas Antigas na Universidade de Liverpool no Reino Unido, documentou algumas maneiras de como essas *fake news* no âmbito do discurso religioso continuam a ser amplamente divulgadas. Millard nos diz: "Durante toda minha vida, sempre houve manchetes dramáticas afirmando que alguém encontrou a Arca de Noé. Em uma dessas ocasiões, em 1974, o pretendente produziu uma peça de madeira e disse que era parte da Arca, mas quando ela foi submetida ao teste de carbono 14, os resultados mostraram que a peça tinha menos de 2000 anos então não havia possibilidade de ser candidata a isso".<sup>223</sup> Afirmações semelhantes circulam de vez em quando entre pessoas cristãs que acreditam na Bíblia. Millard faz a pergunta pertinente: "Por que as pessoas, especialmente as cristãs evangélicas, querem encontrar a Arca de Noé? Elas respondem: "Se encontrarmos a Arca de Noé, todos terão que acreditar que a Bíblia fala a verdade".<sup>224</sup> Se realmente encontrarem um barco, imagina Millard, como poderão saber que foi construído por Noé, a não ser que venha com um rótulo "Construído por Noé e filhos"? É bem mais provável que seja o barco do herói das inundações babilônicas Atracasis ou o Deucalião grego. O mesmo pesquisador que afirmou ter encontrado uma relíquia da Arca de Noé também afirmou ter encontrado a Arca da Aliança e outros artefatos do Templo de Salomão. Mas suas afirmações sofreram o mesmo destino ao serem submetidas a um exame cuidadoso. Millard escreveu: ""Na verdade, ele não conseguiu produzir uma única prova que os investigadores independentes

---

<sup>223</sup>. Millard, "Is the Bible Fake News?" 4.

<sup>224</sup>. Millard, "Is the Bible Fake News?" 5.

tenham sido capazes de comprovar para apoiar qualquer uma de suas 'descobertas'". Millard conclui com sabedoria: "Em última análise, qualquer pessoa ansiosa por encontrar a Arca de Noé achando que ela provaria a Bíblia, deve lembrar as palavras d'Aquele que declarou: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite".<sup>225</sup> Lucas 16:31)".

A tentativa equivocada de ampliar as reivindicações para Deus "provando" a verdade de uma interpretação particular de uma determinada passagem bíblica acabou por desonrar a Deus e encolhê-lo. Millard disse:

A conclusão tem que ser que estas são as ilusões de um cristão devoto que acreditava ser capaz de encontrar qualquer coisa que a Bíblia descrevesse e assim "provar que a Bíblia é verdadeira". Lamentavelmente, elas ainda circulam na imprensa e na Internet, enganando muitos leitores desinformados. *Elas são fake news!* Elas atraem pessoas que querem "provar" os relatos bíblicos.<sup>226</sup>

## Ouvindo os Estudiosos da Bíblia

O capítulo anterior analisou as evidências científicas sobre as origens humanas. Porém, para as pessoas cristãs, existe outra fonte de informações relevantes. Sua relevância é apresentada em um capítulo de um livro recente intitulado "*Origins in Genesis: Claims of an Ancient Text in a Modern Scientific World*" (Origens no Gênesis: Alegações de um Texto Antigo em um Mundo Científico Moderno) do estudioso do Antigo Testamento John Walton, do Wheaton College. Em seu capítulo, Walton dá uma orientação clara a quem não é especialista para ajudar a interpretar corretamente como devem ser entendidos os primeiros capítulos do Gênesis. Podemos resumir as conclusões de Walton em suas próprias palavras, como segue:

- Com relação às origens, o consenso científico estabelece explicações envolvendo a cosmologia do *big bang* e modelos evolutivos, evidências de que tudo pode ser explicado por meio de leis naturais (pelo menos eventualmente). Por outro lado, quem valoriza explicações bíblicas contesta essas afirmações, com base em sua crença em ensinar que Deus é o Criador e que as origens (sejam elas cósmicas ou humanas) precisam ser compreendidas invocando a atividade divina. Ao voltarmos nossa atenção para a Bíblia, porém, particularmente para o Antigo Testamento, onde se encontra o relato bíblico das origens (Genesis 1–2), devemos começar perguntando sobre as categorias

---

<sup>225</sup> Millard, "Is the Bible Fake News?" 7.

<sup>226</sup> Millard, "Is the Bible Fake News?" 7 (grifo nosso).

metafísicas correntes no mundo antigo em geral e, particularmente, entre os israelitas. Eles classificam os fenômenos em categorias condizentes com nossa distinção entre natural e sobrenatural"?<sup>227</sup>

- É comum as pessoas de hoje entenderem a ação criativa de Deus em Gênesis 2 como se ele tivesse, como é retratada sua ação, contornado os processos naturais. Esta perspectiva tradicional pressupõe que os interesses, linguagem e/ou conceitos metafísicos do antigo autor israelita reconheçam a diferenciação entre natural e sobrenatural. Contudo, os antigos israelitas acreditavam que Deus está sempre ativo de inúmeras maneiras, muitas vezes indetectáveis; eles não tinham as categorias de natural e sobrenatural. ... Eles acreditavam que quando plantassem um grão de trigo, o trigo cresceria. Mas Deus não estaria menos envolvido nisso do que se, em vez disso, crescesse cevada. Da mesma forma, não podemos inferir, com base no Gênesis se Deus criou os humanos de forma natural (através de um processo passível de descrição científica) ou sobrenatural (além dos processos regulares e previsíveis de causa e efeito), só porque eles identificam Deus como tendo um papel ativo. Eles acreditavam que Deus sempre tinha um papel ativo."<sup>228</sup>
- “Quando o Antigo Testamento descreve o envolvimento extraordinário de Deus no mundo, não é para especificar um evento sobrenatural que desafia o conceito natural, cientificamente descritível de causa e efeito. No mundo antigo, sem dúvida eles entendiam certos fenômenos como usuais, corriqueiros ou normais. Mas, portanto, não os teriam considerado como naturais (ou seja, cientificamente descritíveis, sem envolvimento de Deus). De forma geral, o Antigo Testamento identifica fenômenos como “sinais e maravilhas”. Seriam demonstrações tanto do poder de Deus para libertar seu povo quanto de seu amor pactual por ele”.<sup>229</sup>
- "Hoje, quando diferenciamos atividades naturais e sobrenaturais nas Escrituras, não só inserimos nossas categorias modernas na Bíblia, mas também limitamos a ação divina. Ao designarmos alguns atos como “especiais” ou “sobrenaturais”, implicamos que outros eventos, que podem ser explicados pelo conceito normal de causa e efeito não são atos de Deus. Isto nos leva em direção ao

---

<sup>227</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 108.

<sup>228</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 109.

<sup>229</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 110.

deísmo (distanciando Deus das operações do cosmos), sugerindo que o Deus só atua em parte do tempo”.<sup>230</sup>

Aplicando esses princípios ao entendimento de Gênesis 1 e 2, Walton escreve:

- “É muito difícil para os leitores dos dias de hoje considerarem Gênesis 1–2 com foco em qualquer outra coisa a não ser nas origens materiais. O fato de que os verbos hebreus relevantes usados para transmitir a atividade criativa de Deus são traduzidos para termos em português como “criou”, “fez” e “formou” leva o leitor moderno a pensar intuitivamente em processos materiais”.<sup>231</sup>
- “Ao reconhecermos que este é um texto antigo, que tem pouco interesse ou foco nas origens materiais, podemos chegar a um entendimento do texto que está mais alinhado com o modo como um israelita o teria percebido.”<sup>232</sup>
- “Como leitores modernos, temos uma compreensão empobrecida da narrativa dos sete dias se deixarmos de entender que ela se refere um espaço sagrado. Sem um entendimento claro do dia sete, os outros seis não têm significado”.<sup>233</sup>
- “O texto então não está discutindo as origens biológicas dos dois primeiros humanos. Ele adotou Adão e Eva como arquétipos para comunicar a identidade ontológica da humanidade. Seu papel não é de primeiros exemplos biológicos das espécies, e sim dos selecionados para uma atribuição especializada nesse espaço sagrado que acaba de ser estabelecido”.<sup>234</sup>
- “As origens biológicas dos seres humanos não era uma preocupação dos antigos israelitas ou de qualquer de seus vizinhos”.<sup>235</sup>
- “Se a Bíblia não está afirmando que Deus contornou os processos cientificamente descritíveis na criação material dos seres humanos (uma vez que seus autores e seu público-alvo não tinham essas categorias), o Gênesis não pode ser usado para descartar as explicações científicas para as origens humanas materiais (como a evolução)”.<sup>236</sup>

---

<sup>230</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 110.

<sup>231</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 114.

<sup>232</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 114.

<sup>233</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 116.

<sup>234</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 119.

<sup>235</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 120.

<sup>236</sup>. Walton, “Origins in Genesis”, 120.

## Conciliando Ciência e Erudição Bíblica

Hoje somos extremamente afortunados pelo fato de alguns dos principais estudiosos da Bíblia, como John Walton, Peter Enns e Ernest Lucas, terem feito o máximo para compartilhar os frutos de suas pesquisas com não-especialistas, para que possamos compreender melhor como ler e interpretar corretamente algumas passagens muito familiares das Escrituras, como as dos primeiros capítulos do livro de Gênesis.

### O Clima Cultural Prevalente Promove a Crença na Evolução

O impacto da mídia é onipresente. Talvez o efeito da televisão seja o mais poderoso. Quase toda semana existem documentários sobre geologia ou astronomia ou genética ou biologia ou medicina ou psicologia. Esses documentários contêm referências pervasivas diretas ou indiretas à evolução do universo, das plantas e dos animais. Os documentários sobre medicina fazem referência aos vínculos evolutivos entre animais e humanos, que permitem que os resultados das pesquisas com animais sejam aplicados de forma benéfica para resolver os problemas humanos. A genética é mencionada com frequência, muitas vezes salientando as semelhanças aparentemente muito próximas entre os animais e os seres humanos. Elas são frequentemente ligadas a estudos do comportamento animal, incluindo o comportamento cognitivo e social de nossos primos não humanos.

Existem inúmeros resultados dessas referências onipresentes à evolução. Primeiro, a população em geral aceita a evolução como fato consumado. Crianças e jovens nas escolas, faculdades e universidades são ensinadas a aceitar a evolução como um fato da vida. Segundo, existem afirmações categóricas de teólogos conservadores contra o conceito de evolução. Muitas dessas reações são destacadas por cientistas ateus ansiosos por desprezar as crenças religiosas - por exemplo, o conhecido Richard Dawkins. Colocadas entre essas visões, estão as preocupações entre pessoas religiosas sinceras sobre se ainda podem acreditar em Adão e Eva. Por exemplo, um número crescente de estudiosos da Bíblia - incluindo alguns das escolas cristãs mais conservadoras dos Estados Unidos - argumentaram que as Escrituras, quando compreendidas adequadamente, não exigem a crença em Adão e Eva literais. A reação pública ao trabalho desses estudiosos foi exemplificada pelas manchetes no jornal *Christianity Today*, que proclamou: “Sem Adão, Sem Eva, Sem Evangelho”. Essa reação é perfeitamente compreensível porque existem afirmativas aparentemente claras do apóstolo Paulo em suas cartas aos Romanos e aos Coríntios que, assim se argumenta e há muito se acredita, fazem o evangelho depender da realidade de Adão e Eva literais.

Como as pessoas cristãs devem responder? Uma resposta inaceitável foi expressa no título do livro escrito por Ian Plimer, o geólogo mencionado acima. Como cristão praticante, ele expressou sua profunda preocupação com algumas coisas que foram ditas por colegas cristãos, o que o levou a dar o título a seu livro, que é uma exposição do criacionismo, *Telling Lies for God*<sup>237</sup> (Mentindo para Deus).

O estudioso do Antigo Testamento Peter Enns ressaltou a orientação resumida antes por John Walton. Enns nos incita a lembrar que existem três fatos fundamentais que devemos ter em mente na compreensão desses primeiros capítulos do Gênesis:<sup>238</sup>

1. Reconhecer que nosso conhecimento das culturas do entorno de Israel antigo *afeta em muito a forma como entendemos o Antigo Testamento* - não apenas aqui e ali, mas também o que o Antigo Testamento como um todo pretende transmitir.
2. Como as Escrituras são uma coletânea de escritos distintos, de épocas e lugares muito diversos e escritos para fins diferentes, *a significativa diversidade teológica que nelas encontramos não é uma surpresa.*
3. *A forma como os autores do Novo Testamento interpreta o Antigo Testamento reflete o mundo do pensamento judeu da época* e isso explica seu engajamento criativo do Antigo Testamento. Isso também ajuda as pessoas cristãs de hoje a entender como os autores do Novo Testamento agruparam a história de Israel e o evangelho.

Enns diz que precisamos reconhecer que “o Adão histórico foi a visão cristã dominante por dois mil anos. ... [Entretanto,] recorrer a esse consenso mais antigo como forma de manter o desafio da evolução à distância não é uma opção viável para os leitores de hoje. O mesmo argumento do consenso foi usado contra a observação de Galileu de que a terra gira em torno do sol e que o consenso antigo eventualmente (lentamente) deixou de convencer. *Temos que ter cautela para não repetir o mesmo erro.*”<sup>239</sup>

Especificamente com relação às histórias da criação em Gênesis, Enns observa:<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup>. Plimer, *Telling Lies for God*.

<sup>238</sup>. Enns, *Inspiration and Incarnation*.

<sup>239</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, xvi (grifo nosso).

<sup>240</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 33.

“As histórias da criação devem ser entendidas dentro da estrutura maior, como parte de uma coletânea maior de escritos, teologicamente orientada, que responde às antigas questões de autodefinição, não as contemporâneas, de interesse científico”.

“Os cristãos de hoje interpretam mal o Gênesis quando tentam envolvê-lo, mesmo minimamente, na arena científica”.

Peter Enns prossegue para explorar o impacto do novo entendimento, mais profundo, do contexto antigo de Gênesis 1 na questão da evolução. Ele nos lembra que o princípio fundamental de interpretação é que o significado do texto está arraigado em seus contextos históricos e literários. Assim, Enns escreve: “O Êxodo é a história da monolatria, não do monoteísmo” e que “deixar de ver isso é deixar de ver a profundidade teológica do Êxodo”. Ele argumenta ainda que a teologia de Gênesis 1 é mais clara ao a interpretarmos em seu antigo contexto religioso e literário. Isso novamente demonstra que “Gênesis 1 não é, de forma alguma uma declaração científica moderna, e sim uma declaração religiosa antiga. Ela se baseou nas categorias de pensamento disponíveis na época para criar uma declaração poderosa dentro de seu próprio contexto para a singularidade do Deus de Israel e seu merecimento de ser adorado”.<sup>241</sup>

Ao entender o Adão de Paulo, Enns observa que, para entender qualquer literatura, é preciso fazer as perguntas certas, na ordem certa, e a cada etapa esclarecer seus pressupostos. Com seus pressupostos claros, Enns examina as principais passagens que, segundo se afirma, “exigem” um Adão histórico: Romanos 5:15–21 e 1 Coríntios 15:20–58. Sobre essas questões, Enns observa que “como judeu do primeiro século, Paulo, junto com seus contemporâneos, assumiu vários modos de pensar sobre o mundo”,<sup>242</sup> e que seu entendimento da história de Adão é influenciado pelas convenções interpretativas do Judaísmo do Segundo Templo de forma geral e por sua experiência totalmente reorientadora do Cristo ressuscitado. *Paulo não está fazendo uma exegese direta da história de Adão.* Em vez disso, ele subordina essa história à realidade presente maior do Filho de Deus ressuscitado, expressando-se dentro da hermenêutica ou convenções da época. Como Enns interpreta a história de Adão? Ele diz:

Eu interpreto a história de Adão não como uma história universal para explicar a pecaminosidade humana, mas como uma história pró-Israel. Uma leitura sábia da história do Jardim do Éden não aborda, e portanto, de forma alguma nega, a realidade universal e inescapável do pecado e da morte e a necessidade de um Salvador para morrer e ressuscitar. Eu chego à essa conclusão, porém, não ao ler a história do Jardim do Éden, mas com base na Cristologia de Paulo, que ... *é o que move Paulo a interpretar Adão da forma com faz.* ... O resultado final para nosso propósito restrito é o seguinte:

---

<sup>241</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 45.

<sup>242</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 81.

o que o Gênesis diz sobre Adão e as consequências de suas ações não parece estar alinhado com o quadro universal que Paulo pinta em Romanos e 1 Coríntios - ou pelo menos da forma como o povo cristão entendeu Paulo e depois Agostinho. ... Porém, como espero mostrar, *eu não acredito que o evangelho se baseie em nossa capacidade de ler o Adão de Paulo nas páginas do Gênesis.*<sup>243</sup>

## **A Necessidade de Entender Paulo como um Intérprete Antigo do Antigo Testamento**

Paulo escreveu como um homem antigo, que naturalmente tinha opiniões amplamente aceitas sobre um bom número de coisas. Paulo tinha um contexto cultural, como todos os outros seres humanos. Por exemplo, junto com outras pessoas antigas, Paulo entendia o cosmos como composto por níveis, um cosmo em três camadas: o céu acima, a terra, e abaixo da terra.<sup>244</sup> O fato de autores bíblicos terem escrito essas coisas não significa que eram descrições precisas da realidade física. Pelo contrário, elas simplesmente refletem as formas antigas de pensar. A concepção de Paulo do que está acima dele reflete seu mundo intelectual. Assim também é a compreensão de Paulo sobre a humanidade como criada por Deus em um ato isolado, e não através de um longo processo envolvendo uma descendência comum. A verdadeira questão diante de nós não é se Paulo compartilhava dessas suposições, mas quais são as implicações para a forma como *interpretamos* Paulo, especialmente sua visão de Adão.<sup>245</sup> Neste ponto, é interessante comparar as opiniões de Peter Enns com as expressas por um colega estudioso do Antigo Testamento na mesma tradição eclesiástica que Enns. Assim, John Walton, professor do Wheaton College, recentemente nos ofereceu alguns sábios conselhos sobre como compreender e interpretar adequadamente os documentos antigos nos quais se baseia a Bíblia. Uma citação do livro mais recente de Walton com Tremper Longman III capta a essência da visão das Escrituras que ele enunciou no passado. Longman e Walton escrevem:

Se quisermos interpretar as Escrituras para receber o impacto total da mensagem autêntica de Deus, e construirmos o alicerce para uma teologia sólida, temos que começar deixando nosso rio cultural para trás, com todas as nossas questões e perspectivas modernas, para entender o rio cultural dos antigos intermediários. Os comunicadores que encontramos no Antigo Testamento não têm conhecimento de nosso rio cultural - incluindo todo o seu aspecto científico; nem abordaram nosso rio cultural, nem o previram. Não podemos, portanto, assumir que qualquer das constantes ou correntes de nosso rio cultural são abordadas nas Escrituras. ... Consequentemente, somos obrigados a respeitar o texto, reconhecendo o tipo de texto que ele é e a natureza da mensagem que oferece. Nesse sentido, há muito

---

<sup>243</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 92 (grifo nosso).

<sup>244</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 94.

<sup>245</sup>. Enns, *Evolution of Adam*, 103.

reconhecemos que a Bíblia não é um livro didático científico que aborda os assuntos de nosso ponto moderno vantajoso. Isto é, a intenção de Deus não é ensinar sobre os aspectos científicos de eventos ou fenômenos. Ele revela seu trabalho no mundo, mas não revela como o mundo funciona.<sup>246</sup>

Finalmente, podemos comparar as opiniões de Peter Enns e John Walton, ambos dos Estados Unidos, com as visões de Ernest Lucas, um estudioso do Antigo Testamento residente no Reino Unido. Ernest Lucas, antes de se tornar estudioso do Antigo Testamento, dedicou os primeiros anos de sua carreira à pesquisa científica. Ao proferir as palestras Fliedner na Espanha em 2016, Ernest Lucas identificou de forma muito útil as questões-chave que devem ser levadas em conta ao interpretar qualquer texto, inclusive um texto bíblico.<sup>247</sup> Suas cinco perguntas foram:

1. Que tipo de linguagem é usada?
2. Que tipo de literatura é esta?
3. Qual é o público-alvo?
4. Qual é o propósito do texto?
5. Quais informações de fora da Bíblia podem ser úteis ao interpretar este texto?

Lucas incentivou seu público a lembrar que se deixarmos de considerar essas perguntas, corremos o perigo de substituir a autoridade da Bíblia pela autoridade de nossas premissas. Consequentemente, todos nós distorcemos e abusamos muito facilmente da Bíblia. Lucas lembrou seu público que Howard Van Till (citado em nosso capítulo de abertura) há muito tempo alertou sobre esses perigos quando escreveu: “A cultura ocidental do século 20 me parece particularmente inapta a entender e usar a literatura figurativa ou simbólica. Estamos tão acostumados a uma prosa direta, preto no branco, que esperamos que todos os escritos sejam dessa forma. ... A escrita científica tem feito uma afirmação ilegítima de superioridade sobre a literatura artística”.<sup>248</sup>

Analisados em conjunto, os três autores (Enns, Walton e Lucas) nos alertam de que se deixarmos de considerar o tipo de perguntas que listei acima como meio de tentar compreender a forma humana com que a palavra de Deus chega a nós e simplesmente assumirmos que sabemos que tipo de literatura ela é, e como deve ser interpretada, corremos o perigo de substituir a autoridade da Bíblia pela autoridade de nossas premissas.

---

<sup>246</sup>. Longman and Walton, *Lost World of the Flood*, 7–8.

<sup>247</sup>. Lucas, “Relevance of Genesis.”

<sup>248</sup>. Van Till, *Fourth Day*, 11.

Consequentemente, iremos distorcer e abusar da Bíblia. É um fenômeno estranho a existência de uma coisa em que tanto os "novos ateus" como alguns cristãos fundamentalistas estão de acordo. Essa coisa é que Gênesis 1–3 deve ser lido como uma narrativa científica da origem do cosmos e dos humanos. Quando lido desta forma, está claramente em desacordo com a ciência moderna. Isso leva os novos ateus a rejeitar a narrativa bíblica como um lugar de especulação pré-científica ultrapassada. Leva também os cristãos fundamentalistas a rejeitar as teorias científicas modernas das origens, alegando que são o resultado de pressuposições ateístas, materialistas, que distorcem a compreensão das evidências.

## Resumindo

Mesmo quando ouvimos os conselhos e orientações oferecidos por estudiosos da Bíblia como Enns, Walton e Lucas, que compartilham muitas das mesmas suposições, precisamos reconhecer que ainda restam problemas em compreender corretamente os primeiros capítulos do livro de Gênesis e sua relevância para questões como a compreensão das origens humanas. Uma análise consideravelmente abrangente tanto da literatura científica como da bíblica nos é dada no livro de Luke Janssen, *Standing on the Shoulders of Giants: Genesis and Human Origins*<sup>249</sup> (Sobre os Ombros de Gigantes: Gênesis e Origens Humanas). Jansen seria o último a alegar que sua narrativa da origem dos humanos é o mundo perdido (em 2019, por exemplo, um trabalho na *Nature*, de Vanessa Hayes e um grupo de pesquisadores do Instituto Garvan em Sydney, Austrália, apresentou mais uma prova intrigante sobre as origens humanas)<sup>250</sup>

Em 1980 Alan Wilson, da Universidade da Califórnia estabeleceu com bastante firmeza que o *Homo sapiens* começou como uma espécie africana. Ele desenvolveu o que ficou conhecido como a "hipótese de Eva mitocondrial" ao examinar um tipo especial de DNA passado, não misturado por reprodução sexual, de uma mãe para seus filhos. A pesquisa de Wilson mostrou que as árvores genealógicas das mitogenomas humanas atuais, seus ramos causados por mutações ao longo dos milênios, convergem de uma forma que deixa claro que seu ancestral comum viveu na África. Daí o apelido de "Eva mitocondrial". O que é verdade para Eva também é verdade para Adão. Parte do DNA no cromossomo Y, que é passado sem mistura de pai para filho, pode ser usada para delinear uma árvore similar, também enraizada na África. A novidade desta descoberta é que ela corresponde a pesquisas recentes sobre mudanças climáticas na parte da África onde se acredita que a

---

<sup>249</sup>. Janssen, *Genesis and Human Origins*.

<sup>250</sup>. Chan et al., "Human Origins."

"Eva mitocondrial" tenha vivido.<sup>251</sup> A história continua a se desenvolver. Uma coisa é clara: seria tolice extrema tentar combinar uma teoria específica sobre "Eva mitocondrial" com um entendimento específico dos capítulos iniciais de Gênesis.

Cientistas e estudiosos da Bíblia igualmente com bases muito sólidas podem todos analisar as mesmas evidências mas, no final das contas, diferem em questões como, por exemplo, se alguma vez existiu um par original que correspondesse à história de Gênesis de Adão e Eva. Em um trabalho recente escrito conjuntamente por um grupo de cientistas de diferentes disciplinas e orientado pelo estudioso da Bíblia Ernest Lucas, foram oferecidas duas visões diferentes, ambas sobre evidências atuais que pareceram plausíveis.<sup>252</sup> Uma delas se refere à intervenção direta de Deus em um determinado momento para selecionar um par, Adão e Eva, e de alguma forma fazê-los à imagem de Deus, e isso, como tal, implica uma intervenção de Deus. A outra visão sustenta que Deus, em sua sabedoria, desde o início da história guiou o surgimento dos humanos de modo que, através de todos os processos físicos e biológicos que ele sustentava e mantinha momento a momento, surgissem humanos que tinham capacidade de relacionamento pessoal com seu Criador. É essa capacidade de relacionamento pessoal com seu Criador que muitos teólogos consideraram como uma das características que definem o que significa ser feito à imagem de Deus.

---

<sup>251</sup>. Consultar Janssen, *Genesis and Human Origins*.

<sup>252</sup>. Lucas et al., "Bible, Science, and Human Origins."

## 6. Natureza Humana: A Evidência da Ciência

Teorias científicas sobre a natureza humana podem ser desconfortáveis ou insatisfatórias, mas não são ilegítimas. ...Com deferência à sensibilidade das pessoas religiosas, a ideia de que o homem foi criado à imagem de Deus certamente pode ser rejeitada.<sup>253</sup>

Se buscarmos *insights* sobre a natureza humana para orientar o futuro da religião, encontraremos mais *insights* desse tipo nos romances de Dostoiévski do que em publicações da ciência cognitiva.<sup>254</sup>

No Prefácio I, eu citei um e-mail de um estudante que buscava honestamente relacionar sua fé com sua compreensão da ciência. O estudante escreveu:

Caro Dr. Jeeves,

Sou um cristão com dificuldade de acreditar em uma alma, vida após a morte, ou poder superior. Muitas pessoas em sua área de atuação específica são ateístas. O ateísmo delas não o faz questionar sua fé? Por que? Por que não? Você acha que a mente pode ser reduzida ao cérebro? Se a consciência estivesse confinada ao cérebro, isso eliminaria a ideia de uma alma/vida depois da morte? Você pode me dar algumas razões científicas/lógicas (de preferência científicas) para acreditar na vida após a morte? Gostaria muito de receber uma resposta.

Uma série de perguntas profundas está incorporada a este breve e-mail honesto e tocante enviado por um estudante bastante racional. São perguntas que surgem nas mentes de muitas pessoas que racionalizam muito e que frequentam os bancos das igrejas. Qual, por exemplo, é a relação entre a mente e a alma? E como estas se relacionam com o cérebro? Se minha consciência e o que faz com que eu seja “eu” dependem do trabalho intacto de meu cérebro, o que vai acontecer ao “eu” quando eu morrer? É legítimo e faz sentido buscar a ciência para nos dar a certeza de que há algo depois desta vida? Estas são questões que não só intrigam estudantes que racionalizam, mas também dizem respeito aos pastores que têm consciência das implicações mais amplas para algumas crenças cristãs tradicionais, dos avanços nas ciências relevantes que eles e sua congregação leem na imprensa todos os dias. Neste capítulo, vou resumir da forma mais concisa possível, a natureza e as implicações das

---

<sup>253</sup>. Nature, “Evolution and the Brain”, 753.

<sup>254</sup>. Dyson, “Complementarity”, 53.

evidências sobre a relação do cérebro e a mente que circulam hoje no mercado científico. Vou também apresentar porque acredito que esse conhecimento científico deve ser bem-vindo, pois traz novos *insights* sobre nossa misteriosa natureza humana e como, se devidamente entendido, representa não uma ameaça à nossa fé e sim, um encorajamento.

As respostas que damos às perguntas levantadas por essas questões têm o potencial de encolher ou expandir nossa compreensão de Deus. Ou encolhemos Deus a um Deus “preenchedor de lacunas” ou o expandimos para um Deus verdadeiramente sustentador. Este é um tema destacado recentemente por Deborah Haarsma e Lauren Haarsma. Elas sugerem que, ao sermos confrontados com os desafios da ciência a algumas de nossas crenças religiosas mais arraigadas, recorreremos facilmente a uma abordagem do deus das lacunas. Elas escreveram: “Infelizmente, esta abordagem quase sempre se reduz à busca de Deus apenas nas lacunas de nosso entendimento científico atual, implicando que as explicações científicas para as coisas do mundo natural eliminam a necessidade de Deus. ... A ciência é um meio excelente para aprender verdades sobre a história e o funcionamento do mundo natural, mas existem muitas perguntas que ela não pode responder.”<sup>255</sup>

Essa abordagem de buscar Deus apenas nas lacunas da ciência é evidente em muitos dos modelos criados ao longo dos séculos para ajudar em nosso pensamento sobre a natureza humana. O surgimento de sucessivos modelos destaca o fato de que qualquer modelo, mesmo refinado, nunca é totalmente adequado para a tarefa. Nossa compreensão da natureza está sujeita a um contínuo desenvolvimento - da mesma forma que nossa compreensão de Deus. Isso certamente se aplica aos modelos da natureza humana. Este capítulo oferece uma visão geral do pensamento científico *atual* sobre a misteriosa natureza humana. Porém, o cenário continuará a mudar pois, como nos lembrou o Presidente da Royal Society de Londres e Prêmio Nobel, Venki Ramakrishnan, que escreveu: “O tribunal da ciência nunca formula um julgamento final, mas reavalia constantemente as evidências para chegar ao nosso entendimento atual. ... As evidências vencerão no final. A ciência... não é perfeita, mas ainda é nossa melhor aposta para compreender o mundo ao nosso redor e para melhorar nossas vidas”.<sup>256</sup>

Os últimos 50 anos testemunharam avanços notáveis em nossa compreensão do cérebro. A última década no século 20, chamada de “A Década do Cérebro” pelo Senado dos Estados Unidos, resultou em um aumento no financiamento para todos os tipos de pesquisas do cérebro. Na virada do século 21, os pesquisadores viram a possibilidade de realmente ver quais áreas do cérebro ficam mais ativas quando voluntários realizam todos os tipos de

---

<sup>255</sup>. Haarsma and Haarsma, “Christ and the Cosmos”, 226.

<sup>256</sup>. Ramakrishnan, “Scientific Insight”, 26.

tarefas, como olhar para obras de arte, ouvir música, demonstrar amor maternal, meditar e orar. Tudo parecia bem encaminhado para avanços ainda mais rápidos no estudo da mente e do cérebro, levando alguns cientistas a sugerir que a primeira década deste século deveria ser chamada de "A Década da Mente e do Cérebro". Muito rapidamente, com o uso generalizado de smartphones e dispositivos similares, tornou-se habitual falar sobre o software e o hardware desses dispositivos. Esta forma de pensar sobre a relação entre a mente (o software) e o cérebro (o hardware) parecia fazer todo o sentido. Serviu ainda para destacar a unidade do dispositivo a ser utilizado e, implicitamente, a unidade da pessoa humana. Fazia sentido ver a mente e o cérebro como dois aspectos essenciais de uma unidade, a pessoa humana.

Mas, e quanto à alma? Alma é a mesma coisa que a mente? Se não é, qual é a diferença? Durante dois milênios, um tema abrangente de teologia dogmática e sistemática, ao abordar a antropologia teológica e a doutrina da humanidade, enfatizou que só a humanidade é criada "à imagem divina" ou "à imagem de Deus". Isto se refere, é claro, ao livro de Gênesis onde lemos: "Criou Deus o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (Gen 1:27 NVI). Nesse ponto de vista, considerou-se que uma resposta direta à questão *do que nos torna humanos e nos distingue do resto da criação* foi que, sendo Deus um ser espiritual, Ele nos dotou também de espiritualidade, dando-nos uma alma imortal. Isso, no entanto, acaba sendo simples demais. Como veremos no próximo capítulo, qualquer referência aos trabalhos de estudiosos e teólogos bíblicos que traçaram a compreensão do conceito de alma durante mais de dois milênios demonstra a grande variedade de pontos de vista que foram tomados durante esse período.

## A Natureza da Alma

A natureza da alma e da pessoa humana continua a ser intensamente estudada por teólogos, filósofos, estudiosos da Bíblia e cientistas. Por exemplo, Michael Welker, Professor de Teologia Sistemática e Diretor Executivo do Centro de Pesquisa para Teologia Internacional e Interdisciplinar (FIIT) da Universidade de Heidelberg, organizou uma série de encontros reunindo vinte acadêmicos internacionais, pesquisadores da Bíblia, teólogos, filósofos, advogados e cientistas, convidando todos a refletir sobre as características de uma pessoa humana. Junto com os outros participantes desses encontros, testemunhei debates e discussões acaloradas. Essas discussões foram posteriormente reunidas por Welker em um livro intitulado *The Depth of the Human Person: A Multidisciplinary Approach* (A Profundidade da Pessoa Humana: Uma Abordagem Multidisciplinar).

O capítulo de introdução de Welker nos dá uma breve visão geral e um *insight* sobre o que as diferentes disciplinas acadêmicas têm a dizer sobre a pessoa humana. Por exemplo, “O físico e teólogo John Polkinghorne argumenta que a ciência e a teologia deveriam colaborar entre si ao tratar com a complexidade incômoda da pessoa humana. ... *É necessária uma nova conceitualização da alma*, que poderia nos permitir desenvolver uma descrição dualista, com energia/informação científica, da complexidade humana”.<sup>257</sup> Welker prossegue “Com essas ideias, John Polkinghorne *não quer argumentar a favor de uma imortalidade intrínseca da alma*: “No que diz respeito ao pensamento naturalista, o padrão transportado pelo corpo se dissolverá com sua decadência. No entanto, é uma esperança cristã perfeitamente coerente que o Deus fiel não permita que esse padrão se perca, mas que o preserve na memória divina”.<sup>258</sup>

Ecoando o que será visto no próximo capítulo, Welker observa que:

O estudioso do Antigo Testamento Andreas Schule chama a atenção para o fato de que as visões do mundo têm importância no que se refere a conceitos antropológicos como “corpo”, “alma” e “espírito”. Contudo, uma justaposição simples de uma visão de mundo antiga (religiosa) e a visão moderna (científica) não serão de muita ajuda. Ele descreve uma mudança importante nas visões de mundo já refletidas pelo discurso antropológico do Antigo Testamento. Esta mudança está ligada à reorientação da concentração antropológica da alma (*nefesh*) para o espírito (*ruah*). ... A única visão compartilhada por outras tradições bíblicas é que a alma pode ser resgatada pela atuação salvadora de Deus, mas não uma imortalidade criada.<sup>259</sup>

Esses pontos de vista de Andreas Schule são reforçados pelos do estudioso do Novo Testamento Gerd Theissen. Welker observa que “Theissen mostra que Paulo não está preso a uma antropologia dualista estática, mas desenvolve uma antropologia e cosmologia transformadoras”.<sup>260</sup> Abordando a antropologia bíblica de uma perspectiva diferente, o teólogo sistemático Gunther Thomas se concentra nos desafios decorrentes das “experiências intensivas de finitude” associadas à doença e à fragilidade, encontradas especialmente nas fases finais da vida - desafios que a maioria das antropologias é incapaz de enfrentar. Ele argumenta a favor do desenvolvimento de uma estrutura teológica que nos permita ir além da afirmação de “intelectualismo e autodeterminação moral”.<sup>261</sup> Estes pontos de vista de Gunter Thomas prenunciam algumas das narrativas apresentadas em um capítulo posterior deste livro onde a natureza da fé religiosa é colocada sob o microscópio

---

<sup>257</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 3 (grifo nosso).

<sup>258</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 3 (grifo nosso).

<sup>259</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 6.

<sup>260</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 6.

<sup>261</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 11.

e onde vemos como a capacidade para essa fé depende da integridade neural da pessoa humana.

Uma coisa é extremamente clara. Compreender a pessoa humana é basicamente um “trabalho em andamento”. Tenha muito cuidado com alguém que afirma que sua perspectiva é “a visão aceita” na qual você deve acreditar. Fazer essa declaração é expor o fracasso em entender o mistério do que significa ser totalmente humano. É com esse espírito que o restante deste capítulo deve ser lido.

## Mente, Alma e Localização Corporal

Os gregos antigos consideravam a alma como a essência do ser de uma pessoa e a fonte de toda a vida. Para eles, a alma estava contida em várias partes do corpo, incluindo o coração e o fígado, mas, de forma geral, pensava-se que a parte da alma que controlava as funções mentais estava localizada na cabeça. Foi Galeno, um anatomista de origem grega, que deu a maior contribuição para o avanço da compreensão científica muito inicial das funções mentais da alma. Ele realizou experiências com animais e também observou lesões na cabeça, e apresentou um forte argumento para conectar as funções mentais especificamente com o cérebro. Stuart Zola-Morgan dividiu a história das ideias sobre a localização do cérebro em três eras.<sup>262</sup> A primeira foi a que acabamos de mencionar e a segunda vai do século dois até o século dezoito. Durante esses anos, o debate se concentrou em se as funções mentais estavam localizadas nas “lacunas do cérebro” (sistema ventricular com fluido) ou no próprio tecido cerebral. A igreja medieval exerceu uma forte influência nesse debate ao tomar a posição de que espíritos etéreos e ideias fluíam através dos espaços vazios do cérebro. Nos séculos 15 e 16, Vesalio e outros começaram a questionar essa ideia. No século seguinte, Thomas Willis, que cunhou o termo neurologia, abriu o caminho para o estudo detalhado do tecido cerebral. Em seu livro *The Anatomy of the Brain*,<sup>263</sup> (A Anatomia do Cérebro), ele defende uma distinção entre a “alma racional” imortal que ele acreditava ser única aos seres humanos e a “alma corpórea”, compartilhada pelos humanos e outros animais. Essa distinção permitiu que Willis prosseguisse com suas pesquisas, evitando se chocar contra a autoridade eclesiástica da época. Tendo reconhecido publicamente uma “alma imortal” distintamente humana, ele estava livre para adotar uma abordagem psicofisiológica da “alma animal” encarnada no tecido cerebral. A terceira era vai do século 19 até o tempo atual. Durante esse período, o debate se concentrou em como as atividades mentais são organizadas no cérebro. Uma visão inicial afirmava que funções mentais específicas eram realizadas por partes específicas do cérebro. Uma visão

---

<sup>262</sup>. Zola-Morgan, “Localization of Brain Function.”

<sup>263</sup>. Willis, *Cerebri Anatome*.

alternativa defendia que grandes partes do cérebro estavam envolvidas em todas as atividades mentais - sem funções específicas localizadas dentro de partes particulares do cérebro. Gradualmente, a visão de que existiam faculdades mentais especializadas, cada uma com um substrato material em uma região específica do cérebro se tornou dominante.

Na segunda metade do século 20, três áreas anteriormente não relacionadas com o esforço científico começaram a convergir. Foram elas: a psicologia experimental, a neuropsicologia comparativa e técnicas de imagiologia cerebral. Assim, por exemplo, alguns pesquisadores usaram técnicas de registro de células únicas para estudar os fundamentos neurais da percepção em macacos acordados e alertas.<sup>264</sup> Ao mesmo tempo, aconteceu um desenvolvimento impressionante nas técnicas de imagiologia cerebral, notadamente a tomografia por emissão de pósitrons (PET scans), ressonância magnética nuclear (MRI scans), e ressonância magnética nuclear funcional (fMRI scans). Esses novos métodos possibilitaram o monitoramento da atividade cerebral enquanto pessoas com cérebros íntegros realizavam tarefas mentais específicas.

Ao longo dos últimos cinquenta anos, surgiram relatos ocasionais na literatura neurológica de pacientes que, depois de sofrerem derrames, disseram que não podiam mais reconhecer as faces humanas individuais, inclusive as deles próprios. Eles conseguiam reconhecer objetos, animais ou casas, mas não os rostos. Com o advento das técnicas de escaneamento cerebral, tornou-se possível identificar as áreas específicas do cérebro que, quando lesionadas, pareciam resultar em problemas com o processamento de rostos. Por exemplo, um paciente consultou um neurologista quando se viu incapaz de reconhecer rostos. Não era que sua percepção visual estivesse prejudicada de forma geral. Ele conseguia reconhecer casas, pássaros, vacas, carros, xícaras, pires, mas não rostos. Parecia que a incapacidade de reconhecer rostos era muito específica e aconteceu após danos nos lobos occipitais posteriores do cérebro, frequentemente no lado direito. Ainda mais surpreendente foram outros relatos publicados de pacientes que não conseguiam mais reconhecer outras categorias perceptivas específicas - em um caso, pássaros, em outro caso, carros. Outro exemplo é um fazendeiro que se tornou incapaz de distinguir uma vaca da outra, sendo que antes era capaz de reconhecê-las individualmente. Foi descrito um caso semelhante de um ornitólogo muito competente, que parecia saber o nome de cada ave, mas após o início de sua doença não foi mais capaz de nomear nenhuma ave, embora fosse capaz de identificá-las prontamente antes do início de sua doença. Estudos detalhados de casos como esses agora nos ajudaram a identificar as partes do cérebro que precisam estar intactas para que a capacidade de reconhecer rostos continue normalmente.

---

<sup>264</sup>. Perrett et al., "Neurons Responsive to Faces."

Tais casos colocam questões desafiadoras para qualquer pessoa que afirme que mente/alma é algo imaterial dentro de cada um de nós, intocado por nossa constituição material. Por exemplo, como essa mente/alma imaterial que é usada na percepção humana é afetada quando há danos localizados no cérebro? Há agora um acúmulo de evidências que ilustram o uso regular habitual de capacidades mentais específicas que podem moldar ou mudar a estrutura do cérebro. Por exemplo, usando técnicas modernas de imagiologia cerebral, Eleanor Maguire e seus colegas estudaram os cérebros dos motoristas de táxi de Londres. Sabe-se que os motoristas de táxi licenciados em Londres são conhecidos por sua extensa e detalhada experiência e habilidades de navegação. Maguire estudou as imagens de ressonância magnética estrutural (MRIs) de seus cérebros e comparou-as com as dos participantes correspondentes do grupo de controle que não dirigiam táxis. Descobriu-se que os hipocampus posteriores dos taxistas de Londres eram significativamente maiores do que os dos participantes do grupo de controle. O volume do hipocampo também se correlacionou com a quantidade de tempo dedicado como motorista de táxi. Os pesquisadores concluíram: "Parece haver uma capacidade para mudanças plásticas locais na estrutura do cérebro humano adulto saudável em resposta às demandas ambientais".<sup>265</sup> Assim, quando o hipocampo é usado extensivamente, ocorrem mudanças mensuráveis em sua forma e tamanho, sugerindo que um hipocampo capaz de boas habilidades de navegação não é predeterminado exclusivamente por genes. Ainda mais persuasivo é o fato de que alguns dos mesmos motoristas de táxi mostraram uma redução no tamanho do hipocampo quando se aposentaram, quando não estavam mais exercendo suas habilidades de navegação com a mesma intensidade.<sup>266</sup>

Resultados de estudos como estes, e de muitos outros bem documentados na literatura, colocam sérias questões para quem queira defender a opinião de que cada um de nós possui uma parte imaterial de nós chamada mente/alma intocada por mudanças em nosso corpo e eventos no mundo. Todas as evidências, acumuladas com o tempo, apontam convincentemente na direção oposta. Apesar disso, continuamos a testemunhar de tempos em tempos, tentativas de defender, usando estudos de casos selecionados, a noção de que cada um de nós possui uma alma imortal. Uma dessas tentativas, que ganhou ampla publicidade através da conhecida revista cristã *Christianity Today*, é descrita abaixo. Acreditamos que as conclusões obtidas sobre este caso devem ser contestadas, pois ignoram muitas das evidências já disponíveis na pesquisa da ciência médica.

---

<sup>265</sup>. Maguire et al., "Navigation-Related Structural Change", 4398.

<sup>266</sup>. Woollett et al., "Talent in the Taxi."

## Defendendo a Alma

Em setembro de 2018, a seção de ciências da *Christianity Today* trouxe um artigo intitulado "*More Than Material Minds*" (Mais que Mentas/Mentalidades Materiais). Ele foi escrito por Michael Egnor, e começa com estas palavras: "Como cristão e neurocientista, continuo aprendendo que ser humano é ter uma alma".<sup>267</sup> Neste artigo fascinante, Egnor descreve que ele viu as tomografias exibidas em uma tela, revelando uma imagem da cabeça de "Katie", um jovem bebê com sérias anormalidades cerebrais. Como o bebê cresceu e se tornou uma criança com habilidades cognitivas quase normais, Egnor toma este caso, junto com alguns outros exemplos famosos da história da neurociência, como evidência de que a mente e a personalidade não podem residir dentro do tecido cerebral físico, necessitando assim da existência de uma alma não-material. Michael Egnor parece ser qualificado para defender seu ponto de vista. Ele é neurocirurgião e professor de Cirurgia Neurológica e Pediatria na Universidade Stony Brook de Nova York, por isso é sensato considerar o que ele tem a dizer.

A defesa que Egnor faz da alma ressoa claramente com muitas pessoas cristãs, mas não é a única perspectiva sobre estas questões. Em nossa resposta ao artigo de Egnor, meu colega e coautor Thomas Ludwig salientou que Egnor presta um grande serviço, ao destacar o importante papel da experiência consciente e da agência consciente ("livre arbítrio") em nosso entendimento do que significa ser humano. Porém, não concordamos com as conclusões de Egnor sobre a necessidade de uma alma imaterial, porque não acreditamos que seus exemplos corroborem essas conclusões. Como neurocientistas acadêmicos e cristãos sérios, acreditamos que os exemplos de Egnor realmente apontam para uma maneira diferente de pensar a mente, o cérebro e a alma - uma maneira que reflete melhor as descrições bíblicas da natureza humana. Especificamente, há uma interpretação alternativa dos dados apresentados por Egnor. Os pontos a seguir relativos aos pesquisadores mencionados por Egnor indicam e ilustram nossas preocupações.

### *Do ganhador do Prêmio Nobel Roger Sperry e Michael Gazzaniga*

Egnor alega que o intelecto de um paciente com cérebro dividido permanece não dividido, mas seu exemplo de apresentação visual de meio campo mostra que o hemisfério esquerdo de um paciente com cérebro dividido não pode raciocinar sobre informações apresentadas apenas para o hemisfério direito. Certamente, se a alma/mente transcende o tecido

---

<sup>267</sup>. Egnor, "More than Material Minds", n.p.

cerebral, ela teria acesso a todas as informações armazenadas em qualquer lugar do cérebro.

### *Do pioneiro cirurgião cerebral Wilder Penfield*

Egnor afirma que as sondas elétricas de Penfield poderiam produzir experiências sensoriais ou movimentos musculares, mas não pensamentos complexos. Isto é correto, mas Egnor não percebe que Penfield estimulou pequenos locais individuais na superfície do córtex. Pensamentos complexos como os que Egnor chama de "convulsões intelectuais" envolvem a atividade coordenada de muitas áreas do cérebro. Convulsões reais do tipo não convulsivo ("ausência de convulsões"), que envolvem ondas de atividade elétrica em grandes áreas do cérebro, inibem completamente a experiência consciente e o raciocínio até que a atividade diminua. Certamente, uma alma/mente imaterial poderia continuar a funcionar durante a ausência de convulsão do tecido cerebral.

### *Do neurocientista Benjamin Libet*

Egnor relata com razão que Libet encontrou uma forma de onda elétrica consistente (o "potencial de prontidão") que se constrói antes da decisão consciente de uma pessoa de fazer um pequeno movimento da mão, que Libet toma como evidência de que "o cérebro" toma uma decisão antes que "a pessoa" tome consciência dessa decisão. Concordamos com a rejeição de Egnor à conclusão de Libet. Como foi demonstrado por Donald MacKay, o potencial de prontidão ocorre consistentemente em uma tarefa do tipo Libet, quer a pessoa realmente decida ou não se mover! A pesquisa da Libet não prova que o livre arbítrio é uma ilusão, mas a incapacidade da Libet de encontrar um sinal elétrico correspondente ao "livre não" não é relevante para o argumento. Qualquer veto a um movimento planejado envolveria muitas áreas do córtex pré-frontal relativamente distantes dos eletrodos que medem a atividade do córtex motor.

### *Do caso da paciente Katie*

Egnor argumenta que o cérebro deficiente de Katie (apenas um terço da área do tecido cerebral normal) não poderia possivelmente sustentar funções intelectuais normais; portanto, a alma não tem como residir ou ser ligada ao tecido cerebral físico. Sua conclusão não provém das evidências. O que aconteceria se a alma ou intelecto ou o livre arbítrio de Katie se removêssemos o terço restante do tecido cerebral? Em vez de trazer evidências de uma alma/mente imaterial, a capacidade intelectual de Katie é testemunho da plasticidade do cérebro depois de danos durante o desenvolvimento pré-natal ou na primeira infância.

## *Dos estudos do dualismo*

O artigo de Egnor promove uma distinção dualística mente-cérebro ou alma-corpo que tem apoio fraco das Escrituras. Os estudos criteriosos de estudiosos da Bíblia, como Patrick Miller (Princeton), Lawson Stone (Asbury), Bill Arnold (Asbury), Joel Green (Fuller), e N. T. Wright (St. Andrews) trouxeram uma perspectiva diferente. Como escrevemos recentemente,

Durante o século passado, estudiosos da Bíblia também começaram a se distanciar de uma antropologia dualística para recuperar uma visão hebraica mais holística da pessoa humana. A rejeição do dualismo platônico proporciona uma oportunidade para gente da teologia e da psicologia trabalharem juntas para abordar as descobertas neurocientíficas que sustentam uma unidade fundamental mente-cérebro e mente-corpo da pessoa humana. Em nossa opinião, a forma mais útil para avançar é reconhecer a misteriosa dualidade de nossa vida mental e do corpo físico, ao mesmo tempo aceitando nossa unidade psicobiológica essencial como pessoas inteiras, completas.<sup>268</sup>

Embora o artigo de Egnor levante questões importantes que não foram ainda resolvidas na neurociência ou na teologia bíblica, existe uma perspectiva alternativa que acreditamos ser uma interpretação mais baseada na Bíblia, ao mesmo tempo em que também reflete de forma mais precisa o entendimento apropriado das evidências da neurociência. Essa perspectiva alternativa é descrita em mais detalhes em minha Palestra de Boyle.<sup>269</sup>

## **A Alma e o Ser Feito à Imagem de Deus**

Quais são as características distintivas dos seres humanos? Uma discussão detalhada sobre esta questão foi feita recentemente por outro importante estudioso da Bíblia, Anthony Thiselton, em suas contribuições para um livro dedicado à compreensão do surgimento da personalidade.<sup>270</sup> Thiselton fez uma tentativa persistente de fazer justiça às contribuições dos cientistas que contribuíram para o livro, ao mesmo tempo em que aplicava as principais pinceladas do quadro da humanidade oferecidas a partir de uma abordagem teológica. Em seu capítulo, Thiselton cruzou repetidamente e de forma muito útil as contribuições dos cientistas. Após uma exposição muito detalhada do que se entende por afirmações de que os seres humanos são feitos à imagem e semelhança de Deus, que cobriu reflexões dos últimos dois milênios e épocas anteriores, bem como tendências mais recentes, Thiselton analisou novamente os três aspectos-chave do que significa ser feito à imagem de Deus -

---

<sup>268</sup>. Jeeves and Ludwig, *Psychological Science and Christian Faith*, 231.

<sup>269</sup>. Jeeves, "Psychologizing and Neurologizing about Religion."

<sup>270</sup>. Thiselton, "Image and Likeness of God."

relacionalidade, representação e vocação, ou realização - à luz de algumas das contribuições dos cientistas nos capítulos anteriores do livro. Ele escreveu:

A narrativa de Justin Barrett sobre a continuidade dentro de uma estrutura relacional também se coaduna bem com o senso de autoestima de Paul Ricoeur contra Hume. ...Seus apelos a uma teoria da mente permanecem inteiramente relevantes. C. A. Campbell assinalou que, com base na teoria de Hume sobre o eu como percepções quase sucessivas, poderíamos entender o badalar de dez vezes de um relógio como dez vezes a repetição de seu badalar de uma hora; onde a continuidade de uma mente estável interpretaria isso como o badalar de dez horas! A ênfase de Barret sobre as qualidades potenciais e não nas reais também é coerente com nossa ênfase em localização e realização. ... A narrativa de Francisco Ayala da moral e ética também oferece uma ressonância próxima com minhas referências a Ricoeur. Roy Baumeister e Warren Brown indicaram, com Barrett e este capítulo, que o eu não denota um indivíduo isolado. A importância da relacionalidade em comunhão não se limita apenas à teologia. Baumeister dedica uma seção de seu capítulo à pergunta: “Eus Solitários?” Ele afirma: “A individualidade de um ser completamente solitário seria bastante limitada”. E acrescenta: “A identidade, portanto, não está dentro da pessoa, e sim na matriz social”.<sup>271</sup>

No encerramento de seu capítulo, Thiselton estabeleceu elos relevantes com a narrativa do psicólogo evolucionista Richard Byrne sobre as possíveis maneiras em que a linguagem pode ter surgido. Ele observou que Byrne afirma que “A linguagem é considerada, pelo menos nas tradições mais intelectuais, como a quintessência do atributo humano”, e comenta “Se uma pessoa não é o ego individualista postulado por Descartes, o que permite que o eu interaja com outros em personalidade é a *linguagem*, ou outras formas de comunicação, como Richard Byrne argumenta”.<sup>272</sup> Assim, os três aspectos do que significa ser feito à imagem de Deus, que são a relacionalidade, representação e vocação, ou realização *não fazem referência à implantação de uma alma imortal*. E, como os outros colaboradores do livro mencionado deixaram claro, estes aspectos podem ser traçados como emergentes, como parte da criação em evolução, tudo em consequência da sustentação divina de Deus. *Não há necessidade de preencher uma lacuna como uma reflexão posterior. Um Deus verdadeiramente grande, não um Deus encolhido, para preencher lacunas ocasionais.*

No mesmo livro editado, o teólogo Alan Torrance retomou alguns dos temas de Thiselton, lembrando-nos que:

As raízes do conceito de “pessoal” estão na tradição judaico-cristã, para a qual a existência pessoal precisa ser entendida à luz do fato de Deus estabelecer um

---

<sup>271</sup>. Thiselton, “Image and Likeness of God”, 196.

<sup>272</sup>. Thiselton, “Image and Likeness of God”, 199.

relacionamento com o animal humano. Para os pais da igreja cristã, isso encontra seu foco no engajamento transformador de Deus com a humanidade, e a criação de uma “nova humanidade” por meio do parentesco com o Eterno, estabelecido com a humanidade no tempo - na pessoa de Jesus Cristo. ... A existência pessoal é dada com e, em última análise, sujeito à - comunhão que Deus estabelece e sustenta por meio da comunhão concreta, histórica e pessoal com as criaturas humanas. Esta é uma comunhão transformadora e criativa do que precisa ser concebido em diálogo com a ciência evolucionista, não como uma humanidade antiga, mas como uma nova humanidade. ... Essa nova forma de existência foi definida em termos das categorias de participação (*koinonein*) e *agape*, os dois conceitos usados pelo “personalismo” para definir a existência humana na medida em que pode ser descrita como “pessoal”.<sup>273</sup>

## Dualismo, Monismo e Espiritualidade Socialmente Incorporada: Um Debate Contínuo

O foco de nossas discussões neste capítulo e no próximo se concentrou em como os recentes desenvolvimentos na erudição bíblica, na psicologia e na neurociência despertaram um repensar sobre algumas crenças amplamente defendidas e há muito estabelecidas sobre o corpo, a mente e a alma. Constatamos que, por séculos, os debates eram sobre as afirmações relativas de várias formas de dualismo versus monismo. Também vimos como, mais recentemente, os trabalhos dos estudiosos do Antigo e do Novo Testamento levaram a um repensar da crença em alguma forma de dualismo tradicional de corpo-alma.

A ciência continua a avançar. Em um trabalho de 2019, David Muthukumar criticou e traçou a utilidade e as deficiências, no seu entender, de várias formas passadas de pensar construtivamente, num contexto cristão, sobre nossa unidade psicobiológica.<sup>274</sup> Ele cita as primeiras visões deste autor, defendendo o monismo de duplo aspecto.<sup>275</sup> Ele acrescenta um relato das opiniões apresentadas por Nancey Murphy e Warren Brown em seu livro *Did My Neurons Make Me Do It? Perspectives on Moral Responsibility and Free Will* (Meus Neurônios Me Obrigaram a Fazer Isso? Perspectivas Sobre Responsabilidade Moral e Livre-Arbítrio) - defendendo o que eles chamam de “fiscalismo não redutivo”.

Muthukumar prossegue para indicar a utilidade da crítica de Philip Clayton do fiscalismo não redutivo, lembrando-nos da importância da agência humana. Ele finalmente apresenta sua visão pessoal, que busca captar toda a narrativa do que ele descreve como “a identidade

---

<sup>273</sup>. Torrance, “Retrieving the Person”, 218.

<sup>274</sup>. Muthukumar, “Embodied and Socially Embedded ‘Self.’”

<sup>275</sup>. Vide Brown e Jeeves, “Portraits of Human Nature”; Jeeves, “Changing Portraits of Human Nature”; Jeeves e Brown, *Neuroscience, Psychology, and Religion*.

do eu socialmente incorporada”. Ao expressar sua perspectiva, ele menciona as posições de Warren Brown e Brad Strawn, que afirmaram que “A natureza humana nasce de mais do que apenas um cérebro complexo, e sim de sistemas corporais inteiros envolvidos em interações comportamentais com o mundo e suas consequências no feedback sensorial contínuo sobre os resultados de tais ações”.<sup>276</sup>

Com base no trabalho de Michelle Maiese<sup>277</sup> e Shaun Gallagher,<sup>278</sup> Muthukumar defende a importância de reconhecer a identidade socialmente incorporada do eu. Ao fazer isso, ele chama a atenção para a importância das sensações corporais e da cinestesia. Ele também procura ligar suas ideias com as funções dos neurônios espelho. Estas ideias são certamente novas indicações importantes, pois parece que sua ênfase na importância do "nível das sensações corporais, em particular a cinestesia, ou a experiência sensorial do próprio movimento" <sup>279</sup> abre imediatamente a possibilidade, em princípio pelo menos, de testes empíricos naquele número muito pequeno de pessoas nas quais, por várias razões, estas sensações corporais e a experiência dos próprios movimentos são diminuídas ou ausentes devido a lesões ou doenças. Isso significa que, mais uma vez, é possível apresentar visões potencialmente revolucionárias, lembrando que, quando elas são apresentadas com clareza suficiente, podem estar abertas a testes empíricos. Nosso entendimento continuará a crescer por meio dos avanços da ciência, o que, por sua vez, poderá levar os teólogos a repensar as visões até então estabelecidas da natureza humana.

Há ainda outro lembrete de que, à medida que a ciência e os estudos bíblicos avançam, restarão, de tempos em tempos, lacunas em nosso conhecimento. Porém, temos que resistir à tentação, em que caímos tantas vezes no passado, de invocar algum aspecto de Deus, sua natureza e sua atividade, para preencher essas lacunas. Elas certamente serão preenchidas no devido tempo e então, mais uma vez, teremos encolhido nossa compreensão do Deus “que sustenta todas as coisas pelo poder de sua palavra” (Heb 1:3 ACF).

---

<sup>276</sup>. Brown and Strawn, “Beyond the Isolated Self”, 74.

<sup>277</sup>. Maiese, *Embodiment, Emotion, and Cognition*.

<sup>278</sup>. Gallagher, *Body Shapes the Mind*.

<sup>279</sup>. Muthukumar, “Embodied and Socially Embedded ‘Self’”, 120.

## 7. Natureza Humana: As Evidências das Escrituras

Quando pessoas examinam outras pessoas, estão examinando indivíduos que existem em solidariedade real ou potencial com Jesus Cristo. ... Porém, a solidariedade em si oferece um poderoso recurso cristão para realizar estudos sérios sobre a pessoa humana e a personalidade humana.<sup>280</sup>

### Colocando em Perspectiva Histórica

As influências pervasivas e persistentes dos pensadores gregos como Platão são evidentes ao longo dos séculos subsequentes. Contudo, concentrar-se principalmente ou exclusivamente no domínio das influências gregas sobre o pensamento ocidental posterior é ignorar as influências contínuas de impérios anteriores como os babilônios, assírios e persas. Eles, junto com as influências gregas e romanas, reformularam o judaísmo e o desenvolvimento do cristianismo. Faz sentido observar essas influências à luz das discussões sobre as origens humanas no capítulo anterior. Observamos como o consenso emergente é que o *Homo sapiens* deixou a África há cerca de 70.000 anos. Ao fazer isso, sua jornada o levou ao que às vezes é chamado de corredor levantino, um trecho estreito de terra que liga a África à Eurásia. Como Luke Janssen detalhou recentemente, esse pedaço de terra relativamente pequeno que hoje chamamos de Oriente Próximo ou Oriente Médio é uma das mais antigas incubadoras do pensamento humano filosófico e teológico.<sup>281</sup>

### A Persistência do Dualismo Pervasivo na Reflexão sobre a Natureza Humana

A noção de que os humanos possuem uma alma era típica do pensamento das grandes figuras do passado, desde Platão, Galeno, Orígenes, Nemésio e Agostinho (que tinha uma visão platônica modificada) até Descartes no século dezessete. Até relativamente pouco tempo no mundo ocidental, as ideias culturais dominantes sobre a natureza humana eram uma combinação de cristianismo e filosofia platônica. A descrição de Platão da alma

---

<sup>280</sup>. Noll, *Jesus Christ*, 38.

<sup>281</sup>. Janssen, *Genesis and Human Origins*.

desencarnada, imaterial e imortal prospera no pensamento cristão, apesar dos ensinamentos de Paulo sobre a ressurreição do corpo em uma nova forma (1 Cor 15).

Porém, esta não é a única maneira de entender a noção de alma. Aristóteles, grande sucessor de Platão no século quatro a.C., acreditava que a alma humana não deveria ser entendida como uma entidade etérea que pode sobreviver por si só, mas como uma forma de vida e de funcionamento, mesmo em plantas e animais. A espécie humana de alma é nosso conjunto distinto de faculdades, incluindo percepção, emoção, raciocínio e ação racional. Disse Aristóteles: “Melhor é não dizer que a alma se apieda, aprende ou pensa, mas que o ser humano o faz por meio da alma”.<sup>282</sup> Pensado desta forma, não faz sentido falar de uma alma ou mente existente sem um corpo, pois se não há corpo, então não pode ser possível que uma pessoa esteja vivendo e funcionando. Porém, Aristóteles também sugeriu que existe alguma coisa diferente sobre o intelecto humano, nossa faculdade de pensamento puramente teórico, que talvez exista separadamente do corpo “como o imortal pode do perecível”.<sup>283</sup>

Alguns dos sucessores islâmicos cristãos de Aristóteles tiveram a felicidade de explorar esse aparente retrocesso em sua filosofia da mente. No final da Idade Média (século 13), Tomás de Aquino fez uma síntese impressionante das ideias cristãs e aristotélicas, que desde então se tornou uma ortodoxia católica. Embora fortemente influenciado por Aristóteles, ele reteve um elemento do platonismo, argumentando que a alma tem uma existência separada no intervalo entre a morte e a ressurreição.<sup>284</sup> Esta posição de compromisso pode ajudar a resolver o problema de manter a continuidade e a identidade pessoal, mas ao custo de incorrer em problemas associados ao dualismo platônico/cartesiano de corpo e alma.

Pontos de vista fortemente dualistas são encontrados nos escritos de alguns dos líderes da Reforma Protestante, como João Calvino. Eles persistem em um grupo restrito de filósofos, mas a tendência filosófica contemporânea está voltada à identidade da mente e do cérebro, ou pelo menos a um dualismo de aspectos ou propriedades da pessoa viva. Para mais detalhes sobre esses temas, vide *Thirteen Theories of Human Nature*<sup>285</sup> (Treze Teorias da Natureza Humana)

Dentro das principais tradições católicas e protestantes existiram e continuam a existir fortes afirmações de crença em uma alma imaterial e imortal, distinta do corpo físico. Por

---

<sup>282</sup>. Aristóteles, *De Anima*, 408b15.

<sup>283</sup>. Aristóteles, *De Anima*, 413b26.

<sup>284</sup>. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* 76.a1.6, onde Aquino afirma que o princípio intelectual da alma permanece em existência mesmo quando não está unido ao corpo, após o corpo ter sido corrompido pela morte.

<sup>285</sup>. Stevenson et al., *Thirteen Theories*, 87–90; 103–5; 123; 128–31; 134–36; 156–66.

exemplo, o catecismo oficial da Igreja Católica afirma: “A Igreja ensina que cada alma espiritual é criada por Deus de modo imediato e não produzida pelos pais; e que é imortal, isto é, não morre quando, na morte, se separa do corpo; e que se unirá de novo ao corpo na ressurreição final”.<sup>286</sup> João Calvino escreveu algo similar:

Afinal, que o ser humano consiste em uma alma e um corpo, deve estar além de toda controvérsia. E pela palavra alma entendo uma essência imortal, contudo criada, que lhe é das duas a parte mais nobre. Por vezes também é chamada espírito. ... E Cristo, encomendando o espírito ao Pai (Lucas 23:46), como também Estêvão o seu a Cristo (Atos 7:59) não entendem outra coisa senão isto: quando a alma é liberada do cárcere da carne, Deus lhe é o perpétuo guardião.<sup>287</sup>

Essas declarações claramente expressas tanto na tradição católica como da Reforma, ainda ressoam fortemente com as crenças de milhões de pessoas cristãs. A perspectiva dualística sobrevive hoje apesar, como veremos, dos frutos do trabalho de dedicados estudiosos da Bíblia que apontam para a necessidade de repensar o que os chamados textos clássicos ensinam sobre os seres humanos e a natureza humana.

As visões dualísticas são uma parte intrínseca das crenças que circulam amplamente entre os chamados “*new agers*”. A espiritualidade da nova era se alimenta tanto do declínio da religião comunal quanto do avanço da ciência. De acordo com essas concepções, você é uma alma que habita um corpo e, portanto, é capaz de viajar para fora dele, ler a mente dos outros e vislumbrar o futuro. Sua alma pode ter habitado outro ser e pode voltar a encarnar em alguém que virá. Na morte de seu corpo você encontrará um ser gentil de luz (o que, segundo se afirma, já foi vivenciado por pessoas que estavam próximas da morte e sobreviveram, cujos espíritos desocuparam temporariamente seus corpos). O dualismo é, portanto, um componente crucial dessas crenças. Essas perspectivas não são uma coisa do passado. Vários livros escritos por cirurgiões e médicos que estudaram as chamadas experiências de quase morte afirmaram apresentar novas provas para a existência separada da alma. Ela deixa o corpo, assim se afirma, durante uma experiência de quase morte e volta na ressuscitação. Porém, essas visões não ficam sem questionamento. Por exemplo, em outubro de 2019, em um blog com o título “*Cardiac Arrest and the Conscious Experience of Death*” (Parada Cardíaca e a Experiência Consciente da Morte), David Myers resumiu os pontos de vista de Sam Parnia, Diretor de Pesquisa de Ressuscitação Crítica no Centro Médico da Universidade de Nova York. Parnia afirmou que tinha provas adicionais da existência da alma. Myers escreveu: “Parnia é persuadido por seus inúmeros relatos confiáveis de pacientes ressuscitados, que lembram de acontecimentos reais durante seu

---

<sup>286</sup>. Igreja Católica, “A Imagem de Deus”, 1.2.1.6.366.

<sup>287</sup>. Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 1.15.2.

tempo de inatividade cerebral. Meu ceticismo nasce de três linhas de pesquisa: o fracasso dos experimentos parapsicológicos em confirmar viagens fora do corpo com visão remota, a montanha de evidências da neurociência cognitiva ligando cérebro e mente, e observações científicas mostrando que a privação de oxigênio cerebral e drogas alucinógenas podem causar experiências místicas similares (completas com o túnel, o feixe de luz e a revisão da vida).<sup>288</sup>

Como Myers deixa claro, existem muitas questões sem resposta a serem feitas a respeito dessas chamadas novas evidências. Mais importante, Myers faz a sugestão de que o caminho com a mente aberta para abordar esse tópico seria que Sam Parnia cooperasse com um neurocientista de destaque, que tivesse expectativa de um resultado nulo, em uma “colaboração adversária”, na qual as hipóteses sejam registradas antecipadamente com a Estrutura da Ciência Aberta. Aguardamos com interesse os próximos desdobramentos. A questão é que a maneira de lidar com esses assuntos não é cada um gritar mais alto para o outro à distância, mas sim através de uma colaboração construtiva e de mente aberta.

## **Rumo a uma Visão Hebraico-Cristã da Natureza Humana**

Um dos "modelos mentais" que carregamos conosco, embora raramente expresso, é o que acreditamos sobre nossa natureza humana. Temos um corpo, mente e alma - o chamado modelo tripartite de uma pessoa? Hoje, esse modelo está sendo seriamente questionado. Keith Ward, Professor Régio de Divindade aposentado de Oxford, argumenta que precisamos reconhecer a grande diferença entre as doutrinas oficiais sobre a alma humana e os entendimentos populares sobre ela. Ward aceita que a ideia de que a alma, como parte da pessoa humana, que pode ser desligada do corpo sem qualquer dano à personalidade, é uma visão amplamente aceita em alguns dos diálogos de Platão. É também uma visão encontrada nos escritos de alguns dos mais influentes escritores cristãos primitivos, como Agostinho, que foi fortemente influenciado por Platão. Esses cristãos acreditavam que a alma é uma substância espiritual distinta do corpo. Contudo, Ward alega que isso é um mal-entendido do cristianismo.<sup>289</sup> Ele afirma que a tradição cristã, assim como as tradições judaica e muçulmana, começa em um ponto bem diferente. A alma não é uma entidade separada adicional ao corpo. Ward argumentou que a visão hebraica e aristotélica dos seres humanos reconhece que estes são objetos plena e adequadamente materiais e acredita que

---

<sup>288</sup> Myers, "Cardiac Arrest."

<sup>289</sup> Ward, *More Than Matter?*

sua singularidade está em seu pensamento mental abstrato e em sua atuação responsável e livre.

Michel Welker, professor de Teologia em Heidelberg, argumentou que existe um consenso emergente sobre como a alma deve ser entendida nas discussões contemporâneas da natureza humana. Por exemplo, Welker comenta: “Como quase todos os autores bíblicos, Paulo não atribui qualquer poder salvador à “alma”. Ela apresenta apenas a unidade mente-corpo, para a pessoa inteira (“uma aldeia de duzentas almas”).<sup>290</sup>

O estudioso do Antigo Testamento Andreas Schule comenta: “O que torna problemática a interpretação da “alma” é o fato de que este termo poderia sugerir que o *nephesh* [hebraico] é de fato algo imortal, algo capaz de existir além do corpo físico. A ideia de uma alma imortal, porém, está inteiramente ausente da transmissão hebraica do Antigo Testamento”.<sup>291</sup>

Apesar destas advertências de teólogos e estudiosos da Bíblia, o dualismo corpo-alma continua sendo uma crença amplamente difundida, não apenas entre as pessoas cristãs, mas também na maioria das outras tradições religiosas. Está tão profundamente enraizada na cultura humana que alguns, incluindo o psicólogo de desenvolvimento Paul Bloom, acreditam que as crianças pequenas são “dualistas naturais”, biologicamente predispostos a perceber o mundo em termos dualistas.<sup>292</sup> Apesar da popularidade do dualismo, a evidência da erudição bíblica contemporânea apoiada pelos resultados de extensos estudos dos neurocientistas sobre as relações mente-cérebro oferece novos *insights* que nos encorajam a considerar a reinterpretção de alguns dos antigos textos bíblicos e o retorno a uma visão mais holística da pessoa humana. Por séculos, as palavras “alma” e “mente” foram usadas de forma intercambiável. Dentro do contexto cristão, o texto de prova tradicional para a existência e a importância da alma é encontrado no início da Bíblia. “E formou o SENHOR Deus o ser humano do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem se tornou um ser vivente [uma alma vivente na versão da KJ em inglês] (Gen 2:7 AKJ). Isso, durante séculos, levou à visão de que a alma deixa o corpo na morte, vive no domínio espiritual e se reúne com o corpo na ressurreição dos mortos no último dia.

Durante dois milênios, um tema abrangente de teologia dogmática e sistemática, ao abordar a antropologia teológica e a doutrina da humanidade, enfatizou que só a humanidade é criada “à imagem divina” ou “à imagem de Deus”. Nesse ponto de vista,

---

<sup>290</sup>. Welker, *Depth of the Human Person*, 2.

<sup>291</sup>. Schule, “Soul’ and ‘Spirit’”, 12 (grifo nosso).

<sup>292</sup>. Bloom, *Descartes’ Baby*.

considerou-se que uma resposta direta à questão *do que nos torna humanos e nos distingue do resto da criação* foi que, sendo Deus um ser espiritual, Ele nos dotou também de espiritualidade, dando-nos uma alma imortal. Isso, no entanto, acaba sendo simples demais. Qualquer referência aos escritos de estudiosos e teólogos bíblicos que traçaram a compreensão do conceito de alma durante mais de dois milênios demonstra a grande variedade de pontos de vista que foram tomados durante esse período.

Como a alma era considerada a parte mais importante e mais distintiva da pessoa, tornou-se vital defender seu status ao definir o que significa ser humano. Entretanto, essa visão é hoje amplamente contestada não por cientistas céticos e descrentes, mas pelos estudiosos da Bíblia, que veem a singularidade humana surgir não por possuímos uma alma imortal representando a "imagem de Deus", mas sim de nosso chamado para entrar no relacionamento pessoal que nos é oferecido por nosso Criador. Assim, Vladimir Lossky escreve: "A criação à imagem e semelhança de Deus implica a ideia de participação no Ser divino, de comunhão com Deus".<sup>293</sup> Anthony Thiselton, um dos principais estudiosos da Bíblia de hoje e especialista em hermenêutica, afirma que "ser feito, ou chamado, à imagem de Deus, é representar Deus".<sup>294</sup> Outro estudioso da Bíblia, N. T. Wright, escreveu: "Eu venho argumentando há algum tempo: essa imagem de Deus não estava em Gênesis 1 com a intenção de se referir a alguma característica ou habilidade ou traço especial dos humanos, mas sim a uma vocação. A vocação em questão é que o ser humano foi concebido pelo Criador para ter um papel especial em seu governo do mundo. Eventualmente, muda-se de opinião para usar a linguagem do sacerdócio real, que eu penso ser absolutamente central".<sup>295</sup>

Finalmente, a consciência de que somos criados "à imagem e semelhança de Deus" deve trazer profunda segurança sobre nosso valor aos olhos divinos e como nossas ações podem nos aproximar ou nos afastar da semelhança de Deus. James Bryan Smith escreve: "Quando eu tomo consciência que sou feito à imagem de Deus, entendo que sou sagrado e valioso. Quando eu entendo que não posso alterar essa imagem por meios tolos e pecadores, sou grato a Deus. Quando eu aceito que por minhas ações eu me aproximo ou me distancio da singularidade de Deus, eu levo o pecado a sério".<sup>296</sup>

---

<sup>293</sup>. Lossky, *Mystical Theology*, 118.

<sup>294</sup>. Thiselton, *Thiselton Companion*, 477.

<sup>295</sup>. Wright, comunicação pessoal.

<sup>296</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 76.

## O Que Dizem os Estudiosos da Bíblia e os Filósofos da Religião

Outros estudiosos da Bíblia ecoaram os pontos de vista de Andreas Schule descritos acima. Por exemplo, Lawson Stone escreveu:

Para resumir: o termo *nepshesh* em Gênesis 2:7 refere-se não a uma parte da natureza de Adão, nem à posse de uma hipóstase espiritual pessoal transcendente, denominada "alma" que vive para sempre e que distingue a humanidade dos animais. Ao contrário, *nepshesh hayyah* denota Adão como uma criatura viva, como os animais criados em Gênesis 1 e 2. Ele ressalta o elo de Adão com a criação animal, não sua diferença dela.<sup>297</sup>

Algumas pessoas que pretendem contestar as conclusões claras de Lawson Stone às vezes tentam fazê-lo apelando para uma passagem nas Escrituras do Antigo Testamento onde Samuel aparece em Endor. Escrevendo sobre essa questão, o estudioso do Antigo Testamento Bill Arnold disse, "uma leitura *a prima facie* de 1 Samuel 28:3–19 pode resultar na convicção de que a 'alma' de Samuel estava presente em Endor, e que este texto, portanto, tem implicações preocupantes para a antropologia monista considerada na discussão recente".<sup>298</sup> Depois de uma consideração criteriosa e detalhada dessa passagem, Arnold oferece suas conclusões:

Primeiro um aviso - uma leitura superficial de 1 Samuel 28 pode levar os cristãos de hoje a interpretações que parecem refutar uma antropologia monista. Mas, como vimos, os crentes dos primeiros tempos discordavam sobre este difícil texto, e não é possível chegar a um consenso com base em 1 Samuel 28 em defesa de um dualismo tradicional. Além disso, as interpretações de 1 Samuel 28:3–19 que assumem uma abordagem fisicalista estão mais próximas da *Weltanschauung* (cosmovisão) israelita, e as implicações disso para o monismo cristão emergente devem ser mais exploradas. ... Segundo, devemos dar mais atenção à linguagem fenomenológica da Bíblia com referência à natureza dos seres humanos. Fazemos isso de forma bastante natural e lógica com relação à cosmologia quando lemos a Bíblia. Assim, por exemplo, sabemos que a terra não tem "quatro cantos" e entendemos o sol "nascente" e "poente" como uma reflexão da visão de mundo antiga, pré-científica, e não como uma descrição técnica de nossos tempos. Da mesma forma, fazemos os ajustes intelectuais necessários quando lemos sobre a estrutura plana em forma de disco da terra e a existência de *Sheol* abaixo da superfície.<sup>299</sup>

Escrevendo dessa forma, Arnold ecoa e reforça os pontos de vista da interpretação bíblica de John Walton expressas no capítulo anterior. Arnold continua:

---

<sup>297</sup>. Stone, "Soul", 56.

<sup>298</sup>. Arnold, "Soul-Searching Questions", 75.

<sup>299</sup>. Arnold, "Soul-Searching Questions", 82.

Algo similar tem que ser feito quando lemos a linguagem fenomenológica da antropologia bíblica. Quando o texto faz referência ao processo do pensamento humano, existe uma notória ausência da linguagem "cérebro", e talvez seja instrutivo observar que não existe no hebraico bíblico uma palavra para "cérebro". Parece que nenhum dos antigos entendia como o cérebro funcionava, ou até mesmo qualquer coisa sobre seu uso. Porém, o hebraico bíblico tem muitos termos que descrevem a personalidade humana, incluindo palavras que convencionalmente querem dizer "espírito" e "alma" (*ruah, nephesh*), e termos para órgãos internos, como a sete das emoções, como "coração", "fígado" e "rins" (*lev/levav, kaved, kelayot*, etc.). Porém, todos dados contextuais filosóficos e literários as Escrituras hebraicas relacionadas ao cristianismo são notoriamente difíceis de interpretar. Estudos recentes admitiram a percepção puramente física da personalidade humana da Bíblia hebraica, *reconhecendo a impossibilidade de desenvolver uma antropologia cristã dualista com base nesses dados*.<sup>300</sup>

Tentativas de defender visões tradicionais da alma também foram colocadas em questão pelos estudiosos do Novo Testamento, como Joel Green. Com referência aos avanços da ciência, ele escreveu:

Essas descobertas não serão menos perturbadoras dentro da tradição cristã, uma vez que a identidade pessoal há muito tempo está ligada à existência de uma entidade ontológica conhecida como a alma, separada do corpo e identificada com o "eu" genuíno da pessoa. Um entendimento da pessoa humana derivado da neurociência impinge imediatamente dois pontos na teologia cristã. Primeiro, do ponto de vista neurocientífico, é agora desnecessário postular uma segunda entidade metafísica, como uma alma ou espírito, para explicar as capacidades e distinções humanas. Segundo, no nível da biologia molecular, qualquer distinção significativa entre os seres humanos e outros animais é impossível de sustentar. Essas conclusões levantam questões incômodas: na ausência de uma alma, o que nos torna autenticamente humanos? Se não é a alma, então quem ou o que é um objeto próprio do ser humano, o "eu" ou o "ego"? Para falar em termos mais tradicionais, o que significa agora afirmar que somos portadores da "imagem divina"? Sem uma segunda entidade metafísica, como uma alma ou espírito, para explicar as capacidades e distinções humanas, deixamos nossa humanidade ser explicada exclusiva e exaustivamente - na verdade, de forma redutiva - recorrendo à genética ou à neurociência?<sup>301</sup>

Depois de uma detalhada e extensa discussão das questões em torno do entendimento bíblico da alma, Green nos traz uma conclusão proveitosa:

Se a posse de uma "alma" não é a marca diferenciadora da pessoa humana, aquela que separa os seres humanos do resto da criação, qual é essa marca? Ao contrário dos outros membros da criação, animados e inanimados, a humanidade é criada por Deus "à sua própria imagem" (cf. Gen 1:26-27).

---

<sup>300</sup>. Arnold, "Soul-Searching Questions", 82.

<sup>301</sup>. Green, "To Be Human", 180.

Novamente, este ponto do Gênesis não define a humanidade em termos essencialistas, e sim relacionais - mais especificamente identificando a pessoa humana como parceira de Yahweh, e com ênfase no caráter comunal, intersexual da personalidade, a qualidade de cuidar da família humana é exercer, com relação à criação, como representante de Deus, a importância da modelagem humana do caráter pessoal de Deus, e a irrefutável vocação dos humanos para refletir em seus relacionamentos o caráter do próprio Deus. *A marca diferenciadora da existência humana quando comparada com outras criaturas é, portanto, o todo da existência humana e não alguma parte do indivíduo.*<sup>302</sup>

Assim, o que nos torna humanos não é a inserção - por um Deus encolhido “preenchedor de lacunas” - de algo rotulado como “alma”, e sim *o relacionamento da pessoa como um todo com seu Criador, Redentor e Sustentador.*

Com relevância direta ao tópico deste livro, encontramos nos debates atuais sobre a alma o surgimento de outros “deuses menores”, mais “deuses das lacunas”. Uma característica fundamental de nossa interpretação é o reconhecimento de que o Deus hebraico-cristão é aquele que, desde o início de seus atos criativos, criou os humanos como era sua intenção. Ele os criou para que pudesse proclamar “é muito bom” (Gen 1:31). *Não havia necessidade de voltar para inserir uma "alma" em cada uma de suas novas criaturas na concepção.* Seu plano divino de nos criar à sua imagem era perfeito. E nos criar “à sua imagem” não exigia inserir uma alma.

Além dos estudiosos da Bíblia e cientistas, filósofos da religião como Diogenes Allen, Professor Titular de Filosofia no Seminário Teológico de Princeton, escreveram de forma útil sobre as visões contrastantes da personalidade. Segundo Allen:

Existem duas principais visões tradicionais das pessoas. Embora elas se sobreponham em alguns aspectos e muitas vezes tenham sido mais ou menos confundidas ou consideradas equivalentes, elas são, de fato, distintas. São elas a visão cartesiana e a bíblica. Segundo Descartes, que abraçou o que veio a ser conhecido como a visão cartesiana, as pessoas são uma união, são duas substâncias diferentes. Descartes usou a noção de substância de forma precisa, para significar algo que pode existir independentemente de tudo o mais, exceto Deus. Segundo Descartes, a mente e o corpo são duas substâncias separadas e, portanto, os corpos podem existir sem mentes, e as mentes podem existir sem os corpos. Portanto, embora as pessoas sejam de fato uma união de mente e corpo, elas são essencialmente mente, e poderiam existir (caso Deus o desejasse) sem um corpo. “Corpo” para Descartes não é uma coisa viva em si mesmo, e sim é simplesmente um punhado de coisas. É despojado de toda propriedade, exceto extensão, forma e movimento. *Todas* as qualidades de uma

---

<sup>302</sup>. Green, “To Be Human”, 196.

pessoa, como sensação, emoção e vontade são propriedades da mente e fazem parte de nossa autoidentidade ... Essa visão foi posta em dúvida pelo filósofo de Oxford Gilbert Ryle como o “fantasma na máquina”.<sup>303</sup>

Segundo Allen:

A visão bíblica das pessoas não é igual à cartesiana, pois pode ser vista pela consideração da noção da alma. Para Descartes, alma é idêntica à mente. Mas encontramos na Bíblia que não é bem assim. Em Gênesis 2:7, lemos que: “E formou o SENHOR Deus o ser humano do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o ser humano foi feito alma vivente. A base da raça humana era um material corpóreo frágil, mas pelo sopro de Deus, foi transformada e se tornou (em hebraico) *nephesh*. A terra na forma do ser humano não foi suprida com *nephesh*, mas foi transformada em *nephesh*. A terra na forma de um ser humano foi alterada e se tornou um *nephesh*, uma alma vivente. De acordo com a noção de corpo de Descartes, o corpo de uma pessoa não é diferente em si de um corpo não vivente. É ainda uma máquina, mas inabitada por uma mente ou alma. Mas na Bíblia, uma pessoa vivente é um ser íntimo, não uma justaposição cartesiana de corpo e mente (ou alma). Assim, na Bíblia, não temos uma alma; somos almas, ou seja, seres viventes.”<sup>304</sup>

## O Poder do “Deus Encolhido” do Dualismo Pervasivo

N. T. Wright deu um exemplo específico de uma das formas com que um Deus encolhido contemporâneo pode se manifestar na forma do que ele chama de “Teologia do Super-Homem”. A ênfase em prestar atenção à história de Israel nos permite compreender que o que os escritores do Novo Testamento dizem, por exemplo, sobre a cruz, aplica-se também à nossa compreensão da própria Cristologia. Wright argumenta:

Em minha opinião, por exemplo, a Cristologia foi afetada na tradição ocidental porque as pessoas simplesmente marcam a caixinha “Jesus como divino” sem realmente parar para pensar sobre de qual Deus estão falando, o que significa, dentro da narrativa bíblica, dizer tal coisa, e como isso se integra de uma forma adequada, não meramente acidental, por assim dizer, com a outra caixa que as pessoas normalmente também marcam, a caixa “Jesus é humano”. Os sinais de que não está tudo bem incluem, por um lado, uma espécie de teologia do Super-Homem quando Jesus é “o homem de vem de fora”, que chega com um poder milagroso, “sobrenatural” para “consertar num zap” tudo o que está errado, *tudo concebido dentro de uma visão estritamente dualista* que termina, não surpreendentemente, com seus seguidores milagrosamente “arreatados” para se unirem a ele no “céu”, e, por outro lado, um reconhecimento oficial de que Jesus era humano. Isso, no entanto, não leva a nenhum compromisso com a questão do que significava ser Jesus de Nazaré, viver e pensar como um judeu do primeiro século ansiando pelo reino de Deus, de ser possuído de uma

---

<sup>303</sup>. Allen, “Persons in Perspective”, 165.

<sup>304</sup>. Allen, “Persons in Perspective”, 166 (grifo nosso).

vocação profunda e radical e interpretar isso em termos e histórias disponíveis para um judeu do primeiro século, e assim por diante.<sup>305</sup>

Write prossegue:

A menção do “arrebato” aponta para outro exemplo de como conectar os pontos. Para muitas pessoas cristãs, a pergunta: “Você acredita em uma segunda vinda?” significa, simplesmente: “Você acredita em uma doutrina de arrebatamento dispensacionalista?” e realmente existem pessoas que adorariam acreditar na doutrina genuína do Novo Testamento de uma segunda vinda, que se sentem obrigadas a não marcar a caixinha, porque não podem e não vão engolir o arrebatamento. ... a Teologia do arrebatamento é o que se obtém, em outras palavras, quando se toma a doutrina “Ele virá novamente com glória para julgar os vivos e os mortos, e de que seu reino não haverá fim” e a coloca, primeiro, dentro de um dualismo de céu e da terra, no qual o único sentido da existência humana na terra é descobrir como partir dela com uma passagem para o destino certo e, segundo, dentro de uma interpretação bastante localizada do século dezanove, de um conjunto particular de textos, especialmente 1 Tessalonicenses 4:17, que detalham, dentro daquela história maior (errada), como poderia ser a “segunda vinda”.<sup>306</sup>

## Natureza Humana: Um Consenso Emergente

Qualquer tentativa de reunir as muitas e diversas linhas de pensamento sobre a natureza humana que se estendem por muitos milênios, enfrentará inevitavelmente o problema da simplificação excessiva. Mas a tentativa precisa ser feita, nem que seja apenas para ver para onde chegamos no início do século 21 e quais são os principais desafios que enfrentamos hoje ao continuarmos a refletir sobre a natureza humana. Parece haver um amplo consenso de que, moldada pela antiga mitologia sumeriana, acadiana, egípcia e grega, a teologia cristã, com fortes fundações na teologia hebraica e na filosofia grega, construiu uma série de quadros ou modelos de se pensar a natureza humana. Os pensadores antigos do Oriente Próximo, incluindo os autores das Escrituras hebraicas, são unânimes sobre as origens do corpo humano. Ele foi criado por uma ação divina sobre a argila ou terra inanimada, muitas vezes combinada com algum elemento divino como a saliva ou sopro. Entretanto, eles parecem ter pouco interesse e muito menos qualquer coisa a dizer sobre o aspecto imaterial da experiência humana. Por um milênio, parece que houve muito pouco desenvolvimento dos conceitos de mente, alma e espírito, apenas variações sobre um tema comum. Porém, então houve uma mudança radical durante os duzentos anos seguintes. Os filósofos e teólogos gregos dominaram as tentativas para explicar e descrever os aspectos imateriais da natureza humana. Muitos esquemas diferentes foram desenvolvidos sobre como pensar

---

<sup>305</sup> Wright, “Reading Paul”, 59 (grifo nosso).

<sup>306</sup> Wright, “Reading Paul”, 68–69.

a mente, alma e espírito humanos. A teologia patrística em termos amplos acreditava que os seres humanos compreendem uma alma/espírito, uma criação de Deus que é imortal e que é abrigada dentro de um corpo de carne, também criado divinamente. E é manchado pelo pecado e é mortal. Houve também a crença difundida de que nossa alma/espírito é destinada a um dia se unir a Deus no céu e que isso ocorre por ação divina.

Então, à medida que a ciência se desenvolveu, surgiram os desafios aos diferentes aspectos do pensamento cristão. Tentou-se eliminar completamente qualquer referência ao imaterial e encontrar explicações puramente naturalistas. Como mostrado no capítulo anterior, o resultado é que essa perspectiva é amplamente aceita. Contudo, hoje, parece que tanto os filósofos como os cientistas estão se alinhando com os teólogos para reconhecer que resta alguma coisa sobre nós, que é mais que material. Esse componente imaterial, consciência, ou como quer que seja chamado, ainda aguarda explicação. Existe uma lacuna em nosso conhecimento e a reação instintiva é avançar e preencher essa lacuna com alguma referência ou afirmação sobre a atividade de Deus. Enquanto isso, continuam os debates sobre uma ampla gama de modelos da natureza humana. Existem ofertas no mercado de diversas formas de dualismo (dualismo emergente, dualismo holístico, dualismo naturalista, dualismo integrado, dualismo tomístico), e contra esses pontos de vista existem as variedades de monismo (monismo dualista, fisicalismo não redutor, materialismo eliminatório, e assim por diante). Algumas das melhores mentes da ciência e da filosofia já estão lidando com o chamado problema da consciência. Os rápidos desenvolvimentos em campos como inteligência artificial irão acelerar essa pesquisa e esse debate. Observe esse espaço. Se você é uma pessoa cristã, com dons e habilidades para dar uma contribuição, tenha certeza de estar lá para dar essa contribuição. Precisamos de pessoas cristãs participantes nos laboratórios onde a ação acontece, não de espectadores desinformados à espera.

## **Resumindo: Como a Ciência e a Fé Enriquecem Mutuamente Nossa Compreensão da Natureza Humana**

No capítulo anterior, concentramo-nos no que conseguimos aprender sobre a misteriosa natureza humana com os avanços da ciência. Muitos desses avanços tiveram origem em pesquisas da neuropsicologia, neurociência e neurologia. Neste capítulo, concentramo-nos no que podemos aprender sobre nossa misteriosa natureza humana com as Escrituras.

Depois que estes dois capítulos foram escritos, um livro extremamente importante e oportuno foi publicado pela Editora da Universidade de Cambridge, editado por Alasdair Coles, professor de neurologia em Cambridge, e Joanna Collicutt, neuropsicóloga em

Oxford. Este livro reúne as contribuições de neurologistas, neurocientistas, filósofos, psiquiatras e médicos gerais, e também contribuições de várias tradições da fé, incluindo o cristianismo, islamismo, judaísmo e várias religiões orientais. Faz sentido dar uma pausa e observar como alguns dos pontos destacados pelos colaboradores (reunidos abaixo) apoiam os temas desses dois capítulos:

1. É importante lembrar que “os termos ‘religião’ e ‘espiritualidade’ são compreendidos de forma evasiva e variável”. Coles e Collicutt observam que “nossa preferência é favorecer ‘religião’, já que o termo abrange o comportamento, a prática e a crença individual e comunitária, e também a experiência subjetiva”.<sup>307</sup>
2. Em uma discussão introdutória geral de ciência e religião, Joanna Collicutt enfatiza que “um modelo dualista da pessoa humana não é inerente à teologia cristã; na verdade é contrário a ela. Ele se desenvolveu porque a igreja havia atrelado sua carroça, sem crítica, a uma ciência e metafísica antiga e insatisfatória. A nova ciência da neurologia (e os outros ramos emergentes da ciência moderna) levou os cientistas a retornar aos primeiros princípios, para reapropriar os modelos incorporados e integrados da pessoa humana encontrados na Bíblia hebraica, e reexaminar muitas de suas premissas de formas que provaram ser criativas e frutíferas”.<sup>308</sup>
3. Stuart Judge, Literato em Fisiologia da Universidade de Oxford, argumenta que qualquer afirmação sobre a relação seletiva de partes do cérebro com a experiência religiosa deve ser submetida aos procedimentos normais seguidos na pesquisa científica. Fazendo referência ao trabalho de Persinger, Judge observou: “A afirmação (de Persinger) foi que estes (os campos magnéticos muito fracos que recobrem os lóbulos temporais) induziam uma “presença sensorial”. Granquist et al. (2005) estudaram 89 indivíduos usando o aparato de Persinger em um estudo duplo-cego, no qual em metade dos ensaios o estimulador não estava ativado, e não encontraram efeito de estimulação. Os efeitos encontrados estavam correlacionados com a sugestionabilidade dos indivíduos”.<sup>309</sup> As conclusões de Judge foram apoiadas por Alistair Coles, que escreve: “As tentativas de Michael Persinger de mostrar que estudantes e pré-adolescentes com experiências

---

<sup>307</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, xi.

<sup>308</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 6.

<sup>309</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 18.

religiosas têm pontuação maior em sua escala não validada de “sintomatologia do lóbulo temporal” (Persinger 1984, 1991) podem ser ignoradas com segurança”.<sup>310</sup>

4. Com referência às discussões generalizadas do chamado “módulo de Deus” no cérebro, o neuropsicólogo Warren Brown observa: “Não é provável que exista um “módulo de Deus” de forma que exista uma área do cérebro que esteja envolvida em religiosidade, e apenas religiosidade. Os sistemas neurais que são ativados durante eventos ou atividades com níveis extremamente elevados de significado pessoal podem ser ativados em contextos diferentes da vida religiosa de uma pessoa, mas o processo neural em si seria, no entanto, geral e apenas o conteúdo atual seria religiosamente específico. Assim, devemos encontrar uma grande quantidade de sobreposição entre distúrbios neurológicos de religiosidade e distúrbios de outros aspectos da vida de um paciente.”<sup>311</sup>
5. Um capítulo de Pennycook, Tranel, Warner, e Asp intitulado “*Beyond Reasonable Doubt: Cognitive and Neuropsychological Implications of Religious Disbelief*” (Além da dúvida razoável”: Implicações Cognitivas e Neuropsicológicas da Descrença Religiosa). Esse capítulo destaca os perigos de tentar ligar religiosidade e crença religiosa com áreas específicas do cérebro. Eles concluem sua análise abrangente: “Nosso trabalho teórico e empírico contesta a legitimidade dos modelos neuropsicológicos que argumentam que o córtex pré-frontal é crítico para a religiosidade e a crença religiosa (por exemplo, Morimoto 2004). ...Entretanto, a contribuição específica das sub-regiões do córtex pré-frontal (provavelmente em conjunto com outras regiões do cérebro) para a dúvida religiosa ainda é um assunto para debate”.<sup>312</sup> É evidente que ainda há muito trabalho a ser feito.
6. Outra advertência oportuna é feita por Julian Hughes, professor de Geropsiquiatria na Universidade de Bristol, que observa: “Em resumo, pela escassa evidência disponível, embora tenhamos notado uma conexão intrigante entre os lóbulos temporais (e frontais) e a hiper-religiosidade, não é suficiente ter uma disfunção do lóbulo temporal para tornar a pessoa religiosa. Afinal, a maioria das pessoas religiosas não tem disfunção cognitiva; e, ao que parece, a mera presença de atrofia do lóbulo temporal não é suficiente para causar hiper-religiosidade, caso contrário isso seria um sinal muito mais evidente de demência”.<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 98.

<sup>311</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 32.

<sup>312</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 126.

<sup>313</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 153.

7. Uma das contribuições mais oportunas e salutares para este volume é o capítulo sobre "*Near Death and Out of Body Experiences*" (Experiências de Quase Morte-EQM e estar Fora do Corpo-EFC,) de Michael Marsh, médico e teólogo formado em Oxford. Marsh observa: "Certamente é mais sensato ... concluir que as experiências de QM/EFC ocorrem, e são lembradas, durante esses momentos finais, enquanto os indivíduos estão rapidamente recuperando a consciência. Portanto, é mais que provável que EQM sejam fenômenos gerados pelo cérebro, e não viagens ao "Céu", ao "Inferno" ou outros espaços cósmicos imaginados, nem eventos gerados por agências externas".<sup>314</sup>

---

<sup>314</sup>. Coles and Collicutt, *Neurology and Religion*, 234.

## 8. Milagres da Natureza. Divino Sustentador ou Preenchedor Ocasional de Lacunas?

Contudo, eles herdaram e operam na visão profundamente defeituosa do criador e do cosmos que recebem do deísmo, e a qual compartilha suas piores características com o epicurismo: alguns acontecimentos são naturais, enquanto outros só ocorrem porque Deus intervém.<sup>315</sup>

O problema é que até os estudiosos conservadores que tentaram defender a Bíblia contra este tipo de ataque, normalmente fizeram isso a partir do mesmo mundo de dois níveis, de modo que aqueles que defendiam milagres, que queriam falar da ação divina no mundo, tinham que fazer isso em termos de invasão - um Deus que normalmente está fora dos processos da ordem criada, estendendo a mão, realizando alguns truques, e depois indo embora novamente. Esse retrato tem muito pouco a ver com o Deus bíblico.<sup>316</sup>

### Milagres não são Magia Religiosa: Uma Questão Muito Contemporânea

Por que escrever sobre milagres em um livro sobre a fé encolhida em deuses “encolhidos”? Por pelo menos duas razões. Primeiro, para questionar a sabedoria e o preceito bíblico das afirmações de algumas pessoas cristãs que acreditam poder “provar sua fé”, referindo-se ao maior número possível de eventos dramáticos/estranhos/milagrosos - o que Alan Millard descreveu, como vimos em um capítulo anterior, como um exemplo moderno de “*fake news*”. Essa abordagem reduz involuntariamente o Criador e Sustentador de todas as coisas, momento a momento, a um interventor divino ocasional. Segundo, para desafiar o retrato da fé cristã feito por alguns críticos do cristianismo que concentram seu foco em milagres como parte de seu argumento contra a fé cristã. Por exemplo, Richard Dawkins escreveu: “O Nascimento da Virgem, a Ressurreição, a ressurreição de Lázaro, até mesmo os milagres do Antigo Testamento, todos são livremente usados para propaganda religiosa, e são muito eficazes com um público pouco sofisticado e com crianças. Cada um desses milagres constitui uma violação do funcionamento normal do mundo natural”.<sup>317</sup>

Graham Twelftree, em seu volume editado recentemente, *The Nature Miracles of Jesus*, levanta a questão central: “Como os leitores do século 21 devem interpretar essas histórias

---

<sup>315</sup>. Wright, *Surpreendido pelas Escrituras*.

<sup>316</sup>. Wright, *Surpreendido pelas Escrituras*.

<sup>317</sup>. Dawkins, “Snake Oil”, 235.

que parecem incríveis?”<sup>318</sup> Pesquisas em religião comparada demonstram que nossos pressupostos sobre o mundo influenciam a forma como interpretamos tanto eventos comuns, como tempestades como eventos "milagrosos" incomuns. Ao considerarmos os milagres relatados nas Escrituras, devemos lembrar que os pressupostos da cultura hebraica eram diferentes dos da cultura grega, ainda mais diferentes das várias culturas antigas da África, Índia e China, e muito diferentes da visão de mundo do Iluminismo, que oferece as lentes através das quais os cristãos de hoje interpretam esses eventos milagrosos.

Como N. T. Wright continua a nos lembrar, estamos todos muito facilmente presos a formas de pensar sobre a ciência e as Escrituras que são relíquias do passado ao invés de exemplos do pensamento contemporâneo. Especificamente, Wright se refere ao discurso contemporâneo que usa a palavra *milagre* e a palavra *sobrenatural*. Ele escreve: “Agora, uma parte central do meu problema com esse discurso todo é que a própria palavra *milagre* no pós-iluminismo da Europa e dos Estados Unidos, é prejudicada pelo epicurismo implícito de nossa visão de mundo latente. O mesmo acontece com a palavra *sobrenatural*, que era usada bem antes do Iluminismo, mas que, desde então, passou a ter repercussões epicuristas”.<sup>319</sup> Wright continua sua discussão das visões contemporâneas amplamente difundidas entre as pessoas cristãs: “Contudo, eles herdaram e operam na visão profundamente defeituosa do criador e do cosmos que recebem do deísmo, e a qual compartilha suas piores características com o epicurismo: alguns acontecimentos são naturais, enquanto outros só ocorrem porque Deus intervém”.<sup>320</sup> N. T. Wright usa um exemplo para ilustrar seu ponto de vista. Ele se refere à ocasião em que um avião decolou do aeroporto LaGuardia e quase no mesmo instante se chocou com um bando de gansos. O piloto aterrissou o avião em segurança no rio Hudson. Wright comenta:

Muitas pessoas disseram que foi um milagre e eu não diria nem por um instante que Deus não esteve envolvido em todo o processo, Contudo, a razão para o pouso seguro foi a experiência de Sullenberger (o piloto): além de pilotar aviões e planadores, ele ensinava outros a fazerem isso havia trinta anos. Seu caráter formou-se de modo que todos aqueles pensamentos e ações complexos fossem naturais. O perigo de usar a palavra *milagre* aqui é que pensamos na soma zero do “ou um ou outro”. Ou Deus ou o piloto fez o pouso. E esse é um raciocínio, compartilhado tanto por cristãos pós-iluministas como por secularistas, que precisa ser contestada em nome de uma visão de mundo genuinamente bíblica.<sup>321</sup>

---

<sup>318</sup>. Twelftree, *The Nature Miracles of Jesus*, 225.

<sup>319</sup>. Wright, *Surpreendido pelas Escrituras*.

<sup>320</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

<sup>321</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

Para Wright, a visão de mundo do Iluminismo continua a influenciar o pensamento, mesmo entre pessoas que ele descreve como “estudiosos conservadores”. Assim, ele comenta:

O problema é que até os estudiosos conservadores que tentaram defender a Bíblia contra este tipo de ataque, normalmente fizeram isso a partir do mesmo mundo de dois níveis, de modo que aqueles que defendiam milagres, que queriam falar da ação divina no mundo, tinham que fazer isso em termos de invasão - um Deus que normalmente está fora dos processos da ordem criada, estendendo a mão, realizando alguns truques, e depois indo embora novamente. Esse retrato tem muito pouco a ver com o Deus bíblico. Esses supostos defensores da Bíblia, em todo caso, não queriam ficar muito próximos da ideia de Deus se tornando rei na terra como no céu, que é o tema principal de todos os quatro evangelhos.<sup>322</sup>

No contexto do título e do argumento deste livro sobre "deuses encolhidos", é relevante e interessante que, ao desenvolver seus argumentos sobre esse tema, Wright comenta:

Consequentemente, a grande narrativa bíblica foi reduzida, por gerações de pregadores e mestres devotos, ao simples relato muito mais restrito de “Deus e eu nos unindo”. É como se tudo, a criação, Abraão, Moisés, Davi, a igreja primitiva e os próprios Evangelhos - fosse apenas um gigantesco conjunto de ensinamentos aparentemente fidedignos sobre como os incrédulos vêm para a fé, como os pecadores são salvos, como a vida das pessoas é transformada. Sem dúvida, a Bíblia inclui muito sobre isso, mas o faz dentro de uma história muito maior do Criador e do cosmos, do Deus da aliança e do povo da aliança - a única narrativa que, de acordo com os quatro Evangelhos, atinge o clímax com Jesus.<sup>323</sup>

Mais à frente, discutindo os efeitos e implicações das perspectivas errôneas e limitadas que ele acredita serem ainda amplamente difundidas hoje, ele comenta: “Talvez seja tempo de permitirmos que outras perspectivas apareçam, uma vez que o significado que demos ao nosso mundo desmembrado tenha tão claramente refletido estes deuses que secretamente servimos, e não o Deus a cuja imagem somos feitos.”<sup>324</sup> Mais um exemplo de deuses falsos e “encolhidos” tão amplamente disponíveis no mercado hoje em dia. Tudo isso coloca em foco a pergunta feita por Wright: “Ao mesmo tempo, tanto no século 21 como no primeiro, nós nos lançamos à questão vital: “Afinal, de que Deus estamos falando?”<sup>325</sup>

## Magia ou Fé?

Philip Yancey é amplamente considerado como um dos avaliadores mais perceptivos, confiáveis e conhecedores do cenário religioso na América do Norte. Seu livro *Oração: Ela*

---

<sup>322</sup>. Wright, *Surpreendido pelas Escrituras*.

<sup>323</sup>. Wright, *Surpreendido pelas Escrituras*.

<sup>324</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

<sup>325</sup>. Wright, *Surpreendido Pelas Escrituras*.

*Faz Alguma Diferença?* contém um capítulo chamado “Magia ou Fé?” que nos alerta para os perigos do pensamento mágico. Yancey escreveu:

Nos primeiros anos, eu me vi cercado por pessoas que viam Deus como um gênio em uma garrafa que concedia todos os seus desejos (embora eu observasse que era um “livramento” inconsistente, como em Hebreus 11, resgatando alguns do perigo enquanto permitia que outros fossem serrados em dois). Os sucessos eram sempre alardeados de cima dos telhados, ao passo que os fracassos eram rapidamente enterrados no quintal para que ninguém os visse. ... Eu vi na hospedaria que a chuva caiu sobre os justos e os injustos e que alguns cristãos foram entregues para os propósitos de Deus e outros perderam suas vidas e foram para o céu, dando glória a Deus. ... Eu me rebelei contra uma interpretação da vida que colocava Deus correndo ao redor do mundo para responder às orações para arranjar vagas no estacionamento para cristãos que chegavam atrasados em seus compromissos. Ouvi muitas dessas pessoas orando para que Deus fizesse uma intervenção mágica e ajudasse os pobres doentes - nunca sentindo que eles poderiam ser a resposta a essas orações. Parecia mais uma crença na magia do que em Deus.<sup>326</sup>

A capa da edição de abril de 2019 do *The Psychologist*, o boletim mensal da Sociedade Britânica de Psicologia, traz as palavras: “*Experiencing the Impossible*”, com o subtítulo: *Gustav Kuhn considers the science of magic, and what it reveals about the human mind*” (Experimentando o Impossível: Gustav Kuhn considera a ciência da magia, e o que ela revela sobre a mente humana). No meio da página há uma imagem de um mágico com um baralho de cartas e uma luz brilhando num crânio humano. As palavras iniciais do artigo interno de Gustav Kuhn são um lembrete importante do perigo de confundir milagres com magia. Diz: “A magia é uma das formas mais antigas de entretenimento, e durante milhares de anos os mágicos têm usado truques com destreza manual (como prestidigitação) e outras formas de ilusionismo para manipular sua experiência consciente”.<sup>327</sup> Ele observa que um dos pioneiros da psicologia, Alfred Binet, idealizador de um dos primeiros e mais utilizados testes de inteligência, tinha um grande interesse no estudo da magia. Hoje, psicólogos como Gustav Kuhn usam tecnologias de ponta de rastreamento ocular para investigar como os mágicos desviam nossa atenção, e este tipo de trabalho nos ensina porque as pessoas não conseguem ver as coisas bem diante de seus olhos. A relevância desse trabalho para os dias de hoje é que estamos continuamente expostos a informações falsas e é sempre difícil distinguir, por exemplo, entre notícias reais e *fake news*. O artigo observa ainda:

Ao longo da história, os mágicos têm ampliado os limites do que acreditamos ser possível. Os antigos sacerdotes egípcios usavam truques de magia para criar a ilusão de comunicação com as divindades; os espiritualistas vitorianos encenavam sessões

---

<sup>326</sup>. Yancey, *Prayer*, 214.

<sup>327</sup>. Kuhn, “*Experiencing the Impossible*”, 32.

que alimentaram as crenças no submundo espiritual e, mais recentemente, os mágicos ajudaram a perpetuar as crenças em poderes psíquicos.<sup>328</sup>

Esse artigo é um trecho do livro de Kuhn *Experiencing the Impossible: The Science of Magic* (Experimentando o Impossível: a Ciência da Magia). Uma mensagem simples do livro é que, como pessoas cristãs comprometidas com a verdade, devemos estar sempre atentos para não colocar o rótulo de "milagre" em eventos ou fenômenos que não são mais do que magia.

A tentação de encolher o Deus hebraico-cristão de "milagres" para os deuses pagãos de "magia" está viva e bem viva. Parte da explicação para isso é a linguagem piedosa em que alguns eventos modernos, supostamente milagrosos, são descritos. Existem referências à magia nas Escrituras. Seu uso parece universal e pode ser "negra" ou "branca". A "magia negra" tenta produzir resultados maléficos, maldições, feitiços e afins, e muitas vezes assume a forma de bruxaria. A "magia branca" tenta desfazer as maldições e feitiços e usar forças ocultas para o próprio bem pessoal e para o de outras pessoas. Frequentemente, o mágico tenta obrigar um deus ou demônio ou espírito a trabalhar para ele e segue um padrão particular de práticas ocultas para fazer isso. Tanto o Antigo como o Novo Testamento fazem referência à magia, aos mágicos e aos sábios. A magia e a feitiçaria são sempre condenadas nas Escrituras, uma vez que é rival da verdadeira religião. A verdadeira religião centra-se na experiência pessoal do único Deus verdadeiro, com a tentativa de viver uma vida condizente com sua vontade. O mundo pagão certamente considerava os milagres privados como arte mágica (Atos 8:9–11), mas a Bíblia nunca trata milagres divinos como magia superior. Não existe o uso de encantamentos ou invocações de espíritos ou feitiços. Moisés não silenciou os mágicos do faraó por ser um mágico melhor, mas atuou unicamente como agente de Deus, comportando-se quando e como Deus o instruiu. Sua vara não era uma varinha mágica, mas o símbolo da designação de Deus. Era "a vara de Deus" (Êxodo 4:20). A magia era amplamente praticada tanto na cultura egípcia quanto na babilônica e assíria e, sem surpresa, também permeava a cultura hebraica de tempos em tempos.

A conexão entre milagres e magia surge novamente na vida de Jesus, como descrito no livro *Jesus and Magic: Freeing the Gospel Stories from Modern Misconceptions* (Jesus e a Magia: Libertando as Histórias Evangélicas dos Equívocos Modernos), de Richard Horsley de 2014: Horsley escreve em sua introdução: "Para a razão iluminista era claro que as curas e exorcismos - como multiplicar alimentos, caminhar sobre a água e ressuscitar os mortos -

---

<sup>328</sup>. Kuhn, "Experiencing the Impossible", 34.

não aconteceram por causas naturais, mas certamente envolveram causas sobrenaturais (Deus). Ou seja, eram "milagres", talvez até com elementos de "magia".<sup>329</sup>

Segundo Horsley, se quisermos libertar as histórias do Evangelho dos equívocos modernos, precisamos examinar a maneira como os antigos entendiam a cura e o exorcismo.<sup>330</sup> Com esta questão central em mente, Horsley tenta fazer "uma revisão crítica das interpretações acadêmicas de milagres e magia, que passaram a ser o foco e até mesmo a controlar a investigação e interpretação da (histórias de) cura e exorcismo de Jesus".<sup>331</sup>

As conclusões de Horsley são relevantes para a discussão de milagres deste livro. Ele diz que:

Os conceitos de milagre e magia nos quais as histórias de cura e exorcismo de Jesus haviam sido classificadas e interpretadas são os produtos da razão iluminista, moldados por perspectivas científicas (naturais e sociais). O conceito de milagre e especialmente o conceito de magia também foram influenciados pelas atitudes colonialistas e orientalistas. A interpretação de Jesus e o campo de estudos do Novo Testamento em geral ficaram de alguma forma presos a essas construções modernas. A maioria dos livros da recente onda de interpretação acadêmica do Jesus histórico dá pouca ou nenhuma atenção às "histórias de milagres". Essa negligência se aplica também às curas e ao exorcismo de Jesus. Porém, os estudiosos mais influentes que dedicaram considerável atenção às histórias de cura e exorcismo simplesmente perpetuaram as interpretações modernas, nas quais os estudos do Novo Testamento estão presos pelo menos nos últimos 50 anos ou mais. ... Uma pesquisa de antigas fontes judias, helenistas, judaicas e greco-romanas, porém, não encontra evidências de um conceito que corresponda ao conceito moderno de milagre. A elite judaica e helenista que produziu os textos disponíveis simplesmente não faz distinção entre natural e sobrenatural, uma distinção que se tornou padrão no pensamento moderno do Iluminismo.<sup>332</sup>

Por outro lado, a Bíblia faz distinções claras entre magia e milagres. Grande parte da confusão foi causada por não observar que as Escrituras não fazem uma distinção clara entre a constante providência soberana de Deus e seus atos específicos. Nas Escrituras, a crença em milagres é estabelecida no contexto de uma visão de mundo que considera toda a criação que depende continuamente da ação sustentadora de Deus e sujeita à sua vontade soberana (por exemplo, vide Col 1:16–17). Nas Escrituras, encontramos três aspectos da ação divina de Deus em destaque —*prodígio*, *poder* e significado. Todos eles estão presentes, não apenas em atos especiais, mas também na ordem criada em sua totalidade (Rom 1:20). Então, descobrimos que quando o salmista celebra os poderosos

---

<sup>329</sup>. Horsley, *Jesus and Magic*, vii.

<sup>330</sup>. Horsley, *Jesus and Magic*, viii.

<sup>331</sup>. Horsley, *Jesus and Magic*, x.

<sup>332</sup>. Horsley, *Jesus and Magic*, 163.

atos de Deus, ele passa sem problemas da criação para a libertação do Egito (por exemplo, Salmos 135:6–12). O que descobrimos é que, quando os escritores bíblicos se referem aos poderosos atos de Deus, não se pode supor que eles pretendam diferenciá-los do curso da natureza por sua causalidade particular, pois eles achavam que *todos* os eventos eram causados pelo poder soberano de Deus. Isso significa que a descoberta, como veremos a seguir, de possíveis conexões causais entre as pragas do Egito, uma repetição do bloqueio do Jordão, ou o maior conhecimento da medicina psicossomática, não podem por si só contradizer a afirmativa bíblica de que a saída do Egito, a entrada em Canaã e os eventos de cura de Cristo foram atos poderosos de Deus. Nas palavras de um escritor, “Fazer maravilhas a serviço das multidões ou dos cétricos era inconsistente com a missão de Jesus. Foi neste sentido que Jesus não poderia fazê-las em Nazaré”.<sup>333</sup>

## Os Milagres Encolhem Deus ou Expandem Nossa Compreensão Dele?

Raramente se percebe, ao pensar na relação de Deus com sua criação, como é fácil, inconscientemente, "encolher" o Deus em quem acreditamos. Intuitivamente, pode-se pensar que falar de um Deus de milagres seria ampliar nossa ideia de Deus. E assim deveria ser, em um sentido importante. Contudo, ao reunir a crença *tanto* no regramento da ordem natural *quanto* em milagres, surgem imediatamente várias questões. Por exemplo, se a crença no regramento da natureza *deixa espaço* para Deus *intervir* na ordem natural; ou se Deus *usa* as leis naturais para realizar seus propósitos criativos; ou se devemos considerar os milagres como *intervenções* de Deus no funcionamento ordeiro da criação. Muitos reconhecerão maneiras com que *estas perguntas são feitas com tanta frequência e de forma solene, e muitas vezes respondidas com firmeza de um modo ou de outro*. Mas um pequeno pensamento nos ajuda a ver que ideias como *deixar espaço* para Deus, ou Deus *usar* leis naturais, ou Deus *intervir*, tudo provém de uma forma de pensar sobre a relação de Deus com sua criação que é intrinsecamente inadequada. É inadequada e “encolhe” Deus. Na verdade, essas formas de pensar não são meramente inadequadas, elas são também enganosas.

Uma característica essencial de qualquer modelo que temos da relação de Deus com sua criação, seja implícita ou explícita, é que, de acordo com a Bíblia, *nada continua a existir além da atividade de Deus, momento a momento*. Portanto, não faz sentido perguntar se as leis da natureza *deixam espaço* para o envolvimento de Deus. Como elas poderiam *deixar espaço* para a atividade de Deus, se ela está *presente o tempo todo*? Ou novamente, como

---

<sup>333</sup>. Cressey, “Miracles.”

Deus poderia *intervir* e suspender as leis de tempos em tempos, se ele está lá o tempo todo, sustentando todas as coisas que existem? Em que sentido Deus poderia *usar as leis naturais*, se elas são nosso meio de resumir nossa experiência da ocorrência regular de eventos na criação que Deus sustenta em existência o tempo todo? As expressões *deixar espaço*, *intervir*, e *usar* assumem e admitem uma concepção errada de Deus e de sua relação, como Criador, com a ordem criada. É uma concepção errada radical, que imediatamente *encolhe* nossa compreensão de Deus. A visão bíblica de Deus requer que todo o padrão de eventos do espaço-tempo não seja apenas concebido, mas também sustentado em existência, momento a momento, por Deus; assim, é incorreto denominar eventos “milagrosos” como intervenções. Eles na verdade são não mais nem menos dependentes da atividade de Deus do que as ocorrências rotineiras, que tão prontamente consideramos naturais, como esquentar uma chaleira, andar de bicicleta, mesmo que utilizemos linguagem abreviada para resumir nossa experiência em termos do que chamamos de leis naturais. Nos últimos anos, foram desenvolvidos métodos extremamente úteis de se pensar sobre a relação de Deus com sua criação, incluindo com nós mesmos, que se baseia nos desenvolvimentos da tecnologia moderna. Segundo a direção dada por Donald MacKay, devemos pensar em Deus, por exemplo, como um artista eletrônico. No momento, precisamos ter em mente que, como todos os eventos dependem da atividade contínua de Deus, é melhor deixar o termo "milagre" reservado para aqueles eventos que reverterem nossas expectativas ou observações normais, mantendo a palavra "providência" para cobrir os presentes diários e nossa existência cotidiana, que constantemente recebemos das mãos de Deus.

Denis Alexander, Diretor Emérito do Centro Faraday para o Estudo da Ciência e Religião de Cambridge, escreve: “é racional para uma pessoa acreditar em milagres dentro da compreensão bíblica do termo, ao mesmo tempo em que encoraja a avaliação crítica de afirmações milagrosas que são mal apoiadas por evidências”.<sup>334</sup> Alexander nos lembra que “quase todos os fundadores da ciência moderna, como Descartes, Boyle e Newton, que introduziram a ideia de “leis da ciência” acreditavam nos milagres bíblicos, da mesma forma que muitos cientistas de hoje”.<sup>335</sup> Alexander argumenta que eventos milagrosos na Bíblia devem ser vistos como “um sinal da graça especial de Deus em um contexto histórico-religioso específico”.<sup>336</sup>

---

<sup>334</sup>. Alexander, “Miracles and Science”, 94.

<sup>335</sup>. Alexander, “Miracles and Science”, 98.

<sup>336</sup>. Alexander, “Miracles and Science”, 98.

## Ajuda dos Estudiosos da Bíblia

É neste ponto que retomamos um tema repetido com frequência neste livro, de que para compreender as questões da interface da ciência e da fé cristã é tão importante para nós, que somos cientistas, fazer o máximo para entender e se beneficiar dos avanços da erudição bíblica, quanto é para os estudiosos da Bíblia tentar, tanto quanto possível, manter-se a par dos avanços das ciências relevantes. A compreensão dos milagres é um excelente exemplo desse princípio. Os estudiosos da Bíblia nos lembram que os textos hebraicos e gregos do Antigo e do Novo Testamento, respectivamente, em épocas diferentes, trouxeram diferentes nuances para as palavras “maravilhas” ou “milagres”. Por exemplo, Denis Alexander afirma que “A palavra grega *teras* e sua equivalente em hebraico *mopheth*, traduzidas como maravilhas, são usadas nos textos para chamar a atenção para eventos que são tão marcantes que devem ser lembrados. O termo se concentra muito mais no deslumbramento causado nas testemunhas do que no propósito específico do evento”.<sup>337</sup>

Outra palavra grega também é usada, *dynamis*. Dela derivamos nossa palavra dinamite, portanto, não nos surpreender que nas Escrituras seja frequentemente traduzida como “atos de poder ou trabalhos poderosos”. A ênfase na Bíblia é que milagres são a consequência da operação de um poder, o *dynamis* de Deus, que é visto como a fonte de todo poder. Enquanto a palavra *teras* destaca o impacto que o milagre tem no observador, *dynamis* indica sua causa. Existe também uma terceira palavra que é crucial para entender como a Bíblia vê os milagres. É a palavra que costuma ser traduzida como “sinal” *ot* em hebraico e *semeion* em grego. Assim, por exemplo, as pragas descritas em Êxodo, capítulos 3 a 10 são descritas como um “sinal”. Também encontramos que “sinal” é a principal palavra usada no evangelho de João ao se referir aos milagres de Jesus. A intenção de um *semeion* é revelar aspectos de quem é Deus e especialmente de seu caráter de poder e amor.

As palavras *teras*, *dynamis* e *semeion* não são as únicas usadas no Novo Testamento para se referir a milagres, mas são as mais comumente usadas, e muitas vezes ao mesmo tempo. Certamente, a Bíblia não faz nenhuma tentativa de distinguir os milagres que têm o que hoje chamamos de causas naturais daqueles que não têm. Isto porque na Bíblia nos é ensinado que Deus é a causa última e permanente de tudo o que existe. Isso se aplica a eventos no funcionamento normal da vida diária (como por exemplo, Sl 104:14–24) ou em eventos notáveis como a travessia do Mar Vermelho. A Bíblia não se concentra na relação do evento que chamamos milagre com a ordem natural, mas sim na impressão que o evento causou na mente daqueles que o testemunharam (por exemplo, Marcos 3:11 e Êxodo

---

<sup>337</sup>. Alexander, “Miracles and Science”, 126.

14:31). Encontramos também que as Escrituras enfatizam a relação dos eventos milagrosos com os propósitos mais amplos da revelação, por Deus, de sua vontade. *Os milagres bíblicos, portanto, direcionam nossa atenção para a impressão que o evento causa a quem o testemunha, e não a questões teóricas, tais como se a causa de um milagre é regular, mas ainda desconhecida para nós, ou se é de algum modo contrária às nossas expectativas normais.*

Um exame da Bíblia logo nos convence de que rotular um evento como milagroso *não* implica que não existam causas naturais para sua ocorrência. De fato, em algumas ocasiões, somos convidados a observar uma causa natural que foi responsável pelo evento. A travessia do Mar Vermelho é especialmente instrutiva a este respeito, já que a causa do recuo da água é declarada em Êxodo 14:21 como um *forte vento leste*. Esse aspecto da ocorrência de milagres estimulou algumas pessoas a considerá-los como nada mais que coincidências divinas. No entanto, continua válido que é somente contra o pano de fundo do que já esperamos quanto ao funcionamento regular da criação que podemos perceber os eventos incomuns aos quais atribuímos um significado particular e consideramos como milagres. *Os milagres certamente não são invasões de Deus em uma obra natural da criação, pois isso negaria que, em algum sentido, Deus já está presente.* Nem são meramente naturais, se isso implicar que Ele não estava ativo no fluxo total dos eventos, momento a momento. Eles são, ao contrário, atos especiais de Deus, e vistos como tal - embora sejam atos em que os meios secundários responsáveis pelo evento não são nem mais nem menos oferecidos por Deus do que qualquer outra ocorrência do dia a dia.

Uma segunda característica que permeia alguns milagres é a forma como eles são vistos como poderosos atos de poder divino. Como Clark Pinnock escreveu, "Os poderosos atos de Jesus foram realizados por alguém que é chamado pelo poder de Deus, e estas obras são ações inteiramente apropriadas para serem realizadas por alguém que foi tanto homem quanto Deus". Como dizem alguns, eles servem para ele como credenciais em meio a uma geração incrédula".<sup>338</sup> Outra característica muito presente dos milagres é sua importância como sinais, símbolos ou promessas de uma era que ainda está por vir; isto é verdade tanto no Antigo como no Novo Testamento. De fato, alguns diriam que este é um aspecto-chave dos milagres. Assim, os milagres de cura são vistos como uma reversão temporária das afirmações de morte, que um dia serão abolidas. Estas três características dos milagres estão presentes na cura registrada no terceiro capítulo dos Atos dos Apóstolos. Somos ensinados que as pessoas que observaram o milagre ficaram "cheios de pasmo e assombro". Os apóstolos deixam claro que esse poderoso ato do poder divino aconteceu, como eles dizem, "não por nosso próprio poder", mas pelo poder de Cristo; e finalmente

---

<sup>338</sup>. Jeeves, *Scientific Enterprise*, 30.

podemos ver isso como um sinal e uma promessa de uma era que ainda está por vir, quando toda doença e enfermidade será eliminada.

Um aspecto final dos milagres é relevante no contexto deste livro. Às vezes, não se percebe como eles são relativamente escassos dentro da narrativa bíblica como um todo. Em outras palavras, se fôssemos hoje escrever uma narrativa com a intenção expressa de impressionar nossos leitores sobre a natureza espiritual dos eventos que foram retratados, e as afirmações que foram feitas com base neles, seríamos tentados a garantir que nossa narrativa estivesse repleta de eventos milagrosos o tempo todo. Se considerarmos os duzentos anos cobertos pela narrativa bíblica, descobrimos que isso não aconteceu. Os eventos milagrosos tendem a se concentrar em três principais períodos do registro bíblico total, que são os eventos do êxodo de Israel para o Egito, a época dos profetas no século 9 a.C., e a era apostólica registrada no Novo Testamento. Personagens bíblicos extraordinários como Jeremias e Davi não têm nenhum ato milagroso atribuído a eles.

Sir Colin Humphreys compartilhou suas reflexões sobre alguns dos milagres das Escrituras.<sup>339</sup> Ele sugere que é possível distinguir três tipos diferentes de milagres:

- Milagres de *timing*: São eventos que não contradizem as leis científicas e onde há um claro mecanismo científico em operação. Muitos milagres bíblicos são desse tipo, por exemplo, a travessia do Jordão (devido a um deslizamento de terra induzido por um terremoto) ou a estrela de Belém (um cometa), a travessia do Mar Vermelho (um forte vento leste), o sol que para de brilhar (um eclipse solar) na época de Josué, o rolar da pedra na ressurreição (um terremoto, como registrado por Mateus). O milagre está no *timing*.
- Milagres em que uma lei física é quebrada. Exemplos são os milagres de cura de Jesus.
- Milagres que são únicos. Leis físicas são quebradas. Existe um único milagre desse tipo - a ressurreição de Jesus.

Ao observarmos os eventos, na natureza e na vida das pessoas, eles emergem e se desenvolvem, e alguns serão muito marcantes e nos farão parar e refletir. Se assistíssemos a esses eventos em nossas televisões em uma novela, eles realmente pareceriam, às vezes, "únicos", mas para o criador, produtor e apresentador de todo o espetáculo, *eles já eram parte da história em sua mente desde o início*. Assim é o Criador e o Sustentador de todas as coisas, em quem, como pessoas cristãs, acreditamos.

---

<sup>339</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

## A Ressurreição de Jesus Cristo

Qualquer pessoa que reflita sobre o que escrevi a respeito de como entender os milagres da natureza da forma como são registrados nas Escrituras pode se perguntar como eu entendo a ressurreição corporal de Cristo da forma registrada nas Escrituras e nos grandes credos da igreja cristã. Especificamente, como a crença na ressurreição corporal se encaixa dentro do conhecimento atual da biologia e da física? Considerando as discussões contínuas sobre essa questão por teólogos renomados como N. T. Wright,<sup>340</sup> qualquer resposta curta a essa pergunta correrá o risco de ser superficial, mas tentarei resumir alguns pontos importantes.

Devemos começar observando que a Bíblia não tenta diferenciar entre milagres que têm o que podemos chamar de “explicações naturais” dos que não têm. Na compreensão bíblica da criação, Deus é a causa última e permanente de tudo o que existe e tudo o que acontece, seja na rotina diária normal da ordem criada (como por exemplo em Sal 104:14–24) ou em eventos extraordinários como a travessia do Mar Vermelho. Assim, o ato de restaurar o Jesus morto à vida é uma ação de Deus, o criador. Devemos também ter em mente as oportunas reflexões de Colin Humphreys sobre a necessidade de diferenciar entre os diferentes tipos de milagres como registrados nas Escrituras. Alguns não quebram leis físicas, mas o momento em que os eventos acontecem, isto é, o *timing*, os torna milagrosos, enquanto outros quebram uma lei física temporariamente, com a ordem normal do universo restaurada em seguida. Contrastando com esses tipos de milagres, a ressurreição de Jesus se destaca como absolutamente única, porque quebra as leis físicas de forma permanente.

Se Deus é o criador de todas as coisas, então é lógico acreditar que, às vezes, ele pode agir de forma bem diferente de nossas expectativas normais, se assim decidir. A ressurreição de Jesus é um evento único - algo que vai além da ciência e da compreensão científica da realidade física. A ressurreição tem que ser interpretada dentro da estrutura teológica geral de todo o ensinamento do Novo Testamento. É o contexto e o significado da narrativa como um todo que torna o milagre plausível.

A ressurreição corporal de Cristo, um evento que é central para a fé cristã, ilustra alguns dos principais aspectos da compreensão bíblica dos milagres. Primeiro, o contexto religioso e histórico específico é essencial para entender a natureza milagrosa do evento. Assim como havia muitos casamentos ocorrendo na Palestina com consumo de vinho, sem dúvida havia muitos túmulos vazios em Jerusalém. É a situação histórica e o contexto religioso que marcam os eventos do casamento em Canaã como especiais, e o mesmo se aplica ao túmulo

---

<sup>340</sup>. Wright, *Ressurreição*; Wright, *Surpreendido pela Esperança*.

vazio na manhã da Páscoa. Naquela semana em Jerusalém, apenas uma tumba havia sido selada com uma grande pedra e guardada por soldados. Apenas uma tumba estava ocupada por alguém que acabava de ser crucificado por sua afirmação de ser o Filho de Deus. O contexto religioso e histórico permitiu a interpretação da tumba vazia como um sinal especial da graça de Deus e um milagre que moldou o entendimento teológico das primeiras pessoas cristãs.

Um segundo ponto é que a crença em qualquer suposto evento histórico depende de testemunhas confiáveis e provas circunstanciais. Estudiosos debateram o número e as identidades das testemunhas oculares da crucificação, da tumba vazia e de Jesus ressuscitado, mas claramente alguns indivíduos afirmavam ter visto os três, e suas vidas foram transformadas de uma forma que durou décadas. A evidência circunstancial da ressurreição é imensamente fortalecida pelo fato de que os primeiros seguidores de Cristo estavam tão convencidos de que haviam encontrado o Cristo ressuscitado que apostaram suas vidas nele. Eles acreditavam que participariam do milagre da ressurreição - um evento do Novo Testamento que havia sido prenunciado no Antigo Testamento (por exemplo, em Is 26:19; Ez 37:1–14; Sal 16:10–11; 17:15; e Jó 19:25–27).

O testemunho da ressurreição de Jesus e a esperança de participar de uma ressurreição corporal foram transmitidos ao longo dos primeiros séculos do cristianismo. Tanto o Credo dos Apóstolos quanto o Credo Niceno abordam a questão do que acontece após a morte. Eles não falam da imortalidade natural do corpo nem da sobrevivência da alma após a morte, mas da ressurreição do corpo morto e da vida eterna desse corpo no mundo que virá. É evidente que o modelo para a próxima ressurreição do povo de Deus é a ressurreição do próprio Jesus. Em 1 Cor 15, onde Paulo se refere aos crentes que tinham visto o Senhor e "dormiram", Paulo enfatiza a centralidade da ressurreição de Jesus. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé (1 Cor 15:14 ACF). É somente porque Cristo ressuscitou que quem crê tem qualquer esperança de ressurreição.

## **Visão Geral dos Milagres nas Escrituras**

Para os antigos israelitas, milagres envolvem Deus demonstrar seu poder de controlar eventos naturais, como terremotos. Por exemplo, este é um tema importante destacado nas palavras do Salmo 77, onde lemos:

Tu és o Deus que fazes maravilhas;

tu fizeste notória a tua força entre os povos...

A voz do teu trovão estava no céu;

os relâmpagos iluminaram o mundo;  
a terra se abalou e tremeu.  
O teu caminho é no mar,  
e as tuas veredas nas águas grandes,  
e os teus passos não são conhecidos.  
Guiaste o teu povo, como a um rebanho,  
pela mão de Moisés e de Arão. (Salmo 77:14, 18–20 ACF).

A citação liga especificamente os milagres com o trovão, relâmpago e terremotos, que pertencem a Deus.

Outra característica do Deus do Antigo Testamento é que ele é frequentemente revelado como aquele que cura, tanto em suas palavras como ações. Citações das Escrituras do Antigo Testamento revelam como sua obra de cura muda tanto o bem-estar físico quanto o material (por exemplo 2 Reis 4:32–35, 5:14; Jó 42:12–13; Sl 103:3). Ao mesmo tempo, os escritores do Antigo Testamento admitem que poderes que não são de Deus podem produzir “sinais e maravilhas”. Tais milagres são vistos como inferiores (Êxodo 7:10–12). Relatos e rumores de milagres não são tão raros como se poderia imaginar em um século dominado por relatos diários de avanços em todos os ramos da ciência. Sua confirmação é um evento muito mais raro. Um relato recente da ocorrência de milagres por meio do apelo a São Charbel no Líbano apresenta um quadro dramático:

Milagres estão em alta no Líbano. Assim diz o padre Louis Matar, o sacerdote maronita que mantém um registro dessas coisas. São Charbel, a coisa mais próxima que o Líbano tem de um santo padroeiro, recebe a maior parte do crédito. A ele são atribuídos cerca de 26.000 milagres desde sua morte em 1898, quando os aldeões disseram ter visto luzes saindo de sua tumba. Depois de uma desaceleração no início deste século, ele voltou com força total. “Estamos vendo mais milagres nestes últimos dois anos do que tivemos na última década”, diz padre Matar.<sup>341</sup>

A matéria observa, com perspicácia: “Estudos sugerem que, frequentemente, as pessoas se voltam para a religião diante das dificuldades. Alguns libaneses podem estar pedindo ajuda a São Charbel para enfrentar a lenta crise econômica arrasadora, a desigualdade espantosa e a ameaça de uma nova guerra com Israel”.<sup>342</sup> Paul Tabor, antropólogo da Universidade Libanesa Americana, comentou: “As pessoas estão, na melhor das hipóteses, totalmente dependentes de seus líderes sectários e, na pior, deixadas lá fora ao relento. *É essa precariedade que está levando muitos aos braços dos santos e deuses*”<sup>343</sup> Sempre foi assim.

---

<sup>341</sup>. Economist, “Miracles in Lebanon”.

<sup>342</sup>. Economist, “Miracles in Lebanon”.

<sup>343</sup>. Economist, “Miracles in Lebanon”, (grifo nosso).

## Milagres e o “Deus das Lacunas”

Qualquer discussão sobre milagres tem que ser feita no contexto mais amplo da questão: é razoável que pessoas que vivem no século 21 acreditem tanto no regramento da ordem natural como em milagres? Não raro, esses questionamentos surgem muitas vezes ao se perguntar se a natureza deixa espaço para Deus intervir na ordem natural; ou se Deus usa as leis naturais para realizar seus propósitos criativos; ou se devemos considerar os milagres como intervenções de Deus no funcionamento ordeiro da criação. O leitor e a leitora reconhecerão as formas com que essas perguntas foram solenemente feitas no passado e respondidas com firmeza de um modo ou de outro. Um diálogo detalhado e útil sobre essas questões subjacentes foi disponibilizado recentemente pela publicação do livro *It Keeps Me Seeking* (Isso Me Mantém À Procura). Os três autores são dois professores de física em Oxford e um professor de filosofia em Princeton.<sup>344</sup> Algumas das questões abordadas neste capítulo são exploradas com mais profundidade em seu livro. Não é incomum que os pregadores, usando a multimídia de hoje para promover seus “deuses em oferta” particulares no mercado religioso, apelem para relatos de milagres de cura dos dias atuais para substanciar a tese do Deus que oferecem. É frequente falar da “intervenção divina” ou de “deixar espaço para Deus agir”. Mas existe um preceito bíblico para essa linguagem? Uma vez que esses “deuses em oferta” são, por sua natureza, “deuses diminuídos” e “deuses das lacunas”, precisamos analisá-los de forma muito criteriosa. Os milagres estão sendo reduzidos a magia?

Uma característica marcante do quadro que a Bíblia apresenta da relação de Deus com sua criação é ressaltar que nada continua a existir, ou continua a ser, se não for pela atividade de Deus, momento a momento. Sendo assim, não faz sentido perguntar se as leis da natureza *deixam espaço* para o envolvimento de Deus. Como elas poderiam *deixar espaço* para a atividade de Deus, se ele está presente o tempo todo? Ou novamente, como Deus poderia intervir e suspender as leis de tempos em tempos, se ele está lá o tempo todo, sustentando todas as coisas que existem? Em que sentido Deus poderia *usar* as leis naturais, se elas são um meio de resumir nossa experiência da ocorrência regular de eventos na criação que Deus sustenta em existência o tempo todo? Os termos “deixar espaço”, “intervir” e “usar” transmitem uma concepção errada radical de Deus em relação à ordem criada. A visão bíblica requer um padrão de eventos no espaço-tempo não apenas concebido por Deus, mas sustentado em existência, momento a momento. É incorreto afirmar que eventos milagrosos são *intervenções*. Eles na verdade são não mais nem menos dependentes da atividade de Deus do que as ocorrências rotineiras, que certamente consideramos naturais, como esquentar uma chaleira, andar de bicicleta, tomar um

---

<sup>344</sup>. Por Andrew Briggs et al.

analgésico para uma dor de cabeça, mesmo que utilizemos linguagem abreviada para resumir nossa experiência em termos do que chamamos de leis naturais. Briggs e seus amigos nos lembram a respeito das histórias de milagres da Bíblia.

O problema é que os próprios autores dessas histórias não tinham uma definição precisa do que é milagroso e, portanto, sua intenção não poderia ter sido a de afirmar que um milagre - nesse sentido preciso - ocorreu. Não, os autores bíblicos em geral não falam diretamente sobre questões metafísicas, e não pretendem ter precisão científica. Eles nos contam que alguns eventos aconteceram, e o significado deles. Eles não dizem nada sobre se esses eventos têm algum tipo de explicação naturalista.<sup>345</sup>

## Explicando e Justificando

No epílogo de seu livro de 2003, Colin Humphreys deixa claro que está extremamente interessado em destacar a diferença entre explicar e justificar. Assim, ele escreve:

Seguimos Moisés e os israelitas em uma jornada épica do Egito até o Monte Sinai, onde os Dez Mandamentos foram entregues e nasceu uma nação - certamente uma das jornadas mais significativas da história. Usamos uma combinação de ciência moderna e textos antigos para jogar uma luz nos milagres registrados na narrativa bíblica do Êxodo, e vimos que muitos, senão todos eles têm explicações naturais. Contudo, enfatizamos que ainda são milagres: são milagres de *timing*. Alguns dos milagres têm explicações muito específicas, por exemplo, a travessia do Mar Vermelho, que permite que a localização geográfica exata seja especificada. Essa marcação dos lugares ajuda em muito a reconstruir a rota do Êxodo, e uma nova rota é proposta neste livro.<sup>346</sup>

Posteriormente, ele escreve: “Qualquer um desses eventos que ocorre no momento certo pode ser atribuído a um acaso da sorte. Quando toda a sequência de eventos acontece exatamente no momento certo, então *ou é uma sorte incrível ou há um Deus que trabalha em, com e através de eventos naturais para guiar os assuntos e os destinos dos indivíduos e das nações*. Qual crença é correta: Acaso ou Deus? Eu não vou responder a essa pergunta por você; você mesmo precisa encontrar a resposta”.<sup>347</sup>

Existem, é claro, outras narrativas detalhadas, especialmente no Antigo Testamento, que mostram o cuidado providencial de Deus com seu povo e sua criação. Por exemplo, a narrativa bíblica da vida de José (Gen 37–50) é ao mesmo tempo convincente e graficamente apresentada em detalhes no Antigo Testamento. Em relação a alguns dos eventos naturais no Egito discutidos acima, podemos notar a ocorrência frequente de fome

---

<sup>345</sup>. Briggs et al., *It Keeps Me Seeking*, 264.

<sup>346</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

<sup>347</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo* (grifo nosso).

no Egito e arredores e a convicção de José de que não estavam fora do controle de Deus. De fato, José afirmou sem ambiguidade que tanto os anos bons quanto os de fome estavam sob a soberania de Deus (Gen 41:32). Em um lugar, para enfatizar a soberania de Deus, José explicou que “o que Deus há de fazer, mostrou-o a Faraó” (Gen 41:25 ACF). Além disso, está claro no texto que José estava convencido de que não somente os processos naturais que causavam a fome estavam sob a soberania de Deus. Ele faz questão de dizer que todo o lamentável episódio de pecado humano, demonstrado pela forma como seus irmãos o venderam como escravo, foi na verdade usado na providência de Deus para os seus propósitos. É notável como José conseguiu ser misericordioso quando finalmente se revelou a seus irmãos e reiterou três vezes que tudo o que aconteceu com ele foi usado por Deus para o bem. Repetir duas vezes o mesmo ponto é enfatizá-lo fortemente; fazê-lo três vezes é colocá-lo para além de qualquer possibilidade de dúvida. Assim, disse José: “E disse José a seus irmãos: Peço-vos, chegai-vos a mim. E chegaram-se; então disse ele: Eu sou José vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos pese aos vossos olhos por me haverdes vendido para cá; porque para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós. Porque já houve dois anos de fome no meio da terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura nem sega. Pelo que Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra, e para guardar-vos em vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, senão Deus, que me tem posto por pai de Faraó, e por senhor de toda a sua casa, e como regente em toda a terra do Egito. (Gen. 45:4-8 ACF).

Outro exemplo relevante das Escrituras do Antigo Testamento, no contexto deste livro, que tem exposto vários dos "falsos deuses" promovidos hoje no mercado religioso, é a notável história narrada no livro de Jó. A teologia dos amigos de Jó era que seu sofrimento tinha que ser uma consequência direta de seu comportamento para com Deus, portanto ele certamente teria feito algo errado. Seus argumentos assumem várias formas diferentes, mas um dos lados mais sutis de sua argumentação é o falso evangelho de que os justos são recompensados materialmente. Assim, diz Elifaz: “faze as pazes com Deus sujeitando-te a ele, e a prosperidade te alcançará” (Jó 22:21 AKJ). Isto poderia ser considerado uma forma muito precoce do evangelho da prosperidade de hoje? Qual é a novidade? Em junho de 2019, Michael Brice-Saddler escreveu uma matéria na Internet com o título: “Tele-evangelista milionário explica sua frota de jatinhos: ‘É uma questão bíblica’”. No artigo, ele observou que: “Como muitos tele-evangelistas, [Kenneth] Copeland pregam o ‘evangelho da prosperidade’, que vem da crença de que a fé, muitas vezes na forma de doações a pregadores e ministérios, vai trazer riquezas futuramente”.<sup>348</sup>

---

<sup>348</sup>. Brice-Saddler, “Wealthy Televangelist.”

## 9. Milagres da Natureza. Exemplos Ilustrativos

Temos forte inclinação contra os argumentos que falam de “lacunas”, mas por razões bem diferentes das do típico crítico naturalista. Cremos que esse tipo de argumento é ruim porque existem certas regras do bom pensamento - regras que foram escritas em nossos corações pelo Criador. Porém, observe que nossa crítica a esse discurso sugere outro modo de perceber e responder a Deus: o bom raciocínio encontra sua raiz e apoio no caráter divino: por isso, é o ser de Deus que, em última análise, explica por que somos capazes de perceber que os argumentos que falam de lacuna são ruins!<sup>349</sup>

### Ajuda dos Cientistas

Nos últimos anos, uma série de trabalhos publicados em revistas científicas renomadas como *Nature* e *The Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society* demonstraram como, ao mostrar os avanços no estudo bíblico e na ciência, especificamente os avanços na astronomia, é possível entender melhor alguns “eventos milagrosos” relatados nas Escrituras. Por exemplo, ao entender a Estrela de Belém, o conhecimento mais profundo dos estudiosos da Bíblia sobre quem eram os Magos, coloca esses eventos firmemente em um contexto cultural e histórico apropriado que, juntos, ajudam a entender melhor como eventos celestiais não usuais seriam interpretados naquela época. A título de exemplo, vamos considerar três desses trabalhos que surgiram em revistas científicas, todos de autoria ou coautoria de Sir Colin Humphreys FRS. É importante observar que quando esses trabalhos são considerados para publicação nessas revistas científicas de prestígio, *os avaliadores se preocupam exclusivamente com a exatidão científica do que está sendo relatado*. Estes artigos poderiam ter sido publicados em uma das várias excelentes revistas contemporâneas que discutem ciência e crença cristã. Se isso tivesse acontecido, haveria a acusação de que os avaliadores estariam predispostos a aceitar os trabalhos, uma vez que eles pareciam ser favoráveis à fé cristã. Este não é o caso aqui. *Estes trabalhos foram avaliados por cientistas inflexíveis, estritamente por sua exatidão e mérito científico*.

### A Estrela de Belém

O segundo capítulo do Evangelho de Mateus relata: “magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo” (Mt 2:2 ACF). Mais à frente: “E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que,

---

<sup>349</sup>. Briggs et al., *It Keeps Me Seeking*, 160.

chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, regozijaram-se muito com grande alegria” (Mt. 2:9-10 ACF).

Em seu artigo no *Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society* publicado em 1991 sob o título "*The Star of Bethlehem-a Comet in 5 BC-and the Date of the Birth of Christ*" (A Estrela de Belém - um cometa em 5 a.C. - e a Data do Nascimento de Cristo), Humphreys observa que "Há quatro questões-chave que surgem do relato no Evangelho de Mateus, e em outras literaturas antigas, sobre a Estrela de Belém: (1) quem eram os Reis Magos? (2) existe um fenômeno astronômico conhecido que se encaixa no relato? (3) o que induziu os Magos a embarcarem em sua jornada? e (4) a astronomia pode ser usada para resolver o antigo problema da data do nascimento de Cristo?".<sup>350</sup> O trabalho de Humphreys tenta resolver essas perguntas. No contexto de nossas discussões atuais e para ilustrar sua relevância para a compreensão de milagres nas Escrituras, o documento mostra como, levando em conta várias características específicas da Estrela de Belém, conforme registrado no Evangelho de Mateus, bem como evidências significativas e substanciais de eventos astronômicos daquela época, todos, exceto um dos objetos astronômicos sugeridos nessa literatura como a Estrela de Belém, podem ser descartados. Observando os relatos de Dio Cassius, de Josefo e de Mateus, Humphreys conclui que o único objeto astronômico que parece ser suficientemente baixo e capaz de satisfazer as descrições destes três é a estrela de Belém. Na opinião de Humphreys, "Assim, um cometa se encaixa singularmente na descrição em Mateus de que a estrela era nova, viajava lentamente pelo campo estrelado do leste para o sul, ia à frente dos Reis Magos, e "estacionou" em Belém, o lugar onde a criança nasceu".<sup>351</sup>

Os outros detalhes dessa obra importante, que faz referências detalhadas a registros astronômicos chineses cuidadosamente mantidos e outras fontes de informação daquela época, *deixam poucas dúvidas de que existe uma "explicação natural" para estes eventos notáveis*. Mas, e este é o ponto importante, esta "explicação natural" de fato torna todo o evento muito mais surpreendente e convincente, pois significa que não foi um súbito "truque de um mágico cósmico", *mas que antes da fundação da Terra estas coincidências notáveis foram incorporadas à história total da criação, muito antes do aparecimento dos seres humanos*. Para ressaltar o ponto, vislumbres sobre a "explicação natural" reforçam e tornam eventos como a Estrela de Belém ainda mais surpreendentes e maravilhosos. Não existe um "deus das lacunas" aqui, mas um Deus sustentador, momento a momento.

---

<sup>350</sup>. Humphreys, "Star of Bethlehem", 405. O estudo mais detalhado dos dados bíblicos e científicos sobre a estrela de Belém é agora de Nicoll, *The Great Christ Comet* (O Grande Cometa de Cristo).

<sup>351</sup>. Humphreys, "Star of Bethlehem", 393.

## O Sol Parou

O livro de Josué no Antigo Testamento relata que: “O sol, pois, se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro (Josué 10:13 ACF). Junto com seu colega Graeme Waddington, Humphreys pesquisou o que eles chamam de "um evento intrigante na Bíblia". Seu trabalho começa:

Um evento intrigante da *Bíblia* que menciona tanto a lua como o sol pode ser interpretado como a descrição de um eclipse solar. Sua data foi estabelecida como 30 de outubro de 1207 a.C., tornando-o possivelmente o mais antigo eclipse solar datável já registrado. Isso nos permite refinar as datas de certos faraós egípcios, incluindo Ramsés, o Grande. Também sugere que as expressões usadas atualmente para calcular as mudanças na taxa de rotação da terra podem ser confiáveis e podem ser estendidas, com segurança, até 500 anos atrás, de 700 a.C. a 1200 a.C.<sup>352</sup>

Mais uma vez, com base na experiência em ciência astronômica, bem como na pesquisa detalhada sobre as evidências a partir de placas de argila preservadas, estes autores observam:

Traduções modernas desta passagem para o inglês [como a NRSV citada na versão original desse livro e assumida pela Almeida Corrigida e Fiel em língua portuguesa], todas seguiram a Versão Autorizada (AV) do Rei James da Bíblia, traduzida em 1611, e assumiram que o texto em hebraico significa que o sol e a lua pararam de se mover. Porém, um significado alternativo plausível é que o sol e a lua pararam de fazer o que fazem normalmente: eles pararam de brilhar. Em outras palavras, o texto se refere a um eclipse solar, quando o sol para de brilhar. Como um eclipse solar só pode acontecer quando a lua está diretamente entre a terra e o sol, a própria lua não fica visível e, portanto, não está refletindo a luz solar para a terra - como o sol, ela “parou de brilhar” também.<sup>353</sup>

Seu trabalho conclui:

Uma reinterpretação de uma passagem intrigante do livro de Josué, do Antigo Testamento, sugere que foi relatado um eclipse solar. Os cálculos mostram que esse evento pode ter sido o eclipse solar anular de 30 de outubro de 1207 a.C. Se aceito, esse parece ser o eclipse solar mais antigo já registrado. Quando combinado com os registros egípcios, este eclipse nos permite aprimorar as datas mais precisas disponíveis para o reinado do famoso faraó egípcio Ramsés o Grande para 1276-1210 a.C.  $\pm 1$  ano.<sup>354</sup>

---

<sup>352</sup>. Humphreys and Waddington, “Solar Eclipse”, 5.39.

<sup>353</sup>. Humphreys and Waddington, “Solar Eclipse”, 5.40.

<sup>354</sup>. Humphreys and Waddington, “Solar Eclipse”, 5.42.

Mais uma vez, essa "explicação natural" reforça e torna ainda mais surpreendente este *timing* de um ato providencial de Deus em nome de seu povo escolhido. Novamente, não um "mágico celestial", mas um Deus sustentador sempre presente, desde a fundação do mundo.

Porém, e este é "um porém" importante, temos que sempre ter consciência de que existem avanços nos estudos bíblicos que são diretamente relevantes para entender melhor alguns enigmas persistentes sobre a interpretação bíblica. Os relatos de Josué sobre o sol e a lua em Jos 10:12–15 são um exemplo. Em outubro de 2013, John Walton, Professor de Antigo Testamento do Wheaton College, publicou um artigo com o título "*Biblical Credibility and Joshua 10: What Does the Text Really Claim?*" (Credibilidade bíblica e Josué 10: O Que o Texto Realmente Afirma?). Walton escreveu:

Essa narrativa é uma das passagens invocadas com mais frequência para explicar como a credibilidade da Bíblia é falha no mundo da ciência. Para quem insiste que o texto deve ser considerado literalmente, a questão diz respeito à infalibilidade da Bíblia e à capacidade de Deus de fazer o que ele quiser. Embora quem leva Deus a sério não negue que Deus pode fazer o que quiser, reconhecemos que também devemos perguntar o que é que o texto afirma. ...*Temos que ler a Bíblia como um texto antigo, não como um texto moderno.*<sup>355</sup>

Ele observa ainda que, mesmo quem insiste que temos que ler o texto de forma literal, também observa que é necessário fazer ajustes às visões geocêntricas do mundo antigo. Walton também salienta que, ao fazer isso, eles deixam, contudo, de considerar o texto literalmente. Ele escreve: "Se vamos ajustar nossas interpretações ao pensamento antigo, é melhor fazermos um trabalho minucioso". Walton prossegue e argumenta que, levando em consideração as evidências relevantes, para compreender corretamente esse texto é necessário ver a forma como ele está inserido em visões amplamente difundidas de presságios propícios para muitas ações. Com base nessa perspectiva, "Certamente, para um texto antigo, é mais provável uma leitura do texto à luz de presságios do que feita à luz da física". Walton conclui: "O conhecimento de Josué sobre como os dos amoritas dependiam de presságios pode tê-lo levado a pedir ao Senhor um que ele sabia que abalaria sua moral - para que a oposição ocorresse em um dia não propício".<sup>356</sup>

Em maio de 2016, Mark Chavalas, Professor de História da Universidade de Wisconsin-Lacrosse, reabriu a análise de como essa passagem enigmática do livro de Josué 10:12–15 pode ser interpretada adequadamente. Sua pesquisa se concentrou em placas de presságios que estão no Museu Britânico. É importante observar novamente que esta é

---

<sup>355</sup> Walton, "Biblical Credibility", n.p. (grifo nosso).

<sup>356</sup> Walton, "Biblical Credibility", n.p.

uma exposição e exegese com base em evidências. Chavalas, expondo e desenvolvendo o ponto de vista de John Walton, escreveu:

A poesia lírica de Josué 10:12 afirma que o sol parou em Gibeon, e a lua em Aijalon. Isso significa que o sol estava no leste e a lua no oeste, isto é, que era manhã, não noite. Assim, Josué certamente não estava pedindo mais luz solar (afinal de contas, o dia tinha acabado de começar). Além disso, o evento foi considerado único, não por causa de anomalias astronômicas, mas porque Deus ouviu a voz de um homem e lutou por Israel (v. 14). ...A fraseologia em Josué 10:12–13 soa suspeitosamente como o vocabulário usado nos textos de presságios celestiais da Mesopotâmia. ...Muitas das frases técnicas desses presságios dizem respeito à "parada" e "espera" dos corpos celestiais. Do ponto de vista do espectador na terra, o sol e a lua "pararam e esperaram" um pelo outro (isto é, eles foram vistos juntos, um mau presságio para o décimo-quinto dia depois de uma lua cheia). A fraseologia não é diferente de Mateus 2:9, que afirma que a Estrela de Natal parou sobre Belém (isto faz sentido do ponto de vista de um viajante, é claro).<sup>357</sup>

Chavalas continua:

A observação de presságios celestiais não estava presente apenas na Mesopotâmia, mas também no noroeste, na Síria nas localidades de Ugarit, Mari e Emar (todas em regiões com conexões relevantes com os amoritas). O texto bíblico e a afirmação poética de Josué sobre Deus favorecer Israel com o movimento do sol e da lua fazem parte de uma tradição antiga mais ampla do Oriente Próximo, de pedir ajuda divina no campo de batalha. Mas esse contexto também ajuda a responder uma pergunta que facilmente nos vem à mente: por que um seguidor do Deus de Israel pediria um presságio, uma prática que era considerada adivinhação e classificada como crime capital? A resposta é que a Bíblia redefine o presságio. Josué não pediu um fenômeno celestial para si, ou mesmo para Israel, e sim provavelmente para o inimigo. Ele certamente sabia o que significava para eles ter o sol e a lua alinhados no décimo-quinto dia, possivelmente o dia da batalha. Se eles recebessem um mau presságio, isso reduziria significativamente suas expectativas de vitória, para dizer o mínimo! . . . Judeus e cristãos acreditam que Deus pode fazer o que quiser, inclusive violar as leis naturais (por exemplo, fazer com que o sol e a lua parem em seu caminho). Não é preciso *fabricar um milagre onde o texto bíblico não necessita... Para ser corretamente entendida, a Bíblia deve ser lida em seu contexto histórico e literário. Só então nós, mortais, podemos responder com admiração.*<sup>358</sup>

Essas narrativas de estudiosos da Bíblia e historiadores não negam ou repudiam a dada por Colin Humphreys. Pelo contrário, destacam novamente a necessidade de nos atualizarmos *tanto* com o que os cientistas dizem *como* o que os estudiosos da Bíblia escrevem antes de fazer pronunciamentos dogmáticos sobre o significado de textos enigmáticos das Escrituras.

---

<sup>357</sup>. Chavalas, "Does the Bible Claim."

<sup>358</sup>. Chavalas, "Does the Bible Claim" (grifo nosso).

## Mais Lições de Milagres no Antigo Testamento

Considerando os vários milênios cobertos pela história bíblica, a ocorrência total de milagres em suas narrativas é surpreendentemente rara. Entretanto, existem alguns períodos em que o relato de milagres é frequente. O primeiro é durante o êxodo e o segundo é durante a vida de Cristo na terra. Felizmente, foi realizado e publicado, recentemente, um estudo detalhado sobre os milagres do êxodo.<sup>359</sup> Nosso propósito ao analisar estes dois períodos agora é ver o que podemos descobrir sobre qualquer expectativa sustentável que devemos ter sobre a natureza e a frequência da ocorrência de milagres nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, um estudo minucioso dos milagres empreendido por Colin Humphreys nos ajudará a ter mais clareza sobre o que o registro bíblico nos ensina sobre a origem e a natureza desses milagres no momento em que ocorreram.

### Os Milagres do Êxodo

Ao longo dos séculos, muitas pessoas especularam sobre a natureza e veracidade dos eventos marcantes que ocorreram durante o êxodo. Um dos cientistas britânicos mais famosos, Sir Colin Humphreys, membro da Royal Society e anteriormente diretor de pesquisa de Cambridge, dedicou vários anos a um estudo presencial detalhado chamado *Os Milagres do Êxodo*. Ciente dos perigos de um “mero cientista” transitar por esse conjunto muito contestado de eventos, ao longo de sua investigação, ele se consultou criteriosamente com dois de seus colegas de Cambridge, o Professor Régio de Hebraico e o Professor de Egiptologia para ajudá-lo nessa tarefa. O livro de Humphreys reúne conhecimentos da ciência, história, geografia, arqueologia, línguas antigas e a Bíblia para melhor compreender o que realmente aconteceu no êxodo. O livro do êxodo começa narrando a situação difícil dos israelitas no Egito. Como escravos, eles ajudavam a construir as cidades sob o domínio de um faraó cruel e opressor. Moisés nasceu e sua mãe o colocou em uma cesta entre os canaviais na margem do Nilo, pois naquela época os egípcios estavam matando os bebês hebreus do sexo masculino. Milagrosamente, Moisés sobreviveu. Cuidado pela filha do faraó, Moisés cresceu em um ambiente privilegiado. Um dia, porém, ele viu um feitor egípcio atacar um escravo hebreu e, em sua ira, Moisés matou o egípcio. Receando por sua vida, ele fugiu para a terra de Madiã, que na época estava fora do controle do Egito.

---

<sup>359</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

Aprendemos que, quando vivia em Madiã, Moisés visitou o Monte Sinai e testemunhou uma visão extraordinária. Uma sarça queimava com chamas, mas ainda assim não era consumida conforme esperado. Ela apenas queimava. Foi nesta sarça ardente que nos dizem que Moisés ouviu a voz de Deus dizendo-lhe que deveria conduzir os israelitas para fora do Egito, para trazê-los ao Monte Sinai, e depois levá-los à terra prometida de Canaã. Com essas ordens claras, Moisés retornou ao Egito. Ele foi ao faraó e pediu a ele que permitisse que os escravos hebreus deixassem a terra. O faraó recusou. A narrativa então nos conta que Deus enviou dez pragas de gravidade cada vez maior para os egípcios até que finalmente o faraó se rendeu e permitiu a saída dos israelitas. É narrado, que em sua jornada, uma coluna de nuvens durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite foram à frente dos israelitas para guiá-los até o Monte Sinai. Mas o faraó mudou de ideia. Ele enviou seu exército para persegui-los e os encurralou no Mar Vermelho. O texto relata que, notavelmente, um vento muito forte fez o mar recuar, permitindo a travessia dos israelitas. Ele observa ainda que o exército do faraó, seguindo os israelitas em fuga, foi varrido pelo mar, que voltou ao normal e os afogou. Enfim livres, os israelitas continuaram sua jornada para o Monte Sinai. Foi durante essa jornada que vários eventos extraordinários aconteceram. Moisés transformou água amarga em doce; uma substância misteriosa chamada maná forneceu alimento para os israelitas; um grande número de codornizes forneceu outra fonte de alimento; Moisés produziu água quando os israelitas estavam com sede, mas era água de uma rocha. Finalmente, os israelitas chegam ao Monte Sinai e são recebidos com uma visão incrível: fogo e fumaça saíam do monte e um som como uma trombeta os confrontava. Infelizmente, aqui também, apesar de todas as suas bênçãos, os israelitas ainda se rebelaram e construíram um ídolo para adorar: um bezerro de ouro. A narrativa continua registrando como, após a construção da Arca da Aliança e do Tabernáculo portátil no Monte Sinai, os israelitas seguiram em frente através de vários desertos, e entraram na terra prometida, depois de atravessarem o rio Jordão. Porém, aqui aconteceu outro milagre extraordinário. Quando chegaram ao rio, ele estava em plena cheia, mas de repente, e milagrosamente, parou de fluir quando eles estavam à beira d'água, permitindo-lhes caminhar através do leito seco do rio até o outro lado. Os israelitas chegaram à terra prometida e, depois de uma viagem extraordinária, nasceu a nação.

Essa narrativa sucinta de uma série extraordinária de eventos imediatamente levanta a questão: como podemos nós, como pessoas do século 21, que, através dos avanços da ciência, entendemos a história natural da migração das codornizes ou o movimento das placas tectônicas que movem a terra, causando o súbito bloqueio dos rios ou a repentina inundação dos países, entender esta notável série de eventos relatados que vão contra nossas expectativas naturais de como o mundo e as criaturas dentro dele se comportam?

## A Travessia do Rio Jordão

O livro de Humphreys, muito fácil de ler e extremamente bem ilustrado, está escrito como se ele fosse um Hercule Poirot do século 21, estudando não um crime, mas uma série de eventos altamente incomuns. Para ilustrar sua abordagem típica, podemos tomar a forma como ele investigou a incrível drenagem do rio Jordão para permitir que o povo de Israel cruzasse para a terra prometida, bem no final da jornada do êxodo. Vamos também, muito brevemente, indicar os resultados de suas investigações semelhantes sobre os outros milagres do livro do Êxodo. Se tiver interesse em uma análise detalhada, sugerimos consultar seu livro. Humphreys relata:

Em minha viagem de uma semana a Israel e ao Egito na primavera de 2001, para revisitar parte da rota do Êxodo, eu estava vasculhando em uma livraria em Eilat e peguei um livro de Leen e Kathleen Ritmeyer chamado *From Sinai to Jerusalem: The Wandering of the Ark* (Do Sinai a Jerusalém: O Caminho da Arca). Neste livro as autoras reproduzem uma rara fotografia do século 19, mostrando o rio Jordão transbordando em suas margens na primavera, que, com sua permissão, eu reproduzo aqui. Portanto, esse era o rio na cheia que os israelitas precisavam atravessar. Imagine a cena! Imagine se você estivesse lá. Não é incrível ser capaz de reconstruir eventos antigos em detalhes como fizemos neste capítulo? E não são apenas eventos antigos quaisquer: eventos que mudaram o curso da história<sup>360</sup>

O relato bíblico da travessia do rio Jordão, conforme registrado no livro de Josué, diz o seguinte: "O Jordão transborda em ambas as margens na época da colheita. Assim que os sacerdotes que carregavam a arca da aliança chegaram ao Jordão e seus pés tocaram as águas, a correnteza que descia parou de correr e formou uma muralha a grande distância, perto de uma cidade chamada Adã, nas proximidades de Zaretã; e as águas que desciam para o mar da Arabá, o mar Salgado, escoaram totalmente. E assim o povo atravessou o rio em frente de Jericó (Jos 3:15–16 ACF). Tendo em mente que se você olhar um mapa moderno do estado da Jordânia, não há nenhuma cidade chamada Adã, pergunta Humphreys, é possível localizar a antiga cidade de Adã depois de três mil anos? Ele consultou seus especialistas hebreus e o resultado final de seus conhecimentos e seus estudos pessoais resultaram na descoberta por Humphreys de que nos mapas modernos do estado da Jordânia, encontra-se uma cidade no lado oriental do rio Jordão chamada Damia. Ela fica cerca de 27 quilômetros ao norte de onde o Rio Jordão passa mais perto de Jericó. Ele descobriu não apenas isso, mas que no mapa da viagem mundial de Bartolomeu de 1989, de Israel com a Jordânia, a mesma cidade é na verdade marcada como *Damiya* (*Adamah*). Isso, ele conclui, sugere fortemente que a cidade antiga de Adã é a Damia moderna. Estudiosos posteriores concordam com essa tese, e é por isso que o mapa de

---

<sup>360</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*

Bartolomeu o declarou de forma bem clara. Seu próximo passo é recorrer à ciência para as evidências críticas. Ele descobriu que, em 11 de julho de 1927, um terremoto bem documentado sacudiu a cidade de Jericó, causando rachaduras nos edifícios e pânico na população local. O terremoto foi detectado em estações sismológicas distantes como na Europa, África do Sul, América do Norte e Rússia. Sua magnitude foi de cerca de 6.5 na escala de Richter - um grande terremoto. Em seguida, ele recorreu a um dos principais geofísicos do mundo, Amos Nur, Wayne Loel Professor de Ciências da Terra e Professor de Geofísica na Universidade de Stanford. Ele descobriu que Nur fez um estudo detalhado do terremoto de 1927 e constatou que ele ocorreu devido a um deslizamento ao longo de uma falha geológica chamada falha de Jericó, que corre aproximadamente de norte a sul sob o rio Jordão.

Sobre esse terremoto de 1927, Nur escreveu: "Durante o terremoto de 1927, surgiram várias rachaduras no solo, juntamente com um derramamento de água subterrânea. Esse fenômeno de liquefação do solo foi bem observado em terremotos em outros lugares. Durante o terremoto, ocorreram deslizamentos de terra ao longo do Jordão, perto de Damiya, cerca de 30 km (cerca de 18 milhas) ao norte de Jericó. Eles interromperam temporariamente o fluxo dos rios".<sup>361</sup> O local que Nur chama de Damiya é, nos mapas, escrito como Damia. O importante é que elas são o mesmo lugar. Humphreys prossegue, narrando como Nur então pesquisou registros históricos e descobriu que o Rio Jordão foi interrompido temporariamente em algumas ocasiões, sempre por causa de deslizamentos de terra causados por terremotos. O registro histórico mais antigo desse fato encontrado por Nur ocorreu em 1160. Nur, portanto, reconheceu a relevância desses terremotos para a passagem do livro de Josué que mencionamos anteriormente. Nue escreveu: "Adã agora é Damia, o local dos deslizamentos de terra de 1927 que interromperam o fluxo do Jordão. Essas interrupções, com duração típica de 1 a 2 dias, foram registradas em 1906, 1834, 1546, 1534, 1267, e 1160. A interrupção do Jordão é tão típica dos terremotos nesta região que poucas dúvidas podem restar quanto à realidade de tais eventos no tempo de Josué".<sup>362</sup>

Humphreys continua: "Temos, portanto, uma explicação científica para a travessia do Jordão em termos de um mecanismo natural: um terremoto induziu um deslizamento de terra atrás do qual as águas do Jordão ficaram retidas até romperem, tipicamente 1 a 2 dias depois. Enquanto o Jordão ficou temporariamente interrompido, os israelitas conseguiram atravessar. Eu acredito que isso nos permite identificar Adã, o lugar do deslizamento de terra provocado pelo terremoto, como a Damia atual, além de qualquer dúvida razoável".<sup>363</sup>

---

<sup>361</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

<sup>362</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

<sup>363</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

Humphreys observa ainda que a maioria das civilizações antigas acreditava em deuses, mas que, em alguns aspectos, o Deus de Israel antigo era diferente. O Deus de Israel era aquele que eles acreditavam que controlava todas as forças da natureza. Ele observa ainda que, se analisarmos a descrição bíblica de outro milagre importante do êxodo, a travessia do Mar Vermelho, descobrimos que os israelitas sem dúvida consideravam que este foi um dos maiores milagres que aconteceram a eles. Porém, a Bíblia é explícita de que esse milagre foi causado por um mecanismo natural, um forte vento leste, e também diz que esse vento foi o agente da mão de Deus (aqui representada pela mão de Moisés estendida sobre o mar).

Humphreys também chama a atenção para o *timing* da travessia do Jordão pelos israelitas. Eles vagavam no deserto há quarenta anos e agora estavam em frente a Jericó no rio Jordão. O rio era tudo o que os separava da terra prometida. Assim que eles chegaram às margens do Jordão, começou a interrupção do rio, causada pelo terremoto. Para os antigos israelitas, este evento se enquadrava assim em um padrão importante: milagres divinos envolvem Deus demonstrando seu poder de controlar eventos como terremotos. O Salmo 77 liga especificamente os milagres com o trovão, relâmpago e terremotos, que pertencem a Deus. Humphreys comenta:

Em outras palavras, a antiga visão israelita dos milagres normalmente não envolvia ver diretamente as pegadas de Deus, deixadas para trás como um cartão de visita celestial dizendo "Deus esteve aqui" após um evento milagroso. *Ao invés disso, para eles, os milagres divinos envolvem Deus demonstrando seu poder através de eventos naturais, como terremotos, que ocorrem no momento certo.*<sup>364</sup>

Humphreys prossegue, documentando em detalhes os resultados de seu trabalho científico e exegético de detetive ao estudar os milagres do Êxodo. Por ora, vou descrever brevemente suas conclusões sobre dois dos milagres e indicar como, nos propósitos e na constituição de Deus, e no tempo de Deus, houve em cada caso uma explicação perfeitamente natural. Porém, as explicações não tornam os eventos menos milagrosos. Assim, podemos continuar esperando que o Deus das Escrituras que “sustentando tudo o que há pela Palavra do seu poder | (Heb 1:3 AKJ), atuará de formas semelhantes no presente e no futuro.

## A Sarça Ardente

As Escrituras relatam: “E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Madiã; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, o Sinai. E apareceu-

---

<sup>364</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo* (grifo nosso).

lhe o anjo do SENHOR em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima.” (Ex 3:1-3 ACF). Usando as fontes detalhadas disponíveis de estudiosos da Bíblia, juntamente com escritos mais recentes, como a obra de T. E. Lawrence em seu famoso livro *Os Sete Pilares da Sabedoria*,<sup>365</sup> Humphreys localiza o lugar mais provável referido como leste ou sudeste. A questão é: o que manteve a sarça ardendo sem ser consumida? Mais detalhes e mais investigações apontaram para a solução mais simples: a localização da Sarça ardente pode muito bem ter sido em uma região vulcânica a leste ou sudeste. Se isso for correto, então a sarça ardente está localizada sobre um respiradouro vulcânico ou escape de gás natural. Assim, ela continua a queimar, mas a sarça não é consumida. Humphreys conclui: "*Sem mais informações não é possível afirmar qual tese tem mais probabilidade de ser a correta, se a do gás natural ou a do mecanismo de respiradouro vulcânico, mas ambas são certamente possíveis explicações naturais para a sarça ardente*".<sup>366</sup>

## Transformação da Água Amarga em Doce

As Escrituras narram: “Então chegaram a Mara; mas não puderam beber das águas de Mara, porque eram amargas; por isso chamou-se o lugar Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? E ele clamou ao SENHOR, e o SENHOR mostrou-lhe uma árvore, que lançou nas águas, e as águas se tornaram doces | (Ex 15:23-25 ACF). O trabalho de detetive de Humphreys sugere a ele que "Moisés não inventou Marah, com significado de um 'lugar amargo'. Ao contrário, o lugar já era chamado de amargo pelos midianitas locais e os israelitas o chamavam pela palavra hebraica para amargo".<sup>367</sup> Humphreys oferece duas interpretações possíveis de como, ao jogar um pedaço de madeira na água, que se acredita ser salgada, seria possível produzir água com sabor doce. Uma dessas explicações se baseia no conhecimento local detalhado da área da provável rota do êxodo. Sua primeira explicação sugerida se baseia no conhecimento de que a madeira de uma árvore, a *acácia seyal* era queimada no local para produzir “o melhor tipo de carvão vegetal”. Assim sendo, ele escreve: “Portanto, não é improvável que houvesse um pouco de madeira de acácia queimada, coberta com uma camada de carvão vegetal, caída na antiga Mara, e eu sugiro que foi essa madeira que Moisés jogou na água salgada de Mara para purificá-la”. Sua explicação alternativa se baseia na prática de algumas partes do mundo onde algumas árvores são conhecidas por serem usadas como purificadoras da água sem serem queimadas. Ele dá o exemplo de Sri Lanka, “onde a madeira da chamada árvore

---

<sup>365</sup>. Lawrence, *Sete Pilares da Sabedoria*.

<sup>366</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo* (grifo nosso).

<sup>367</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

kumbuk (*terminalia arjuna*) é utilizada para forrar as paredes internas dos poços porque purifica e dessaliniza a água. ... Assim, existe uma tentativa de explicação científica para como Moisés adoçou a água com um pedaço de madeira”.<sup>368</sup>

---

<sup>368</sup>. Humphreys, *Milagres do Êxodo*.

## 10. Milagres de Saúde e Cura. Insights Científicos e das Escrituras

Mais da metade das orações espontâneas que ouço na igreja referem-se a pessoas doentes. No quadro mais amplo da oração, isso representa o mesmo desequilíbrio como se um pastor fizesse pregações sobre o livro de Jó todos os domingos. Ao mesmo tempo, também mostra como instintivamente nos voltamos para a oração sempre que a doença chega.<sup>369</sup>

Hoje, os "deuses encolhidos" são proclamados e promovidos, às vezes com uma ênfase quase exclusiva nos benefícios da fé para a saúde e, em alguns casos, com promessas de curas milagrosas. Em seu livro sobre oração, Philip Yancey, referindo-se ao grande acúmulo de cartas que recebera de pessoas que lhe perguntavam sobre oração e doença, escreveu: "No entanto, a pilha de cartas em meu arquivo me convence de que podemos causar ... mal, mantendo a falsa esperança de cura física". E referindo-se às cartas que recebeu de pais de crianças com síndrome de Down ou doença de Huntington, ele acrescenta: "Mas não conheço nenhuma cura milagrosa para esses distúrbios, e oferecer falsas esperanças seria ainda mais cruel".<sup>370</sup>

É importante notar que a evidência anedótica citada por Yancey ressoa fortemente com a experiência de muitas pessoas cristãs que, ou elas mesmas ou seus familiares ou amigos próximos, enfrentam doenças graves. A natureza e a ocorrência de relatos de curas inesperadas entre as pessoas religiosas é uma questão vívida para os estudiosos da Bíblia, teólogos e cientistas. Isso é ilustrado pela publicação de dois volumes de ensaios selecionados editados por Fraser Watts<sup>371</sup> e Sarah Coakley.<sup>372</sup> Esses volumes deixam claro que existe a necessidade premente de uma "higiene semântica" se quisermos entender o que é afirmado nos relatos contemporâneos de curas religiosas ou espirituais.

Alguns escritores, incluindo Sarah Coakley, usam o termo "cura espiritual". Outras pessoas que contribuíram usam "curas de fé", como no capítulo de Heather Curtis<sup>373</sup> ou "curas bíblicas", como no capítulo de Beverly Gaventa.<sup>374</sup> Outras, principalmente das tradições católicas romanas, referem-se simplesmente como "curas milagrosas ou curas de Maria",

---

<sup>369</sup>. Yancey, *Prayer*, 240.

<sup>370</sup>. Yancey, *Prayer*, 241.

<sup>371</sup>. Watts, *Spiritual Healing*.

<sup>372</sup>. Coakley, *Spiritual Healing*.

<sup>373</sup>. Curtis, "Healing, Belief, and Interpretation."

<sup>374</sup>. Gaventa, "Healing, Meaning, and Discernment."

como no capítulo de Emma Anderson.<sup>375</sup> Uma seleção de citações do capítulo de abertura de Sarah Coakley à sua coletânea de ensaios, à qual ela dá o título de “Cura Espiritual, Ciência e Significado”, destaca a necessidade de esclarecimento semântico. Ela escreve: “O termo cura espiritual . . . pode simplesmente se referir, primeiro, a qualquer cura que não seja estritamente física, ou seja, que esteja relacionada com os elementos psíquicos, ou não somáticos, ou espirituais do eu. Nessa definição, é a localização da cura que é descrita como espiritual”.<sup>376</sup> Ela continua: “Uma segunda interpretação de cura espiritual, por outro lado, refere-se a uma cura que é efetuada diretamente por Deus (ou por outras supostas forças espirituais), ou por Deus auxiliado por outros humanos, de forma secundária e cooperativa. Nessa definição, é a fonte do evento de cura que é descrita como espiritual (isto é, Deus ou a divindade)”.<sup>377</sup> Coakley observa: “Um ponto final de esclarecimento semântico que precisa ser feito na abertura deste livro refere-se a nosso outro termo chave: cura. Porque essa, também, é uma noção multivalente; e talvez o primeiro e mais importante ponto de esclarecimento neste caso seja que a cura pode não necessariamente ter a conotação de uma cura física (embora, é claro, possa ter)”.<sup>378</sup>

A biblista e teóloga Beverly Gaventa começa seu capítulo ““Healing, Meaning, and Discernment in the Biblical Text” (Cura, Significado e Discernimento no Texto Bíblico) com uma pergunta: “Qual é o significado de cura na Bíblia?” Ela nos lembra oportunamente que:

Leitoras e leitores contemporâneos da Bíblia muitas vezes se veem atraídos e mistificados por relatos de curas espirituais e as veem como milagres nos quais Deus ou algum agente divino realiza um ato especial, que cura um indivíduo acometido por alguma doença ou condição debilitante. ... Muitas narrativas bíblicas de curas espirituais dão a impressão, pelo menos à primeira vista, de serem diretas. Jesus encontra um leproso que suplica por uma cura e a recebe (Marcos 1:40–44; Mateus 8:1–4; Lucas 5:12–16). Uma mulher que sofre de uma condição debilitante há 18 anos é restaurada à saúde quando Jesus a declara curada e coloca as mãos sobre ela (Lucas 13:10–17). Com as palavras “Lázaro, levanta-te e anda”, Jesus restaura a vida a um homem que estava morto há 4 dias (João 11:1–44).<sup>379</sup>

Gaventa destaca outro ponto importante:

É importante entender que as perspectivas bíblicas sobre cura são muito mais complexas do que parecem no relato de um único incidente. Na literatura bíblica, cura espiritual é um fenômeno ricamente texturizado. Os Evangelhos relatam muitas situações em que Jesus realiza curas, incluindo de paralisia, lepra, hemorragia, cegueira

---

<sup>375</sup>. Anderson, “Healing and Ecclesial Response.”

<sup>376</sup>. Coakley, *Spiritual Healing*, 3.

<sup>377</sup>. Coakley, *Spiritual Healing*, 4.

<sup>378</sup>. Coakley, *Spiritual Healing*, 6.

<sup>379</sup>. Gaventa, “Healing, Meaning, and Discernment”, 29.

e até mesmo da própria morte. De fato, uma linha dominante na apresentação de Jesus nos Evangelhos é que ele é aquele que cura.<sup>380</sup>

Depois de analisar algumas das narrativas das Escrituras do Antigo Testamento sobre o poder curativo de Deus, Gaventa afirma:

Essas histórias variadas se unem na identificação de Deus como aquele que cura Israel. A declaração de que “Pois Eu Sou Yahweh, Aquele que te restaura!” (Ex 15:26 AKJ) é frequentemente reafirmada no Antigo Testamento. ... A identificação de Deus como aquele que cura Israel foi adotada no Novo Testamento em descrições que mostram Jesus com a mesma atuação de cura. ... O Quarto Evangelho intensifica essa identificação, rotulando as curas de Jesus (e outros milagres, vide João 2:1–12) como “sinais” que revelam a “glória” de Jesus (por exemplo, João 4:54; 6:2; 9:16; 20:30). ... De forma esmagadora nos Evangelhos, a questão não é a contemporânea, de saber se uma cura é real, mas de onde ela vem: De quem é o poder realizou a cura, e o que ela significa?<sup>381</sup>

Ao final de seu capítulo, Gaventa conclui, oportunamente:

Começamos com uma história simples em Marcos 1, na qual Jesus cura a sogra de Pedro de uma febre, uma história que poderia, se tirada de seu cenário literário e canônico maior, reforçar noções contemporâneas de milagres como eventos isolados, nos quais um indivíduo é instantaneamente resgatado de uma doença ou condição debilitante. Certamente, eventos milagrosos e inesperados podem ocorrer na narrativa bíblica. *Entretanto, vimos que a cura na Bíblia, devidamente compreendida, é tudo menos um fenômeno isolado e extrínseco.* Pelo contrário, ela é integral ou relacionada à história bíblica maior da criação de Deus e da restauração da humanidade. Dessa forma, ela acontece no contexto de comunidades humanas de culto e fé. E é necessário ter discernimento e interpretação dentro e além dessas comunidades.<sup>382</sup>

É particularmente importante ter em mente a frase em itálico do parágrafo anterior ao longo do restante deste capítulo. Isso porque com demasiada frequência os chamados “milagres de cura” são vistos como “eventos isolados e extrínsecos”. Nos séculos 20 e 21, psicólogos, neurocientistas e médicos observaram as associações mutáveis entre religião e fé. Isso é documentado dentro do livro de Coakley, em um capítulo de Howard Fields intitulado “*Meaning in the Neural Investigation of Pain*”<sup>383</sup> (Significado na Investigação Neural da Dor) e em meu capítulo, “The Brain and Cognitive Processes in Healing” (O Cérebro e os Processos Cognitivos na Cura).<sup>384</sup> Essas contribuições são importantes, mas é igualmente importante observar que os historiadores da igreja dos últimos vinte séculos

---

<sup>380</sup>. Gaventa, “Healing, Meaning, and Discernment”, 30.

<sup>381</sup>. Gaventa, “Healing, Meaning, and Discernment”, 33–34.

<sup>382</sup>. Gaventa, “Healing, Meaning, and Discernment”, 39 (grifo nosso).

<sup>383</sup>. Fields, “Neural Investigation of Pain.”

<sup>384</sup>. Jeeves, “Brain and Cognitive Processes.”

também têm algo a nos ensinar. Suas contribuições nos lembram que quem escreve afirmando uma associação positiva e benéfica entre religião, saúde e prosperidade deve ter uma memória muito curta.

Essa visão contrasta fortemente com o verdadeiro discipulado, que envolve, às vezes, perseguição e sofrimento. Dentro da tradição hebraico-cristã, a perseguição foi uma característica recorrente da vida cristã por mais de dois milênios. Isto nunca deve ser esquecido - especialmente hoje em dia, quando alguns meios de comunicação cristãos estridentes promovem afirmações dramáticas sobre os benefícios que ocorrem como subprodutos do compromisso religioso e da vida religiosa. Ficamos a nos perguntar se as pessoas que escrevem sobre a relação entre religião e saúde no século 21 estão sofrendo de um ataque quase total de amnésia. Alguns televangelistas apresentam a mensagem cristã como um meio de garantir maior saúde e prosperidade no presente e no futuro. Esta abordagem é espantosa em suas reivindicações excessivas e exagerada simplicidade. A bem da justiça, alguns pregadores poderiam apontar um volume considerável de pesquisas feitas por psicólogos e outros, demonstrando uma associação entre religião e saúde. Vamos falar mais sobre isso abaixo.

Tente dizer aos sobreviventes e parentes dos judeus que, por causa de sua fé, enfrentaram a exterminação em massa em meados do século 20. Tente dizer a quem conhece a vida e a morte de Dietrich Bonhoeffer que a fé cristã firme e o verdadeiro discipulado sempre trouxeram grandes benefícios à saúde e à prosperidade nesta vida atual. Tente dizer às pessoas cristãs coptas do Oriente Médio, que hoje estão sendo mortas por seu compromisso com seu Senhor, que a fé cristã sempre traz consigo saúde e prosperidade nesta vida atual. Com essa ressalva muito importante, vamos resumir brevemente os tipos de evidências que se acumularam para indicar um vínculo entre religião, espiritualidade e saúde. Uma questão importante será se devem ser vistos como subprodutos naturais de uma vida religiosa devota ou se estão sendo "vendidos" em uma tentativa de ganhar conversões para um grupo religioso particular. *Se for este último caso, então somos mais uma vez confrontados por um "Deus encolhido"* e não o Deus hebraico-cristão das Escrituras, que chama ao discipulado do tipo encarnado por cristãos como Bonhoeffer e cuja fé e compromisso profundos levaram não à saúde e prosperidade, mas à morte de um mártir.

## **Cura: Uma Parte Central do Ministério de Cristo**

No mundo do Novo Testamento, a cura é parte integrante da missão para os necessitados. Quase um terço das passagens evangélicas são ocupadas relatando incidentes e debates

em torno das curas de Jesus Cristo. Na história da igreja cristã, a cura sempre foi uma vertente vital dentro do cuidado pastoral da igreja. Este ministério cristão específico aos doentes e necessitados tem influenciado, promovido e aumentado a assistência médica na sociedade em geral. Historiadores e estudiosos da Bíblia observaram que as curas de Jesus, pela palavra e pelo toque, contrastam fortemente com os feitiços, as conjurações e os milagres de punição lançados pelos curandeiros da Grécia antiga. A partir do século 6, infelizmente, a superstição permeou tanto a igreja que, no século 12, procurava-se a cura quase que totalmente através das relíquias dos santos. Em 1163, o Concílio de Tours chegou ao ponto de proibir certos clérigos até mesmo de estudar medicina.<sup>385</sup> Esta fenda entre o cristianismo e a prática médica continuou e se aprofundou durante os séculos seguintes. Em 1551, com o Concílio de Trento, foi concluída a mudança do ministério de cura, limitando o antigo direito ungir os enfermos ao de extrema unção, reservado para quem estivesse em perigo de morte. Para João Calvino, na época da Reforma, os dons do Espírito, incluindo a cura, eram vistos apenas como temporários, "para tornar maravilhosa a pregação do evangelho". Lutero, embora no início de sua carreira tenha uma visão semelhante, mais tarde parece ter se tornado mais aberto à possibilidade do milagre diante da recuperação da morte iminente de seu amigo Melanchthon (1497 a1560). Nos séculos seguintes, houve surtos ocasionais de curas espetaculares relatadas. Por exemplo, John Wesley não só escreveu *Primitive Physick* (Medicina Primitiva/Tradicional), um tratado sobre a prática médica generalista,<sup>386</sup>mas também documentou uma série de milagres de cura.

Embora uma proporção significativa de milagres registrados no Novo Testamento tenha relação com curas, o mesmo não se aplica no corpo dos documentos do Antigo Testamento. Nele, a ocorrência de milagres relatados, considerando o longo intervalo de anos cobertos por esses documentos, é relativamente escassa. Houve, porém, certos períodos da história do Antigo Testamento quando uma série bastante dramática de milagres foi relatada. Os eventos do êxodo discutidos no capítulo anterior são um exemplo conhecido. Nesse caso, a maioria dos milagres refere-se a relatos de eventos espantosos e anormais, associados com a ordem natural, como as pragas, inundação ou a misteriosa provisão de alimentos em meio ao período de fome.

## Estudos Quantitativos de Espiritualidade e Saúde

Harold Koenig, Professor de Psiquiatria e Ciências Comportamentais do Centro Médico da Universidade de Duke nos Estados Unidos, recentemente analisou os avanços dos últimos

---

<sup>385</sup> Mitchell, "Anatomy and Surgery", 315.

<sup>386</sup> Wesley, *Primitive Physick*.

dez anos no campo de espiritualidade e saúde, hoje em rápido amadurecimento.<sup>387</sup> Koenig observa que, embora nos Estados Unidos os Institutos Nacionais de Saúde (NIH) continuem desfavoráveis a estudos da espiritualidade e saúde, houve avanços substanciais das pesquisas.

Até o ano de 2010, mais de 3.300 estudos quantitativos sobre religião, espiritualidade e saúde haviam sido realizados.

Desde 2010, pesquisas realizadas com uso de um melhor formato científico e análises estatísticas mais rigorosas, confirmaram os principais resultados dos estudos anteriores.

Exemplos típicos são os estudos recentes da psicóloga Lisa Miller e seus colegas da Universidade de Columbia, utilizando ressonância magnética. A análise do cérebro de pessoas com alto risco de depressão mostrou uma redução significativa na espessura cortical em áreas relacionadas a sintomas depressivos. Curiosamente, esse estreitamento cortical estava presente apenas nas pessoas para as quais a religião/espiritualidade não era importante ou era apenas pouco importante. Em contrapartida, *“pessoas para as quais a religião/espiritualidade era muito importante tinham córtex significativamente mais espesso nessas áreas, o que “pode conferir resiliência ao desenvolvimento de doenças depressivas em indivíduos com alto risco familiar de depressão grave”*.<sup>388</sup>

Koenig observa ainda que essas descobertas sugerem que o envolvimento religioso pode realmente mudar a estrutura do cérebro entre pessoas predispostas a doenças depressivas, tornando-as menos vulneráveis à depressão. Outro estudo de grande escala conduzido pela Escola de Saúde Pública de Harvard envolvendo 48.984 mulheres constatou que a participação em atividades religiosas evitava o desenvolvimento da depressão, e que a depressão evitava a participação nessas atividades, sugerindo que os efeitos eram de natureza bidirecional e aumentando complexidade desta relação.<sup>389</sup>

Observando que pesquisas anteriores sobre taxas de suicídio indicaram que três quartos delas mostraram que indivíduos mais religiosos eram menos propensos a cometer suicídio, tentar suicídio ou ter atitudes positivas em relação ao suicídio,<sup>390</sup> Koenig escreve:

Em 2016, os pesquisadores da Escola de Saúde Pública de Harvard analisaram dados de um estudo prospectivo de 14 anos com 89.708 mulheres, mostrando que as que frequentavam cultos religiosos pelo menos semanalmente tinham *84% menos*

---

<sup>387</sup>. Koenig, “Medicina, Religião e Saúde”.

<sup>388</sup>. Miller et al., “Neuroanatomical Correlates”, 129.

<sup>389</sup>. Li et al., “Religious Service Attendance.”

<sup>390</sup>. Koenig et al., “Religion, Spirituality and Mental Health.”

*probabilidade de cometer suicídio* do que as que nunca frequentavam, com uma redução de mais de cinco vezes na taxa de incidência de suicídio, de sete por 100.000 pessoas-ano para apenas uma por 100.000 pessoas-ano.<sup>391</sup>

Depois de discutir brevemente a relação do compromisso religioso com a saúde física, Koenig concluiu: "Assim, há poucas dúvidas hoje de que o envolvimento religioso está relacionado a uma melhor saúde mental, melhores comportamentos de saúde, melhor saúde física, e maior longevidade. Existem mecanismos plausíveis para explicar por que essas associações existem, e chegou a hora de integrar os resultados dessas pesquisas ao cuidado do paciente".<sup>392</sup>

Algumas dessas associações relatadas entre qualidade de vida, espiritualidade e compromisso religioso foram suficientemente bem estabelecidas para justificar a inclusão de resumos das mesmas nos livros didáticos típicos para estudantes de psicologia. David Myers e Nathan DeWall, ao final de um capítulo abrangente sobre emoção, estresse e saúde, dedicam sua atenção brevemente à associação entre religiosidade, espiritualidade e uma melhor saúde. Eles escreveram: "Um estudo de 28 anos que acompanhou 5286 habitantes da Califórnia descobriu que, após ser feito controle por idade, sexo, etnia e educação, frequentadores regulares de cultos religiosos tinham 36% menos probabilidade de morrer em qualquer ano. ...Em outro estudo controlado de 8 anos com 20.000 pessoas, este efeito se traduziu em uma expectativa de vida de 83 anos para frequentadores regulares de cultos religiosos e 75 anos para não frequentadores".<sup>393</sup>

Nos Estados Unidos, a pesquisa Pew sobre religião e vida pública<sup>394</sup> relatou que 92% dos americanos dizem acreditar em Deus e 71% dizem ter certeza de que existe um Deus. Das pessoas pesquisadas, 58% dizem que oram diariamente e 39% dizem que participam de cultos religiosos pelo menos uma vez por semana. Cientistas sociais e comportamentais, observando a importância da religião nas vidas dos americanos, estudaram associações entre aspectos de religiosidade e o que vulgarmente chamamos de espiritualidade, com coisas como melhor saúde mental e física. Por exemplo, um trabalho de 2017 de Alyssa Cheadle e Christine Schetter observa que:

Um volume crescente de pesquisas mostra que os vários aspectos da religiosidade e espiritualidade são associados com melhor saúde mental e física. Os resultados de saúde que estão solidamente ligados à religiosidade e espiritualidade incluem o desfecho "final" da saúde, a mortalidade, assim como as principais causas de morte nos Estados Unidos, o câncer e as doenças cardiovasculares, e também uma das

---

<sup>391</sup>. Koenig, "Medicina, Religião e Saúde".

<sup>392</sup>. Koenig, "Medicina, Religião e Saúde".

<sup>393</sup>. Myers e DeWall, *Psicologia*.

<sup>394</sup>. Pew Research Center, "U. S. Religious Landscape Survey"; Pew Research Center, "'Nones' On the Rise."

doenças mentais mais prevalentes nos Estados Unidos, a depressão. Estas descobertas conferem especial relevância à religiosidade e espiritualidade para quem estuda a saúde física e mental e os muitos mecanismos biopsicossociais responsáveis.<sup>395</sup>

Finalmente, Myers e DeWall chamam a atenção para recursos psicossociais, tais como otimismo, domínio, autoestima e gratidão - muitos dos quais são valorizados nas tradições espirituais e religiosas. Esses recursos têm associações bem estabelecidas com a saúde e claramente são mediadores das associações da saúde e outros fatores psicossociais. Embora os processos biológicos associados com algumas formas de religiosidade e espiritualidade tenham sido objeto de pesquisas muito menos extensas, aparentemente esses mecanismos podem também ajudar a conferir melhor saúde - por exemplo, reduzindo a produção de cortisol no corpo e reduzindo inflamações. Dessa forma, alguns sugeriram que os marcadores biológicos e os processos fisiológicos subjacentes associados podem ser mecanismos possíveis da ligação entre religiosidade, espiritualidade e saúde.

É importante observar que os vários mecanismos listados acima não funcionam isoladamente. Eles influenciam e interagem entre si. Muita pesquisa ainda precisa ser feita para evidenciar a importância relativa desses vários fatores, mas a questão principal permanece: *um acúmulo de evidências demonstrando a ligação entre religiosidade, espiritualidade e saúde*. Entretanto, é importante observar que *esses efeitos benéficos são o que se pode chamar de "subprodutos de longo prazo" de vidas religiosas comprometidas, e não curas súbitas e pontuais em ambientes de grande carga emocional*.

## Saúde e o Paradoxo do Engajamento Religioso

Escrevendo no mesmo volume que Harold Koenig, David Myers, referindo-se aos estudos pioneiros de Koenig, chama a atenção para o que ele chama de "um curioso paradoxo" nos resultados de alguns desses estudos. Myers escreve: "Observei um curioso paradoxo em minha busca para explorar a contribuição da religião para a felicidade humana, a saúde e a disposição de ajudar. Através de uma série de medidas, perguntei: o engajamento religioso está associado com humanos que vivem bem, ou com a miséria, doença, morte prematura, crime, divórcio, gravidez adolescente e afins? ... A resposta, para minha surpresa, difere drasticamente se comparamos lugares (por exemplo, países ou estados mais ou menos religiosos) ou indivíduos".<sup>396</sup> Myers oferece alguns exemplos ilustrativos.

Nos dados da pesquisa mundial Gallup, encontrei uma correlação negativa impressionante em 152 países entre a religiosidade natural e o bem-estar nacional.

---

<sup>395</sup>. Cheadle and Schetter, "Untangling the Mechanisms", 1–2.

<sup>396</sup>. Myers, "Frontiers in Psychological Science", 92.

*Pessoas em países muito religiosos classificam suas vidas como mais miseráveis. Então, eu pesquisei dados da Pesquisa Social Geral dos Estados Unidos e descobri - como muitos outros pesquisadores em outros países (embora especialmente em países mais religiosos) - uma correlação positiva entre religiosidade e felicidade entre os indivíduos.<sup>397</sup>*

Myers continuou: “Esse paradoxo do engajamento religioso aparece em outros domínios também, incluindo a expectativa de vida, tabagismo, taxa de infartos e gravidez na adolescência. ... O economista de Princeton (e ganhador do Prêmio Nobel de 2015) Angus Deaton e o psicólogo Arthur Stone (2013) foram também surpreendidos pelo mesmo paradoxo. Eles perguntaram: “Por que haveria esta forte contradição entre pessoas religiosas que são felizes e saudáveis, e lugares religiosos que são tudo menos isso?”<sup>398</sup> Myers, com honestidade tocante, concluiu sua breve análise desse paradoxo, dizendo,

Esse é o tipo de descoberta que desperta o interesse da ciência comportamental. Certamente existem variáveis que podem gerar confusão. Com o paradoxo do engajamento religioso, uma dessas variáveis é a renda, que é mais baixa em países e estados altamente religiosos. O controle de fatores de status como renda (como meus colegas e eu fizemos) e a correlação negativa entre religiosidade e bem-estar desaparece e até se inverte para ligeiramente positiva. Da mesma forma, estados com baixa renda diferem dos estados com alta renda em muitos aspectos, incluindo valores sociais e também prognosticam o comportamento de voto.<sup>399</sup>

A lição que devemos aprender: Tome cuidado para não ser excessivamente dogmático com relação a questões não resolvidas. Dezenas de dissertações de doutorado precisam ser feitas para resolver este paradoxo.

Até agora, analisamos as possíveis associações de longo prazo entre religião, saúde e cura. Isto certamente não ameaça "encolher nossa fé" em um Deus amoroso e atencioso. Também não ameaça "encolher" o Deus que adoramos e servimos. Mas o que acontece se concentrarmos nossa atenção em algumas das afirmações mais dramáticas do poder divino, e da fé em Deus, para curar subitamente os doentes? Afirmações típicas das "cruzadas de cura" e de alguns ministérios televangelistas?

## **Milagres de Cura: Perspectiva Histórica**

Ao analisarmos os milagres relatados nas Escrituras, uma característica marcante é que eles não são eventos isolados, são inseridos em padrões maiores. São esses padrões maiores

---

<sup>397</sup>. Myers, “Frontiers in Psychological Science”, 92 (grifo nosso).

<sup>398</sup>. Myers, “Frontiers in Psychological Science”, 93.

<sup>399</sup>. Myers, “Frontiers in Psychological Science”, 94.

que nos ajudam a entender o significado de eventos especiais. Assim, por exemplo, no século 1 d.C., milhares de pessoas subjugadas à lei de Roma na Palestina tiveram uma morte horrível na cruz. Em um sentido, a morte de Cristo foi apenas outra dessas mortes horríveis. Todavia, para o povo cristão não foi assim, porque ela está inserida em um padrão maior, de todos os eventos da vida de Cristo: seu ensinamento, seus milagres de cura, sua encarnação de amor que precedeu aquela morte, e todos os eventos que se seguiram. A pessoa que foi crucificada na Sexta-feira Santa testemunhou uma vida totalmente diferente da pessoa normal e o fato de essa pessoa ter sido vista viva após a crucificação testemunhou mais uma vez que não se tratava de um homem comum. É o padrão em que esse evento está inserido que lhe confere seu significado marcante e contínuo. Se procurarmos nas Escrituras e observarmos os chamados eventos milagrosos, encontramos esta mesma verdade de que eles ganham significado a partir do padrão de atividade contínua de Deus, dentro do qual, na providência divina, estes eventos particulares estão inseridos.

Não é incomum que algumas apresentações do evangelho cristão estejam intimamente ligadas a afirmações dramáticas sobre milagres de cura durante uma cruzada evangelística de larga escala. O problema é que é muito fácil fazer afirmações quando ocorrem mudanças repentinas nas condições médicas e não se considera o desfecho em longo prazo dos eventos.

Quando nos consultamos com nosso médico, esperamos razoavelmente que o conselho que recebemos se baseie em evidências médicas. Essa é uma expectativa perfeitamente racional, considerando o que sabemos dos avanços da ciência médica nos últimos anos. Contudo, às vezes, as coisas podem mudar subitamente. Por exemplo, graças ao trabalho do vencedor do Prêmio Nobel de Medicina, James Allison, é possível, embora não se tenha certeza, que a perspectiva para todo um grupo de pessoas que sofrem de câncer possa ser bem diferente daqui a dez anos do que é agora. O oncologista Patrick Hwu, que trabalha em conjunto com o ganhador do Prêmio Nobel, comentou: "Daqui a cinquenta anos, seria incomum alguém morrer de câncer - seria como a pneumonia. E é nossa esperança que possamos reduzir esse tempo para mais ou menos dez ou quinze anos".<sup>400</sup> Se e quando isso acontecer, um paciente profundamente agradecido pode, compreensivelmente, declarar "É um milagre". Sabemos exatamente o que ele quer dizer. É sua forma expressiva de manifestar seu profundo alívio e gratidão. Esta não é uma forma de definir um milagre. Para isso, temos que pensar de forma mais criteriosa sobre como a noção de milagre tem sido vista na igreja cristã nos últimos séculos. Encontraremos lições a serem aprendidas e erros a serem evitados.

---

<sup>400</sup>. Benson, "Immunotherapy."

## Milagres de Cura nas Escrituras

Ecoando as visões da estudiosa da Bíblia e teóloga Beverly Gaventa, resumida acima, vemos que um exame atento ao texto bíblico nos convence que rotular um evento como milagroso não implica que não exista uma causa natural conhecida para esse evento. Frente ao cenário da operação normal da natureza, esperamos operações regulares da criação. Portanto, não é surpresa que, ao percebermos esses eventos incomuns, lhes atribuamos um significado particular e, possivelmente, os consideremos como milagres. Os milagres certamente não são “invasões” de Deus em uma obra natural da criação, pois isso negaria que, em algum sentido, Deus já está presente. Nem são “meramente naturais”, se isso implicar que Deus não estava ativo no fluxo total dos eventos, momento a momento. Eles são, ao contrário, atos especiais de Deus, e vistos como tal - embora sejam atos em que os meios secundários responsáveis pelo evento não são nem mais nem menos oferecidos por Deus do que qualquer outra ocorrência do dia a dia. Alguns milagres que têm características incomuns, inspiradoras e distintivas são considerados como presságios ou augúrios de algo que vai acontecer (por exemplo, Elias no Monte Carmelo). Entretanto, seu propósito principal é chamar a atenção para a mensagem que acompanha o evento. Esses eventos estão abertos para que todos os vejam, diferentemente dos que são milagrosos apenas aos olhos da fé.

Outra característica recorrente de alguns milagres é a forma como eles são vistos como poderosos atos de poder divino. Clark Pinnock escreveu: "Os poderosos atos de Jesus foram realizados por alguém que é chamado pelo poder de Deus, e estas obras são ações inteiramente apropriadas para serem realizadas por alguém que foi tanto Ser Humano quanto Deus". Como dizem alguns, eles servem para ele como credenciais em meio a uma geração incrédula".<sup>401</sup> Finalmente, uma característica muito presente dos milagres é sua importância como sinais, símbolos ou promessas de uma era que ainda está por vir. Isto é verdade tanto no Antigo como no Novo Testamento. De fato, alguns diriam que este é o aspecto-chave dos milagres. Assim, os milagres de cura são vistos como uma reversão temporária das afirmações de morte, que um dia serão abolidas. Estas três características dos milagres estão presentes na cura registrada no terceiro capítulo dos Atos dos Apóstolos. Somos ensinados que as pessoas que observaram o milagre ficaram cheios de pasmo e assombro. Os apóstolos deixam claro que esse poderoso ato do poder divino aconteceu, como eles dizem, “não por nosso próprio poder”, mas pelo poder de Cristo; e finalmente podemos ver isso como um sinal e uma promessa de uma era que ainda está por vir, quando toda doença e enfermidade será eliminada.

---

<sup>401</sup>. Citado em Jeeves, *Scientific Enterprise*, 60.

## Emoções e Emotividade na Cura

Sentir emoções e vivenciar respostas emocionais faz parte de nossa natureza humana. Qualquer estudante do primeiro ano do curso de psicologia e neurociência conhecerá bem como somos feitos, nossa composição psicobiológica - por exemplo, no capítulo de revisão abrangente do livro citado anteriormente de Myers e DeWall.<sup>402</sup> Terá conhecimento de que nossa composição incorpora nossa capacidade de responder emocionalmente a situações e pessoas. Saberá que nosso sistema nervoso somático controla nossa musculatura esquelética e mantém constantemente nosso cérebro atualizado sobre o estado atual desses músculos e transmite a eles as instruções para causar as ações que queremos realizar. Também conhecerá o sistema nervoso autônomo, que controla nossas glândulas e os músculos de nossos órgãos internos e influencia coisas como atividade glandular, batimento cardíaco e digestão. O sistema nervoso autônomo é conhecido por realizar duas importantes funções básicas e distintas. O sistema nervoso simpático desperta e gasta energia. Se você se sentir alarmado ou desafiado por alguma coisa, o sistema nervoso simpático irá acelerar seu batimento cardíaco, aumentar sua pressão arterial, retardar sua digestão, aumentar seu açúcar no sangue, fazê-lo transpirar e o deixará alerta e pronto para a ação. Quando a situação estressante se dissipa, seu sistema nervoso parassimpático produz os efeitos opostos.

É evidente que os vários componentes de nosso sistema nervoso autônomo trabalham constantemente para responder às circunstâncias e à mudança das situações. Todos temos plena consciência da intensificação dos sentimentos emocionais quando assistimos a um evento esportivo superlotado, onde temos fortes ligações com o sucesso de nosso time ou quando assistimos a eventos religiosos lotados, precedidos de músicas inspiradoras, muitas vezes em tom menor, e com a mensagem transmitida com grande convicção por um evangelista dotado e persuasivo. Não é incomum nas cruzadas em larga escala quando o evangelho cristão é pregado com ênfase muito forte em seu poder de cura, que tais eventos, deliberada ou incidentalmente, busquem gerar emoções elevadas, por meio de sua música, de testemunhos, e da mensagem. Daí a acusação de “emotividade”. Existe uma justificativa para essa crítica?

Por um lado, é uma reação perfeitamente compreensível sentir-se profundamente emocionado ao ouvir pela primeira vez que há alguém que o ama com um amor além de sua imaginação e que demonstrou seu amor por você através de atitudes, e que o convida a entrar em uma relação pessoal com essa pessoa através da fé, e a experimentar uma nova qualidade de vida agora e uma nova esperança para o futuro. Essa é uma resposta

---

<sup>402</sup>. Myers e DeWall, *Psicologia*.

emocional perfeitamente natural, em alguns aspectos não muito diferente do que acontece quando alguém se apaixona por outro ser humano. Mas é, no entanto, diferente do tipo de emoção exacerbada gerada em maratonas de larga escala que têm sido amplamente divulgadas como eventos onde ocorrerão curas milagrosas. A maioria concordaria que isso é bem diferente.

Em meados do século 20, um conhecido psiquiatra britânico, William Sargant, escreveu um livro controverso com o título *Battle for the Mind: A Physiology of Conversion and Brain-Washing* (Batalha pela Mente: Uma Fisiologia de Conversão e Lavagem Cerebral).<sup>403</sup> Nele, dentre outras coisas, ele narrou suas experiências pessoais ao assistir e investigar um culto realizado por uma das pequenas seitas cristãs de manipulação de cobras dos estados do sul dos Estados Unidos. Ele descreve como, em uma ocasião, se sentiu tão sensibilizado emocionalmente que percebeu que tinha que sair do evento para não se comportar de uma forma que, em reflexão silenciosa, ele consideraria inadequada. Ele também narra que os adolescentes locais (homens) frequentemente esperavam do lado de fora das pequenas igrejas das seitas manipuladoras de cobras que as meninas saíssem do culto, sabendo que elas estariam tão emocionalmente estimuladas que estariam muito mais propensas aos avanços dos rapazes do que em circunstâncias normais.

Mesmo que um evangelista não pretenda deliberadamente elevar a temperatura emocional de uma reunião, isso pode acontecer em consequência dos efeitos combinados de um evento lotado, da entoação repetida de canções de adoração e da pregação sincera do evangelista habilidoso. Naturalmente, surge a questão de saber se as respostas dadas em tais circunstâncias terão tanta probabilidade de perdurar quanto as dadas em outros momentos e em circunstâncias mais sóbrias. As poucas evidências que existem sugerem que, às vezes, há uma diminuição significativa dos compromissos assumidos em tais eventos, em comparação com os assumidos, por exemplo, silenciosamente, na privacidade do próprio quarto em casa. Onde esses eventos de larga escala foram efetivamente anunciados junto com expectativas claras da probabilidade de participantes vivenciarem ou testemunharem algumas curas notáveis, é provável que o nível geral de emoção também seja significativamente aumentado. Como veremos mais adiante neste capítulo, não é, portanto, totalmente surpreendente que, em uma investigação cuidadosa, algumas das alegadas "curas" em uma cruzada tão amplamente divulgada de um evangelista com poderes de cura tenham, infelizmente, se revelado alegações falsas.

---

<sup>403</sup>. Sargant, *Battle for the Mind*.

## Um Estudo de Caso Contemporâneo Ilustrativo

Relatos de curas milagrosas são um dos tópicos nas interfaces da medicina, da ciência e da fé cristã, em que diferentes pontos de vista são defendidos de forma enfática, sincera e por razões totalmente compreensíveis. As diferenças surgem não apenas da interpretação de alegadas curas milagrosas, mas também de interpretações diferentes sobre o que se afirma que as Escrituras ensinam sobre esses eventos. Estas diferenças surgiram recentemente nas respostas cuidadosamente ponderadas, publicadas na revista *Science and Christian Belief* (Ciência e Crenças Cristãs), a um artigo de Peter May, relatando suas investigações criteriosas e muito detalhadas de uma série de alegações dramáticas de curas milagrosas em uma cruzada realizada em Londres pelo evangelista Maurice Cerullo. As conversas entre pessoas com opiniões diferentes continuarão e precisam continuar e, em ambos os lados do debate, é vital evitar declarações dogmáticas injustificadas e acríicas. Estas são questões que afetam a vida das pessoas comuns que pessoalmente, ou cujos entes queridos, enfrentam diagnósticos médicos profundamente desafiadores. Sem dúvida, escrever sobre milagres de cura é um tópico extremamente emotivo e sensível. É perfeitamente natural que as pessoas fiquem incomodadas e desmotivadas se e quando algumas de suas convicções pessoais e profundas são colocadas sob escrutínio crítico. Isto se aplica, em especial, se seu caminho de fé foi, pelo menos em parte, baseado no que elas acreditam ser um milagre de cura dentro de sua família, um evento que se tornou um argumento persuasivo, que as levou à fé em Cristo. Por essa razão, é duplamente importante separar os sentimentos dos atos na discussão que se segue.

May, um médico clínico geral no Reino Unido com quarenta anos de experiência clínica, escreveu sobre milagres na medicina.<sup>404</sup> Como o foco deste livro tem sido o reconhecimento e a avaliação dos diversos "deuses" oferecidos hoje e como alguns desses "deuses" são promovidos e validados, às vezes, por afirmações aparentemente extremas feitas por evangelistas de televisão, os estudos de Peter May são diretamente relevantes para nosso tema. Há uma seção do trabalho de Peter May baseada no trabalho de um desses curandeiros de TV, Maurice Cerullo. Em 1992, Maurice Cerullo chegou para realizar uma campanha evangelista em Londres. Sua chegada foi precedida por cartazes por toda Londres que insinuavam que, em alguns dos eventos, os cegos enxergariam, os surdos ouviriam, e os coxos andariam. Em 1992, o Dr. May foi convidado a participar de uma entrevista no programa ITV News com Maurice Cerullo. Durante a entrevista, Peter May pediu a Maurice Cerullo que apresentasse os três melhores casos da semana que demonstrassem atos de cura divina e que os submetesse a um escrutínio público mais rigoroso. Finalmente, Maurice Cerullo ofereceu sete casos,

---

<sup>404</sup>. May, "Miracles in Medicine."

que foram então examinados por um programa popular da BBC, *The Heart of the Matter*, apresentado por Joan Bakewell. Para essa discussão, o Dr. May atuou como consultor médico. Em resumo, o que eles descobriram?

- Uma mulher, supostamente curada de dores lombares, voltou ao seu cirurgião ortopédico que demonstrou que não havia mudança em suas radiografias, mas que sua depressão havia melhorado e que ela tinha mais mobilidade.
- Uma mulher ansiosa com medo da recorrência de um melanoma, na verdade tinha um pequeno cisto inflamado que explodiu e se curou.
- Um garotinho teve seus óculos retirados porque seus pais lhe disseram que ele havia sido curado. Sua visão foi testada novamente e a criança teve seus óculos devolvidos.
- Uma mulher de vinte e seis anos tinha dores no joelho; seu cirurgião a tranquilizou, não havia nada significativamente errado e sua dor se resolveu com fisioterapia.
- Uma mulher acreditava estar curada de um fibroide, que na verdade nunca havia tido.

Mais angustiante foi um caso da mesma campanha - mas não da lista oferecida pela Cerullo - de uma menina de quatro anos com um neuroblastoma metastático. Na maratona evangélica, fizeram ela correr de um lado a outro do palco em lágrimas para demonstrar que estava curada. Ela faleceu devido à sua doença dois meses depois. Outra mulher, de vinte e oito anos, “curada” por Cerullo de epilepsia, parou de tomar seus medicamentos. Ela teve um ataque na banheira seis dias depois e se afogou. O legista declarou: *“É uma tragédia ela ter ido a esta reunião e achar que tinha sido curada de tudo. Infelizmente, isso causou a sua morte”*.

Peter May também analisou outras investigações públicas de curas, incluindo os milagres de Lourdes e os do Vaticano. Ele lembra que o apóstolo Paulo aconselhou a examinar tudo (1 Tes 5:21) e alertou sobre sinais e prodígios, que levam as pessoas a acreditar no que é falso (2 Tes 2:9–12). Depois, ele acrescenta:

Em nossa busca da verdade, precisamos ler o Livro da Natureza e também o Livro das Escrituras para aprender o que Deus está realmente fazendo no mundo e como ele escolhe cumprir seus propósitos. Se reduzirmos os milagres de Cristo a uma espécie de caprichos não verificados, anedóticos e subjetivos da Terapia Alternativa,

degradaremos Cristo e enganaremos seu povo. Precisamos ajudar os cristãos a ter uma visão positiva da importância do método científico em nossa busca da verdade e a ver a ciência como um meio que Deus nos deu para crescer em nossa compreensão da realidade e em nosso exercício de domínio sobre a Terra, e, não menos importante, em questões de saúde.<sup>405</sup>

As referências de May a "reduzir os milagres de Cristo" e a "degradar Cristo" ilustram ainda mais os "deuses encolhidos" identificados neste livro.

Existem diferentes pontos de vista sobre como interpretar as alegações de curas milagrosas e o que as Escrituras ensinam sobre esses eventos. Nas conversas entre pessoas com opiniões diferentes, é vital evitar declarações dogmáticas injustificadas. Estas são questões delicadas, que afetam a vida das pessoas comuns, que enfrentam diagnósticos médicos profundamente desafiadores, seja para si mesmas ou para seus entes queridos. Essas conversas entre pessoas com opiniões diferentes continuarão e, em ambos os lados do debate, é vital evitar declarações dogmáticas injustificadas e acríticas. Estas são questões delicadas, que afetam a vida das pessoas comuns que pessoalmente, ou cujos entes queridos, enfrentam diagnósticos médicos profundamente desafiadores.

Observando que falta uma definição acordada do que é milagre, Peter May se concentra nas características peculiares dos milagres de cura de Cristo. Ele observa que "o Cardeal Lambertini, que se tornou o Papa Bento 14, os listou como curas instantâneas e completas de doenças incuráveis, que não se curariam espontaneamente e onde nenhum outro tratamento fosse dado. ... Estas curas incluíam cegueira congênita, um membro superior deficiente, uma cifose fixa da coluna vertebral, morte com duração de quatro dias e paralisia. A natureza da paralisia nem sempre é clara, mas João 5, nos fala de um homem que ficou paralisado durante trinta e oito anos".<sup>406</sup> May continua: "O que é central para meu argumento neste caso é que são eventos como estes que moldam o significado das palavras 'cura milagrosa' nos dias de hoje. Quando as pessoas falam de milagres, eles invariavelmente se referem aos sobrenaturais, como os de Cristo. Usar a palavra 'milagre' para eventos puramente naturais, por mais maravilhosos e surpreendentes que sejam, desvaloriza a palavra e confunde seu significado".<sup>407</sup>

Temos visto tentativas sistemáticas de obter uma melhor compreensão da cura cristã. Peter May dá o exemplo de uma consulta realizada em 1991 por Sir John Houghton para organizar reuniões anuais durante quatro anos, reunindo mais de trinta médicos, terapeutas, bispos, pastores e teólogos que foram convidados a apresentar e discutir os melhores casos que

---

<sup>405</sup>. May, "Miracles in Medicine", 134.

<sup>406</sup>. May, "Response to Marston and Srokosz", 70.

<sup>407</sup>. May, "Response to Marston and Srokosz", 71.

pudessem coletar com base em seu amplo engajamento no ministério cristão. Seu relatório afirmou que médicos e teólogos haviam chegado a um consenso único. *Eles não foram capazes de comprovar nenhum caso de cura milagrosa.*<sup>408</sup>

As opiniões de Paul Marston, que possui qualificações em filosofia da ciência e teologia, e de Meric Srokosz, oceanógrafo do National Oceanography Centre em Southampton, no Reino Unido, merecem uma reflexão cuidadosa e recomendamos considerar suas contribuições.<sup>409</sup> No entanto, a meu ver, elas não comprometem o aspecto principal da importante contribuição feita por Peter May com sua abordagem aberta, baseada em evidências, para este tópico controverso. A propósito, é importante ressaltar que May chama a atenção para um livro recente de Susan O'Sullivan intitulado *It's All in Your Head*<sup>410</sup> (Está Tudo em Sua Cabeça), que ganhou o Prêmio Welcome Trust Book de 2016. May observa que:

Nele, essa neurologista descreve vividamente o fracasso da profissão médica em chegar a um acordo com relação a doenças psicossomáticas. Recomendo calorosamente essa obra aos médicos, terapeutas, pastores e conselheiros. Ela traz uma luz imensa sobre essa doença comum [isto é, epilepsia]. Isto nos lembra as evidências bem documentadas dos chamados efeitos "de cima para baixo" referidos nos capítulos anteriores deste livro.<sup>411</sup>

## Cura e Oração de Súplica

O comentário de Peter May sobre ajudar "os cristãos a ter uma visão positiva da importância do método científico em nossa busca da verdade", traz prontamente à mente uma série de relatos nas últimas duas décadas de tentativas de avaliar os efeitos da oração de súplica para quem está doente, usando o método científico. David Myers resumiu esses estudos em seu livro de 2008 *A Friendly Letter to Sceptics and Atheists* (Uma Carta Amigável para os Céticos e Ateus). Myers identificou sete estudos relevantes publicados entre 1988 e 2006 que mostraram um padrão consistente - *não havia evidências de qualquer efeito mensurável da oração intercessora*. O maior e mais recente desses estudos foi realizado em 2006 - apoiado por um aporte de US\$ 1,4 milhões da Fundação Templeton - que examinou os efeitos da oração sobre a recuperação de 1.800 pacientes que consentiram com *bypass* coronário. Os pacientes foram divididos em três grupos. Um sabia que havia pessoas voluntárias intercessoras orando por eles. Outro não sabia se havia alguém orando por eles (e havia) e um terceiro grupo não sabia se havia alguém orando por eles (e não havia). Myers

---

<sup>408</sup>. May, "Response to Marston and Srokosz", 72; vide também Lucas, *Christian Healing*.

<sup>409</sup>. Marston and Srokosz, "Response to 'Miracles in Medicine'"; Srokosz, "Response to Peter May."

<sup>410</sup>. O'Sullivan, *All in Your Head*.

<sup>411</sup>. May, "Response to Marston and Srokosz", 77.

escreve “O resultado simples: a oração intercessora em si não teve efeito na recuperação”<sup>412</sup>.

Myers é um cristão praticante ativo e comprometido, que ora diariamente. Portanto, é importante refletir um pouco mais sobre alguns de seus sábios comentários baseados na Bíblia sobre a eficácia da oração. Ele escreve: "Como os cristãos lembraram durante a controvérsia dos testes de oração britânicos de 1872, Jesus declarou, em resposta a uma de suas tentações, que não devemos colocar 'Deus à prova'".<sup>413</sup> Refletindo sobre uma proposta de testar orações para bebês prematuros selecionados aleatoriamente, Keith Stuart Thomson questionou “se todos esses experimentos não beiram a blasfêmia. Se os resultados na saúde dos indivíduos por quem se ora se revelarem significativamente melhores do que para os demais, o experimento terá criado uma situação na qual Deus foi colocado de forma a demonstrar sua mão”.<sup>414</sup> Ao comentar os esforços para provar a eficácia da oração, C.S. Lewis argumentou: “A impossibilidade de prova empírica é uma necessidade espiritual. Um homem que soubesse, empiricamente, que um evento foi causado por sua oração, se sentiria como um mágico”.<sup>415</sup> Myers pergunta: "Se uma experiência de oração demonstrasse que o número de pessoas orando ou o número total de orações é importante - que as orações de estranhos distantes aumentariam as chances de recuperação - as pessoas ricas não se disporiam a pagar para que outras orassem por elas, na esperança de chamar a atenção de Deus?<sup>416</sup> Tudo isso nos alerta para a necessidade de estarmos sempre vigilantes e de refutar as afirmações daqueles cujo "Deus é tão pequeno" que afirmam poder manipulá-lo de uma forma ou de outra. Esse não é o Deus das Escrituras, onde somos confrontados com o Deus que, como dissemos muitas vezes, “sustenta o Universo com a sua palavra poderosa” (Hebreus 1:3 RCS).

É relevante aqui e é importante registrar a opinião considerada de um cirurgião cristão dedicado e reconhecido mundialmente por seu trabalho em cirurgia reconstrutiva em pacientes que sofrem de hanseníase, com base em meio século de trabalho. Paul Brand foi coautor de um artigo com Philip Yancey sobre dor e cura publicado no *Christianity Today Leadership Journal*. Em seu artigo, Brand observou:

De minha experiência como médico, devo admitir sinceramente que, entre os milhares de pacientes que tratei, nunca observei um caso inequívoco de intervenção no âmbito físico. Muitos receberam orações, muitos encontraram cura, mas não de forma a

---

<sup>412</sup>. Myers, *Friendly Letter*, 214.

<sup>413</sup>. Myers, *Friendly Letter*, 215.

<sup>414</sup>. Thompson, “Revival of Experiments”, 534.

<sup>415</sup>. Lewis, *Milagres*.

<sup>416</sup>. Myers, “Psicologia Social e Fé”, 215.

contrariar as leis que regem a anatomia. Nenhum caso que eu tenha tratado pessoalmente satisfaria os rigorosos critérios de um milagre sobrenatural.<sup>417</sup>

## Milagres de Cura e “Deuses ‘Encolhidos’ das Lacunas”

Não é incomum que os pregadores, ao promover seus “deuses em oferta” particulares no mercado religioso, apelem para relatos de milagres de cura dos dias atuais para substanciar a tese do Deus que oferecem. Falar da “intervenção de Deus” é frequente, mas existe uma justificativa bíblica para essa linguagem? Eu diria que esses “deuses em oferta” são, por sua natureza, “deuses diminuídos” e “deuses das lacunas” e, portanto, precisamos analisá-los de forma muito criteriosa. Qualquer discussão sobre milagres tem que ser feita no contexto mais amplo da questão: é razoável que pessoas que vivem no século 21 acreditem tanto no regramento da ordem natural como em milagres? Não raro, tais perguntas são formuladas com frequência ao se perguntar se a natureza “deixa espaço” para Deus “intervir” na ordem natural; ou se Deus “usa” as leis naturais para realizar seus propósitos criativos. O leitor e a leitora reconhecerão as formas com que essas perguntas foram solenemente feitas no passado e respondidas com firmeza de um modo ou de outro.

Denis Alexander, ex-Diretor do Faraday Centre on Science and Religion da Universidade de Cambridge e com anos de experiência como ativo cientista pesquisador, escreveu oportunamente sobre como podemos entender melhor a sustentação providencial de Deus do universo que ele criou. Alexander escreveu:

Surge uma imagem de Deus como criador, a fonte e a fundação de tudo o que existe. Tudo o que existe, além de Deus, só existe porque Deus o trouxe à existência. Portanto, Deus é o fundamento de toda existência e, nesta visão, “existência” se refere a qualquer coisa que exista, seja material ou imaterial - as leis da natureza, os *vacuums quantum*, os Bóson de Higgs, as árvores, os coelhos, os princípios matemáticos, e os elementos da tabela periódica. Se algo existe e não é Deus, então, por definição, faz parte da ordem criada dentro desta matriz teísta.<sup>418</sup>

Dada a inegável influência generalizada das mídias sociais de muitos tipos, podemos continuar esperando que alguns desses meios de comunicação continuem a ser utilizados para promover apresentações da fé cristã, explícita ou implicitamente, destinadas a implicar, se não a prometer de forma explícita, os benefícios significativos em termos de saúde e cura. Uma visão mais equilibrada sugerida é, por um lado, reconhecer que ao longo da história da igreja cristã houve tentativas sustentadas de encorajar os cristãos a se colocar na vanguarda das descobertas na saúde e na medicina, vistas como parte do chamado de

---

<sup>417</sup>. Brand and Yancey, “Putting Pain to Work”, 123.

<sup>418</sup>. Alexander, “Creation, Providence, and Evolution”, 265.

Cristo, e ao mesmo tempo, tomar cuidado para evitar reivindicações excessivas de curas dramáticas que, sob um exame minucioso, acabam não sendo nada disso. Este último tipo não só desonra Cristo, mas também pode construir muros de ressentimento contra a apresentação do evangelho.

## **Cura pela Fé, Encarnada e Inserida: Um Lembrete Oportuno de Autenticidade**

Toda semana, a renomada revista de circulação internacional *The Economist* inclui um obituário. Normalmente, seria dedicado a alguém como um líder nacional, um ganhador do Prêmio Nobel, ou alguma outra pessoa muito conhecida e respeitada internacionalmente. A edição de 8 de abril de 2020 do *The Economist* incluiu um obituário que documentou a notável vida de uma obstetra chamada Catharine Hamlin, que morreu aos 96 anos de idade. Incrivelmente, ela ainda operava na Etiópia aos 92 anos de idade. Tendo crescido em uma família rica de Sydney na Austrália, Catherine foi com seu marido Reg da Nova Zelândia para a Etiópia em resposta a um anúncio no jornal médico *Lancet*, selecionando uma ginecologista para criar uma escola de parteiras para enfermeiras na Etiópia. Depois de sua chegada, ela se deparou diariamente com mulheres muito jovens que, após um parto prolongado, muitas vezes sofriam lesões tão graves que ocorria a ruptura da vagina, a rompimento da bexiga e a dilaceração do reto. Catherine Hamlin e seu marido se estabeleceram em uma casa de taipa no terreno do hospital onde ela trabalhava. Até tarde da noite, eles estudavam intensivamente tudo o que podiam descobrir sobre a "fístula obstétrica", como essas lesões eram conhecidas. Nos anos 70, Catherine já havia tratado mais de 25.000 casos de fístulas. Ela chamou a atenção da conhecidíssima apresentadora americana Oprah Winfrey, que doou US\$ 450.000 para cobrir um ano de despesas operacionais do hospital. Em meio a tudo isso, ela também construiu a escola de parteiras solicitada no anúncio original da *Lancet*. *The Economist*:

Ela disse à Oprah que fez tudo isso porque acreditava que era o que Deus queria que ela fizesse. Ela não era uma médica missionária, era uma médica cristã. Ela amava a espiritualidade dos etíopes e não era rígida com relação aos locais em que participava dos cultos, mudando-se de igreja em igreja para onde gostasse da mensagem ou do ministro. Ela sempre se considerou uma mulher comum. O povo etíope a chamava de *Emaye* - Mãe em amárico. Ela era considerada uma "santa". Por meio das habilidades médicas de Catherine Hamlin e de sua fé, milhares de pessoas foram salvas. Este certamente é o modelo genuíno de "cura pela fé".<sup>419</sup>

---

<sup>419</sup>. Economist, "Healing Hands."

Este não foi o trabalho do evangelista multimilionário com seu jatinho particular, que vai voando com sua vasta equipe para realizar uma semana de serviços de cura. Pelo contrário, foi década após década de uma médica cristã, trabalhando tranquilamente com base em sua fé na cura de milhares. Certamente é aí que o genuíno significado da cura pela fé deve ser enfatizado. Catherine Hamlin ilustra como os frutos da verdadeira fé cristã são encarnados em uma vida dedicada de serviços inseridos em uma comunidade carente. Através de sua fé e de suas habilidades profissionais, ela trouxe cura duradoura a milhares - sem multidões em massa e nem exibicionismo.

## Um Equilíbrio Delicado

Um tema recorrente neste capítulo, como nos capítulos anteriores, tem sido a necessidade de um reconhecimento pleno da divina sustentação de Deus, momento a momento, de sua criação, inclusive sobre nós. Isto posto, se essa é a única ênfase, resta o sério perigo de esquecer a igual e importante relevância de outra doutrina difundida nas Escrituras, ensinada e encarnada na vida do próprio Cristo, que é o *esvaziamento divino*. Estas duas verdades fundamentais precisam ser mantidas em um equilíbrio delicado. Acima de tudo, precisamos lembrar como, em sua encarnação, em sua morte e em sua crucificação, Cristo “esvaziou-se a si mesmo” de forma definitiva para realizar nossa salvação plena e completa.

## 11. A Natureza Multifacetada da Fé. As Evidências das Escrituras

Não pense na fé pela qual o justo viverá  
É um credo morto, uma cartografia do céu.  
Muito menos um sentimento carinhoso e fugitivo,  
Um presente impensado, retirado assim que dado.  
É uma afirmação e um ato  
que liga a verdade eterna a um fato presente.<sup>420</sup>

A fé de uma pessoa cristã não é algo cuidadosamente isolado das asperezas e tombos da vida e exteriorizado uma vez por semana para uso no culto cristão. A fé de uma pessoa cristã se mostra em diferentes atitudes, não apenas em relação às Escrituras, mas também a cada nova descoberta sobre o mundo extraordinário em que vivemos, do qual fazemos parte, e somos privilegiados e capacitados para estudar e cuidar. Mas o que queremos dizer com fé? As evidências das Escrituras hebraico-cristãs e da história da igreja trazem testemunhos eloquentes e claros quanto à riqueza e a natureza multifacetada da fé bíblica real. Se passarmos o poderoso holofote da fé através do prisma dos séculos e das vidas das pessoas de fé em cada geração, vemos que ela se apresenta de maneiras diferentes em momentos diferentes. Às vezes a fé envolve principalmente a crença, às vezes a luta com a dúvida, às vezes a gratidão por experiências encorajadoras inesperadas, às vezes um chamado à ação, às vezes o enfrentamento de provações e um renovado chamado ao discipulado.

Esse tema da riqueza e da natureza multifacetada da fé é diminuído e degradado *sempre que ela, em toda sua plenitude e riqueza, é reduzida a um de seus pequenos aspectos*. Essa diminuição pode acontecer se ela for apresentada principalmente, ou exclusivamente, como um único componente, por exemplo, como experiência ou crença ou ação. As vidas dos homens e das mulheres de fé registradas nas Escrituras e documentadas ao longo da história da igreja mostram de forma absolutamente clara que a fé real inclui *todas* essas facetas, em proporções variadas e em épocas diferentes.

Considerando a frequência com que prontamente usamos a palavra “fé” no discurso religioso, é surpreendente descobrir que, em todo o Antigo Testamento, ela ocorre apenas duas vezes na versão autorizada da Bíblia King James (em inglês) e dezoito vezes na versão RSV (Revised Standard Version). Dessas dezoito, doze referem-se a “ruptura da fé” ou “agir de boa fé”, enquanto as outras seis falam mais de “confiança”. Contudo, embora a palavra “fé” seja rara no Antigo Testamento, as ideias essenciais em torno da palavra são frequentes e normalmente expressas por verbos como “acreditar” ou “confiar” ou “ter esperança”. A fé é vista preminentemente inserida na história de Abraão, cuja vida inteira irradia confiança e uma fé profunda. No Gênesis, lemos que “E creu ele [Abraão] no SENHOR, e imputou-lhe isto por justiça” (Gênesis 15:6 ACF). Este

---

<sup>420</sup>. Coleridge, “The Just Shall Live by Faith”, 341.

mesmo texto é retomado pelos escritores do Novo Testamento, onde a verdade fundamental que ele expressa é desenvolvida de forma mais ampla. Em contraste com o uso no Antigo Testamento, no Novo, a palavra "fé" é extremamente ressaltada. O substantivo grego *pistis* e o verbo *pisteuo* ocorrem mais de 240 vezes, ao passo que o adjetivo *pistos* ocorre 67 vezes. Nos Evangelhos Sinóticos, a fé está muitas vezes ligada a episódios de cura, por exemplo, em Mateus 9:22. onde lemos: "a tua fé te salvou". No Quarto Evangelho, a fé é proeminente e é mencionada noventa e oito vezes, assim como o verbo *pisteuo*. Considerando a riqueza de significado nas formas como a ideia de fé é usada nas Escrituras, é intrigante que, no discurso dos renomados pregadores da televisão, a "fé" tenha um caráter tão monocromático. Quantas vezes hoje, sob a influência da mídia, ouvimos a fé ser apresentada apenas como a adoção de uma forma particular de "comportamento" ou a obtenção de uma "experiência" marcante ou a realização de uma "ação" prescrita. Precisamos parar e fazer a pergunta: *nosso Deus é pequeno demais, não apenas porque nossa ideia sobre ele encolheu, mas também por que nossa compreensão da natureza da fé também encolheu?* Considerando a importância dessa questão, vamos analisar neste capítulo a natureza multifacetada da fé. Será que, pelo menos em parte, nossa aparente prontidão excessiva para adorar "deuses encolhidos" se deve ao fato de termos aceitado ideias encolhidas e antibíblicas sobre o que se entende por fé? A fé não é independente de crença, mas jamais é idêntica a ela. *A fé em toda a sua plenitude envolve experiência, crença e ação.* Em toda fé existe crença implícita ou explícita. Portanto, parece oportuno tentar entender algo da natureza da crença e depois examinar suas características peculiares quando associadas ao estado de fé na vida cristã e perguntar como a crença é expressa em ação.

Uma coisa é clara: nossa compreensão sobre nossas diferenças individuais é um problema complexo. Só isso já deve nos alertar para suspeitarmos de eventuais apresentações simplistas do evangelho cristão, e da vida de fé, que sugiram a aceitação de uma abordagem do tipo "tamanho único". *Qualquer apresentação que de fato "encolha a fé" em toda sua riqueza e complexidade a uma fórmula simples, do tipo: "acabo de descobrir o caminho para me tornar e ser cristão, então, venha comigo e siga meu método" deve ser submetida a um escrutínio muito rigoroso.* Alguns dos breves resumos da vida de cristãos notáveis do passado, apresentados no próximo capítulo, ilustram bem essa questão da diversidade de caminhos para a fé e de maneiras de viver a vida de fé. Primeiro, porém, precisamos tentar ter uma ideia mais clara possível dos variados significados historicamente atribuídos às palavras-chave "fé" e "crença".

## Fé e Crença

Por uma questão de clareza para compreender o que segue, pode ser útil lembrar os vários significados que as palavras fé e crença tiveram no passado. A palavra "fé" em relação à religião é comumente usada em dois sentidos distintos, embora relacionados, que são frequentemente designados pelas palavras latinas *fides* e *fiducia*. *Fiducia* tem a conotação da atitude de confiança prática do adorador de Deus. Contudo, essa *fiducia* pressupõe a ocorrência de fé em um sentido diferente e cognitivo, que é *fides*. Por sua vez, alguns sugerem que *fides* pode ser dividida nos sentidos de "conhecer a Deus" e em "acreditar que existe um Deus".<sup>421</sup> Seguindo o trabalho de filósofos como John Hick, quero sugerir que a fé como um todo envolve crenças de três tipos: a crença no sentido da credulidade primitiva, que eu chamarei crença-1; crença no sentido do consentimento intelectual às proposições sobre Deus, que eu chamarei crença-2; e crença referindo-se aos processos psicológicos envolvidos no ato de crer, que chamarei crença-3. Quando digo que a crença-3 está ligada ao senso psicológico de acreditar, não quero dizer, naturalmente, que não seja possível considerar também a crença-1 e a crença-2 em termos psicológicos. Faço essa distinção porque acredito que a crença-3 é muito mais capaz de análise psicológica do que de análise epistemológica. Acredito também que o número de variáveis que entram em uma consideração psicológica da crença-3 é muito maior do que nos casos da crença-1 ou da crença-2. Minhas crenças 1, 2, e 3 têm uma correspondência aproximada com "credulidade", "credibilidade", e "convicção" - ainda assim não desejo identificá-las com estes três termos por causa de sua associação com outras ideias e teorias.

Historicamente, encontramos que a fé religiosa foi vista de várias maneiras. Ela foi usada para descrever a credulidade de uma criança ou de um selvagem. Foi usada para descrever o consentimento intelectual a uma proposição. Às vezes, foi usada para descrever o estado de "crer" no sentido de, de alguma forma, ir além das evidências imediatas. Qualquer análise desse tipo inevitavelmente dá a impressão de que existem diferenças claramente estabelecidas entre os diferentes tipos de crença. Na prática, isso não é verdade. Nenhuma crença genuína é totalmente desprovida de sentimento e quase toda crença na vida adulta é, em alguma proporção, intelectual. Os dois primeiros tipos de crença, a credulidade primitiva e o consentimento intelectual, são muitas vezes considerados para representar a atitude mental que adotamos ao reconhecer a realidade de um determinado objeto ou de uma proposta. Esse consentimento é caracterizado por uma atitude de passividade que o acompanha, ao passo que o terceiro tipo de crença, no senso de crer e se aventurar além das evidências, é acompanhado por uma atitude de atividade, de afirmação. O primeiro tipo de crença é considerado, geneticamente, a atitude primária e todas as atitudes descrentes,

---

<sup>421</sup>. Hick, *Faith and Knowledge*.

para sua possibilidade, dependem de sua presença. Assim, quando o primeiro leve impulso de consciência desperta dentro da criança, o que quer que se apresente à sua mente é "real". Ainda não há distinção possível entre o real e o "não real" e, portanto, o objeto é aceito como algo natural e carrega com ele o mesmo tipo de sensação de realidade que, em anos posteriores, é restrita apenas a uma parte dos objetos mentais de uma pessoa. Ainda não há consciência de nenhuma das atitudes descrentes, embora, já que a crença é possível, elas também o sejam. Este sentimento de realidade na criança não é apenas em relação aos objetos, mas também em relação às afirmações.

## Fé e Dúvida

Vamos lembrar o estudante citado no Prefácio que escreveu: "Sou um cristão com dificuldade de acreditar em..." É claro, "eu tenho dificuldade em acreditar em" algo é outra forma de dizer "Eu tenho dúvidas" sobre alguma coisa. Assim, temos que levar a sério, e fazer o máximo para responder aos pedidos de ajuda de qualquer pessoa que, por alguma razão, comece a duvidar de sua fé. Para algumas, só depois que a dúvida surge é que elas podem acreditar, no sentido do consentimento intelectual. Para alimentar razões para acreditar na existência de algo é necessário que haja a possibilidade de sua não existência. A força da convicção intelectual varia consideravelmente entre diferentes indivíduos e crenças. Assim, embora o conceito abstrato da afirmação fundamentada seja por si só comparativamente fraco no chamado sentimento de realidade, ele pode estar tão interligado e entrelaçado com nosso mundo "real" total que uma recusa em o consentir funcionaria como um caos entre todas as nossas realidades aceitas, viraria nossos hábitos de pensamento de cabeça para baixo, e aparentemente não nos deixaria uma base sólida sobre a qual possamos nos apoiar. Às vezes, uma crença conceitual pode se tornar tão firmemente arraigada que pode ser difícil desconectá-la daquela que é fundamentada pela experiência sensorial imediata. Esse tipo de coisa é, sabidamente, reconhecida pelo psicanalista. Por exemplo, no processo de terapia psicanalítica, muitas vezes é relatado que geralmente há um período em que o paciente se fixa no analista e aos olhos da pessoa, o analista é revestido com uma aura de perfeição. Em um desses casos, o analista sofreu um acidente entre uma sessão e outra e ficou com um olho roxo. Da próxima vez que o paciente entrou no consultório, ele não percebeu o ferimento do analista. Assim, sua atitude geral ante o analista era de tal forma que ele desconectou a evidência de sua experiência sensorial imediata. Dos dois tipos de crença discutidos até agora, o primeiro não envolve em nenhum sentido um "salto" além das evidências disponíveis, e o segundo, desde que trate de proposições lógicas claramente definidas ou de dados científicos, não envolve o tipo de atividade mental que muitas vezes é considerada como a mais característica da que é envolvida na crença religiosa. Isso acontece porque, embora exista a necessidade de um

salto, ainda resta a possibilidade de fechar a lacuna. No caso da crença religiosa, psicologicamente considerada como “crer”, as evidências podem ajudar a fechar a lacuna que surge a partir dos resultados pragmáticos da “vida de fé”, ou da reinterpretação das evidências disponíveis até o momento. É comum argumentar que este tipo de crença é mais característico da fé religiosa.

Se o Deus da religião fosse aquele cuja existência tivesse que ser provada, então a pessoa religiosa comum que nunca ouviu falar das chamadas provas de sua existência será condenada à irracionalidade. A crença então se tornará uma questão de opinião, e a fé religiosa certamente não é um tipo de opinião. Frente a evidências adversas, uma mulher se apega à sua fé, mas abandona uma opinião. A fé vem antes da compreensão de que o salto precisa ter acontecido antes que o terreno interveniente possa ser examinado do ponto de vista que só a fé pode proporcionar. De fato, nos dizem para encarar a fé como uma atitude provisória e que chegará o momento em que ela não será mais necessária. Quando isso acontece, a lacuna será completamente preenchida. Saberemos então como somos conhecidos.

## Fé e Confiança

A fé, então, não é meramente uma forma de crença. Ela envolve crença, mas é mais do que isso. Por outro lado, não é simplesmente outra forma de conhecimento no uso e significado geralmente aceitos da palavra “conhecimento”. A fé não é simplesmente “aceitar a hipótese teísta”. É isso, mas é muito mais. O perigo sempre presente é dizer que ela é isso ou aquilo e *nada mais* que isso ou aquilo. Este é um perigo que afeta qualquer tentativa de análise do tipo oferecido neste livro. É importante, portanto, lembrar que, embora a fé envolva crença, ela é *muito mais* que crença. Embora envolva a hipótese de aceitação, ela é *mais do que* isso. E, embora contenha elementos da experiência direta e imediata, ela é *mais do que* isso. Se houver somente crença e hipótese de aceitação, então não existe fé religiosa. *A fé religiosa envolve a confiança (fiducia) ou a certeza no Deus cuja existência é, dessa forma, consentida intelectualmente (fides)*. A passagem do consentimento intelectual para a fé religiosa não é um processo automático. A fé religiosa é uma dádiva. No ato em que é dada, ela extrai do receptor a confiança e a certeza que transforma seu assentimento intelectual em fé religiosa. C. S. Lewis, ao escrever mais ou menos na mesma época em que Phillips publicou seu livro de 1952, explicou:

Pela fé, acreditamos sempre no que esperamos ver no futuro, sempre e perfeitamente, e que já vimos imperfeitamente e através de flashes. Em relação a suas premissas filosóficas, a fé de uma pessoa cristã é naturalmente excessiva: em relação ao que às vezes lhe é mostrado, ela é talvez muitas vezes defeituosa. Minha fé, mesmo em um

amigo terreno, vai além de tudo o que pode ser comprovado; no entanto, em outro sentido, muitas vezes posso confiar menos nele do que ele merece.<sup>422</sup>

Embora o conteúdo das crenças certamente seja importante, a preocupação obsessiva com definições abstratas pode ser destrutiva para a alma e para a fé. Nas palavras de N. T. Wright:

É por isso também que, para cada teólogo que se debruça sobre definições abstratas da “expição”, existem outros mil que dirão com Paulo: “O filho de Deus me amou e se entregou por mim” — e que então prosseguirão com o trabalho de irradiar esse mesmo amor para o mundo.<sup>423</sup>

Wright continua: “E é, afinal, um amor generoso, moldado em Jesus, que atrai as pessoas para a família cristã em primeiro lugar, não um quebra-cabeças complexo de teólogos sutis”.<sup>424</sup>

## Fé e Ação

“A função básica da ação humana”, escreveu Sir Frederic Bartlett, “é que ela tenta enfrentar os desafios que são emitidos pelo mundo exterior a quem age, sendo estes de tal forma que, se não forem respondidos, haverá um grande desconforto e provavelmente uma rápida extinção”.<sup>425</sup> A fé, manifestada em ação, busca não apenas enfrentar os desafios externos das circunstâncias, mas também os desafios internos da consciência. Diante da incerteza, a reação humana natural é buscar a certeza, diante da insegurança, buscar a segurança, em meio ao caos, procurar e lutar para buscar a ordem. Basicamente, a humanidade busca completar o que é incompleto. Quando a mente tenta avaliar as evidências, coletadas de forma consciente ou não, por meio de nosso “equipamento” sensorial e perceptivo natural, é essa sensação de incompletude que liga a experiência religiosa com a ação e com o funcionamento da mente.

A fé religiosa começa com a ação, mas em comum com outras atitudes que envolvem e implicam crenças, ela busca justificação nos resultados, resultados que de fato são tanto correlativos quanto posteriores ao salto inicial de fé. Se esse apelo a resultados em ação for rejeitado, então restam duas alternativas para a justificação das crenças associadas com a atitude resultante da fé religiosa. Ou é preciso voltar a uma posição puramente intuitiva, afirmando que justificação da fé é a mesma coisa que sua aceitação ou que a fé deve

---

<sup>422</sup>. Lewis, *Lewis, Cristianismo Puro e Simples*.

<sup>423</sup>. Wright, *O Dia em que a Revolução Começou*.

<sup>424</sup>. Wright, *O Dia em que a Revolução Começou*.

<sup>425</sup>. Bartlett, *Religion as Experience, Belief, Action*, 29.

repousar na consistência interna dentro do sistema de crenças dessa fé. O autor da Epístola aos Hebreus lista como cada desafio, um após o outro, todos foram enfrentados “pela fé”. O nível de fé religiosa pode variar de alto a baixo, mas, de qualquer forma, não importa quão baixo ele seja, ele é, não obstante capaz de direcionar uma enorme quantidade de energia. Em certo sentido, foi em virtude da energia gerada por sua fé que os heróis do capítulo 11 da Epístola aos Hebreus realizaram suas tarefas. “Pela fé”, Noé entrou em ação, embora tenha sido primeiro “movido pelo temor” (Hb 11:7). Pela fé, Moisés agiu de forma contrária a seu próprio bem-estar imediato (Hb 11:24). “Pela fé” é uma frase que, com base no que foi descrito nos parágrafos anteriores, pode ser substituída pela frase “indo contra as evidências disponíveis e confiando em Deus”. Essa substituição se encaixa muito bem no sentido de Hebreus 11. Por exemplo, em vez de “Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito”, poderíamos escrever: “Indo além das evidências disponíveis a ele no momento e confiando em Deus, ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito”.

Em seu capítulo como convidado para nosso livro de 2018, *Psychological Science and Christian Faith* (Ciência Psicológica e Fé Cristã), o psicólogo social David Myers apresenta as evidências do que ele rotula como "Verdades Profundas" sobre a relação de fé e ação. Ele diz que:

Ambas as conclusões - que as atitudes influenciam o comportamento e as atitudes acompanham o comportamento - são verdadeiras. Todavia, da mesma forma que as premissas cristãs de que a fé alimenta a ação, e as ações alimentam a fé, elas são meias-verdades. Nas duas esferas, a verdade mais profunda - e a convergência autêntica da psicologia social e fé - reside na influência recíproca das atitudes do coração e das ações da pessoa. Em *The Cost of Discipleship* (O Custo do Discipulado), Dietrich Bonhoeffer captou essa dialética: “Somente aquele que acredita é obediente, e somente aquele que é obediente acredita”.<sup>426</sup>

A maioria das pessoas reconhece que suas *atitudes internas influenciam seu comportamento externo*. Assim, Myers observa que precisamos enfatizar a “Verdade Complementar” de que nosso *comportamento externo influencia nossas atitudes internas* (ações alimentam a fé). Ele diz que:

Não apenas defendemos aquilo em que acreditamos, mas acreditamos naquilo que defendemos. *Nossas atitudes seguem nosso comportamento*. Tal autopersuasão permite que as pessoas que são crentes religiosas, defensoras de políticos e até mesmo futuros terroristas acreditem mais fortemente naquilo pelo qual testemunharam ou sofreram. ... Para fazer com que as pessoas acreditem em algo grandioso, comece pelo

---

<sup>426</sup>. Myers, “Social Psychology and Faith”, 220 (grifo no original).

que é pequeno e construa. Um ato trivial facilita o próximo. Sucumba a uma tentação e você descobrirá que será mais difícil resistir à próxima. Em dezenas de experimentos, os pesquisadores estimularam pessoas a agir contra suas atitudes normais ou a violar seus padrões morais, com o mesmo resultado: Fazer se torna acreditar. Depois de ceder a um pedido para maltratar uma vítima inocente - fazendo comentários desagradáveis ou aplicando supostos choques elétricos - as pessoas começam a depreciar sua vítima. Depois de falar ou escrever a favor de uma posição sobre a qual têm dúvidas, as pessoas começam a acreditar em suas próprias palavras. ...Mas esta verdade psicológica também tem sua contrapartida na linguagem da fé, pois ela é *também uma consequência da ação*. Ao longo da Bíblia, a fé é alimentada pela ação obediente. A palavra hebraica para “conhecer” é tipicamente um verbo de ação. Para conhecer o amor, por exemplo, temos que não apenas saber sobre ele, temos que agir de forma amorosa. “Mas quem pratica a verdade vem para a luz”, disse Jesus (João 3:21 ACF).<sup>427</sup>

Hoje, podemos recorrer a qualquer coletânea das narrativas das experiências de homens e mulheres cristãos e descobrir que todos os testemunhos falam de presenciar as coisas que foram feitas "pela fé". Os tipos de eventos mais prováveis de terem sido forjados "pela fé" são aqueles que, em termos de expectativa e/ou probabilidade, não eram os mais prováveis. Isto leva à suposição injustificada de que, em muitos casos, a vida normal do indivíduo não é vivida "pela fé", mas somente em momentos especiais e em circunstâncias extraordinárias.

A fé então se manifesta em ação. Essa ação pode ser individual ou social. Existem muitas circunstâncias na vida da pessoa crente que ela acredita terem sido causadas “pela fé”. Cada pessoa tem a sua experiência única de Deus, algo que ela não consegue sequer comunicar totalmente a seus amigos crentes. “Eu ensino”, disse Thomas de Kempis, “sem ruído de palavras, sem confusão de opiniões, sem espalhamento, sem contenda de argumentos”.<sup>428</sup> Entretanto, no processo de buscar de alguma forma compartilhar essas experiências, a pessoa de fé frequentemente (embora nem sempre) busca a companhia, a amizade e o companheirismo de pessoas com os mesmos interesses. As ações que resultam dessa comunidade de ação são ao mesmo tempo associadas, resultantes e relacionadas à atitude de fé, e ações individuais do crente. Uma visão muito profunda da natureza de qualquer fé em particular pode ter origem nas histórias ou parábolas atuais na comunidade que professa essa fé. De forma similar, as ações dessa comunidade podem nos dizer muito sobre a fé dessa comunidade em particular. A vida de cristãos como Dietrich Bonhoeffer é um dos muitos exemplos de fé em ação. Para ele, a fé era, antes de tudo, expressa e encarnada no discipulado. Como James Bryan Smith nos lembra, “Os primeiros cristãos não se referiam à sua religião como “cristianismo”. Na verdade, eles não se referiam a si mesmos como

---

<sup>427</sup>. Myers, “Social Psychology and Faith”, 219 (grifo no original).

<sup>428</sup>. Thomas, *Imitação de Cristo*.

“cristãos”. Eles se definiam como “discípulos”. A palavra *discípulo* aparece 269 vezes no Novo Testamento; a palavra *cristão* aparece apenas três vezes – e, em todas elas, é usada para descrever um discípulo”.<sup>429</sup>

Décadas de pesquisas feitas por psicólogos sociais estabeleceram, além de qualquer dúvida razoável, que nossas atitudes internas influenciam nosso comportamento externo. Pesquisas mais recentes da psicologia social demonstraram que o oposto também é verdadeiro: nossas ações influenciam nossas atitudes. Essas verdades psicológicas têm sua contrapartida na linguagem da fé, pois ela é também uma consequência da ação. Ao longo da Bíblia, a fé é alimentada pela ação obediente. A palavra hebraica para “conhecer” é tipicamente um verbo de ação. Para conhecer o amor, por exemplo, temos que não apenas saber sobre ele, temos de agir de forma amorosa. “Mas quem pratica a verdade vem para a luz”, disse Jesus (João 3:21 ACF). Ao longo dos séculos, os maiores teólogos têm destacado como a fé cresce à medida que as pessoas agem com base na pouca fé que têm. João Calvino escreveu: “A Fé nasce da obediência”.<sup>430</sup> Søren Kierkegaard escreveu: “A prova do cristianismo consiste na verdade em ‘seguir’”.<sup>431</sup> Karl Barth escreveu: “Apenas aquele que realiza a palavra é quem a ouve realmente”.<sup>432</sup> Para chegar à fé, argumenta Pascal, “siga o caminho através do qual começamos; agindo como se acreditasse, recebendo a água benta, assistindo missas, etc. Até mesmo isto vai te fazer acreditar naturalmente”.<sup>433</sup> C.S. Lewis concordou com essas afirmações quando escreveu: “Nenhuma convicção, religiosa ou não-religiosa, por si só, acabará de uma vez por todas [essas dúvidas] na alma. Somente a prática da fé, resultando no hábito da Fé, fará isso gradualmente”.<sup>434</sup>

As ações não são apenas uma manifestação e uma justificação da fé religiosa, elas são mais do que isso. A fé, por assim dizer, transforma-se e acomoda todas essas ações em um novo quadro de referência. A pessoa de fé vê além da evidência imediata de seu ambiente físico e sociológico e busca ver suas ações do passado, presente e futuro, à luz do que acredita ser a vontade do Deus a quem adora e serve. O teólogo H. H. Farmer, ao escrever na mesma época que Bartlett, escreveu: “O homem de fé não exige que Deus se revele em todas as situações, mas suficientemente para todas as situações”.<sup>435</sup> Escrevendo na mesma linha, mas cinquenta anos antes, W. R. Inge sugeriu que a fé não apenas fornece um novo quadro

---

<sup>429</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 147.

<sup>430</sup>. Calvino, *Institutos*, 1.6.2.

<sup>431</sup>. Kierkegaard, *For Self-examination*, 88.

<sup>432</sup>. Barth, *Church Dogmatics*, 1.2.792.

<sup>433</sup>. Pascal, *Pensées*.

<sup>434</sup>. Lewis, *Reflexões Cristãs*.

<sup>435</sup>. Farmer, *World and God*, 90.

de referência para toda a experiência, mas também que ela reordena toda a experiência. Assim, ele escreve:

A fé reorganiza toda a experiência, que nos é apresentada inicialmente de forma tão caótica, mas não deixa nada de fora. Toda contradição tem que ser enfrentada e superada de forma justa. Se a contornarmos, se a ignorarmos ou nos esquivarmos dela de alguma forma, entraremos na vida paralisados e mutilados, se é que entraremos. Mesmo as alegações de piedade devem ceder lugar ao amor à verdade. Colocar as necessidades do coração antes da verdade é realmente um ato de traição contra a fé.<sup>436</sup>

## Fé e Discipulado

Ao longo das passagens evangélicas, o trabalho da fé é inextricavelmente entrelaçado com o discipulado. As primeiras palavras de Jesus a seus discípulos não foram “Venham, *experimentem-me*”. Em vez disso, elas foram: *Sigam-me* (Mt 4:19), com tudo o que isso implica em termos de viver um modo de vida particular - uma vida de discipulado. Todos os quatro Evangelhos registram como nosso Senhor selecionou e chamou as pessoas a segui-lo e elas são sempre designadas como discípulos. Cristo às vezes interrogava seus discípulos sobre no que eles acreditavam, sobre sua fé. Sua fé, disse ele, se manifestaria muito em breve em sacrifício para alguns, sacrifício até de morte. Ao longo dos Atos dos Apóstolos, e das Epístolas, os autores inúmeras vezes enfatizam a forma como a fé e o discipulado são inseparáveis, que fé e discipulado envolverão sofrimento e mesmo a morte, e que, acima de tudo, a fé e o discipulado não se concentram em uma atitude de “o que eu ganho com isso?” e sim em “como eu posso atender a meu chamado e servir ao meu Senhor fielmente?”

Por exemplo, o apóstolo Paulo, escrevendo ao povo cristão de Filipos, reiterou: “exercem a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo” (Fl 1:27 RCS). O livro de Hebreus também contextualizou e exemplificou a fé em uma lista de personagens do Antigo Testamento que, com suas vidas, exemplificaram o que é a vida de fé. Aqui novamente, a ênfase está no serviço e no sacrifício, não no atendimento das necessidades e desejos. Assim, novamente descobrimos que os primeiros seguidores de Cristo, como os primeiros líderes da fé de Israel, tiveram muitas vezes que enfrentar a tentação de encolher o discipulado e a verdadeira fé. Ser discípulo não seria uma oportunidade de pedir garantia de um lugar privilegiado junto a Cristo, como alguns dos discípulos erroneamente pensavam, mas sim o desejo de comprometer-se com Cristo e segui-lo no caminho do sofrimento e do sacrifício. Era também evidente que era muito fácil encolher o discipulado

---

<sup>436</sup>. Inge, *Faith and Its Psychology*, 537.

para uma fidelidade partidária, de modo que já na igreja primitiva havia aqueles, segundo nos contam, que diziam "Eu sou de Apolo, eu sou de Paulo ...". Esta abordagem partidária do discipulado infelizmente é muito evidente hoje em dia e sempre que aparece, ela minimiza a verdadeira fé.

## Evitando uma Fé Encolhida

Philip Yancey, o perspicaz observador e analista da vida da igreja na América, escreve: "Tenho a impressão de que os Estados Unidos ocupam um ponto entre os extremos: nem cristãos em lua de mel, nem pós-cristãos. Quase metade de nós (norte-americanos dos EUA) frequenta a igreja, e os cristãos têm uma presença ativa nos campi universitários e em todas as principais profissões. Mesmo assim, igrejas e instituições de caridade podem operar mais como indústrias do que como organismos vivos".<sup>437</sup> Yancey sugere que pode muito bem acontecer que os Estados Unidos sigam o caminho da Europa, com a igreja perdendo pouco a pouco sua influência e derivando para as margens. Ele questiona sobre como reverter essa tendência e escreve:

Quando criança, na escola dominical, eu costumava cantar esta canção:

A porta é uma só,  
Porém dois lados há.  
Eu já estou dentro,  
Você onde está?

A canção captava a identidade da igreja. ... Uma longa lista de regras e crenças nos separava de quem estava do lado de fora da porta. Nunca me ocorreu que minha fé tinha alguma contribuição a dar aos "de fora". Minha principal obrigação era convencê-los a se juntarem a nós no lado certo da porta. Agora, porém, *vejo que o reino de Deus existe principalmente em prol dos "de fora", como uma expressão tangível do amor de Deus por todos.*<sup>438</sup>

Ele sugere: "Em vez de travar uma luta de retaguarda contra os opositores seculares, podemos comunicar nossa mensagem da boa-nova pondo-a em prática em nossa vida em meio aos não comprometidos".<sup>439</sup> Ele discute as três possíveis maneiras de fazer isso: como peregrino, ativista e artista. E observa ainda que "Nossa fé, com efeito, tem muitos benefícios a oferecer ao mundo".<sup>440</sup>

---

<sup>437</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

<sup>438</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça* (grifo nosso).

<sup>439</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

<sup>440</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

Este levantamento muito breve das várias tentativas de analisar e descrever a natureza e complexidade da verdadeira fé mostrou, assim espero, que precisamos estar constantemente atentos às apresentações de fé e crença que minimizam a qualidade abrangente da verdadeira fé para algo que teria sido irreconhecível para os grandes heróis da fé dos séculos passados. Se e sempre que a fé for descrita simplesmente como crença, ou como ter uma experiência fugaz particular, ou como parte de uma determinada denominação, ela se torna facilmente ligada, de fato, com uma apresentação do evangelho que se caracteriza por uma agenda oculta indisfarçada de “o que eu ganho com isso?” Isto, por sua vez, se afasta imediatamente das descrições da fé nas Escrituras, onde ela está inextricavelmente entrelaçada com discipulado e compromisso com a verdade. Quando o conceito e significado da fé e da crença são minimizados, facilmente isso leva a uma pronta aceitação dos “deuses encolhidos”. Um deles está no falso contraste entre a “realidade” que se diz ser tratada pela ciência e o mundo “fantasioso” da fé. Yancey descreveu essa falsa dicotomia desta forma: “Como um placebo, a fé religiosa pode fazer que você se sinta melhor, mas ela não contém nenhuma substância real. Para chegarmos à verdade sobre a realidade, precisamos buscar a ciência”.<sup>441</sup> O argumento deste livro é que não se trata de uma questão de “ou isto/ou aquilo” e sim de “tanto isto /como aquilo”. Para captar a plena complexidade e maravilha da realidade de quem somos e do mundo do qual fazemos parte, precisamos das descobertas da ciência e dos *insights* de uma fé religiosa madura e desenvolvida.

Já que, como argumentamos, é através dos olhos da fé que somos capazes, como pessoas cristãs, de entender nosso trabalho de cientistas como parte de nosso chamado, e como, ao fazermos isso, temos sempre mantido a consciência da doutrina difundida nas Escrituras de que o Deus em quem confiamos é aquele que sustenta todas as coisas com sua palavra poderosa (Hb 1:3 RSC), precisamos lembrar que, se esta é nossa única ênfase, corremos o risco de esquecer uma doutrina igualmente importante e difundida nas Escrituras, de que também vemos através dos olhos da fé, que o Deus a quem adoramos esvaziou-se a si mesmo, tornou-se ser humano, sofreu em uma cruz e nos ensinou que seu esvaziamento divino nos deu um modelo de discipulado cristão. Por estas razões, o próximo capítulo procura estabelecer e manter em delicado equilíbrio tanto a sustentação divina quanto o autoesvaziamento divino de Deus.

---

<sup>441</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça*.

## 12. A Natureza Multifacetada da Fé. A Evidência da Ciência

A fé em Deus parecia mais racional do que uma dúvida. Em vez disso, como eu estava começando a entender por olhar dentro de meu coração, a prova da existência de Deus teria de vir de outras direções, e a decisão definitiva deveria se basear na fé, não em provas. Durante muito tempo fiquei parado, tremendo, à beira desse hiato. Por fim, não vendo escapatória, saltei.<sup>442</sup>

Talvez vivamos hoje em uma época em que nos desgarramos da mente, para incitar cristãos e cristãs a buscar experiências, fenômenos extasiantes e ter seus sentimentos despertados. Bunyan viu tudo isso com os Ranters e os primeiros Quakers; Lutero com os profetas extasiados de sua época. Porém, existem sinais esperançosos de um retorno a uma vida mais equilibrada onde coração e cabeça atuem juntos em um melhor equilíbrio.<sup>443</sup>

### Perspectivas Psicológicas da Fé

Em suas palestras do Riddell Memorial intituladas "Religião como Experiência, Crença, Ação", Sir Frederic Bartlett começou sugerindo que: "Há muito tempo atrás, William James apontou que provavelmente tudo o que pode ser dito na descrição das condições que dão origem à experiência religiosa já foi dito, e que não há necessidade ou lugar para a originalidade".<sup>444</sup> Seja como for, resta saber se todas essas condições que podem dar origem a experiências religiosas têm componentes psicológicos comuns, e se têm, quais são eles? Se pudermos descobrir componentes psicológicos comuns a todas as muitas e variadas experiências religiosas que foram investigadas, isso pode nos ajudar a entender algo mais sobre a natureza da fé religiosa, que está ligada a essas experiências. Se a fé precede a experiência em uma sequência temporal ou vice-versa, isso é agora uma questão secundária. A história demonstra de uma vez por todas que as condições humanas imediatas nas quais a fé pode surgir são infinitamente variadas. Elas podem vir da saúde ou da doença. Podem expressar felicidade abundante ou miséria abismal. Podem vir do sucesso ou do fracasso. Podem, na ocasião, parecer para o observador como triviais ou da mais profunda importância. Podem ser estritamente individualistas ou amplamente socializadas. Apesar de todas essas grandes diferenças, Bartlett considerava que a maioria dessas experiências parece ter uma característica em comum. É que está presente uma

---

<sup>442</sup>. Collins, "A Linguagem de Deus".

<sup>443</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 382.

<sup>444</sup>. Bartlett, *Religion as Experience, Belief, Action*, 7.

situação, ou um estado de coisas, em que o indivíduo em questão não consegue compreendê-la ou refletir sobre ela para chegar a uma conclusão satisfatória que ele possa então aceitar como satisfatória. Bartlett reconheceu que a forma como tentamos completar o que sentimos ser incompleto pode variar infinitamente. Mas é o ato de completar o incompleto que está no centro da genuína experiência religiosa.

Como fica graficamente enfatizado no cabeçalho deste capítulo, no testemunho muito recente de um dos principais cientistas médicos da atualidade, às vezes, a fim de produzir uma sensação de completude, pode ser necessário um "salto de fé". Certamente não é preciso procurar muito longe as evidências que comprovem a importância desta ideia de incompletude como uma característica da experiência religiosa. Nos registros bíblicos, foi quando homens e mulheres viram e compreenderam a vida de Cristo, que tomaram consciência de sua própria incompletude e imperfeição moral. Por exemplo, o apóstolo Pedro exclama: Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador (Lucas 5:8 ACF). E não foi apenas com as pessoas que encontraram Cristo ao vivo. Também temos muitas experiências religiosas registradas, ao longo dos séculos, onde vemos como um indivíduo, ao ler as narrativas do Evangelho e começar a fazer uma comparação de sua própria vida com a de Cristo, torna-se cada vez mais consciente de suas próprias imperfeições morais e de sua incompletude. Alguns dos grandes pregadores do renascimento conseguiram fazer despertar essa percepção, consciente ou inconscientemente. Eles mostraram a mulheres e homens o quanto estavam aquém de seus próprios padrões éticos e morais, e acompanharam isso mostrando o quanto as mesmas pessoas estavam aquém dos padrões absolutos de perfeição encarnados na pessoa e nos ensinamentos de Jesus Cristo.

A sensação de deficiência e imperfeição moral que resulta em nós é acompanhada por uma sensação complementar de incompletude. Não só existe uma sensação de incompletude, como Bartlett sugeriu, mas também haverá uma sensação de incapacidade contínua de transformar essa incompletude em completude. De fato, muitas vezes é somente após tentativas prolongadas de transformar a sensação de incompletude em completude que alguém vem a reconhecer sua própria incapacidade de realizar essa transformação. Através da fé, uma pessoa pode, com um passo inicial, passar da sensação de incompletude para completude, mas isso muitas vezes será apenas temporário, pois, como a experiência dos grandes santos tem demonstrado, permanece, no processo de santificação, uma sensação contínua de incompletude.

Assim, o apóstolo Paulo, seguro em sua aceitação com Deus através da fé, poderia ao mesmo tempo continuar gritando: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" (Rom 7:24 ACF). Se existe alguma verdade nesta análise, então podemos dizer ainda que, em cada situação que pode dar origem à experiência religiosa, a

mente está tentando arredondar e completar informações ou evidências coletadas, direta ou indiretamente, através de nosso equipamento sensorial e perceptivo natural e, ao dizer isso, estamos ligando as condições da experiência religiosa a todos os outros casos do funcionamento da mente. Sempre e em todos os lugares, sugeriu Bartlett, quando está ativa, a mente tenta completar as evidências informativas que até o momento são consideradas incompletas. Esta, diz ele, é sua função primária. Em meados do século 20, quando J. B. Phillips e C. S. Lewis escreveram, as pessoas que procuravam entender o que a experiência religiosa pode nos dizer sobre a fé religiosa estavam bem cientes dos pontos de vista conflitantes nos 50 anos antes. Essas visões conflitantes destacavam o erro de tentar analisar a relação entre crença e experiência para dar primazia a uma sobre a outra. Hoje, certamente, a conscientização ampla das noções de feedback dinâmico, essas visões do tipo “ou-ou” seriam cada vez mais difíceis de defender. Eu suspeito que tanto Phillips como Lewis provavelmente teriam sido mais influenciados pelas visões de Gordon Allport e Sir Frederic Bartlett do que pelas de Freud e Skinner.

## A Fé Expressa em Comunidade

Exceto em raríssimos casos, como o eremita solitário, a fé é vivida em comunidade. Isso significa que a vida de fé é integralmente inserida em nossos ambientes físicos, culturais e sociais. Para cada um de nós, as escolhas que fazemos estão inseridas dentro de nosso contexto singular de vida e inclui nossa história de desenvolvimento e as redes de amizades ao longo da vida, bem como o ambiente cultural mais amplo. Assim, nossa fé tanto é *incorporada fisicamente* como *socialmente*. Reconhecendo isso, Warren Brown e Brad Strawn questionaram, muito a propósito, o que os novos conhecimentos e os avanços da neuropsicologia e da psicologia social podem oferecer sobre como nossa vida de fé em comunidade deve ser organizada e como a adoração deve ser conduzida. Eles argumentam:

A incorporação da fé e da espiritualidade exige que as igrejas levem a sério a necessidade de combinar fé com ação. Não é apenas o que é pensado ou experimentado que ocorre no cérebro e se expressa no corpo, mas o impacto também vai na outra direção: *as ações influenciam o pensamento...* O que fazemos com nossos corpos tem uma profunda influência no que pensamos.<sup>445</sup>

Assim, continuam eles:

A participação na Eucaristia durante um culto (uma forma ampliada de performance) serve para que essa atividade corporal tenha uma influência profunda em nossos pensamentos, sentimentos, crenças e comportamento futuro muito além do que é

---

<sup>445</sup>. Brown and Strawn, *Physical Nature*, 152 (grifo nosso)

dito. Portanto, nosso argumento para o papel da participação e da ação no culto é um argumento baseado na encarnação profunda de todo pensamento. Sem ação simultânea, o pensamento e a crença provavelmente degeneram em nada além de intelectualismo, e a adoração em meros sentimentos. A formação de pessoas será mínima.<sup>446</sup>

Esta linha de pensamento leva Brown e Strawn a propor que a premissa comumente aceita do dualismo corpo-alma realmente enfraquece a mensagem de Jesus que chama as pessoas cristãs à ação no mundo em nome do Reino de Deus. Eles escrevem:

Nossa premissa é que ver as pessoas como corpos, não almas que habitam corpos, *é verdadeira para as Escrituras, bem como são mais ressonantes com a neurociência e a psicologia moderna*. A maioria das pessoas cristãs acredita que humanos são almas que *têm* corpos, não que *somos* corpos. Elas presumem que o “eu real” não está em seu corpo ou mesmo em seu comportamento, é algo dentro delas, em sua cabeça ou coração - em sua mente ou alma. Assim, é possível sermos espirituais por dentro, sem sermos religiosos no que fazemos - sem participar da vida religiosa comunitária da igreja. Entretanto, a vida cristã tem um sentimento muito diferente se a essência da pessoa humana não for uma alma ou espírito fantasmagórico, imaterial, temporariamente preso em um corpo carnal e escondido da vista, e sim o composto indivisível do comportamento, hábitos, pensamentos, emoções e personalidade do próprio corpo físico.<sup>447</sup>

## Completando o Incompleto e o “Salto de Fé”

Embora Kierkegaard nunca tenha usado as palavras “salto de fé”,<sup>448</sup> a noção de *fé como um passo além das evidências imediatas* pode ser útil para obtermos uma compreensão muito ajustada de tudo o que ela envolve. As narrativas de Sir Frederic Bartlett sobre alguns dos processos da mente subjacentes à experiência religiosa e a progressão de uma pessoa em direção à posse da fé,<sup>449</sup> com base em um ponto de vista estritamente psicológico, parece bastante como um “salto de fé”. É interessante explorar os paralelos entre essas narrativas psicológicas com as que são tipicamente expressas na linguagem religiosa usada pelas pessoas de fé. Ao longo dos séculos, os teólogos cristãos reconheceram que o movimento envolvido na aquisição de fé pode ser um processo lento e gradual em alguns indivíduos, ao passo que, em outros, ocorre em um evento súbito e dramático. Em ambos os casos, a conversão religiosa pode ser vista como envolvendo um “salto de fé” ou como a “travessia de uma fenda” ou abismo na vida de alguém. A mudança que ocorre na interpretação total

---

<sup>446</sup>. Brown and Strawn, *Physical Nature*, 152.

<sup>447</sup>. Brown and Strawn, *Physical Nature*, 159.

<sup>448</sup>. McKinnon, “Kierkegaard and ‘The Leap of Faith’”, 118.

<sup>449</sup>. Bartlett, *Religion as Experience, Belief, Action*, 10.

da pessoa com relação todas as suas experiências pode levá-la a exclamar algo semelhante a: "Antes eu era cega, mas agora vejo", e pode ser que ela sinta que "nasceu de novo".

Mesmo assim, a pessoa recém-convertida não será capaz de produzir todas as evidências necessárias para explicar o salto em termos lógicos ou científicos. Ela saltou de um quadro de referência para outro, que é totalmente novo. O que aconteceu, para citar Bartlett novamente, é que "Existe um terceiro método, o método do salto. Aqui estão as evidências incompletas e lá vou eu! Vindo, talvez por um lento processo de acúmulo do que desconheço, talvez por um salto dramático brusco, aqui eu encontro o que faltava!"<sup>450</sup> Para usar a terminologia religiosa, podemos igualmente dizer: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Cor 5:17 ACF). A pessoa recém-convertida, essa nova pessoa cristã, muitas vezes vê as evidências dessa nova criatura de forma tão vívida que, em seu entusiasmo, está apta a ser impaciente com aqueles que (novamente para citar Bartlett) "deveriam ser capazes de ver que é diferente". Para usar uma ilustração familiar de um livro de psicologia, a visão das pessoas recém-convertidas será como a do homem a quem foi mostrada uma imagem contendo uma figura oculta. Depois de estudar a imagem sem sentido, a face oculta ou outro objeto de repente "salta" na cara dele, e depois ele não pode deixar de ver a figura escondida toda vez que olhar para a imagem - e é impaciente com quem não consegue vê-la. Mas existe algo mais na conversão religiosa que não pode ser captada por esta analogia. A conversão é uma reinterpretação total das experiências de vida passada e presente da pessoa, que é muito mais profunda e muito mais imersiva e subversiva do que uma mudança superficial na percepção de uma imagem enigmática.

A análise detalhada e a descrição que Bartlett nos dá, escrevendo como psicólogo, sobre essa "travessia" intuitiva pode ser igualmente expressa em termos religiosos. O aspecto de intuição da fé nada mais é do que o lado humano de um processo que também tem um lado divino. Portanto, as "forças irresistíveis" da descrição de Bartlett tem um pronto equivalente para uma pessoa cristã no amor e na graça de Deus. O candidato a conversão não apenas dá um salto para Deus, mas é simultaneamente atraído para Deus. A religião tem seu próprio conjunto de símbolos para descrever a transformação que ocorre quando a pessoa dá um salto de fé. Esses símbolos particulares são expressos em termos dos atributos pessoais e relacionamentos interpessoais, portanto palavras como amor, confiança, compromisso, entrega e segurança são típicas do vocabulário da pessoa que tenta comunicar o relato de uma experiência religiosa particular. É claro que isso não nega que existem várias outras narrativas de "espectadores" da mesma experiência, que podem ser feitas em uma linguagem diferente e usando símbolos diferentes. O fato de que houve

---

<sup>450</sup>. Bartlett, *Religion as Experience, Belief, Action*, 10.

um salto e uma travessia foi feita muitas vezes ocorre como uma constatação impactante depois que o evento ocorreu. Por exemplo, Mortimer Adler, filósofo e editor da coleção *Grandes Livros do Mundo Ocidental*, primeiro passou a abraçar o teísmo, que é uma crença em Deus. Philip Yancey, escrevendo sobre Adler, nos diz que:

Embora atraído pelos textos de Tomás de Aquino durante décadas, resistiu a autodenominar-se cristão, hesitação sem dúvida influenciada por sua herança judaica. Então, em 1984, após uma viagem ao México, caiu doente contraindo um vírus que o incapacitou durante meses. Entrevado em seu leito, entrou em profunda depressão e às vezes, sem explicação alguma, irrompia em lágrimas. Durante esse período, um clérigo episcopal o visitava religiosamente e orava com ele. Adler só conhecia uma prece, a Oração do Pai Nosso, que ele repetia muitas e muitas vezes, agarrando-se a cada palavra: “Pai Nosso que estás no céu! Santificado seja o teu nome...” Certa noite, acordado em seu leito hospitalar, *percebeu que havia, inconscientemente, atravessado uma ponte; um salto de fé na direção de um Deus pessoal que ouviu nossas orações.* Chamou a enfermeira da noite e rabiscou uma nota que incluía estas palavras: “Meu bom Deus, sim, eu creio, não apenas num Deus que minha razão tão fortemente afirma, mas também no Deus a quem o Reverendo Howell está neste momento orando e em cuja graça eu agora alegremente confio”. A aflição lhe havia mostrado o caminho.<sup>451</sup>

## A Pessoa como um Todo é Envolvida na Fé Real

Todos os processos mentais envolvem cognição, afeto e conação (esforço consciente), e a fé não é exceção. Por vezes, a crença amplamente difundida e equivocada de que a mente funciona de uma maneira diferente da normal quando se trata de assuntos religiosos levou, no passado, a investigações de fenômenos religiosos tanto por cristãos como por não-cristãos que, na verdade, procuram explicar e descrever a religião, incluindo a fé, na medida do possível em termos racionais e às vezes científicos e depois trazer algum tipo de crença ou conjunto de crenças em um poder sobrenatural para *preencher eventuais lacunas que ainda existam*. Todas essas abordagens nos confrontam novamente com um “deus das lacunas” e demonstram mais uma vez uma incompreensão das limitações da análise lógica e do método científico, assim como uma incompreensão da natureza do Deus da pessoa cristã.

Em meados do século 20, um dos mais conhecidos e influentes sistemas psicológicos modernos, a psicanálise freudiana, aplicou-se à religião, e fez duas afirmações. A primeira foi que todas as formas e os impulsos originais da religião humana podem receber uma explicação causal completa e total dentro do que é chamado de ordem natural dos eventos.

---

<sup>451</sup>. Yancey, *O Eclipse da Graça* (grifo nosso).

A segunda é que, portanto, não pode haver outra explicação. Tais opiniões devem ser colocadas ao lado das de dois outros psicólogos importantes do século 20, Gordon Allport, de Harvard e Sir Frederic Bartlett, de Cambridge. Ambos compartilharam com o público suas opiniões sobre a natureza da fé e da dúvida. Allport foi um teórico da personalidade e psicólogo social. Bartlett foi psicólogo experimental e especialista em memória humana. O livro de Allport era *The Individual and His Religion* (O Indivíduo e Sua Religião). A contribuição de Bartlett foi em suas Palestras do Riddell Memorial.<sup>452</sup> Ambos escreveram sobre a natureza da crença, fé e dúvida. Ambos mantinham uma opinião construtiva do relacionamento entre psicologia e religião. Gordon Allport, por exemplo dedica um capítulo inteiro à natureza da dúvida. Isso é importante porque a dúvida é um sentimento tão comum quando a crença, e certamente ela surge de tempos em tempos na vida da pessoa cristã. Allport afirma claramente sobre o papel do psicólogo no estudo da dúvida:

Não é função do psicólogo fazer julgamento sobre a legitimidade ou ilegitimidade da dúvida. Seu dever é meramente elucidar o processo que ele considera ser uma parte universal e necessária da vida mental. Ele sustenta que se cada pessoa entendesse o processo da dúvida, estaria em melhor posição para determinar a irrefutabilidade de seus próprios motivos para crer ou descrever. Embora cada indivíduo tenha sua própria história, padrão e grau de apreensão, de certos modos de dúvida que parecem especialmente comuns.<sup>453</sup>

Allport observou que a dúvida era particularmente evidente durante a fase inicial do desenvolvimento religioso. Isso é relevante aqui, porque algumas das apresentações minimizadas da fé cristã e da vida cristã, como observamos, se concentram quase exclusivamente nas vantagens pessoais para a pessoa ao se tornar cristã. É relevante, portanto, considerar as palavras de Allport.

A criança que vê que sua vantagem pessoal não foi atendida de forma imediata e satisfatória por suas orações pode descartar suas concepções e terminar de uma vez por todas sua busca religiosa. Às vezes, os problemas chegam à cabeça apenas mais tarde na vida, associados a uma necessidade pessoal premente. ... A fé centrada na vantagem pessoal está fadada a se quebrar. Para resistir plenamente, *ela precisa vislumbrar o universo que se estende além dos caprichos pessoais e estar ancorada em valores que transcendem os interesses imediatos do indivíduo, da forma como ele os interpreta.*<sup>454</sup>

As pessoas que estudaram tanto a história das teorias da personalidade quanto os desenvolvimentos da pesquisa contemporânea concordam que a maneira mais

---

<sup>452</sup>. Bartlett, *Religion as Experience, Belief, Action*.

<sup>453</sup>. Allport, *Individual and His Religion*, 115.

<sup>454</sup>. Allport, *Individual and His Religion*, 114 (grifo nosso).

esclarecedora de estudar a personalidade é, como acontece com muitos outros fenômenos psicológicos, estudá-la em múltiplos níveis. Isso significa que precisa haver:

- A consciência das influências biológicas, incluindo temperamentos determinados pela genética, variações na reatividade do sistema nervoso autônomo, diferenças na estrutura e função cerebral;
- A consciência das influências psicológicas, incluindo as respostas aprendidas, processos de pensamento inconscientes e expectativas e interpretações; e
- Reconhecimento das influências socioculturais, como o efeito das experiências da infância, a influência da situação presente, o efeito das expectativas culturais e a importância do apoio social.

A forma como expressamos nossa fé varia tanto quanto nossos antecedentes herdados, nacionais e culturais, e nossas diferenças individuais aprendidas. Alguns de nós são impulsivos, outros cautelosos, alguns ansiosos, outros descontraídos. Os primeiros discípulos de Jesus formavam um grupo variado. Pedro talvez inclinado a ser impetuoso, João um pouco mais reflexivo. E é importante ter consciência de nossas tendências “naturais” porque podemos então trabalhar para lembrar que todos nós filtramos com muita facilidade as nossas experiências através dessas tendências e interpretamos a realidade de acordo com elas. Para algumas pessoas será mais difícil do que para outras, já que lutam com modos de pensar e de comportamento construídos e aprendidos. Por exemplo, existem algumas evidências de que a tendência a ser excessivamente dogmático, expressa na chamada personalidade autoritária, e intimamente ligada a uma tendência a atitudes fundamentalistas, pode ter raízes biológicas. Wanting Zhong e seus colegas recentemente apresentaram um relato detalhado dessa possibilidade em seu artigo intitulado “*Biological and Cognitive Underpinnings of Religious Fundamentalism*” (Fundamentos Biológicos e Cognitivos do Fundamentalismo Religioso).<sup>455</sup> Desconfie, portanto, de qualquer pessoa que reclame a autoridade para lhe dizer que “isto, e somente isto” é o que a fé deve ser em sua vida. Desconfie de qualquer pessoa que afirme que, a menos que você expresse sua fé de uma forma específica e não de outra, não é a fé verdadeira. Juntos, esses avanços aumentaram nossa compreensão dos substratos biológicos da cognição e do comportamento, e isso inclui a fé. Eles potencialmente nos proporcionam novos *insights* sobre a natureza da fé e da crença.<sup>456</sup>

Este reconhecimento da necessidade de estarmos cientes de como nossos cérebros contêm múltiplos sistemas que existem para sustentar todas as nossas atividades, incluindo

---

<sup>455</sup>. Zhong et al., “Biological and Cognitive Underpinnings.”

<sup>456</sup>. Vide Jeeves e Ludwig, *Psychological Science*.

aspectos de nossas vidas religiosas, é ainda exemplificado por um estudo que destaca a necessidade de sabermos como nossas atividades básicas do dia a dia dependem do funcionamento intacto de nossos cérebros. Isto inclui uma melhor compreensão de alguns dos fundamentos biológicos e cognitivos da fé religiosa. Alguns dos frutos de pesquisas relativamente recentes em neurociência social revelaram, curiosamente, que somos de fato feitos como criaturas que possuem sistemas neurais distintos, servindo para o conhecimento pessoal e o conhecimento dos objetos. Jason Mitchell, Todd Heatherton e C. Neil Macrae realizaram estudos utilizando imagens de ressonância magnética funcional (fMRI) relacionadas a eventos nos quais eles estudaram a atividade neural enquanto os participantes faziam julgamentos semânticos sobre pessoas ou sobre objetos. Eles relataram que um padrão único de atividade cerebral estava associado a julgamentos pessoais e incluíam regiões cerebrais anteriormente envolvidas em outros aspectos do funcionamento cognitivo social: córtex pré-frontal medial, córtex temporal superior, sulco intraparietal, e giro fusiforme. Eles escrevem: "Juntas, estas descobertas respaldam a noção de que o conhecimento da pessoa pode ser funcionalmente dissociável de outras classes de conhecimento semântico dentro do cérebro".<sup>457</sup> Esses estudos são um lembrete oportuno de que somos criaturas complexas e que nosso pensar, acreditar e agir dependem do funcionamento intacto de nossos cérebros. E como frequentemente sublinhamos como a fé real está centrada em seu relacionamento pessoal com Cristo, eles nos lembram que nosso Criador nos munuiu com as ferramentas para um conhecimento pessoal distinto.

Em um capítulo anterior, observamos as mudanças extremamente rápidas que ocorreram em nosso entendimento sobre nós mesmos e o universo em que vivemos desde que J. B. Phillips publicou seu livro em 1952. Por exemplo, no ano seguinte, o trabalho emblemático de J. B. Watson e Francis Crick, por exemplo, descreveu a estrutura do DNA e continua a ter um impacto muito difundido. No contexto deste capítulo, com foco na necessidade de estarmos atentos às diferenças individuais e como elas podem afetar nossa resposta ao evangelho cristão, um relatório recente da *Nature Neuroscience* trouxe novas evidências para a ligação entre genética e saúde mental. Esta questão é relevante, ao considerarmos as lutas pessoais de excepcionais homens e mulheres cristãos de fé do passado - incluindo o próprio J. B. Phillips, que lutou contra a depressão. Este estudo da Universidade de Edimburgo de 2019 analisou os registros de saúde e DNA de dois milhões de pessoas e identificou 260 genes ligados à depressão.<sup>458</sup> Os resultados deste estudo identificaram seções de DNA comuns em pessoas com depressão e também naquelas que assumiram "comportamentos de estilo de vida" pouco saudáveis, como tabagismo. Suas descobertas sugeriram que a depressão pode ser um fator que leva algumas pessoas a fumar.

---

<sup>457</sup> Mitchell et al., "Distinct Neural Systems", 53.

<sup>458</sup> Howard et al., "Genome-Wide Meta-Analysis."

Descobriram também que o neuroticismo - a tendência a sentir medo ou preocupação - pode levar as pessoas a se tornarem depressivas. Trabalhando com National Institute of Health Research Mental Health Bioresource e Kings College London, os pesquisadores esperam continuar coletando amostras de saliva e respostas de mais quarenta mil pessoas no Reino Unido a um questionário. Andrew McIntosh, um dos pesquisadores do projeto, concluiu: "Estas descobertas são mais uma evidência de que a depressão se deve em parte à nossa genética".<sup>459</sup>

## ***Insights Neuropsicológicos sobre a Fé Deficiente***

Qualquer crença de que nossa espiritualidade, incluindo nossa fé, está seguramente protegida dentro de uma parte não física de nós (a alma) é contestada pelas experiências de indivíduos que desenvolveram o mal de Alzheimer. Algumas pessoas profundamente religiosas têm passado por um sofrimento angustiante ao experimentarem a fragmentação e a perda de aspectos preciosos de sua vida religiosa. Esse sofrimento é igualmente doloroso para seus entes queridos e cuidadores. O que acontece com a fé quando o cérebro fica desorientado? A neuropsicologia nos oferece alguns dos *insights* mais importantes e relevantes com base em pesquisas sobre como o mal de Alzheimer influencia a vida da fé.

Glenn Weaver, que desenvolveu um grande programa de pesquisa para estudar a espiritualidade dos pacientes de Alzheimer, descreveu algumas das mudanças nas experiências de espiritualidade, fé religiosa e significado da vida nas experiências dessas pessoas. As consequências da demência de Alzheimer podem mostrar amplas variações entre os indivíduos. Para alguns, a perda da independência e controle leva a uma maior dependência de Deus. Para outros, a deterioração gradual das capacidades cognitivas reduz o interesse espiritual. Weaver descreveu detalhadamente as experiências de Robert Davis, um ministro presbiteriano, um homem de profunda fé cristã, que foi diagnosticado com demência de Alzheimer quando tinha 53 anos e no pico de sua carreira ministerial. Com a ajuda de sua esposa, ele escreveu um relato impressionante de suas experiências nos estágios médios da doença. Ele descreve com suas próprias palavras como sua doença cerebral progressiva afetou sua espiritualidade. Ele escreveu:<sup>460</sup>

Minha vida espiritual era miserável. Eu não conseguia ler a Bíblia. Não podia orar como queria porque minhas emoções estavam mortas e quebradas. Não havia nenhum retorno de Deus o Espírito Santo. Minha mente não podia descansar e ficar calma, mas corria incansavelmente, com pensamentos terríveis de desespero. ... Eu não conseguia mais ser alimentado espiritualmente por sermões. Eu conseguia entender as primeiras

---

<sup>459</sup>. Salt, "Treasure Trove of 269 Genes."

<sup>460</sup>. Weaver, "Embodied Spirituality."

ideias do sermão, e então me perdia. O resto dele fazia minha mente rodopiar em uma confusão de ideias retorcidas e desconexas. Tosse, dor de cabeça e grande desconforto acompanharam minhas tentativas de me alimentar de todas as maneiras a que estou acostumado, encontrando Deus através de sua Palavra... Minha mente também vagava, procurando o conforto do Salvador que eu conhecia e amava e a paz emocional que Ele poderia me dar, mas não encontrando nada. Concluí que a única razão para essa escuridão tinha que ser espiritual. Uma culpa indescritível tomou conta de mim. No entanto, a única culpa que eu podia identificar era ter deixado de ler minha Bíblia. Mas eu não conseguia ler, será que Deus me condenaria por isso? Eu podia apenas ficar ali deitado e gritar "Oh Deus, por que? Por que?"<sup>461</sup>

Esta narrativa deve abrir nossos olhos para o papel importante da função cerebral para o exercício da fé, espiritualidade e comportamento religioso. É difícil ver como uma perspectiva dualista pode conciliar as experiências de pacientes como Robert Davis. Uma "alma" ou "mente" completamente separada do cérebro e independente do funcionamento neural não deveria mudar (tornando-se mais espiritual ou menos espiritual) à medida que os neurônios morrem e o tecido cerebral se deteriora.

Mas coragem. Enquanto escrevo, James Ainge e seus colegas da Escola de Psicologia e Neurociência da Universidade St. Andrews (que fundei há cinquenta anos), trabalhando com colegas da Universidade de Edimburgo, identificaram as funções da área do cérebro onde o mal de Alzheimer pode ter início, trazendo esperanças de uma descoberta que poderia levar a tratamentos.<sup>462</sup> A pesquisa se concentra no córtex entorrinal lateral (COL), que contém camadas celulares que estabelecem conexões complexas com outras regiões do cérebro e tem subsistemas com diferentes funções de memória. De acordo com esses pesquisadores, "quando uma conexão específica entre uma das camadas do COL e o hipocampo passa a funcionar mal, a memória episódica é afetada, ao passo que formas mais simples de memória permanecem inalteradas. ... A pesquisa é importante, pois nos dá um alvo muito específico para desenvolver tratamentos e estratégias para prevenir a deterioração neurológica da doença de Alzheimer".<sup>463</sup>

Uma história parecida vem de estudos detalhados da fé de portadores de Mal de Parkinson. Na Escola de Medicina da Universidade de Boston, Patrick McNamara e seus colegas realizaram uma série de estudos pioneiros, trazendo novos *insights* sobre a religiosidade em pacientes com essa doença. O aumento da longevidade da população em geral produz um aumento correspondente na incidência do Mal de Parkinson tardio, portanto, é importante, do ponto de vista pastoral, estar ciente de qualquer mudança na religiosidade

---

<sup>461</sup>. Weaver, "Embodied Spirituality", 89.

<sup>462</sup>. Vandrey et al., "Fan Cells in Layer 2."

<sup>463</sup>. McKee, "Alzheimer's Disease Discovery."

e espiritualidade das pessoas, incluindo sua vida de fé, que possa acompanhar o desenvolvimento do Mal de Parkinson.

O Mal de Parkinson é uma condição com patologia claramente definida do cérebro, envolvendo mudanças na atividade dos neurônios dopaminérgicos. Patrick McNamara, Ramon Durso e Ariel Brown examinaram o papel desempenhado pelas redes dopaminérgicas pré-frontais na manutenção das crenças e comportamentos religiosos. Descobriram que, em comparação com os grupos de controles de mesma idade, os indivíduos com a doença de Parkinson pontuaram menos em medidas de comportamento religioso e expressaram menos interesse em questões espirituais ou filosóficas.<sup>464</sup> Essas descobertas levantam a possibilidade de que os níveis normais de dopamina são importantes para manter a motivação religiosa e o comportamento direcionado a metas com base em crenças e valores religiosos. Estudos de acompanhamento revelaram diferenças na religiosidade entre os pacientes de Parkinson cujos sintomas da doença tinham aparecido primeiro no lado esquerdo do corpo e os que inicialmente surgiram no lado direito, sugerindo que os dois hemisférios do cérebro desempenham papéis ligeiramente diferentes em comportamentos religiosos.<sup>465</sup>

Entretanto, em uma cuidadosa revisão dessa área de pesquisa, Clare Redfern e Alasdair Coles apontaram que interpretar os resultados desses estudos não é uma questão simples. A doença de Parkinson produz uma ampla gama de mudanças físicas, cognitivas e emocionais, e esses sintomas variam de forma imprevisível à medida que a doença progride e que novos tratamentos são introduzidos. Isto torna difícil afirmar que a própria doença de Parkinson tem um impacto negativo específico sobre a espiritualidade.<sup>466</sup>

Vamos analisar um exemplo simples. Com a progressão da doença de Parkinson, a mobilidade é seriamente limitada. Portanto, não nos surpreende que a pessoa com essa doença reduza a participação nos cultos. O esforço para se vestir e chegar ao local do culto pode ser desgastante. Assim, a diminuição dos comportamentos religiosos de um paciente de Parkinson não necessariamente implica a perda de espiritualidade ou de fé religiosa.

Além disso, algumas pesquisas descobriram um padrão mais positivo de mudanças. Pelo menos alguns pacientes de Parkinson relatam um relacionamento mais forte com Deus e uma busca mais intencional por significado religioso como um meio de enfrentar sua doença.<sup>467</sup> Essas descobertas contraditórias demonstram a necessidade de estudos

---

<sup>464</sup>. McNamara et al., "Religiosity in Patients."

<sup>465</sup>. Butler et al., "Side of Onset."

<sup>466</sup>. Redfern and Coles, "Parkinson's Disease."

<sup>467</sup>. Redfern and Coles, "Parkinson's Disease."

rigorosos e bem controlados, mobilizando todas as habilidades combinadas de neurologistas, psicólogos e teólogos.

Claramente, há muito trabalho a ser feito, mas a pesquisa existente já trouxe novos *insights* sobre como a espiritualidade, incluindo a fé, pode ser afetada em pacientes com a doença de Parkinson. Com uma melhor compreensão do que acontece com e para essas pessoas, é possível melhorar o cuidado pastoral.

## **Fé Real Incorporada em Vidas Reais: A Perspectiva de um Psiquiatra**

Ao contrário das afirmações feitas por quem promove alguns dos “deuses encolhidos” da atualidade, a vivência da vida cristã não é um mar de rosas. Apenas alguém totalmente ignorante da história da igreja cristã pode pensar dessa forma. Uma pesquisa histórica cuidadosa documentou detalhadamente os esforços de alguns grandes homens e mulheres da fé, revelando uma conexão íntima entre suas características de personalidade, suas experiências psicológicas e sua fé. Ciente do tipo de influências listadas anteriormente em todo nosso comportamento e de nosso conhecimento cada vez maior dos substratos biológicos de todo comportamento, incluindo mudanças na bioquímica cerebral, um reconhecido psiquiatra britânico, Gaius Davies, empreendeu uma pesquisa histórica detalhada da vida de algumas pessoas de fé reconhecidas das gerações passadas. Homens e mulheres que ficaram conhecidos por terem enfrentado períodos de dúvida, luta e dificuldade em sua caminhada cristã ao longo da vida. Davies escreveu:

Naturalmente, a questão de como o temperamento e a fé estão ligados é trazida à tona em cada experiência de conversão. Não podemos entender o metodismo sem saber algo sobre como John e Charles Wesley encontraram a fé e a sua segurança em 1738. Ambos encontraram em Martinho Lutero um grande catalisador. John, através do trabalho de Lutero sobre Romanos, Charles através do comentário de Lutero sobre a carta de São Paulo aos Gálatas.<sup>468</sup>

Gaius Davies estudou, dentre outros, Martinho Lutero, John Bunyan, John Wesley, William Cowper, Gerard Manley Hopkins, Lord Shaftesbury e Christina Rossetti. Sua pesquisa deixou claro que esses líderes de destaque, que tanto contribuíram, também sofreram muito com a ansiedade e a depressão. John Stott escreveu em um prefácio ao livro de Davies, "O que admiro especialmente no livro de Gaius Davies é sua honestidade e realismo. Ele não

---

<sup>468</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 11.

oferece conclusões levianas. Nos diz a verdade, que alguns heróis e heroínas de Deus foram excêntricos e neuróticos, e sofreram surtos repetidos”.<sup>469</sup> O que é particularmente relevante no contexto atual é a argumentação de Davies - baseada em descobertas recentes sobre as raízes biológicas do comportamento e o impacto das drogas psicotrópicas - que as histórias de alguns desses heróis e heroínas da fé poderiam ter sido bem diferentes se tivessem vivido hoje. Vamos analisar alguns exemplos para ilustrar.

Escrevendo sobre Martinho Lutero, Davies disse: “Acredito que houve um elemento físico e constitucional marcante na tendência de Lutero à depressão. Não vejo evidências claras de que ele tenha sido maníaco, fanático ou doente por causa de suas crescentes mudanças de humor. Contudo, ele hoje poderia ser diagnosticado como portador de personalidade ciclotímica, com muitas mudanças de humor que, embora significativas, nunca de tal proporção que causassem psicose”.<sup>470</sup> Davies documenta as evidências de que, em 1527 Lutero sofria fisicamente e estava com depressão. Apesar de ter apenas quarenta e quatro anos de idade, ele teve um colapso físico e acreditava-se que iria morrer. O próprio Lutero mais tarde viu esse episódio de doença como em parte físico e em parte psicológico.<sup>471</sup> Sobre John Bunyan, Davies escreveu:

Em *Graça Abundante*, Bunyan descreve sua ansiedade grave, e como ela muitas vezes o levou ao desespero. Entretanto, ele não era um monge com tempo livre para dedicar ao confessionário. Ao contrário de Lutero, ele ficava muito mais sozinho com a Bíblia, e lutava com textos difíceis com pouca ajuda, mesmo admitindo John Gifford e os poucos livros que ele conseguia obter.<sup>472</sup>

Davies disse também sobre Bunyan: “Não poderia existir um exemplo mais claro de distúrbio obsessivo-compulsivo grave. Existem outros exemplos da mesma incitação à blasfêmia. Ele preferiria levar a mão sobre a boca ou mergulhar sua cabeça em um monte de esterco em vez de ceder ao impulso”.<sup>473</sup> Mais à frente, ele continua: “Bunyan foi marcante porque sofria muito com as obsessões; hoje em dia seria diagnosticado como uma pessoa com necessidade de tratamento”.<sup>474</sup> Davies não apenas descreveu os sintomas que ele apresentava e a forma como conseguiu alívio, mas também demonstrou que a superação de um sério distúrbio psicológico pode resultar em grande força. É possível apenas especular o quanto John Bunyan teria se beneficiado com o uso criterioso de algumas das drogas psicotrópicas eficazes de hoje.

---

<sup>469</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 6.

<sup>470</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 45.

<sup>471</sup>. Luther, *Letters of Spiritual Counsel*, 115–17.

<sup>472</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 65.

<sup>473</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 65–66.

<sup>474</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 66.

Escrevendo sobre William Cowper, Davies disse:

Cowper queria romper a conspiração do silêncio sobre a depressão. .... Cowper sofreu sua primeira depressão com a idade de vinte e um anos, e várias vezes nos dez anos seguintes. Aos trinta e um, teve seu primeiro surto psicótico catastrófico e, na época de sua recuperação ele se tornou cristão. Ele viria a ter mais quatro doenças depressivas antes de morrer aos sessenta e oito anos: entre esses períodos, foi muitas vezes surpreendentemente produtivo como escritor de cartas e poeta.<sup>475</sup>

Já quase no final de seu capítulo sobre William Cowper, Davies escreveu: "Por que ele não foi curado? Por que ele teve que sofrer seis graves surtos depressivos, várias tentativas de suicídio e suportou tanta dor mental? Isso faz parte do mistério maior do sofrimento, e não pode haver uma resposta final. Mas o bem surgiu do mal aparente de sua angústia".<sup>476</sup> Novamente, no caso de William Cowper, só podemos especular que diferença faria se ele tivesse tomado alguns dos medicamentos antidepressivos disponíveis nos dias de hoje.

Muito relevante para este livro, e em parte motivado pelo livro de J. B. Phillips de 1952, Davies descreveu Phillips como alguém que tinha "um gênio especial para traduzir e se comunicar". Contudo, conclui Davies, apesar de tudo o que ele conquistou, fica claro em sua autobiografia, *The Price of Success* (O Preço do Sucesso), que ele sofria de depressão recorrente. Em sua solidária descrição das muitas lutas da Phillips, Davies escreveu:

Acho triste que ele não tenha tido ajuda de medicação. Hoje em dia, formas de tratamento não psiquiátricas como o uso de betabloqueadores podem aliviar a ansiedade, impedindo os efeitos excessivos da adrenalina sobre o corpo: eles fazem isso sem sedação e sem qualquer risco de dependência. Da mesma forma, existem hoje muitas formas de antidepressivos que podem ajudar pessoas com o mesmo sofrimento de Phillips.<sup>477</sup>

Nas páginas finais de seu livro, Davies uniu as pontas, destacando como suas pesquisas haviam mostrado várias vezes como as diferenças individuais de personalidade e temperamento se refletiam na forma como alguém expressava sua fé. Com o título de "Personalidade e Temperamento", Davies escreveu:

Meu objetivo nos estudos anteriores neste livro não foi apenas evitar especulações, mas também apresentar algumas conclusões a partir dos fatos analisados. Tentei demonstrar como Martinho Lutero e John Bunyan foram perfeccionistas que sofreram muito em sua juventude com sintomas obsessivos O leitor atento terá notado que

---

<sup>475</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 93–94.

<sup>476</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 118.

<sup>477</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 320.

vários outros - J. B. Phillips, Christina Rossetti, Amy Carmichael e Gerard Manley Hopkins também foram pessoas com traços marcantes de obsessão.<sup>478</sup>

Davies concluiu com um alerta profundo:

Uma espécie de milagre acontece quando nossos heróis descobrem que a água da vida, como o evangelho de Cristo se tornou para eles, é transformada em um maravilhoso vinho de delícia doutrinária. Como disse C. S. Lewis, o coração canta livremente, não com o livro devocional, mas na leitura de um tratado cristão que fala à mente. Sem dúvida, isso pode se tornar viciante, e a teologia sistemática pode ser tomada como um substituto para a coisa real, a vida em Cristo. Talvez vivamos hoje em uma época em que nos desgarramos da mente, para incitar cristãos e cristãs a buscar experiências, fenômenos extasiantes e ter seus sentimentos despertados. Bunyan viu tudo isso com os Ranters e os primeiros Quakers; Lutero com os profetas extasiados de sua época. Porém, existem sinais esperançosos de um retorno a uma vida mais equilibrada onde coração e cabeça atuem juntos em um melhor equilíbrio.<sup>479</sup>

A mensagem de Gaius Davies é que nossa espiritualidade, incluindo a forma como demonstramos nossa fé em nossa vida, está relacionada e é influenciada pelo funcionamento de nossos cérebros e corpos - uma mensagem repetidamente enfatizada pela pesquisa neurocientífica. C. S. Lewis nos ofereceu uma “narrativa de ator” subjetiva, ao escrever:

Ao descobrir em mim um desejo que nenhuma experiência desse mundo poderia satisfazer, a explicação mais provável é que eu tenha sido feito para outro mundo. Se nenhum dos meus prazeres terrenos consegue me satisfazer, isso não prova que o universo é uma fraude. Provavelmente os prazeres terrenos nunca tivessem tido a intenção de satisfazer estes prazeres, mas apenas de despertá-los para levá-lo à coisa certa.<sup>480</sup>

---

<sup>478</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 372.

<sup>479</sup>. Davies, *Genius, Grief, and Grace*, 382.

<sup>480</sup>. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*.



## SEÇÃO III. REFLEXÕES TEOLÓGICAS

## 13. Sustentação Divina e Esvaziamento Divino. Um Equilíbrio Essencial

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. (Fl. 2:5-8 ACF)

Qualquer dicotomia entre criação e redenção traz consigo perigos teológicos, e estes riscos são agravados quando há uma correlação imposta com diferentes atributos divinos. O ato de criação, de trazer um mundo à existência e mantê-lo em existência, é claramente um ato de grande poder ao qual os frágeis poderes das criaturas não suportam comparação.<sup>481</sup>

A criação não é essencialmente um evento distante; ao contrário, é a um contínuo completar que causa a existência de tudo o que existe. Neste exato momento, se não fosse Deus causando tudo o que há para existir, não haveria absolutamente nada.<sup>482</sup>

Os seguidores de Jesus descobriram que ele era mais que um pregador, um médico e um redentor. Ele era também o Criador e o Sustentador de todas as coisas.<sup>483</sup>

Nos capítulos anteriores, tivemos uma visão geral do que os cientistas e os estudiosos da Bíblia nos dizem sobre as origens humanas, a natureza humana e os milagres da natureza e de cura. Embora, à primeira vista, tenham surgido contradições entre o que pensamos que as Escrituras ensinaram e o que os avanços da ciência e da medicina nos dizem, fizemos uma pausa para perguntar se por acaso não interpretamos equivocadamente as Escrituras ou avaliamos incorretamente as novas descobertas da ciência ou ambos. Podem existir respostas óbvias imediatas à medida que surge cada mistério. Temos que trabalhar em cada um deles na confiança de que, como o autor *tanto* das Escrituras *como* da natureza é, em última análise, o mesmo Autor, eventualmente não haverá conflito. Retornamos muitas vezes ao tema bíblico sempre presente da sustentação divina de nosso Deus Criador. Porém, enfatizar essa sustentação sem reconhecer a centralidade de outro tema constante das Escrituras, o divino autoesvaziamento de Deus, seria minimizar o Deus que adoramos. James Bryan Smith destaca isso quando escreve:

---

<sup>481</sup>. Polkinghorne, “Kenotic Creation”, 90.

<sup>482</sup>. Carroll, “Aquinas and Contemporary Cosmology”, 18.

<sup>483</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 96.

A mensagem evangélica - a grande história - tem que incluir esse detalhe perturbador. Os evangelhos “encolhidos” começam comigo. Mas agora vemos que, mesmo antes de eu estar na imagem, *Jesus está no centro de todas as coisas*. As histórias encolhidas não incluem esta verdade central: Jesus fez tudo isso. Nós cantamos “Jesus pagou por tudo”. Ele pagou. Mas ele também *fez tudo*.<sup>484</sup>

## Divino Autoesvaziamento e o Trabalho do Amor

Um aspecto essencial da grandiosidade de Deus é revelado em seu autoesvaziamento, tecnicamente em *quenose*. Derivada do verbo grego *kenōō*, usado em Filipenses 2:7 (“ele esvaziou-se a si mesmo”), a palavra *kenosis* ou *quenose* tem muitos significados teológicos. Em primeiro lugar, no contexto deste livro, ela se refere a um aspecto chave da criação. Ela nos lembra que *em todos os momentos, precisamos manter em delicado equilíbrio tanto a soberania divina de Deus quanto seu autoesvaziamento divino*.

Se quisermos ser fiéis a este tema abrangente das Escrituras, o autoesvaziamento divino, especialmente proeminente com os escritores do Novo Testamento, temos de garantir que ele seja tão proeminente em nosso pensamento quanto o tema da sustentação divina. Não podemos ficar satisfeitos em enfatizar apenas a sustentação divina. Classicamente, a doutrina chave do autoesvaziamento é mencionada na carta de Paulo aos cristãos em Filipos, onde ele escreve: “*De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.*” (Filipenses 2:5-8 ACF). E a *quenose* é evidente na revelação de Deus de si mesmo e de seus propósitos desde o início. Assim, James Bryan Smith escreveu:

A Criação foi o primeiro ato da *quenose* Deus se une a nós criando-nos e a este magnífico mundo. O pacto foi o próximo ato de *quenose*. Deus se une a Israel em lealdade inabalável, apesar de sua infidelidade. A encarnação foi o próximo ato da *quenose*, no qual Deus se une à humanidade tornando-se humano. ... Mas agora, os atos mais extremos da *quenose* estão prestes a acontecer, no que chamamos de Semana Santa.<sup>485</sup>

## Uma Consulta Oportuna

Em outubro de 1998, um grupo de teólogos e cientistas se reuniu em Queens College, Cambridge, a convite do Presidente da instituição, o ilustre matemático e físico teórico Sir

---

<sup>484</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 97 (grifo no original).

<sup>485</sup>. Smith, *Magnificent Story*, 115.

John Polkinghorne, para discutir *insights* proporcionados por uma visão quenótica da criação. Uma visão quenótica enfatiza a necessidade de lembrar que a criação é fruto da ação do Deus de amor. Os participantes depois produziram um registro de suas discussões em um volume intitulado *The Work of Love: Creation as Kenosis*<sup>486</sup> (O Trabalho do Amor: Criação como Quenose). O capítulo de John Polkinghorne, “Criação Quenótica e Ação Divina”, captou a importância do ponto central deste capítulo, de que focar exclusivamente na sustentação divina na criação, com pouca menção à redenção, é apresentar uma visão desequilibrada da atividade de Deus em seu mundo. Polkinghorne escreveu:

Qualquer dicotomia entre criação e redenção traz consigo perigos teológicos, e estes riscos são agravados quando há uma correlação imposta com diferentes atributos divinos. O ato de criação, de trazer um mundo à existência e mantê-lo em existência, é claramente um ato de grande poder ao qual os frágeis poderes das criaturas não suportam comparação.<sup>487</sup>

Polkinghorne argumentou que “Todo pensamento teológico é um ato de equilíbrio precário, que busca recorrer à coincidência de opostos numa tentativa de usar uma linguagem humana finita para falar sobre a realidade infinita de Deus. Toda afirmação parece carecer da qualificação de uma contra afirmação... *A necessidade de fazer justiça tanto ao amor quenótico divino quanto ao poder providencial divino é claramente parte dessa tensão teológica*”.<sup>488</sup> Mais tarde, identificando questões específicas relevantes a este livro e voltadas à ação Divina de Deus na criação e sustentação, Polkinghorne faz um importante lembrete:

Se o conceito de criação contínua quer realmente significar o que diz, e consistir em mais do que apenas um brilho piedoso sobre um processo totalmente natural, então o poder providencial de Deus também deve certamente fazer parte do desenvolvimento da história da evolução. O Criador quenótico pode não se sobrepor às criaturas, mas o Criador contínuo tem que interagir com a criação. *Assim, a criação quenótica e a ação divina são lados opostos da mesma moeda teológica.* ... Por um lado, temos a narrativa da ciência sobre a regularidade dos processos da natureza. Por outro, temos a afirmação da teologia de falar de um Deus que age na história. Os dois lados podem ser compatibilizados? Eu acredito que sim, mas chegar a isso irá exigir alguma flexibilidade tanto da ciência como da teologia nas avaliações que trazem inicialmente a seu diálogo.<sup>489</sup>

Keith Ward, Professor Régio de Divindade em Oxford e participante do encontro, destacou a necessidade de lembrar que: “Para os cristãos, isto não é simplesmente uma peça de

---

<sup>486</sup>. Polkinghorne, *Work of Love*.

<sup>487</sup>. Polkinghorne, “Kenotic Creation”, 90.

<sup>488</sup>. Polkinghorne, “Kenotic Creation”, 91 (grifo nosso).

<sup>489</sup>. Polkinghorne, “Kenotic Creation”, 97 (grifo nosso).

metafísica abstrata. Trata-se de uma visão firmemente baseada na revelação da natureza de Deus na pessoa de Jesus. Como demonstrado enfaticamente pelo Cônego Vanstone, essa natureza se revela na cruz e na ressurreição de Jesus como uma natureza de amor irrestrito, e ela não simplesmente elimina o sofrimento, mas compartilha e supera o sofrimento pela paciência do amor".<sup>490</sup> Ward amplifica essa reflexão quando escreve mais tarde: "A vida de Jesus, de curar os doentes, perdoar os pecadores, tornar-se amigo dos párias sociais e acabar com a hipocrisia, é uma imagem muito boa do amor compassivo e difundido de Deus. Por causa dessa revelação, Deus pode ser adorado não apenas como a fonte de todo poder e sustentador de todas as coisas, mas como um Pai (ou até uma Mãe) que cuida das pessoas finitas como seus filhos e quer que eles tomem total consciência de sua presença amorosa. No momento da *kenose*, Deus relaciona o ser divino com criaturas que têm autonomia e diversidade adequadas, o que é a vontade divina de não infringir".<sup>491</sup> Ward faz também um comentário importante: "Mas não consigo pensar em nada mais importante para a fé cristã em nossos dias do que recuperar o sentido verdadeiramente cósmico de redenção, que era característico tanto dos escritos bíblicos como dos Pais da Igreja. A redenção não será vista como salvação de uns poucos seres humanos da destruição de um pequeno planeta. Ela será vista como a reconstituição de todo o cosmos na presença de Deus, em uma forma mais gloriosa."<sup>492</sup>

Paul Fiddes, outro teólogo participante das discussões, frequentemente mencionava "as necessidades de amor". Essa referência a "necessidades" traz à mente as discussões em um capítulo anterior deste livro, onde observamos como as necessidades psicossociobiológicas e teológicas podem ter moldado, em momentos diferentes, as formas como as pessoas entenderam o Deus em quem acreditam. É interessante, portanto, que Paul Fiddes escreve:

Um diálogo teológico com a ciência sobre o conceito de necessidade não é, portanto, simplesmente uma questão de esclarecer que as verdadeiras necessidades de amor não são nem deficiências bioquímicas nem instintos brutos. Pelo contrário, ele deve ser uma exploração da continuidade e descontinuidade entre as funções de "nível inferior" e "nível superior" de necessidade. Em vez de criar uma separação entre "necessidades" e "amor", talvez possamos começar a traçar o caminho percorrido pelo Espírito criativo de Deus para atrair os seres criados ao longo do caminho evolutivo, até que as necessidades de sobrevivência não sejam canceladas por algo "superior", mas *transformadas* em um meio de fazer uma identidade verdadeiramente pessoal. Uma necessidade que emerge de algo que "falta" no contexto da estrutura física do cérebro (por exemplo, um esgotamento químico ou eletroquímico) torna-se uma

---

<sup>490</sup>. Ward, "Cosmos and Kenosis", 160.

<sup>491</sup>. Ward, "Cosmos and Kenosis", 164.

<sup>492</sup>. Ward, "Cosmos and Kenosis", 165.

"carência" totalmente diferente no âmbito pessoal (por exemplo, a certeza de que somos valorizados).<sup>493</sup>

## As Origens Evolutivas e o Surgimento do Comportamento Quenótico

Vejamos novamente o e-mail enviado a mim por um estudante, mencionado no Prefácio. Ele escreveu: "Também ouvi dizer que nossa moral pode ser totalmente atribuída aos processos científicos evolutivos. Você acha que é verdade? Se for, isso a torna menos valiosa/preciosa? Isto é típico das dúvidas que surgem na mente de estudantes cristãos que racionalizam quase tudo e que frequentam um curso de psicologia evolutiva. Como você responderia? A compreensão do surgimento do comportamento quenótico é um exemplo específico das questões gerais levantadas por este estudante. Minha abordagem é ilustrada em meu capítulo "*The Nature of Persons and the Emergence of Kenotic Behavior*" (A Natureza das Pessoas e o Surgimento do Comportamento Quenótico), que resumiu algumas das evidências para o surgimento do "comportamento de autodoação" no curso da evolução biológica. Prestar atenção ao que sabemos sobre a *sustentação divina* de Deus na criação, excluindo o que foi revelado - na pessoa de Jesus Cristo - sobre sua *participação divina* na criação, apresentaria uma visão desequilibrada da relação de Deus com sua criação, que não faz justiça às evidências disponíveis. Isso encolheria Deus. Uma fonte ilustrativa de evidências relevantes que apontam para o surgimento de elementos de comportamento quenótico na criação feita por Deus vem da ciência contemporânea, que descreve as formas com que os aspectos do comportamento de autodoação e autossacrifício são pesquisados e debatidos por biólogos evolucionistas, psicólogos e neurocientistas. Por exemplo, o biólogo evolucionista Frans de Waal escreveu que, "ajudar os outros a um custo ou risco para si mesmo é algo muito comum no mundo animal".<sup>494</sup> É instrutivo colocar ao lado desta afirmação as palavras do teólogo Jürgen Moltmann, um dos participantes da reunião de Cambridge, que ao discutir a autodoação, escreveu que "a essência trinitária de Deus, é, portanto, a marca de todas as suas obras".<sup>495</sup>

Moltmann escreveu como teólogo sistemático e de Waal como primatólogo. Isso sugere uma convergência de pensamentos sobre esse assunto. Isso nos lembra que precisamos ter em mente as palavras de Pascal em 1670: "É perigoso mostrar a um homem o quanto ele se assemelha à besta, sem ao mesmo tempo lhe mostrar sua grandeza. Também é perigoso

---

<sup>493</sup>. Fiddes, "Creation Out of Love", 177.

<sup>494</sup>. de Waal, *Good Natured*.

<sup>495</sup>. Moltmann, "God's Kenosis", 145.

permitir uma visão muito clara de sua grandeza sem sua miséria. É ainda mais perigoso deixá-lo na ignorância de ambas.”<sup>496</sup>

O que acontece se ouvirmos os biólogos evolucionistas em suas reflexões sobre a evolução da ajuda aos outros? A teoria evolucionista busca explicar a evolução da ajuda aos outros de duas formas gerais:

1. Ela argumenta que os genes que favorecem o altruísmo podem se espalhar em gerações futuras, pois seus custos para o sucesso reprodutivo pessoal dos altruístas são compensados pelos benefícios no sucesso reprodutivo de seus familiares portadores de cópias do mesmo gene (seleção de parentes). A proporção desses benefícios indiretos através de familiares, versus custo para si mesmo, precisa ser maior quanto menos o altruísta estiver relacionado com aqueles que ele ajuda - ou seja, quanto menor a probabilidade de o altruísta estar ajudando cópias de seus genes no outro.
2. Ela propõe que os genes que favorecem o altruísmo poderiam se espalhar se este for suficientemente recíproco (altruísmo recíproco).

Com relação ao primeiro mecanismo, os exemplos são muitos no reino animal. Algumas de suas formas mais extremas são encontradas, como seria de se esperar, nas espécies estranhas em que os indivíduos de uma colônia são em geral altamente relacionados entre si - insetos sociais, como abelhas e formigas, em que a relação genética dos trabalhadores entre si e com a rainha é de cerca de 75%. Um dos exemplos mais gráficos são as formigas pote de mel obreiras, que não fazem nada além de ficar penduradas no teto da colônia, atuando como receptáculos ou reservatórios para o armazenamento de mel, que são enchidos por outras obreiras, e que a colônia absorve quando necessário. No nível individual, isso é autossacrifício real! Exemplos de altruísmo recíproco parecem ser muito mais raros. Tirando os humanos, existem apenas uns poucos exemplos. Um caso clássico são os morcegos vampiros, que correm o risco real de morrer de fome se não agirem com sutileza suficiente para obter sua refeição de sangue de uma noite, alimentados em sua colônia por companheiros de ninho não relacionados, a quem provavelmente retribuirão o favor em outra noite.<sup>497</sup>

Os exemplos citados devem imediatamente fazer surgir a advertência de que não devemos supor que, como dois comportamentos parecem semelhantes, os mecanismos subjacentes a eles são semelhantes ou idênticos. Estamos hoje suficientemente familiarizados com nossa capacidade de reproduzir aspectos do comportamento humano e animal em robôs, mas ninguém sugere que os mecanismos subjacentes que produzem esses comportamentos sejam necessariamente os mesmos. Pelo fato de podermos observar

---

<sup>496</sup>. Pascal, *Pensées*.

<sup>497</sup>. Wilkinson, “Reciprocal Food Sharing.”

comportamentos de autodoação e autossacrifício em diferentes filões evolutivos, isso em si não nos diz nada sobre os mecanismos subjacentes a esses comportamentos. Como, por exemplo, poderia haver autodoação se não existe a consciência do eu? Se existe, no caso de qualquer grupo particular de animais, a consciência do eu é uma pergunta muito difícil de responder. Há alguns exemplos convincentes, baseados em evidências anedóticas, de que as semelhanças entre humanos e primatas não humanos podem ser suficientes para exigir uma fundamentação forte antes de negarmos que eles não tenham autoconsciência do que estão fazendo. Jane Goodall descreveu exemplos de comportamento de chimpanzés que nos fazem parar para refletir. Ela descreveu, por exemplo, uma fêmea ajudando sua mãe, que dificilmente poderia devolver a ajuda ou reproduzir novamente. A natureza anedótica da observação pode ser cientificamente problemática, mas é certamente diferente dos casos da formiga e do morcego mencionados acima. Parece ser um episódio atípico, no qual a fêmea reconheceu sua mãe que precisava de ajuda e encontrou um meio para ajudá-la.<sup>498</sup>

O debate vai continuar. De Waal não tem dúvidas de que “A evolução produziu os requisitos de moralidade: uma tendência a desenvolver normas sociais e aplicá-las, a capacidades de empatia e simpatia, a ajuda mútua e o senso de justiça, os mecanismos de resolução de conflitos e assim por diante”.<sup>499</sup> Há, portanto, um bom argumento para justificar que alguns aspectos do comportamento de autodoação e autolimitação podem ser vistos como se desenvolvendo sobre as divisões evolutivas, tornando-se cada vez mais pronunciados entre os primatas não-humanos. De Waal comenta: “Antes considerados como assuntos puramente espirituais, a honestidade, a culpa e o peso dos dilemas éticos são rastreáveis a áreas específicas do cérebro. Não deve nos surpreender, portanto, encontrar paralelos animais. O cérebro humano é um produto da evolução. Apesar de seu maior volume e complexidade, ele é fundamentalmente similar ao sistema nervoso central de outros animais”.<sup>500</sup>

Aqueles de nós que partimos de pressupostos teísticos, podemos assim ver inseridas na criação as sementes, o desenvolvimento e os frutos do comportamento de autodoação. O curso da criação tem sido tal que as qualidades do comportamento de autodoação e autolimitação, incorporadas nos substratos neurais do comportamento, podem ser rastreadas, chegando à floração plena na humanidade. Em resumo, à medida que aumenta nosso conhecimento dos efeitos da sustentação divina sobre a longa história da evolução,

---

<sup>498</sup>. Goodall, *Chimpanzees of Gombe*.

<sup>499</sup>. de Waal, *Good Natured*, 82.

<sup>500</sup>. de Waal, *Good Natured*, 96.

estamos começando a vislumbrar meios pelos quais a capacidade de comportamento quenótico pode ter surgido.

Dentro da tradição cristã não é necessário negar o surgimento de elementos de comportamento quenótico em primatas não humanos para defender a singularidade da autodoação e do autoesvaziamento de Cristo. Pelo contrário, o que vemos do início do comportamento quenótico em primatas não humanos, e do comportamento humano individual e grupal, é demonstrado por excelência e singularmente na pessoa de Cristo. É por meio da fé que afirmamos que o ato final da autodoação de Cristo, por sua natureza, distingue a ele e seu ato de todos os outros. Ele se entregou, cremos (como descreve o *Livro de Oração Comum* anglicano) “como um inteiro, perfeito e suficiente sacrifício, oblação e satisfação pelos pecados de todo mundo”.<sup>501</sup> Assim, embora reconhecendo nosso parentesco com Cristo, ao mesmo tempo reconhecemos sua singularidade nesse ato de suprema autodoação, “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Cor 5:19 ACF). Ao mesmo tempo, apesar de felizmente podermos admirar que, na criação, temos vislumbres do surgimento de um comportamento de autossacrifício, devemos nos sentir desafiados em saber que nossas próprias tentativas de seguir nosso modelo são muitas vezes tão débeis. Nas palavras do teólogo William Sanday, no início do século 20, nos lembramos que ainda acreditamos que Cristo é mais do que humano "pelas marcas que têm sido invocadas ao longo dos séculos como prova de que nele a divindade e a humanidade estavam combinadas".<sup>502</sup> Para repetir as palavras de Polkinghorne citadas acima, "*Assim, a criação quenótica e a ação divina são lados opostos da mesma moeda teológica*".<sup>503</sup>

## **Sustentação Divina e Esvaziamento Divino: Um Equilíbrio Essencial**

A sustentação divina e esvaziamento divino são ambos verdadeiros. Se um deles é enfatizado ao ponto de diminuir ou ignorar o outro, então nos afastamos do claro ensinamento das Escrituras. E a consequência desse afastamento é encolhermos o Deus em quem confiamos. Então, um tema recorrente ao longo deste livro tem sido a necessidade de estarmos alertas para o perigo de encolhermos nossas ideias de Deus, deixando de fazer justiça à ênfase bíblica à divina sustentação do Universo por Deus, a cada momento. Entretanto, a consciência de que um tema central das Escrituras é a *sustentação divina* de Deus nunca deve nos permitir esquecer ou diminuir um tema igualmente central nelas

---

<sup>501</sup>. Igreja Episcopal, *Livro de Oração Comum*.

<sup>502</sup>. Sanday, *Christology and Personality*, 174.

<sup>503</sup>. Polkinghorne, “Kenotic Creation”, 97 (grifo nosso).

contido, ou seja, o mistério do *esvaziamento divino* de Deus, demonstrado unicamente na encarnação de Cristo e em sua obra redentora. *A sustentação divina e esvaziamento divino são ambos verdadeiros. Se um deles é enfatizado ao ponto de diminuir ou ignorar o outro, então nos afastamos do claro ensinamento das Escrituras. E a consequência desse afastamento é encolhermos o Deus em quem confiamos.*

A referência direta nas Escrituras à sustentação da ordem natural por parte de Deus é encontrada, por exemplo, nas próprias palavras de nosso Senhor, quando ele diz que Deus “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mt 5:45 ACF), ou quando ele afirma que é seu Pai e nosso Pai que alimenta “as aves do céu” (Mt 6:26). Nenhuma dessas passagens diz algo a mais ou contrário a uma explicação física dos movimentos dos planetas ou da forma como as aves são alimentadas. O que está implícito é que quando terminamos de analisar o movimento do sol ou o comportamento alimentar das aves em termos físicos, resta um novo sentido a ser dado ao mesmo padrão de eventos, se quisermos fazer plena justiça ao modo como é o mundo.

## **Quando As Evidências Podem Exigir Duas Explicações: Indicadores da Ciência**

Às vezes, é necessário apresentar duas narrativas para os mesmos eventos a fim de fazer plena justiça ao significado dos mesmos. Donald MacKay contou uma história imaginária a duas pessoas sentadas no topo de um penhasco olhando para o mar.<sup>504</sup> Uma delas, um físico muito entusiasta, assim diz a história, chegou a carregar alguns de seus equipamentos científicos com ele no porta-malas de seu carro. Ao sentarem-se ali nos penhascos, eles viram uma luz piscando no mar. O físico se gabava de que, com algum tempo, ele seria capaz de dar um relato completo de tudo o que estava acontecendo, o comprimento de onda, a taxa de emissão, a frequência e várias outras características da luz que piscava. Seu amigo, porém, começou a ficar muito agitado, pois no passado distante, ele aprendeu o código Morse e tinha cada vez mais certeza de que as luzes que piscavam também comunicavam uma mensagem. Na verdade, elas diziam que o pedaço de penhasco sobre o qual eles estavam sentados estava começando a desmoronar e logo deslizaria para o mar. Pode-se razoavelmente esperar que um físico dê uma descrição completa e exaustiva, em termos físicos, de tudo o que estava ocorrendo na fonte de luz e, no entanto, isto por si só deixaria de fora outro aspecto, e nas circunstâncias, indiscutivelmente mais importante, do mesmo fenômeno. O significado e a significância neste caso estavam lá para quem fosse capaz e estivesse disposto a entender de uma forma diferente. O ponto é que antes de assumir que

---

<sup>504</sup>. Jeeves and Berry, *Science, Life, and Christian Belief*, 80.

duas afirmativas sobre o mesmo fenômeno são contraditórias, é preciso ter certeza de que não são, na verdade, logicamente complementares.

A história da ciência ilustra bem este princípio de complementaridade. Nos anos 1800, a forma ortodoxa de imaginar a luz era em termos de ondas que se espalhavam pelo espaço. A evidência para isso era muito convincente. Parecia claro que a visão anterior de imaginar a luz como um fluxo de partículas estava errada e deveria ser abandonada. Porém, a situação mudou novamente quando se descobriu que, em certas situações antes inexploradas, a luz se comportava de maneira bem diferente, como um granizo de partículas minúsculas. Qual era a imagem verdadeira, a da onda ou a da partícula? Somente depois de muita reflexão ficou claro que a resposta correta era que *ambas as imagens podiam ser válidas; as duas interpretações não eram rivais, mas complementares*. A lição é que não podemos deduzir conclusões contraditórias pelo uso apropriado de duas abordagens experimentais para a natureza da luz porque elas representam respostas a diferentes tipos de perguntas. O princípio de “complementaridade”, enunciado pela primeira vez pelo físico Niels Bohr,<sup>505</sup> *é usado aqui como uma analogia* e, em nenhum sentido, como prova da necessidade de complementaridade dos pontos de vista cristãos e científicos. Por mais satisfeitos que estejamos com a compatibilidade das duas imagens, somente os fatos da experiência podem nos convencer de que ambas são necessárias. Estamos tratando aqui de um ponto lógico, não científico, mas que está aberto a abusos e mal-entendidos fáceis. Por essa razão, precisamos ver claramente as condições em que pode ser legitimamente utilizado. Caso contrário, pode facilmente se tornar uma saída de emergência para usarmos quando nos vemos encurralados nas discussões sobre a relação entre ciência e fé. O ponto um tanto negativo que surge de tudo isso é que, antes que as afirmações religiosas e científicas sejam debatidas como rivais, é necessário estabelecer que elas não são de fato complementos. É claro que também é necessário perceber e reconhecer que a prova de complementaridade não pode estabelecer que qualquer das narrativas seja verdadeira.

Frisando a necessidade de reconhecer que, às vezes, é necessário mais de uma narrativa da realidade para fazer plena justiça a toda a nossa experiência, Freeman Dyson, em seu discurso na cerimônia em 2000 ao receber o Prêmio Templeton, recomendou mais respeito e compreensão entre cientistas e teólogos, observando:

Ciência e religião são duas janelas através das quais as pessoas olham, tentando entender o grande universo exterior, tentando entender o porquê de estarmos aqui. As duas janelas dão diferentes visões, mas elas se abrem para o mesmo universo. As

---

<sup>505</sup>. Bohr, *Atomic Theory*.

duas visões são unilaterais, nenhuma é completa. Ambas deixam de fora aspectos essenciais do mundo real. E ambas merecem respeito.<sup>506</sup>

## O Cuidado Providencial de Deus

Refletindo sobre a ênfase do teólogo Bill Carroll na incessante sustentação divina de Deus, Denis Alexander fez a pergunta: "Como devemos entender o termo 'providência' em relação à criação de Deus?"<sup>507</sup> Alexander acredita que Bruce Ware apresentou uma definição útil do termo "providência". Ware escreveu: "Deus planeja exaustivamente e realiza meticulosamente sua perfeita vontade como só ele sabe melhor, em relação a tudo o que está no céu e na terra, e o faz sem falhas nem derrotas, cumprindo seus propósitos em toda a criação desde os menores detalhes até os grandes propósitos de seu plano para toda a ordem criada".<sup>508</sup>

Surpreendentemente, talvez, para uma doutrina tão cristã, ao procurar a palavra "providência" na tradução NVI [em inglês] da Bíblia, Denis Alexander observou que ela só ocorreu uma vez, no livro de Jó:

Foram as tuas mãos que me formaram e me fizeram.  
Irás agora voltar-te e destruir-me?  
Lembra-te de que me moldaste como o barro;  
e agora me farás voltar ao pó?  
Acaso não me despejaste como leite e não me coalhaste como queijo? Não me vestiste de pele e carne e não me juntaste com ossos e tendões?  
Deste-me vida e foste bondoso para comigo  
e na tua *providência* cuidaste do meu espírito. (Jó 10:8–12 NIV, na AKJ em português)

"Esta passagem", escreve Alexander, "nos dá outro exemplo da imanência de Deus na ordem criada, neste contexto, a criação do indivíduo humano. Somos lembrados da declaração do salmista sobre a fé em Deus: "Tu criaste o íntimo do meu ser e me teceste no ventre de minha mãe" (Salmos 139:13 AKJ).<sup>509</sup> Alexander continua:

A providência de Deus é vista na Bíblia como desenvolvida através das biografias tanto de crentes como de não crentes. O Antigo Testamento concebe Deus despertando "o coração de Ciro, rei da Pérsia, para redigir uma proclamação e divulgá-la em todo o seu

---

<sup>506</sup>. Dyson, "Science and Religion", n.p.

<sup>507</sup>. Alexander, "Creation, Providence, and Evolution."

<sup>508</sup>. Ware, "Prayer", 128.

<sup>509</sup>. Alexander, "Creation, Providence, and Evolution", 272.

reino” (Esdras 1:1 AKJ) da mesma forma que Deus então despertou os corações de seu povo para retornar a Jerusalém para “construir o templo do SENHOR” (Esdras 1:5).<sup>510</sup>

## Divina Sustentação e a Providência de Deus

O texto clássico mais frequentemente citado quando se pensa no cuidado providencial de Deus está no livro de Hebreus onde lemos: “Ele [o Filho], que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando tudo o que há pela Palavra do seu poder.” (Hb 1:3 AKJ). Se afirmamos que Deus, momento a momento, sustenta providencialmente toda a sua criação, incluindo nós mesmos, estamos rejeitando o deísmo, a ideia de que Deus criou as leis da natureza e depois se afastou de sua criação e de qualquer outro envolvimento ativo com ela. O deísmo está em nítido contraste com o tipo de teísmo cristão que ressoa com minha experiência de vida - cujos eventos apoiam o envolvimento ativo de Deus, momento a momento, em sua criação e no decorrer de minha vida. Esse envolvimento significa que, sem Deus, nada existiria. Sem Deus, todo o conceito de “leis da natureza” não existiria. Quando falamos sobre leis da natureza, nos referimos simplesmente a nosso modo de descrever nossa percepção da lealdade de Deus em sua ordem criada, começando com a autoria da criação por ele, e continuando a cada dia através de sua atuação para manter a integridade dessa criação.

Outra armadilha ao se pensar sobre o significado da divina sustentação é acreditar que falar da providência de Deus necessariamente implica determinismo. Os exemplos que demos nos capítulos anteriores do cuidado providencial de Deus com seu povo durante todo o êxodo e de sua provisão constante hoje para nós através das descobertas da medicina moderna não implicam qualquer crença necessária em determinismo.

Reconhecendo que ainda restam problemas quando tentamos manter em delicado equilíbrio a sustentação divina e o livre arbítrio humano, Denis Alexander pergunta: "Como Deus pode despertar providencialmente os corações humanos e garantir que a ordem criada cumpriu suas intenções e propósitos sem subverter a verdadeira liberdade humana"? Sua resposta:

Não sabemos, embora uma quantidade volumosa de literatura aborde precisamente esse ponto. Infelizmente, algumas obras têm forte ênfase na providência e soberania à custa do livre arbítrio humano, ao passo que outras diminuem a Providência em uma tentativa de defender o livre arbítrio. Tais extremos dicotômicos são totalmente desnecessários, e as Escrituras ilustram alegremente as realidades tanto do genuíno livre arbítrio humano quanto da providência de Deus em praticamente todas as

---

<sup>510</sup>. Alexander, “Creation, Providence, and Evolution”, 272.

páginas, sem ver nenhuma tensão necessária entre estes dois aspectos essenciais da ordem criada. Claramente, o que é um problema para nossas mentes muito limitadas não é um problema para Deus.<sup>511</sup>

Alexandre resumiu assim seu pensamento sobre este assunto: "A Bíblia vê as obras de Deus ocorrendo igualmente nas diversas manifestações de sua atividade, seja no funcionamento mais "regrado" do mundo natural (Sl 33:6–11), em eventos do acaso (Pv 16:33), ou em seu controle do clima (Sl 148:8), que descrevemos hoje usando a teoria do caos. Nunca há na Bíblia uma pista de que certos tipos de eventos no mundo natural são mais ou são menos a atividade de Deus do que qualquer outro evento".<sup>512</sup>

## **Mantendo um Equilíbrio Delicado. Modelos para Ajudar nossa Reflexão sobre a Sustentação Divina**

O desafio persiste, podemos construir um “modelo pensado” da relação de Deus, fora e dentro de sua criação? As tentativas anteriores incluíram os modelos do artista criativo e do artesão? Donald MacKay, adaptando nosso pensamento sobre a arte criativa aos desenvolvimentos do século 20 na tecnologia moderna, nos permitiu construir um quadro no qual nosso Criador está ativo dentro do drama de nossa existência cotidiana, não apenas em seu poder de sustentação criativa momento a momento, mas também de alguma forma misteriosa em sua autorrevelação pessoal.<sup>513</sup> Se fomos começar a fazer justiça à nossa compreensão da relação de Deus com sua criação, precisamos usar diversos modelos, cada um com foco em um aspecto particular do relacionamento. No passado, os chamados modelos de artesão e artista criativo ajudaram, mas tinham em comum um problema radical pelo fato de deixarem de fazer justiça ao ensinamento bíblico claro de que Deus continua a sustentar o universo e a mantê-lo em existência, momento a momento. Eles nos deixam com um quadro do Criador que finaliza seu trabalho artístico e então para por aí. Portanto, a questão se transforma em como podemos ficar um pouco mais perto de fazer plena justiça à atividade contínua de Deus em relação à criação? É neste ponto que a construção do modelo "autor e artista criativo" de Dorothy Sayers pelo falecido Donald MacKay é útil, ainda que em alguns aspectos permaneça controverso. MacKay convidou seus leitores e leitoras a adaptar seu pensamento sobre a arte criativa aos modernos desenvolvimentos tecnológicos de meados do século 20. Ele nos pede para imaginar um artista que, ao invés de usar telas e óleos, usa uma tela de televisão para mostrar sua criação. Além disso, ele usa o equipamento de transmissão de uma estação de televisão

---

<sup>511</sup>. Alexander, "Creation, Providence, and Evolution", 273.

<sup>512</sup>. Alexander, "Creation, Providence, and Evolution", 284.

<sup>513</sup>. Jeeves, *Scientific Enterprise*, 23.

para gerar o quadro que é retratado para nós. A diferença importante entre essa variante do modelo de artista criativo e a do artista mais tradicional é que o quadro na tela *continua a existir e tem sua forma atual apenas desde que nosso artista continue a gerar o programa que expressa sua mente*. No momento em que ele parar, nosso quadro deixa de existir. Esse modelo resolve o problema dos modelos anteriores do artista criativo pelo fato de que ele destaca a atividade contínua do artista em manter sua criação em existência, momento a momento.

Com essa forma de pensar em mente, MacKay escreveu:

Vamos imaginar o relacionamento do autor, como criador, com a obra literária que ele cria. Podemos notar imediatamente certas características relevantes disso, de modo que nosso autor, quando eventualmente concebe e profere sua obra literária, o faz como uma imagem única e coerente, incluindo o passado, presente e futuro dos personagens de sua história, e do mundo em que ele os define. Este fato nos ajuda a apreciar a distinção lógica entre o Criador do drama, que neste sentido é um espectador, e o do ator dentro do drama. Vamos retornar à relação entre a conversa de criador e criatura, mas neste momento, queremos simplesmente observar que é uma diferença real. O próximo passo é imaginar um personagem em uma obra literária que seja abordado por seus colegas personagens, alguns deles pedindo para conversar com ele em nome de seu criador e do criador deles. Obviamente, isso se refere à forma como, de tempos em tempos, os profetas falaram e precederam suas afirmações com palavras como “Assim diz o Senhor”.<sup>514</sup>

MacKay prossegue: “O mais surpreendente de tudo é que o personagem de nossa obra literária se vê repentinamente confrontado e abordado pessoalmente por um colega personagem que afirma ser idêntico ao criador de toda a obra literária e todos os seus personagens. Aqui, já estamos envolvidos no mistério da Encarnação”.<sup>515</sup> Dessa forma, MacKay adaptou e melhorou progressivamente a imagem do artista literário criativo, a fim de fazer justiça ao ensinamento bíblico que declara que Deus na eternidade, nosso Criador, também é idêntico àquele que falou pelos profetas, que estava em Cristo reconciliando o mundo consigo, e que ainda hoje continua a convidar o diálogo pessoal e as relações pessoais com as criaturas que ele criou.

O modelo do artista criador, porém, tem uma inadequação importante. Donald MacKay a abordou buscando se aproximar do que ele acreditava ser a imagem bíblica da relação de Deus com sua criação. MacKay acredita que temos que primeiro lembrar como a Bíblia começa com uma narrativa sobre a atividade criativa, que dá origem à existência de nosso mundo e de seus habitantes. A Bíblia nos lembra frequentemente (por exemplo Cl 1:17 e

---

<sup>514</sup>. Jeeves, *Scientific Enterprise*, 24–25.

<sup>515</sup>. Jeeves, *Scientific Enterprise*, 25.

Hb 1:3) que Deus não apenas sustenta a criação, incluindo nós mesmos, em existência, pela contínua atividade da palavra criativa, mas também que toda a confusão de eventos no espaço-tempo é sustentada e coexiste por e na mesma palavra criativa. Ainda mais importante, o quadro bíblico ensina que *nosso Criador está ativo dentro do drama de nossa existência*, não apenas em seu poder sustentador, momento a momento, *mas também de uma forma misteriosa em sua autorrevelação*. Como escreveu Donald MacKay,

Nosso Criador é mais que simplesmente o criador de nosso drama, ele é também o Criador-participante. Com isto em mente, devemos também observar que nada do que dizemos, por um lado, sobre nossa condição de criatura, pode distorcer ou diminuir a verdade que nos é transmitida, por outro lado, nas muitas imagens complementares, que nos retratam como filhos de um pai amoroso, como ovelhas que se desviaram, como filhos e filhas pródigos que receberam a oferta de um lar amoroso na casa de nosso pai.<sup>516</sup>

Vimos como, ao longo das Escrituras, Deus afirma repetidamente sua sustentação de sua criação, incluindo a nós, momento a momento. Por exemplo, no Antigo Testamento, o Salmo 77 enfatiza o cuidado providencial de Deus para com seu povo. Também vimos em um capítulo anterior como um estudo muito recente e detalhado dos milagres do Êxodo ilustra como *Deus trabalha por meio de “eventos naturais”*, eventos bem documentados ocorridos na região onde houve o êxodo. *O Deus relevado nas Escrituras não é um Deus do último recurso quando tudo o mais fracassa*. Ele está ali o tempo todo, sustentando sua maravilhosa criação e nossas vidas, vividas dentro dessa criação. *Enfrentamos o perigo constante de minimizar o Deus da criação e o sustentador de todas as coisas a um Deus conveniente*, adaptado a nossos moldes, para nossos propósitos transitórios imediatos. Quando e se fizermos isso, *Deus é diminuído* a um deus ao qual podemos recorrer para defender as afirmações que fazemos para e/ou sobre nossas crenças particulares para sustentar um argumento para provar a existência de Deus, por exemplo, fazendo referência a eventos de cura dramáticos e temporários ou mudanças súbitas na prosperidade pessoal, ligados à fé. A mensagem é clara, o Deus de todo este mundo, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, dos apóstolos, o Deus encarnado em Jesus Cristo, de Paulo e das primeiras pessoas cristãs perseguidas, não pode ser assim manipulado para nossos propósitos. Ao invés disso, nossa resposta é reconhecer sua maravilhosa majestade, curvar-nos diante dele e o adorar.

## Um Olhar para o Passado e para o Futuro

Os capítulos anteriores documentaram as formas pelas quais, em uma série de assuntos em que os avanços na ciência têm impacto em algumas crenças cristãs tradicionais e antigas,

---

<sup>516</sup>. Jeeves, *Scientific Enterprise*, 24.

houve, com muita frequência, uma reação instintiva que resulta em minimizar significativamente o Deus em quem o povo cristão acredita frente ao Deus das Escrituras. O Deus que criou todas as coisas e as mantém em existência está sendo constrangido a um Deus que preenche as lacunas deixadas depois que a ciência fez seu trabalho. Muitos tópicos diferentes poderiam ter sido selecionados para ilustrar esse preenchimento habitual de lacunas, entretanto, selecionei, a título de exemplo, áreas da ciência nas quais estive direta ou intimamente envolvido por meio século. Dentre eles, nossa compreensão das origens humanas, a natureza humana, os milagres da natureza e de cura. Em cada exemplo, destaquei a necessidade de ouvir criteriosamente tanto os relatos de estudiosos da Bíblia dedicados sobre seus novos conhecimentos sobre as origens, a natureza e a compreensão adequada das Escrituras, como ouvir o fluxo de relatos de desenvolvimentos incríveis da ciência.

Os efeitos da mídia social hoje são tão abrangentes que, certamente, no mundo ocidental, poucos podem ficar por muito tempo sem tomar conhecimento dos grandes avanços da ciência contemporânea. A forma como os resultados das pesquisas é relatada nem sempre é neutra. Às vezes, eles são desvirtuados para os propósitos de propaganda de quem os quer usar para apoiar sua agenda particular. O que isto significa é que o sincero pedido de ajuda do estudante, ilustrado e documentado no Prefácio deste livro, não será um evento isolado. Como observado, uma sucessão de análises feitas por grandes fundações na América, como o Centro de Pesquisa Pew e o Grupo Barna, continua a destacar o fato de que muitas pessoas cristãs sérias se veem desafiadas em algumas de suas crenças básicas pelos relatos da mídia sobre os avanços da ciência. Não apenas a juventude que racionaliza precisa de ajuda. Também os pastores, que são tão ocupados que simplesmente não têm tempo para se manter atualizados com os rápidos avanços científicos reportados pela mídia e, mais importante, com suas implicações potenciais para algumas crenças cristãs básicas.

Subjacente e permeando todas as nossas discussões está a necessidade de reconhecer a tentação, com demasiada facilidade e frequência, de se afastar da compreensão robusta da natureza da fé e da crença, como ensinada e ilustrada em toda a Escritura. Tão prevalentes e persuasivas são nossas necessidades diárias e esperanças que todos aceitamos muito facilmente apresentações da fé cristã destinadas a satisfazer as necessidades temporárias que sentimos, em vez de povo desenvolver a vida de discipulado para a qual todo o cristão é chamado. O desejo de atender tanto as necessidades imediatas como as de longo prazo foi ilustrado pelo trabalho de alguns dos maiores teóricos da personalidade do século 20. A lista de *necessidades psicológicas* sugerida por diferentes teóricos da personalidade contém temas comuns e também perspectivas notadamente divergentes, por exemplo, se as pessoas são basicamente boas ou más, se a motivação humana é principalmente consciente ou inconsciente, e se a tensão dentro da personalidade ajuda ou dificulta o crescimento

pessoal. Até o momento, nenhum dos modelos no mercado conseguiu obter aceitação generalizada entre os psicólogos. Persiste o fato de que *todos nós sucumbimos muito facilmente às apresentações do evangelho cristão que se concentram nas necessidades que sentimos*, como, por exemplo, a necessidade de cura de nossas enfermidades ou a necessidade de prosperar em nossa vida diária. Por estas razões, dedicamos um capítulo para colocar a verdadeira fé cristã sob o microscópio e recordamos a necessidade de lembrar que, como apresentada e encarnada na vida de Jesus Cristo e seus discípulos, a fé viva, acima de tudo, exige uma resposta amplamente abrangente ao chamado ao discipulado cristão.

Para concluir, destacamos o *esvaziamento divino* como um tema constante das Escrituras. Este é um tema muito abordado pelos escritores do Novo Testamento. Lembramo-nos da sempre presente tentação de contar apenas metade da história. Isso significa que não podemos nos satisfazer em enfatizar a divina sustentação, deixando de manter em igual equilíbrio o autoesvaziamento de Deus. *Precisamos manter em delicado equilíbrio tanto a soberania divina de Deus quanto seu autoesvaziamento divino. Somente com esse equilíbrio podemos evitar, novamente, “encolher Deus”.*

---

## Posfácio

No Prefácio, citei um e-mail de um estudante que enfrentava dificuldades em manter sua fé cristã em vista do que parecia ser uma série de desafios a ela, causados pelos aparentes conflitos entre o que ele aprendia em suas aulas de ciência na faculdade e o que ouvia do púlpito de sua igreja local. Diversas pesquisas nos Estados Unidos sugerem que este não é um incidente isolado. O caminho que percorremos neste livro examinou alguns dos desafios citados com mais frequência e mais preocupantes, levantados por estudantes honestos e se apoiam na razão dos dias de hoje. A abordagem adotada foi um olhar com mente aberta, mas ainda crítica a como uma pessoa cristã honesta e vive no mundo da razão, que leva sua fé a sério e tem muito apreço pelas Escrituras, pode ter uma mente aberta e honesta à medida que mais e mais desafios parecem surgir. Começamos com o lembrete de que a tentação de encolher o Deus em quem acreditamos em face dos desafios da ciência, de um lado e, do outro, das interpretações equivocadas das Escrituras não é uma coisa nova. J. B. Phillips escreveu sobre isso com eloquência setenta anos atrás. Desde então, os maiores teólogos e cientistas dos dois lados do Atlântico têm repetido sua mensagem.

Talvez a primeira e mais importante lição que aprendemos foi a necessidade de lembrar que o conhecimento em todos os campos avança inexoravelmente. Isso se aplica da mesma forma às interpretações das Escrituras e ao entendimento das implicações mais amplas dos avanços da ciência. Avanços nos dois lados têm implicações para algumas das visões mais difundidas sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos. Tomamos como exemplos os avanços em nossa compreensão das origens humanas e da natureza humana. Esses dois temas continuam a evoluir com base nas pesquisas científicas e nos estudos bíblicos. Nós os usamos como exemplo de como, sob um escrutínio minucioso e detalhado, eles podem ser mutuamente esclarecedores. Ao uni-los de forma construtiva, fomos apresentados a um Criador e Deus Sustentador ainda maior e mais maravilhoso.

Em reflexão, descobrimos com que facilidade e frequência a fé, da forma descrita e exemplificada nas Escrituras, se torna fechada em apenas um de seus aspectos, de forma a deixar de ser uma vida totalmente comprometida de confiança e discipulado. A fé, como vimos, muito facilmente passa a se focar na alegada singularidade de passar por uma experiência emocional, afirmar uma doutrina em particular, participar de certas ações ou atender a certas necessidades temporárias sentidas. Uma análise breve das vidas de

algumas pessoas de fé importantes do passado, dentro das Escrituras e aqueles cujas vidas são documentadas na história da igreja cristã, imediatamente refuta algumas das caricaturas simplistas da fé à venda no mercado religioso de hoje. Infelizmente, algumas dessas visões minimizadas da verdadeira fé cristã são frequentemente associadas com as alegações de curas misteriosas que, ao passar por uma inspeção minuciosa, se mostram totalmente infundadas. Que milagres acontecem está bem documentado ao logo das Escrituras e eles são vistos como manifestações da atividade contínua do Deus que criou todas as coisas e que, momento a momento, sustenta todas as coisas com seu poder. Milagres não são magia religiosa. Eles dão o testemunho da carinhosa atividade constante de um Deus amoroso.

Por fim, observamos que, se quisermos fazer justiça a todos os ensinamentos das Escrituras, precisamos sempre colocar a mesma ênfase na atividade autoesvaziadora de Deus assim como em sua divina sustentação. É Cristo que estava antes de todas as coisas, sustenta todas as coisas e, em seu autoesvaziamento e autodoação, não só nos deu um exemplo a seguir, mas, em seu Calvário e em sua ressurreição, alcançou nossa salvação plena e completa. Nas palavras de um verso de uma canção de Natal, a criança nascida em Belém era de fato,

*O Senhor da Criação e Salvador de todos.*<sup>517</sup>

---

<sup>517</sup>. Do cântico “A Maiden Most Gentle”, do Venerável Bede (parafraseado por Andrew Carter).

# APÊNDICE

## PARA APROFUNDAR: GUIA PARA ESTUDO E DISCUSSÃO

Um tema permanente deste livro tem sido as recompensas enriquecedoras de se vivenciar a vida cristã, que obtemos ao abordar tanto a ciência como as Escrituras, com uma mente aberta, interessada e crítica, sempre prontos a aprender mais e a nos aprofundar no discipulado cristão e um entendimento da fé cristã em toda a sua plenitude.

Um dos muitos benefícios da discussão em grupo é que cada membro traz uma vida inteira de experiências variadas na vivência da vida cristã dentro de diferentes tradições religiosas históricas, em diferentes contextos e talvez em diferentes países. Cada pessoa também possui uma especialização única em diferentes áreas do conhecimento. Alguns têm conhecimento histórico, outros têm conhecimento científico especializado, e talvez alguns tenham familiaridade com as linguagens dos textos bíblicos originais. Todos esses, juntos, significam que qualquer tópico em discussão será beneficiado pela variedade de perspectivas adotadas pelos colaboradores.

Este apêndice traz algumas sugestões para facilitar o estudo individual e uma discussão em grupo significativa de cada capítulo, incluindo:

1. Indicadores a passagens relevantes das Escrituras;
2. Trechos do capítulo que concentram a atenção nos pontos chave;
3. Perguntas para a discussão do grupo ou meditação individual;
4. Sugestões de leituras adicionais sobre os pontos levantados em cada capítulo.

No nível prático, sugiro que, antes de cada reunião de discussão, membros diferentes do grupo se comprometam a fazer um pouco mais de leitura e pesquisa sobre os principais pontos levantados no próximo capítulo em consideração.

## PREFÁCIO E CAPÍTULO 1—SEU DEUS AINDA É PEQUENO DEMAIS? ECOS DO PASSADO

### Passagens das Escrituras

- a. João 1:14—*O Verbo se fez carne*
- b. Marcos 12:30—*Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças*
- c. Jó 42:3–5—*Coisas tão maravilhosas que eu não poderia saber.*

### Reveja e Reflita

Como estudantes universitários podem manter seu compromisso com a verdade, quando figuras de autoridade nas igrejas locais e nacionais parecem não estar cientes dos avanços empolgantes da ciência, que têm implicações teológicas em desacordo com o que é pregado nos púlpitos, ou que negam a verdade ou a relevância desses novos conhecimentos? (Prefácio)

A forma como chegamos a conclusões sobre o que a Bíblia ensina é uma parte indispensável da forma como a usamos. Ninguém chega à Bíblia como uma página em branco. Pelo contrário, chegamos com uma série de pressupostos e hábitos mentais, alguns conscientes e deliberados, outros como produtos da cultura, família, denominação e de nossa decadência e finitude pessoal. O mesmo se aplica aos comentaristas clássicos do passado cristão. (Prefácio)

Por que jovens que cresceram na igreja a abandonam em grande número em sua adolescência? Por que 50% das pessoas que cresceram na Igreja Batista do Sul dos EUA a abandonaram ao chegar aos 30 anos? De acordo com inúmeras pesquisas, uma das razões é que seus pastores lhes pedem que acreditem em explicações sobre o mundo em que vivem, que contradizem e negam totalmente o que Deus permitiu que cientistas dedicados descobrissem sobre esse mesmo mundo e sobre si mesmos. O compromisso com a verdade por meio do uso diligente de nossas mentes é uma responsabilidade cristã. (Capítulo 1)

### Perguntas para Discussão

1. Você concorda com a avaliação que, em muitos círculos cristãos, as atitudes relativas à ciência e a relação da ciência com a fé, no passado, reduziram nosso entendimento de Deus a um “deus das lacunas” ou a um “mágico divino” que adoramos?

2. Você consegue pensar em exemplos de como algumas apresentações do cristianismo hoje continuam a “encolher” Deus? Isso acontece dentro de sua igreja local?
3. Você concorda com N. T. Wright de que hoje existem “muitos deuses em oferta”?
4. O que caracteriza os “deuses em oferta” dominantes em sua situação cultural local e da igreja?
5. Quais aspectos da tecnologia moderna você acha que têm mais influência para moldar a apresentação e entendimento da mensagem cristã?
6. Você pode identificar exemplos específicos de como, dentro de sua comunidade cristã, é possível ver uma tendência de “fazer Deus em nossa própria imagem”? Como você pode contra-atacar essas tendências?
7. É possível, no nível da igreja local, estimular a leitura da Bíblia em seus contextos históricos e literários? Como você faria isso?

#### Sugestões de Leitura Adicional

Barna Group. “Atheism Doubles among Generation Z.” 24 de janeiro de 2018. <https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/>.

Cootsona, Greg. “Apologetics Needs a ‘Systems Upgrade’ for Emerging Adults.” *BioLogos*, 18 de dezembro de 2019. <https://biologos.org/articles/apologetics-need-a-system-upgrade-for-emerging-adults>.

Pew Research Center. “Perception of Conflict between Science and Religion.” 22 de outubro de 2015. <https://www.pewresearch.org/science/2015/10/22/perception-of-conflict-between-science-and-religion/>.

Pew Research Center. “Religion and Science.” 22 de outubro de 2015. <https://www.pewresearch.org/science/2015/10/22/science-and-religion/>.

Phillips J.B., *Seu Deus é Pequeno Demais. Um Guia para Crentes e Céticos* Londres: Simon & Schuster, 1952.

## CAPÍTULO 2—NADA DE NOVO SOB O SOL? A PROLIFERAÇÃO DE DEUSES

### Passagens das Escrituras

- a. Salmo 8—*Quão admirável é o nome de Deus*
- b. Isaías 2:8—*As pessoas adoram os ídolos que fizeram*
- c. Isaías 44:6–21—*Não existe outro Deus*

### Reveja e Reflita

A tentação de moldar nossa ideia de Deus de forma refletida ou irrefletida para se adequar aos nossos pressupostos e necessidades momentâneas está muito em evidência nos dias de hoje. Ela é evidenciada pelos resultados de inúmeras pesquisas nos Estados Unidos que estudaram as crenças da população cristã americana. (Capítulo 2, 30)

Eles relataram que a maioria das pessoas acredita que Deus concorda com o que quer que elas acreditem. (Capítulo 2)

### Perguntas para Discussão

1. Até que ponto estão difundidas as influências descritas por James Bryan Smith na formação da forma como a mensagem cristã é apresentada em sua igreja local? Por exemplo, o “evangelho da vergonha e do terror” já foi alguma vez aplicado nas apresentações do evangelho?
2. Quais são algumas das “necessidades sentidas” dominantes no mundo contemporâneo? Como elas podem dar forma à nossa compreensão e compartilhamento do evangelho?

### Sugestões de Leitura Adicional

Epley, Nicholas, et al. “Believers’ Estimates of God’s Beliefs Are More Egocentric Than Estimates of Other People’s Beliefs.” *PNAS* 106 (2009) 21533–38. <https://www.pnas.org/content/106/51/21533>.

Margolis, Michele. “When Politicians Determine Your Religious Beliefs.” *New York Times*, 1 de julho de 2018. <https://www.nytimes.com/2018/07/11/opinion/religion-republican-democrat.html>.

Pew Research Center. "When Americans Say They Believe in God, What Do They Mean?" 25 de abril de 2018. <https://www.pewforum.org/2018/04/25/when-americans-say-they-believe-in-god-what-do-they-mean/>.

Smith, James Bryan. *The Magnificent Story: Uncovering a Gospel of Beauty, Goodness and Truth*. Downers Grove, IL: IVP, 2017.

### **CAPÍTULO 3— “DEUSES” EM OFERTA: AMOSTRA DO MERCADO DO SÉCULO 20**

#### Passagens das Escrituras

- a. Miqueias 6:8—*O que é o que o SENHOR pede de ti?*
- b. Lucas 4:18–19—*Jesus traz boas novas de liberdade e luz*

#### Reveja e Reflita

O desafio de hoje, como no passado, é como manter um relacionamento próximo com a revelação bíblica de Deus e sua natureza e não sucumbir à tentação de "fazer deuses" apenas para satisfazer nossos próprios desejos e necessidades imediatas. O Deus da tradição hebraico-cristã não é um Deus reduzido, mas um Deus em constante expansão que espera que nossa espiritualidade se expanda a cada nova revelação do poder e da majestade de sua criação. (Capítulo 3)

#### Perguntas para Discussão

1. Você pode pensar em exemplos específicos em sua comunidade sobre como a tecnologia disponível e em uso já está moldando a forma como a mensagem do evangelho é apresentada?
2. De que maneiras o compartilhamento do evangelho se beneficiou com o uso crescente da tecnologia moderna?
3. Ao utilizar tecnologias específicas, quais são os perigos que podem distorcer o conteúdo da mensagem? Por exemplo, Shane Hipps está correto ao dizer que “Esta forma de fazer igreja... reforça o evangelho moderno que afirma o individualismo e a privatização da fé”?
4. Você pode pensar em algum avanço recente da ciência que tenha o potencial de expandir nossa compreensão da criação e de sua relação com Deus?

5. Qual é sua opinião sobre se a evidência de um universo em expansão tem alguma implicação em como devemos pensar sobre a criação e sua relação com Deus?

### Sugestões de Leitura Adicional

Economist. “Our Father, Who Art in Cyberspace: Churches Turn to the Internet to Reach Their Flocks.” *Economist*, 11 de abril de 2020. <https://www.economist.com/international/2020/04/11/churches-turn-to-the-internet-to-reach-their-flocks>.

Hipps, Shane. *The Hidden Power of Electronic Culture: How Media Shapes Faith, the Gospel, and the Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2005. <https://vialogue.wordpress.com/2011/12/21/the-hidden-power-of-electronic-culture-notes-review/>.

Horne, Marc. “Your DNA Points to Life Expectancy, Say Scientists.” *Times* [London], 15 de janeiro de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/your-dna-points-to-life-expectancy-say-scientists-npp2svjwc>.

Wright, N. T. “Hope Deferred? Against the Dogma of Delay.” *Early Christianity* 9 (2018) 37–82. <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/17178>.

## SEÇÃO II VISÃO GERAL E CAPÍTULO 4—ORIGENS HUMANAS: A EVIDÊNCIA DA CIÊNCIA

### Passagens das Escrituras

- a. Gênesis 1—*Deus criou o céu e a terra*
- b. Gênesis 2—*Deus deu o sopro de vida aos humanos*

### Reveja e Reflita

Somos criaturas estranhas e complicadas. Compartilhamos muitos traços, incluindo habilidades cognitivas e emoções, com outros animais, e aprendemos cada vez mais que os limites entre eles e nós são nebulosos e permeáveis. Surgem novos *insights* sobre a natureza humana com base nas pesquisas de biólogos evolucionistas, psicólogos evolucionistas, psicólogos sociais, neurocientistas cognitivos, neurologistas, geneticistas, arqueólogos e antropólogos. Como a mente humana atingiu seu estado e complexidade atuais continua a ser um mistério. Ainda estamos em busca de respostas para questões como: Como surgiu a consciência? Como se desenvolveu a linguagem?

Como surgiu o potencial para a tomada de decisões éticas e o comportamento moral? Ao começarmos a encontrar respostas para algumas destas perguntas, devemos questionar ainda mais qual é a relação entre estes entendimentos da natureza humana e os baseados no conceito teológico da humanidade feita à imagem de Deus. A compreensão das origens humanas é claramente um desafio multidisciplinar. A diversidade de opiniões pode ser positiva. Ela pode trazer uma consciência mais profunda da complexidade das questões em discussão e das evidências relevantes que precisam ser consideradas. (Capítulo 4)

### Perguntas para Discussão

1. Você acha que o modelo instintivo de conflito entre ciência e religião ainda está presente entre seus amigos e amigas cristãos?
2. Se estiver, por que você acha que ainda têm essa opinião? Você acha que faria diferença se tivessem uma melhor apreciação do relacionamento positivo que a ciência e a religião têm tido ao longo da maior parte da história?
3. Dos vários "novos insights" sobre nossa misteriosa natureza humana listados no capítulo 4, quais lhe pareceram mais importantes? Por quê?
4. Faz diferença para você que as evidências atuais indiquem que você é "um pouco Neandertal"? Se sua resposta for "Sim, faz diferença", isso se deve a você achar que existe uma base bíblica para essa preocupação? Se sim, você pode elaborar essa preocupação?

### Sugestões de Leitura Adicional

de Felipe, Pablo, e Malcolm A. Jeeves. "Science and Christianity Conflicts: Real and Contrived." *Perspectives on Science and Christian Faith* 69 (2017) 131–48. <https://www.asa3.org/ASA/PSCF/2017/PSCF9-17deFelipe.pdf>

Hardin, Jeff. "Biology and Theological Anthropology: Friends or Foes?" *BioLogos Forum*, Dezembro 2019. <https://wp.biologos.org/wp-content/uploads/2019/12/Biology-and-Theological-Anthropology-Friends-or-Foes.pdf>.

Krause, Johannes, et al. "The Complete Mitochondrial DNA Genome of an Unknown Hominin from Southern Siberia." *Nature* 464 (2010) 894–97. <https://www.nature.com/articles/nature08976>.

Lucas, Ernest C., et al. "The Bible, Science and Human Origins." *Science and Christian Belief* 28 (2016) 74–99.

## CAPÍTULO 5—ORIGENS HUMANAS: AS EVIDÊNCIAS DAS ESCRITURAS

### Passagens das Escrituras

- a. Gênesis 1 e 2—*Deus como Criador de tudo o que existe*
- b. Romanos 5:15–21—*Condenação por Adão, graça por Cristo*
- c. 1 Coríntios 15:20–58—*Vitória sobre a morte*

### Reveja e Reflita

Independentemente de termos ou não consciência disso, todos trazemos conosco um conjunto de premissas sobre como devemos entender e interpretar todas as coisas que lemos. (Capítulo 5)

Em um esforço para defender o Deus em quem acreditamos, atribuímos a ele “intervenções” diretas de tempos em tempos em sua ordem criada. (Capítulo 5)

### Perguntas para Discussão

1. O Professor Millard faz a pergunta: “Por que as pessoas, especialmente as cristãs evangélicas, querem encontrar a Arca de Noé?” Você acha que essa é uma pergunta justa? Se não, por que não? Essa é uma caricatura dos cristãos evangélicos? Você consegue pensar em outras caricaturas das crenças de pessoas cristãs evangélicas sobre ciência e religião que possam ser deturpadas?
2. Como as interpretações anteriores das Escrituras sobre as origens humanas tiveram o efeito de diminuir nossa compreensão do relacionamento de Deus com a criação? Você pode listar alguns exemplos específicos?
3. As opiniões dos estudiosos da Bíblia divergem sobre se já existiu um “Adão histórico”. Essa questão é importante, e se for, por que importa?
4. Qual é sua opinião atual sobre a existência de Adão e Eva? Você pode pensar em avanços da ciência ou da pesquisa bíblica que mudariam sua opinião?
5. Você concorda que o aspecto mais importante do que significa ser “feito à imagem de Deus” é que Deus nos deu a capacidade de um relacionamento pessoal com Ele? Como podemos desenvolver este relacionamento em nosso dia a dia como pessoas cristãs?

## Sugestões de Leitura Adicional

Barna Group. “Six Reasons Young Christians Leave the Church.” 27 de setembro de 2011. <https://www.barna.com/research/six-reasons-young-christians-leave-church/>.

Enns, Peter. “Why Young Christians Leave Church.” 2016. <https://peteenns.com/young-christians-leave-church/>.

Kirk, J. R. Daniel. “Does Paul’s Christ Require a Historical Adam?” <https://fullerstudio.fuller.edu/pauls-christ-require-historical-adam/>.

Smith, Samuel. “Wheaton Scholars Pen First ‘Origins’ College Textbook Bridging the Bible to ‘Mainline Science.’” 1 de abril de 2019. <https://www.christianpost.com/news/wheaton-scholars-pen-first-origins-college-textbook-bridging-the-bible-to-mainline-science.html>.

Than, Ker. “Noah’s Ark Found in Turkey?” <https://www.nationalgeographic.com/news/2010/4/100428-noahs-ark-found-in-turkey-science-religion-culture/>

## CAPÍTULO 6—NATUREZA HUMANA: A EVIDÊNCIA DA CIÊNCIA

### Passagens das Escrituras

- a. Gênesis 1:27—*Humanos refletem a imagem de Deus*
- b. Salmo 8—*O que são seres humanos?*

### Reveja e Reflita

Qual, por exemplo, é a relação entre a mente e a alma? E como estas se relacionam com o cérebro? Se minha consciência e o que faz com que eu seja “eu” dependem do trabalho intacto de meu cérebro, o que vai acontecer ao “eu” quando eu morrer? É legítimo e faz sentido buscar a ciência para nos dar a certeza de que há algo depois desta vida? (Capítulo 6)

Durante o século passado, estudiosos da Bíblia também começaram a se distanciar de uma antropologia dualística para recuperar uma visão hebraica mais holística da pessoa humana. A rejeição do dualismo platônico proporciona uma oportunidade para teólogos e psicólogos trabalharem juntos para abordar as descobertas neurocientíficas que sustentam uma unidade fundamental mente-cérebro e mente-corpo da pessoa humana. Em nossa opinião, a forma mais útil para avançar é reconhecer a misteriosa

dualidade de nossa vida mental e do corpo físico, ao mesmo tempo aceitando nossa unidade psicobiológica essencial como pessoas inteiras, completas. (Capítulo 6)

### Perguntas para Discussão

1. Antes de você ler este capítulo, você acreditava que, oculto dentro de você, em algum lugar de sua cabeça ou de seu coração, você possui uma “alma imortal”? Se a resposta for sim, tente descobrir como você adquiriu essa crença. Foi porque sua igreja o ensinou assim ou foi porque parecia óbvio, ou houve alguma outra razão que o levou a acreditar que você tem uma alma?
2. As evidências científicas o convenceram da unidade de mente e cérebro? Se você acredita que mente e cérebro são completamente separados, como você explica os casos médicos onde o dano cerebral é acompanhado de mudanças nas emoções, personalidade e caráter moral?
3. Você consegue pensar em parentes ou amigos que sofreram um derrame cerebral grave e cuja vida espiritual teve uma mudança observável? Este capítulo o ajudou a compreender melhor porque isso pode ter acontecido?

### Sugestões de Leitura Adicional

Egnor, Michael. “More Than Material Minds.” *Christianity Today*, 14 de setembro de 2018. <https://www.christianitytoday.com/ct/2018/september-web-only/more-than-material-minds-neuroscience-souls.html>.

Nature. “Evolution and the Brain.” *Nature* 447 (2007) 753. <https://www.nature.com/articles/447753a>.

Jeeves, Malcolm A., and Thomas E. Ludwig. *Psychological Science and Christian Faith: Insights and Enrichments from Constructive Dialogue*. West Conshohocken, PA: Templeton, 2018.

## **CAPÍTULO 7—NATUREZA HUMANA: AS EVIDÊNCIAS DAS ESCRITURAS**

### Passagens das Escrituras

- a. Gênesis 2:7—*O sopro de Deus cria os seres humanos*
- b. 1 Coríntios 15—*Os corpos da ressurreição têm uma nova forma*

## Reveja e Reflita

Para resumir: o termo *nephesh* em Gênesis 2:7 refere-se não a uma parte da natureza de Adão, nem à posse de uma hipóstase espiritual pessoal transcendente, denominada "alma" que vive para sempre e que distingue a humanidade dos animais. Ao contrário, *nephesh hayyah* denota Adão como uma criatura viva, como os animais criados em Gênesis 1 e 2. Ele ressalta o elo de Adão com a criação animal, não sua diferença dela. (Capítulo 7)

Qualquer tentativa de reunir as muitas e diversas linhas de pensamento sobre a natureza humana que se estendem por muitos milênios, enfrentará inevitavelmente o problema da simplificação excessiva. Mas a tentativa precisa ser feita, nem que seja apenas para ver para onde chegamos no início do século 21 e quais são os principais desafios que enfrentamos hoje ao continuarmos a refletir sobre a natureza humana. (Capítulo 7)

## Perguntas para Discussão

1. Os pontos de vista dos grandes estudiosos da Bíblia resumidos neste capítulo mudaram suas opiniões de alguma forma? Se não, por que não? Você acha que os estudiosos da Bíblia erraram?
2. Considere a afirmativa de N. T. Wright que “A imagem de Deus em Gênesis 1 não tinha a intenção de se referir a alguma característica ou habilidade ou traço especial do ser humano, mas sim a uma vocação. A vocação em questão é que o ser humano foi concebido pelo Criador para ter um papel especial em seu governo do mundo. Eventualmente, muda-se de opinião para usar a linguagem do sacerdócio real, que eu penso ser absolutamente central”. Você concorda ou discorda dessa afirmação?
3. Qual é a sua opinião sobre a natureza essencial de uma pessoa? Se você acredita na ressurreição do corpo, como você acha que uma pessoa ressuscitada seria semelhante ou diferente do que era antes da morte?

## Sugestões de Leitura Adicional

Collins, Francis. “Evolution and the Imago Dei.” *BioLogos Forum*, 11 de maio de 2009. <https://biologos.org/articles/evolution-and-the-imago-dei>.

Enns, Peter. “What Does ‘Image of God’ Mean?” *BioLogos Forum*, 27 de julho de 2010. <https://biologos.org/articles/what-does-image-of-god-mean>.

Noll, Mark A. *Jesus Christ and the Life of the Mind*. Grand Rapids: Eerdmans, 2011.

## CAPÍTULO 8—MILAGRES DA NATUREZA: DIVINO SUSTENTADOR OU PREENCHEDOR OCASIONAL DE LACUNAS?

### Passagens das Escrituras

- a. Salmos 135:6–12—*Deus envia sinais e prodígios aos egípcios*
- b. Romanos 1:18–23—*O poder e a natureza de Deus são relevados por meio das coisas que ele fez*
- c. Colossenses 1:11–19—*Cristo é o primogênito da criação, por meio do qual todas as coisas foram criadas*

### Reveja e Reflita

A Bíblia faz distinções claras entre magia e milagres. Grande parte da confusão foi causada por não observar que as Escrituras não fazem uma distinção clara entre a constante providência soberana de Deus e seus atos específicos. Nas Escrituras, a crença em milagres é estabelecida no contexto de uma visão de mundo que considera toda a criação que depende continuamente da ação sustentadora de Deus e sujeita à sua vontade soberana (por exemplo, vide Cl 1:16–17). Nas Escrituras, encontramos três aspectos da ação divina de Deus em destaque — prodígio, poder e significado. Todos eles estão presentes, não apenas em atos especiais, mas também na ordem criada em sua totalidade (Rm 1:20). (Capítulo 8)

Encontramos também que as Escrituras enfatizam a relação dos eventos milagrosos com os propósitos mais amplos da revelação, por Deus, de sua vontade. Os milagres bíblicos, portanto, direcionam nossa atenção para a impressão que o evento causa a quem o testemunha, e não a questões teóricas, tais como se a causa de um milagre é regular, mas ainda desconhecida para nós, ou se é de algum modo contrária às nossas expectativas normais. (Capítulo 8)

### Perguntas para Discussão

1. Como você reage à afirmação de N. T. Wright de que algumas pessoas cristãs têm uma visão "dividida" do mundo - com Deus normalmente fora do mundo criado, exceto por ocasionais "invasões" milagrosas em nossa parte do mundo? Você consegue pensar em exemplos de como esse pensamento "dividido" acontece quando pensa e conversa com outras pessoas cristãs sobre as crenças e práticas do cristianismo?
2. Philip Yancey exagerou ao dizer que as pessoas cristãs frequentemente igualam magia e fé?
3. Você se lembra de mais exemplos dentro do pensamento cristão de como "explicar" se transforma em "justificar"? Como podemos contra-atacar essa tendência?

## Sugestões de Leitura Adicional

Kuhn, Gustav. “Experiencing the Impossible.” *The Psychologist* 32 (2019) 32–37. <https://thepsychologist.bps.org.uk/volume-32/april-2019/experiencing-impossible>.

Economist. “Miracles Are on the Rise in Lebanon.” *Economist*, 15 de dezembro de 2018. <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2018/12/15/miracles-are-on-the-rise-in-lebanon>.

Wright, N. T. *Surpreendido pelas Escrituras*. New York: HarperCollins, 2014.

Brice-Saddler, Michael. “A Wealthy Televangelist Explains His Fleet of Private Jets.” *Washington Post*, 4 de junho de 2019. <https://www.washingtonpost.com/religion/2019/06/04/wealthy-televangelist-explains-his-fleet-private-jets-its-biblical-thing/>.

## CAPÍTULO 9—MILAGRES DA NATUREZA: EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

### Passagens das Escrituras

- a. Josué 10:12–15—*O sol parou*
- b. Salmos 104:14–24—*A providência diária regular de Deus é milagrosa*
- c. Êxodo 14:21–31—*Testemunhas da fuga milagrosa do Egito*
- d. Marcos 3:1–11—*Testemunhas dos milagres de Jesus*

### Reveja e Reflita

Considerando os vários milênios cobertos pela história bíblica, a ocorrência total de milagres em suas narrativas é surpreendentemente rara. Entretanto, existem alguns períodos em que o relato de milagres é frequente. O primeiro é durante o êxodo e o segundo é durante a vida de Cristo na terra. ... Nosso propósito ao analisar estes dois períodos agora é ver o que podemos descobrir sobre qualquer expectativa sustentável que devemos ter sobre a natureza e a frequência da ocorrência de milagres nos dias de hoje. (Capítulo 9)

## Perguntas para Discussão

1. Qual foi sua reação e a de seus amigos e amigas cristãs às evidências da ciência por haver uma "explicação natural" para alguns eventos dramáticos nas Escrituras, como a estrela de Belém, ou o sol que parou? Essas evidências enfraqueceram ou fortaleceram sua fé? Por que e como?
2. Faz diferença para você o fato de haver "explicações naturais" para os milagres do êxodo? Se sim, por que faz diferença? Se não, deveria fazer alguma diferença?

## Sugestões de Leitura Adicional

Chavalas, Mark W. "Does the Bible Claim that the Sun and Moon Stopped in Their Tracks?" *The Ancient Near East Today* 4 (Maio de 2016). <http://www.asor.org/onetoday/2016/05/bible-claim-sun-moon/>.

Walton, John H. "Biblical Credibility and Joshua 10: What Does the Text Really Claim?" *BioLogos Forum*, 15 de outubro de 2013. <https://biologos.org/articles/biblical-credibility-and-joshua-10-what-does-the-text-really-claim>.

## **CAPÍTULO 10—MILAGRES DE SAÚDE E CURA: INSIGHTS CIENTÍFICOS E DAS ESCRITURAS**

### Passagens das Escrituras

- a. Marcos 1:40–44—*Jesus cura um leproso*
- b. Lucas 13:10–17—*Jesus cura uma mulher no sábado*
- c. João 11:1–44—*Jesus traz Lázaro de volta à vida*
- d. 1 Tessalonicenses 5:19–21—*Ouçá a palavra do profeta, mas ponha à prova todas as coisas e fique com o que é bom.*
- e. 2 Tessalonicenses 2:9–12—*Satanás pode também usar sinais e prodígios para desviar as pessoas*

### Reveja e Reflita

Hoje, os "deuses encolhidos" são proclamados e promovidos, às vezes com uma ênfase quase exclusiva nos benefícios da fé para a saúde e, em alguns casos, com promessas de curas milagrosas. (Capítulo 10)

Entretanto, vimos que a cura na Bíblia, devidamente compreendida, é tudo menos um fenômeno isolado e extrínseco. Pelo contrário, ela é integral ou relacionada à história bíblica maior da criação de Deus e da restauração da humanidade. Dessa forma, ela acontece no contexto de comunidades humanas de culto e fé. E é necessário ter discernimento e interpretação dentro e além dessas comunidades. (Capítulo 10)

No mundo do Novo Testamento, a cura é parte integrante da missão para pessoas necessitadas. Quase um terço das passagens evangélicas são ocupadas relatando incidentes e debates em torno das curas de Jesus Cristo. Na história da igreja cristã, a cura sempre foi uma vertente vital dentro do cuidado pastoral da igreja. (Capítulo 10)

Não é incomum que os pregadores, ao promover seus “deuses em oferta” particulares no mercado religioso, apelem para relatos de milagres de cura dos dias atuais para substanciar a tese do Deus que oferecem. É frequente falar da “intervenção divina” ou de “deixar espaço para Deus agir”. Mas existe um preceito bíblico para essa linguagem? Eu diria que esses “deuses em oferta” são, por sua natureza, “deuses diminuídos” e “deuses das lacunas” e, portanto, precisamos analisá-los de forma muito criteriosa. (Capítulo 10)

### Perguntas para Discussão

1. A afirmação de Philip Yancey de que "mais da metade das orações espontâneas que ouço na igreja dizem respeito aos doentes" seria verdadeira em relação à sua igreja?
2. A leitura deste capítulo mudou de alguma forma sua opinião sobre a oração pela cura e, em caso afirmativo, como?
3. Existem algumas expectativas em comum na igreja a que você pertence sobre a oração de súplica e cura? Você pode resumí-las?
4. À luz deste capítulo, você acha que essas crenças precisam ser reavaliadas? Se sim, de que maneira(s)? Como podemos manter um equilíbrio delicado entre a profunda confiança em Deus e o reconhecimento de nossa propensão a doenças e enfermidades?

### Sugestões de Leitura Adicional

Economist. “Healing Hands: Catherine Hamlin Died on March 18.” Obituário em *Economist*, 8 de abril de 2020. <https://www.economist.com/obituary/2020/04/08/catherine-hamlin-died-on-march-18th>.

May, Peter. “Miracles in Medicine.” *Science and Christian Belief* 29 (2017) 127–34.

Miller, Lisa, et al. 2014. "Neuroanatomical Correlates of Religiosity and Spirituality: A Study in Adults at High and Low Familial Risk for Depression." *JAMA Psychiatry* 71 (2014) 128–35. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24369341/>.

Myers, David G. *A Friendly Letter to Skeptics and Atheists: Musings on Why God Is Good and Faith Isn't Evil*. New York: Jossey-Bass, 2008.

Pew Research Center. "U.S. Religious Landscape Survey: Religious Beliefs and Practices." 1 de junho de 2008. <https://www.pewforum.org/2008/06/01/u-s-religious-landscape-survey-religious-beliefs-and-practices/>.

## **CAPÍTULO 11—A NATUREZA MULTIFACETADA DA FÉ: AS EVIDÊNCIAS DAS ESCRITURAS**

### Passagens das Escrituras

- a. Gênesis 15:1–6—*Abraão acreditou nas promessas de Deus*
- b. Mateus 9:18–26—*A fé de uma mulher é fundamental para restaurar sua saúde*
- c. Hebreus 11—*Exemplos da fé em ação*

### Reveja e Reflita

Esse tema da riqueza e da natureza multifacetada da fé é diminuído e degradado sempre que ela, em toda sua plenitude e riqueza, é reduzida a um de seus pequenos aspectos. Essa diminuição pode acontecer se ela for apresentada principalmente, e exclusivamente, como um único componente, como experiência ou crença ou ação. As vidas dos homens e das mulheres de fé registradas nas Escrituras e documentadas ao longo da história da igreja mostram de forma absolutamente clara que a fé real inclui todas essas facetas, em proporções variadas e em épocas diferentes. (Capítulo 11)

Ao longo das passagens evangélicas, o trabalho da fé é inextricavelmente entrelaçado com o discipulado. As primeiras palavras de Jesus a seus discípulos não foram "Venham, experimentem-me". Em vez disso, elas foram: Sigam-me (Mt 4:19), com tudo o que isso implica em termos de viver um modo de vida particular - uma vida de discipulado. (Capítulo 11)

### Perguntas para Discussão

1. Qual é o papel da fé em sua jornada cristã? Como você descreveria a natureza essencial de sua fé? Ela é, por exemplo, a fé expressa em profunda confiança, ou a fé apresentada em ação, ou a fé incorporada no discipulado?

2. Como você evitaria que a fé se tornasse um placebo na tentativa de enfrentar os desafios da vida diária?

### Sugestões de Leitura Adicional

Yancey, Philip. *O Eclipse da Graça: O Que Aconteceu com as Boas Novas?* London: Hodder and Stoughton, 2014.

## CAPÍTULO 12—A NATUREZA MULTIFACETADA DA FÉ: A EVIDÊNCIA DA CIÊNCIA

### Passagens das Escrituras

- a. Hebreus 11—*Exemplos da fé em ação*
- b. 2 Coríntios 5:11–21—*Reconciliar-se com Deus muda tudo*

### Reveja e Reflita

Exceto em raríssimos casos, como o eremita solitário, a fé é vivida em comunidade. Isso significa que a vida de fé é integralmente inserida em nossos ambientes físicos, culturais e sociais. Para cada um de nós, as escolhas que fazemos estão inseridas dentro de nosso contexto singular de vida e inclui nossa história de desenvolvimento e as redes de amizades ao longo da vida, bem como o ambiente cultural mais amplo. Assim, nossa fé tanto é incorporada fisicamente como socialmente. (Capítulo 12)

### Perguntas para Discussão

1. Que lições você aprendeu sobre a natureza da “fé real” com base em algumas das narrativas citadas das vidas dos grandes “heróis da fé” de gerações passadas?
2. Em sua opinião, em que medida a fé excepcional dessas pessoas pode ser explicada pelas circunstâncias da vida?

### Sugestões de Leitura Adicional

Howard, David M., et al. “Genome-Wide Meta-Analysis of Depression Identifies 102 Independent Variants and Highlights the Importance of the Prefrontal Brain Regions.” *Nature Neuroscience* 22 (2019) 343–52. <https://www.nature.com/articles/s41593-018-0326-7>.

McKee, Selena. “UK Researchers Make New Alzheimer’s Disease Discovery.” *PharmaTimes Online*, 13 de dezembro de 2019. [http://www.pharmatimes.com/news/uk\\_researchers\\_make\\_new\\_alzheimers\\_disease\\_discovery\\_1319837](http://www.pharmatimes.com/news/uk_researchers_make_new_alzheimers_disease_discovery_1319837).

Redfern, Clare, and Alasdair Coles. “Parkinson’s Disease, Religion, and Spirituality.” *Movement Disorders Clinical Practice* 2 (2015) 341–46. [https://www.researchgate.net/publication/280915732\\_Parkinson%27s\\_Disease\\_Religion\\_and\\_Spirituality](https://www.researchgate.net/publication/280915732_Parkinson%27s_Disease_Religion_and_Spirituality).

Salt, Sharon. 2019. “Treasure Trove of 269 Genes Associated with Depression Identified.” *NeuroCentral*, 5 de fevereiro de 2019. <https://www.neuro-central.com/treasure-trove-269-genes-associated-depression-identified/>.

## **CAPÍTULO 13 E POSFÁCIO—DIVINA SUSTENTAÇÃO E DIVINO ESVAZIAMENTO: UM EQUILÍBRIO ESSENCIAL**

### Passagens das Escrituras

- a. Jó 10:8–12—*Nós somos criados e sustentados pelo cuidado providencial de Deus*
- b. Salmos 77—*O Deus que realiza prodígios também cuida de nós*
- c. Salmos 139:1–18—*Deus nos conhece e nos guia durante toda a nossa vida*
- d. Filipenses 2:5–11—*O Cristo que se esvaziou a si mesmo foi exaltado*

### Reveja e Reflita

Um aspecto essencial da grandiosidade de Deus é revelado em seu autoesvaziamento, tecnicamente em *quenose*. Derivada do verbo grego *kenoō*, usado em Filipenses 2:7 (“ele esvaziou-se a si mesmo”), a palavra *kenosis* ou *quenose tem* muitos significados teológicos. Em primeiro lugar, no contexto deste livro, ela se refere a um aspecto chave da criação. Ela nos lembra que em todos os momentos, precisamos manter em delicado equilíbrio tanto a soberania divina de Deus quanto seu autoesvaziamento divino. (Capítulo 13)

Prestar atenção ao que sabemos sobre a *sustentação divina* de Deus na criação, excluindo o que foi revelado - na pessoa de Jesus Cristo - sobre sua *participação divina* na criação, apresentaria uma visão desequilibrada da relação de Deus com sua criação, que não faz justiça às evidências disponíveis. Isso encolheria Deus. (Capítulo 13)

## Perguntas para Discussão

1. Concentre-se no tema da “Divina sustentação de Deus de todas as coisas, o tempo todo”. De que maneiras isso pode proporcionar uma nova perspectiva em seu entendimento de nossas origens humanas e de nossa natureza humana? Como este tema se relaciona à ideia do Deus que cura por meio do conhecimento e habilidades que ele deu aos humanos dentro da medicina e da ciência?
2. Como o tema constante da divina sustentação de Deus pode ser mantido em delicado equilíbrio com o tema igualmente constante nas Escrituras de como Deus “esvaziou-se a si mesmo”, como visto na encarnação e em como Cristo “humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz?” (FI 2:5–8)
3. Explique porque você concorda ou discorda da afirmação de Polkinghorne de que “Assim, a criação quenótica e a ação divina são lados opostos da mesma moeda teológica”.
4. Quais são as implicações para o discipulado diário do exemplo incorporado do autoesvaziamento de Cristo?
5. Você conhece outros avanços da ciência, medicina e estudos bíblicos que tenham sido publicados desde que este livro foi escrito? Como esses avanços podem expandir as histórias de enriquecimento mútuo recontadas nos capítulos anteriores?

## Sugestões de Leitura Adicional

Pew Research Center. “Religion and Science.” 22 de outubro de 2015. <https://www.pewresearch.org/science/2015/10/22/science-and-religion/>.

Oord, Thomas J. “Divine Action as Uncontrolling Love.” *BioLogos Forum*, 7 de junho de 2016. <https://biologos.org/articles/series/divine-action-a-biologos-conversation/divine-action-as-uncontrolling-love>.

Que possamos sempre ser capazes de afirmar que adoramos a um Deus que é verdadeiramente

*O Senhor da Criação e o Salvador de todos.*

## BIBLIOGRAFIA

Adorno, Theodor W., et al. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper & Brothers, 1950.

Alexander, Denis R. "Creation, Providence and Evolution." Em *Knowing Creation: Perspectives from Theology, Philosophy and Science*, editado por Andrew B. Torrance e Thomas H. McCall, 261–85. Grand Rapids: Zondervan, 2018.

———. "Miracles and Science." Em *Has Science Killed God? The Faraday Papers on Science and Religion*, editado por Denis R. Alexander, 116–28. London: SPCK, 2020.

Allen, Diogenes. "Persons in Philosophical and Biblical Perspective." Em *From Cells to Souls, and Beyond: Changing Portraits of Human Nature*, editado por Malcolm Jeeves, 165–78. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

Allport, Gordon W. *The Individual and His Religion: A Psychological Interpretation*. New York: Macmillan, 1950.

American National Election Studies. "The 2016 Time Series Study." *ANES*, 2016. <https://electionstudies.org/data-center/2016-time-series-study/>.

Anderson, Emma. "Healing and Ecclesial Response in Nineteenth-Century Catholic France." Em *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*, editado por Sarah Coakley, 40–58. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

Aristotle. *De Anima (On the Soul)*. Traduzido por Hugh Lawson-Tancred. London: Penguin, 1986.

Arnold, Bill T. "Soul-Searching Questions about 1 Samuel 28: Samuel's Appearance at Endor and Christian Anthropology." Em *What about the Soul: Neuroscience and Christian Anthropology*, editado por Joel B. Green, 75–83. Nashville: Abingdon, 2004.

Augustine. *Saint Augustine: The City of God*. Traduzido por Gerald G. Walsh and Daniel J. Honan. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1954.

Barna Group. "Atheism Doubles among Generation Z." 24 de Janeiro de 2018. <https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/>.

———. "Six Reasons Young Christians Leave the Church." 27 de setembro de 2011. <https://www.barna.com/research/six-reasons-young-christians-leave-church/>.

Barrett, Justin L., and Matthew J. Jarvinen. "Cognitive Evolution, Human Uniqueness, and the Imago Dei." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 163–83. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Barth, Karl. *Church Dogmatics*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1956.

Bartlett, Frederic C. *Religion as Experience, Belief, Action*. London: Oxford University Press, 1950.

Bauckham, Richard. "For Whom Were the Gospels Written?" Em *The Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences*, editado por Richard Bauckham, 9–48. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

Benson, Eric. "Immunotherapy Could Revolutionise Care for Cancer Patients." *Times* [London], 24 de novembro de 2018. <https://www.thetimes.co.uk/article/immunotherapy-could-revolutionise-care-for-cancer-patients-so-is-this-the-end-of-chemotherapy-as-we-know-it-2cpcmd28d>.

BioLogos. "Five Wheaton College Professors Release New Book on Theories of Origins." *BioLogos Forum*, 4 de dezembro de 2018. <https://biologos.org/articles/5-wheaton-college-professors-release-new-book-on-theories-of-origins>.

Bloom, Paul. *Descartes' Baby: How the Science of Child Development Explains What Makes Us Human*. New York: Basic, 2004.

Bohr, Niels. *Atomic Theory and the Description of Nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1934.

Boston Cultivator. "Science and Religion." *Boston Cultivator* 7 (1845) 344.

Brand, Paul, and Philip Yancey. "Putting Pain to Work." *Leadership Journal* (Fall 1984) 121–24.

Brice-Saddler, Michael. "A Wealthy Televangelist Explains His Fleet of Private Jets: It's a Biblical Thing." *Washington Post*, 3 de junho de 2019. <https://www.washingtonpost.com/religion/2019/06/04/wealthy-televangelist-explains-his-fleet-private-jets-its-biblical-thing/>.

Bridge, Mark. "Say a Little Prayer for Me: Alexa App Helps Users to Connect with God." *Times* [London], 28 de maio de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/alexsa-say-some-prayers-and-help-me-to-find-god-f0kp9v3zv>.

Briggs, Andrew, et al. *It Keeps Me Seeking: The Invitation from Science, Philosophy, and Religion*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Brooke, John H. "Historians." Em *The Warfare Between Science and Religion: The Idea That Wouldn't Die*, editado por Jeff Hardin et al., 258–78. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2018.

———. *Science and Religion: Some Historical Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

———. "Science and Religion." Em *The Cambridge History of Science*, Vol. 4, editado por Roy Porter, 741–61. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Brown, Warren S., and Malcolm A. Jeeves. "Portraits of Human Nature: Reconciling Neuroscience and Christian Anthropology." *Science and Christian Belief* 11 (1999) 139–50.

Brown, Warren S., and Lynn K. Paul. "Brain Connectivity and the Emergence of Capacities of Personhood: Reflections from Callosal Agenesis and Autism." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 104–19. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Brown, Warren S., and Brad D. Strawn. "Beyond the Isolated Self: Extended Mind and Spirituality." *Theology and Science* 15 (2017) 411–23.

———. *The Physical Nature of Christian Life: Neuroscience, Psychology, and the Church*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

Burgess, Kaya. "Thou Shalt Not Tweet in Anger, Says Church of England." *Times* [London], 1 de julho de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/thou-shalt-not-tweet-in-anger-says-church-3hn55rmqf>.

Burns, Robert. "The Red, Red Rose." Em *A Selection of Scots Songs, Book 2*, editado por Pietro Urbani, 16–17. Edinburgh: Urbani and Liston, 1794.

Butler, Paul M., et al. "Side of Onset in Parkinson's Disease and Alterations in Religiosity: Novel Behavioral Phenotypes." *Behavioural Neurology* 24 (2011) 133–41.

Byrne, Richard W. "The Dividing Line: What Sets Humans Apart from Our Closest Relatives?" Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 13–36. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Calvin, John. *Institutes of the Christian Religion*. Philadelphia: Westminster, 1960.

Campbell, Heidi A., and Stephen Garner. *Networked Theology: Negotiating Faith in Digital Culture*. Grand Rapids: Baker Academic, 2016.

Carroll, William E. "Aquinas and Contemporary Cosmology: Creation and Beginnings." *Science and Christian Belief* 24 (2012) 5–18.

Catholic Church. "In the Image of God." Em *Catechism of the Catholic Church, 2nd Edition*, Part One, Section Two, Chapter One, Paragraph 6.366. Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

Chan, Eva K. F., et al. "Human Origins in a Southern African Palaeo-Wetland and First Migrations." *Nature* 575 (2019) 185–89.

Chavalas, Mark W. "Does the Bible Claim That the Sun and Moon Stopped in Their Tracks?" *Ancient Near East Today* 4 (2016). <http://www.asor.org/anetoday/2016/05/bible-claim-sun-moon/>.

Cheadle, Alyssa C. D., and Christine Dunkel Schetter. "Untangling the Mechanisms Underlying the Links between Religiousness, Spirituality, and Better Health." *Social and Personality Psychology Compass* 11:e12299 (2017) 1–10.

Christianity Today. "Editorial: No Adam, No Eve, No Gospel." *Christianity Today* 55 (2011) 61.

Clement (of Alexandria). “Stromata (Miscellanies).” *The Ante-Nicene Fathers*, Vol. 2, Section 5, editado por Alexander Roberts e James Donaldson. New York: Scribner’s Sons, 1905. Também disponível em <http://www.earlychristianwritings.com/clement.html>.

Coakley, Sarah, ed. *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

Coleridge, Hartley. “The Just Shall Live by Faith.” Em *Poems by Hartley Coleridge*, Vol. 2. London: Edward Moxon, 1851.

Coles, Alasdair, and Joanna Collicutt, eds. *Neurology and Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

Collins, Francis. “Learning the Language of God.” *How I Changed My Mind about Evolution: Evangelicals Reflect on Faith and Science*, editado por Kathryn Applegate e J. B. Stump, 69–74. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2016.

Cootsona, Greg. “Apologetics Needs a ‘Systems Upgrade’ for Emerging Adults.” *BioLogos*, 18 de dezembro de 2019. <https://biologos.org/articles/apologetics-need-a-system-upgrade-for-emerging-adults>.

Coulson, Charles. *Science and Christian Belief*. London: Fontana, 1967.

Cressey, Martin. “Miracles.” Em *New Bible Dictionary*. 2nd ed. Leicester, UK: InterVarsity, 1982.

Culkin, John M. “A Schoolman’s Guide to Marshall McLuhan.” *Saturday Review*, March 18, 1967, 51–53, 71–72.

Curtis, Heather D. “Healing, Belief, and Interpretation in Nineteenth-Century Protestant America.” Em *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*, editado por Sarah Coakley, 59–83. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

Davies, Gaius. *Genius, Grief, and Grace: A Doctor Looks at Suffering and Success*. Fearn, UK: Christian Focus, 2001.

Dawkins, Richard. “Snake Oil and Holy Water.” *Forbes*, 4 de outubro de 1999, 235.

de Felipe, Pablo, and Malcolm A. Jeeves. "Science and Christianity Conflicts: Real and Contrived." *Perspectives on Science and Christian Faith* 69 (2017) 131–48. <https://www.asa3.org/ASA/PSCF/2017/PSCF9–17deFelipe.pdf17deFelipe.pdf>.

de Waal, Frans B. M. *Good Natured: The Origins of Right and Wrong in Humans and Other Animals*. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

Draper, John W. *History of the Conflict between Religion and Science*. New York: Appleton, 1875.

Duhem, Pierre. *Essays in the History and Philosophy of Science*. Traduzido por Roger Ariew and Peter Barker. Indianapolis: Hackett Publishing, 1996.

Dyson, Freeman J. "Complementarity." Em *Spiritual Information: 100 Perspectives on Science and Religion*, editado por Charles L. Harper, 52–55. West Conshohocken, PA: Templeton, 2005.

———. "Viewpoint: Science and Religion Can Work Together." *APS News* 9 de novembro 2000. <https://www.aps.org/publications/apsnews/200011/viewpoint2.cfm>

Economist. "Healing Hands: Catherine Hamlin Died on March 18." *Economist*, 8 de abril de 2020. <https://www.economist.com/obituary/2020/04/08/catherine-hamlin-died-on-march-18th>.

———. "The Maturing of the Smartphone Industry Is Cause for Celebration: It's Bad News for Apple Shareholders, but Good News for Humanity." *Economist*, 12 de janeiro de 2019. <https://www.economist.com/leaders/2019/01/12/the-maturing-of-the-smartphone-industry-is-cause-for-celebration>.

———. "Miracles Are on the Rise in Lebanon." *Economist*, 15 de dezembro de 2018. <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2018/12/15/miracles-are-on-the-rise-in-lebanon>.

———. "Our Father, Who Art in Cyberspace: Churches Turn to the Internet to Reach Their Flocks." *Economist*. 11 de abril de 2020. <https://www.economist.com/international/2020/04/11/churches-turn-to-the-internet-to-reach-their-flocks>.

———. “Pessimism v Progress: Contemporary Worries about the Impact of Technology Are Part of a Historical Pattern.” *Economist*, 18 de dezembro de 2019. <https://www.economist.com/leaders/2019/12/18/pessimism-v-progress>.

Edit. “Out of This World.” *Edit—The University of Edinburgh Magazine* (2019) 28–33. <https://www.ed.ac.uk/edit-magazine/editions/2019/out-of-this-world>.

Edwards, Jonathan. *A Treatise concerning Religious Affections*. Philadelphia: James Crissy, 1821.

Efron, Noah J. “That Christianity Gave Birth to Modern Science.” Em *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*, editado por Ronald Numbers, 79–89. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

Egnor, Michael. “More Than Material Minds.” *Christianity Today*, 14 de setembro de 2018. <https://www.christianitytoday.com/ct/2018/september-web-only/more-than-material-minds-neuroscience-souls.html>.

Eliot, T. S. “The Hollow Men.” Em *Collected Poems: 1909–1962*. Orlando, FL: Harcourt, 1963.

Enns, Peter. *The Evolution of Adam: What the Bible Does and Doesn't Say about Human Origins*. Grand Rapids: Baker, 2012.

———. *Inspiration and Incarnation: Evangelicals and the Problem of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005.

———. “Why Young Christians Leave Church.” 2016. <https://peteenns.com/young-christians-leave-church/>.

Episcopal Church. *The Book of Common Prayer and Administration of the Sacraments and Other Rites and Ceremonies of the Church*. New York: Appleton, 1845.

Epley, Nicholas, et al. “Believers’ Estimates of God’s Beliefs Are More Egocentric Than Estimates of Other People’s Beliefs.” *PNAS* 106 (2009) 21533–38. <https://www.pnas.org/content/106/51/21533>.

Erikson, Erik H. *Childhood and Society*. New York: Norton, 1950.

Farmer, Herbert H. *The World and God: A Study of Prayer, Providence and Miracle in Christian Experience*. London: Nisbet, 1935.

Farrer, Austin. *Faith and Speculation: An Essay in Philosophical Theology*. London: Black, 1967.

Fiddes, Paul S. "Creation Out of Love." Em *The Work of Love: Creation as Kenosis*, editado por John Polkinghorne, 167–91. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

Fields, Howard L. "Meaning in the Neural Investigation of Pain." Em *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*, editado por Sarah Coakley, 87–97. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

Freud, Sigmund. *An Outline of Psycho-Analysis*. London: Hogarth, 1949.

Fromm, Erich. *The Heart of Man: Its Genius for Good and Evil*. London: Routledge and Kegan Paul, 1964.

Gallagher, Shaun. *How the Body Shapes the Mind*. Oxford: Clarendon, 2005.

Gaventa, Beverly R. "Healing, Meaning, and Discernment in the Biblical Text." Em *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*, editado por Sarah Coakley, 29–39. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

Gibbons, David, ed. *The Time Chart History of the World: Over 6000 Years of World History Unfolded*. Chippenham, UK: Third Millennium, 2014.

Gilson, Étienne. *The Christian Philosophy of St. Thomas Aquinas*. London: Gollanz, 1957.

Gingerich, Owen. "An Astronomical Perspective." Em *How Large is God? The Voices of Scientists and Theologians*, editado por J. M. Templeton, 20–43. West Conshohocken, PA: Templeton, 1997.

Goodall, Jane. *The Chimpanzees of Gombe: Patterns of Behavior*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

Graham, Billy. *Wisdom for Each Day*. Nashville: Thomas Nelson, 2008.

Green, Joel. "What Does It Mean to be Human? Another Chapter in the Ongoing Interaction of Science and Scripture." Em *From Cells to Souls and Beyond: Changing Portraits of Human Nature*, editado por Malcolm Jeeves, 179–98. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

Haarsma, Deborah. "The Empty Pew: A Christmas Story." *BioLogos Newsletter*, 5 de dezembro de 2019.

———. "Kids Ask Tough Questions." *BioLogos Newsletter*, 1 de dezembro de 2018.

Haarsma, Deborah, and Lauren Haarsma. "Christ and the Cosmos: Christian Perspectives on Astronomical Discoveries." Em *Christ and the Created Order: Perspectives from Theology, Philosophy, and Science*, Vol. 2, editado por Andrew B. Torrance e Thomas H. McCall, 227–38. Grand Rapids: Zondervan, 2018.

Harrison, Peter. *The Territories of Science and Religion*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

Harvati, Katerina, et al. "Apidima Cave Fossils Provide Earliest Evidence of Homo Sapiens in Eurasia." *Nature* 571 (2019) 500–504. doi: 10.1038/s41586-019-1376-z.

Hengel, Martin. "Tasks of New Testament Scholarship." *Bulletin for Biblical Research* 6 (1996) 67–86.

Hick, John H. *Faith and Knowledge*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1966.

Hill, Harry, ed. *The Time Chart of Biblical History: Over 4000 Years in Charts, Maps, Lists and Chronologies*. Chippenham, UK: Third Millennium, 2002.

Hipps, Shane. *The Hidden Power of Electronic Culture: How Media Shapes Faith, the Gospel, and the Church*. Grand Rapids: Zondervan, 2005.

Hooykaas, Reijer. *Philosophia Libera: Christian Faith and the Freedom of Science*. London: Tyndale, 1957.

———. *Religion and the Rise of Modern Science*. Vancouver: Regent College Publishing, 1972.

———. *Science in Manueline Style*. Coimbra, Portugal: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1980.

———. "The Rise of Modern Science: When and Why?" *The British Journal for the History of Science* 20.4 (1987) 453–73.

Horne, Marc. "Your DNA Points to Life Expectancy, Say Scientists." *Times* [London], 15 de Janeiro de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/your-dna-points-to-life-expectancy-say-scientists-npp2svjwc>.

Horsley, Richard A. *Jesus and Magic: Freeing the Gospels from Modern Misconceptions*. Eugene, OR: Cascade, 2014.

Howard, David M., et al. "Genome-Wide Meta-Analysis of Depression Identifies 102 Independent Variants and Highlights the Importance of the Prefrontal Brain Regions." *Nature Neuroscience* 22 (2019) 343–52.

Humphreys, Colin J. *The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories*. London: Continuum, 2003.

———. "The Star of Bethlehem—a Comet in 5 BC—and the Date of the Birth of Christ." *Quarterly Journal of the Royal Astronomical Society* 32 (2017) 389–407.

Humphreys, Colin J., and Graeme Waddington. "Solar Eclipse of 1207 BC Helps to Date Pharaohs." *Astronomy & Geophysics* 58 (2017) 5.39–42.

Huxley, Thomas H. "Darwin on the Origin of Species." *Westminster Review*, 2nd series, 17 (1860) 556.

Inge, William Ralph. *Faith and Its Psychology*. New York: Scribner's Sons, 1910.

Jackson, Joshua C., et al. "The Faces of God in America: Revealing Religious Diversity across People and Politics." *PLoS One* 13 (2018) e0198745.

Jaki, Stanley L. *Bible and Science*. Front Royal, VA: Christendom, 1990.

———. *The Savior of Science*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.

James, William. *The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. New York: The Modern Library, 1902.

Janssen, Luke J. *Standing on the Shoulders of Giants: Genesis and Human Origins*. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2016.

Jeeves, Malcolm A. "Brain and Cognitive Processes in Healing." Em *Spiritual Healing: Science, Meaning, and Discernment*, editado por Sarah Coakley, 98–117. Grand Rapids: Eerdmans, 2020.

———. "Changing Portraits of Human Nature." *Science and Christian Belief* 14 (2002) 3–32.

———, ed. *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

———, ed. *From Cells to Souls—and Beyond: Changing Portraits of Human Nature*. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

———. "The Nature of Persons and the Emergence of Kenotic Behavior." Em *The Work of Love: Creation as Kenosis*, editado por John Polkinghorne, 66–89. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

———. "Psychologizing and Neurologizing about Religion: Facts, Fallacies and the Future." Em *Science and Religion in the Twenty First Century: The Boyle Lectures*, editado por Russell R. Manning e Michael Byrne, 75–93. London: SCM, 2013.

———, ed. *Rethinking Human Nature: A Multidisciplinary Approach*. Grand Rapids: Eerdmans, 2011.

———. *The Scientific Enterprise and Christian Faith*. London: Tyndale, 1969.

Jeeves, Malcolm A., and Robert J. Berry. *Science, Life, and Christian Belief*. Leicester, UK: InterVarsity, 1998.

Jeeves, Malcolm A., and Warren S. Brown. *Neuroscience, Psychology and Religion: Illusions, Delusions and Realities about Human Nature*. West Conshohocken, PA: Templeton, 2009.

Jeeves, Malcolm A., and Thomas E. Ludwig. *Psychological Science and Christian Faith: Insights and Enrichments from Constructive Dialogue*. West Conshohocken, PA: Templeton, 2018.

Kierkegaard, Søren. *For Self-Examination/Judge for Yourselves*. Traduzido por W. Lowrie. Princeton: Princeton University Press, 1944.

Kinnaman, David. *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church and Rethinking Faith*. Grand Rapids: Baker, 2011.

Koenig, Harold G. "Religion, Spirituality, and Health: What We Know, What We Need to Know." Em *Sir John's Vision: What Do We Know? What is There to Learn?* editado por Paul C. W. Davies et al., 97–110. West Conshohocken, PA: Templeton, 2018.

Koenig, Harold G., et al. "Religion, Spirituality and Mental Health in the West and the Middle East." *Asian Journal of Psychiatry* 5 (2012) 180–82.

Krause, Johannes, et al. "The Complete Mitochondrial DNA Genome of an Unknown Hominin from Southern Siberia." *Nature* 464 (2010) 894–97. <https://www.nature.com/articles/nature08976>.

Kuhn, Gustav. "Experiencing the Impossible." *The Psychologist* 32 (2019) 32–37.

———. *Experiencing the Impossible: The Science of Magic*. Cambridge: MIT Press, 2019.

Laland, Kevin N. *Darwin's Unfinished Symphony: How Culture Made the Human Mind*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2017.

Laland, Kevin N., et al. "Does Evolutionary Theory Need a Rethink?" *Nature* 514 (2014) 161–64.

Lawrence, T. E. *Seven Pillars of Wisdom*. London: Jonathan Cape, 1935.

Lewis, C. S. *Christian Behavior*. London: Bles, 1945.

———. *Christian Reflections*. Glasgow: Collins, 1981.

———. Introduction to *Athanasius: De Incarnatione Verbi Dei*. New York: Macmillan, 1946.

———. "Is Theism Important? A Reply." Em *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*, editado por Walter Hooper, 186–91. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

———. *Mere Christianity*. New York: Macmillan, 1952.

———. *Miracles: A Preliminary Study*. London: Bles, 1947.

Li, Shanshan, et al. "Religious Service Attendance and Lower Depression among Women: A Prospective Cohort Study." *Annals of Behavioral Medicine* 50 (2016) 876–84.

Lindberg, David C. "The Fate of Science in Patristic and Medieval Christendom." Em *The Cambridge Companion to Science and Religion*, editado por Peter Harrison, 21–38. New York: Cambridge University Press, 2010.

———. "Review of *The Savior of Science* by Stanley L. Jaki." *Isis* 81 (1990) 538–39.

Lindberg, David C., and Ronald L. Numbers, eds. *God and Nature: Historical Essays on the Encounter between Christianity and Science*. Berkeley: University of California Press, 1986.

Longman, Tremper, and John H. Walton. *The Lost World of the Flood: Mythology, Theology, and the Deluge Debate*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2018.

Lossky, Vladimir. *The Mystical Theology of the Eastern Church*. Cambridge: James Clarke, 1991.

Lucas, Ernest. *Christian Healing: What Can We Believe?* London: Lynx, 1997.

———. "Relevance of Genesis for Current Science." *Fliedner Lectures, the Centre for Science and Faith at SEUT School of Theology* (April 21, 2016).

Lucas, Ernest C., et al. "The Bible, Science and Human Origins." *Science and Christian Belief* 28 (2016) 74–99.

Luther, Martin. *Letters of Spiritual Counsel*. Traduzido por Theodore G. Tappert. Philadelphia: Westminster, 1955.

MacKay, Donald M. *The Open Mind*. Leicester, UK: InterVarsity, 1988.

Maguire, Eleanor, et al. "Navigation-Related Structural Change in the Hippocampi of Taxi Drivers." *Proceedings of the National Academy of Sciences* 97 (2000) 4398–403.

Maiese, Michelle. *Embodiment, Emotion, and Cognition: New Directions in Philosophy and Cognitive Science*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

Margolis, Michele. "When Politicians Determine Your Religious Beliefs." *New York Times*, 11 de julho de 2018. <https://www.nytimes.com/2018/07/11/opinion/religion-republican-democrat.html>.

Marston, Paul, and Méric Srokosz. "A Response to 'Miracles in Medicine'." *Science and Christian Belief* 31 (2019) 62–69.

Marty, Martin E. "Voices of Theologians and Humanists." Em *How Large is God? The Voices of Scientists and Theologians*, editado por J. M. Templeton, 169–202. West Conshohocken, PA: Templeton, 1997.

Maslow, Abraham H. *Toward a Psychology of Being*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1968.

May, Peter. "Miracles in Medicine." *Science and Christian Belief* 29 (2017) 127–34.

———. "Response to Paul Marston and Meric Srokosz." *Science and Christian Belief* 31 (2019) 70–77.

McKee, Selena. "UK Researchers Make New Alzheimer's Disease Discovery." *PharmaTimes Online*, 13 de dezembro de 2019.

McKinnon, Alastair. "Kierkegaard and 'the Leap of Faith.'" *Kierkegaardiana* 16 (1993) 107–25.

McLuhan, Marshall. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: McGraw Hill, 1964.

McNamara, Patrick, et al. "Religiosity in Patients with Parkinson's Disease." *Neuropsychiatric Disease and Treatment* 2 (2006) 341–48.

Millard, Alan. "Is the Bible Fake News? The Verdict of Biblical Archeology." *Faith and Thought* 67 (2019) 3–14.

Miller, Kenneth R. *Only a Theory: Evolution and the Battle for the American Soul*. New York: Viking, 2008.

Miller, Lisa, et al. "Neuroanatomical Correlates of Religiosity and Spirituality: A Study in Adults at High and Low Familial Risk for Depression." *JAMA Psychiatry* 71 (2014) 128–35.

Milne, Edward A. *Modern Cosmology and the Christian Idea of God*. London: Oxford University Press, 1952.

Mitchell, Jason P., et al. "Distinct Neural Systems Subserve Person and Object Knowledge." Em *Social Neuroscience: Key Readings*, editado por John T. Cacioppo e Gary G. Berntson, 53–62. New York: Psychology, 2005.

Mitchell, Piers D. "Anatomy and Surgery in Europe and the Middle East during the Middle Ages." Em *Anatomy and Surgery from Antiquity to the Renaissance*, editado por Helene Perdicoyianni-Paleologou, 309–24. Amsterdam: Hakkert, 2016.

Moltmann, Jürgen. "God's Kenosis in the Creation and Consummation of the World." Em *The Work of Love: Creation as Kenosis*, editado por John Polkinghorne, 137–51. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

Murphy, Nancey, and Warren S. Brown. *Did My Neurons Make Me Do it? Philosophical and Neurobiological Perspectives on Moral Responsibility and Free Will*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Muthukumar, David W. "Embodied and Socially Embedded 'Self': Understanding Jesus's Bodily Resurrection and Believers' Postmortem Identity and Continuity." *Science and Christian Belief* 32 (2019) 112–30.

Myers, David G. "Cardiac Arrest and the Conscious Experience of Death." *Psychology Community Blog* 30 (October 30, 2019). <https://community.macmillan.com/community/the-psychology-community/blog/2019/10/30/cardiac-arrest-and-the-conscious-experience-of-death>.

———. "For Irreligious Evangelicals, Christianity Is about Politics—Not God." *Quartz*, November 7, 2017. <https://qz.com/1122117/what-does-it-mean-to-be-evangelical-how-the-right-wing-hijacked-christian-identity/>.

———. *A Friendly Letter to Skeptics and Atheists: Musings on Why God Is Good and Faith Isn't Evil*. New York: Jossey-Bass, 2008.

———. "Frontiers in Psychological Science." Em *Sir John's Vision: What Do We Know? What is There to Learn?* editado por Paul C. W. Davies et al., 83–96. West Conshohocken, PA: Templeton, 2018.

———. "Social Psychology and Faith." Em *Psychological Science and Christian Faith*, by Malcolm A. Jeeves and Thomas E. Ludwig, 209–27. West Conshohocken, PA: Templeton, 2018.

Myers, David G., and C. Nathan DeWall. *Psychology*. 13th ed. New York: Worth, 2021.

Myers, David G., and Jean Twenge. *Social Psychology*. 12th ed. New York: McGraw-Hill, 2018.

Nature. "Evolution and the Brain." *Nature* 447 (2007) 753.  
<https://www.nature.com/articles/447753a>.

Nicoll, Colin R. *The Great Christ Comet: Revealing the True Star of Bethlehem*. Wheaton, IL: Crossway, 2015.

Noll, Mark A. *Jesus Christ and the Life of the Mind*. Grand Rapids: Eerdmans, 2011.

———. *The Scandal of the Evangelical Mind*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Numbers, Ronald L., ed. *Galileo Goes to Jail: And Other Myths about Science and Religion*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.

Nur, Amos. "Personal Letter to Colin Humphreys." Em *The Miracles of Exodus: A Scientist's Discovery of the Extraordinary Natural Causes of the Biblical Stories*, editado por Colin J. Humphreys, 20. London: Continuum, 2003.

O'Sullivan, Susan. *It's All in Your Head*. London: Chatto and Windus, 2015.

Pascal, Blaise. *Pascal's Pensées (Les Pensées)*. New York: Dutton, 1958.

Pennycook, Gordon, et al. "Beyond Reasonable Doubt: Cognitive and Neuropsychological Implications of Religious Disbelief." Em *Neurology and Religion*, editado por Alasdair Coles e Joanna Collicutt, 115–29. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

Perrett, David I., et al. "Neurons Responsive to Faces in the Temporal Cortex: Studies of Functional Organization, Sensitivity to Identity and Relation to Perception." *Human Neurobiology* 3 (1984) 197–208.

Peters, Ted. "Astrotheology: Science and Theology Meet ET." *Theology and Science* 16 (2018) 377–79.

Peters, Ted, et al., eds. *Astrotheology: Science and Theology Meet Extraterrestrial Life*. Eugene, OR: Cascade, 2018.

Peterson, Eugene H. *As Kingfishers Catch Fire: A Conversation on the Ways of God Formed by the Words of God*. London: Hodder and Stoughton, 2017.

———. *A Long Obedience in the Same Direction*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000.

———. *The Message: The Bible in Contemporary Language*. Colorado Springs: NavPress, 2002.

———. *The Message: The New Testament in Contemporary Language*. Colorado Springs: NavPress, 1993.

Pew Research Center. “‘Nones’ on the Rise: One-in-five Adults Have No Religious Affiliation.” 9 de outubro de 2012. <https://www.pewforum.org/2012/10/09/nones-on-the-rise/>.

———. “Religion and Science.” 22 de outubro de 2015. <https://www.pewresearch.org/science/2015/10/22/science-and-religion/>.

———. “U.S. Religious Landscape Survey: Religious Beliefs and Practices.” 1 de junho de 2008. <https://www.pewforum.org/2008/06/01/u-s-religious-landscape-survey-religious-beliefs-and-practices/>.

———. “When Americans Say They Believe in God, What Do They Mean?” 25 de abril de 2018. <https://www.pewforum.org/2018/04/25/when-americans-say-they-believe-in-god-what-do-they-mean/>.

Phillips, J. B. *Your God Is Too Small: A Guide for Believers and Skeptics Alike*. London: Simon & Schuster, 1952.

Plimer, Ian. *Telling Lies for God*. Sydney: Random House, 1994.

Polkinghorne, John. “Kenotic Creation and Divine Action.” Em *The Work of Love: Creation as Kenosis*, editado por John Polkinghorne, 90–106. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

———, ed. *The Work of Love: Creation as Kenosis*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

PréCiS. “Interview with Gavin Merrifield.” *PréCiS (Christians in Science)* 95 (Spring 2020) 1–6.

Rahner, Karl. *Faith in a Wintry Season*. Traduzido por Paul Imhof et al. New York: Crossroad, 1990.

Ramakrishnan, Venkatraman. “Scientific Insight.” *Times* [London], 5 de março de 2016.

Redfern, Clare, and Alasdair Coles. "Parkinson's Disease, Religion, and Spirituality." *Movement Disorders Clinical Practice* 2 (2015) 341–46.

Renfrew, Colin. "Personhood: Toward a Gradualist Approach." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 51–67. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Richards, E. Randolph, and Brandon J. O'Brien. *Misreading Scripture with Western Eyes: Removing Cultural Blinders to Better Understanding the Bible*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2012.

Ritschel, Chelsea. "Aliens Will Likely be Discovered within 30 Years, Nobel Prize-Winning Astronomer Says." *Independent*, 21 de outubro de 2019. <https://www.independent.co.uk/news/science/aliens-discover-nobel-prize-didier-queloz-physics-exoplanet-astronomer-a9151386.html>.

Rogers, Carl R. *Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin, 1951.

Rokeach, Milton. *The Open and Closed Mind: Investigations into the Nature of Belief Systems and Personality Systems*. New York: Basic, 1960.

Russell, Colin A. "The Conflict Metaphor and Its Social Origins." *Science and Christian Belief* 1 (1989) 3–26.

Salt, Sharon. "Treasure Trove of 269 Genes Associated with Depression Identified." *NeuroCentral*, 5 de fevereiro de 2019. <https://www.neuro-central.com/treasure-trove-269-genes-associated-depression-identified/>.

Sanday, William. *Christology and Personality*. Oxford: Oxford University Press, 1910.

Sargant, William. *Battle for the Mind: A Physiology of Conversion and Brain-Washing*. London: Heinemann, 1957.

Schule, Andreas. "'Soul' and 'Spirit' in the Anthropological Discourse of the Hebrew Bible." Em *The Depth of the Human Person: A Multidisciplinary Approach*, editado por Michael Welker, 147–65. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

Smith, James Bryan. *The Magnificent Story: Uncovering a Gospel of Beauty, Goodness and Truth*. Downers Grove, IL: IVP, 2017.

Smyth, Chris. "New Test Will Reveal Risk of Getting Breast Cancer." *Times* [London], 15 de Janeiro de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/new-test-will-reveal-risk-of-getting-breast-cancer-87c6x06kq>.

Srokosz, Meric. "Miracles in Medicine: A Brief Response to Peter May." *Science and Christian Belief* 29 (2017) 135–41.

Stevenson, Leslie, et al. *Thirteen Theories of Human Nature*. New York: Oxford University Press, 2018.

Stone, Lawson G. "The Soul: Possession, Part, or Person? The Genesis of Human Nature in Genesis 2:7." Em *What about the Soul? Neuroscience and Christian Anthropology*, editado por Joel B. Green, 47–62. Nashville: Abingdon, 2004.

Stott, John R. W. *The Message of Romans: God's Good News for the World*. Leicester, UK: InterVarsity, 1994.

Sullivan, John E. *The Image of God*. Dubuque, IA: Priory, 1963.

Sylvester, Rachel, and Alice Thomson. "Boris Knows He's Out of His Depth. Suddenly Experts Are Useful Again." *Times* [London], 4 de abril de 2020. <https://www.thetimes.co.uk/article/boris-knows-hes-out-of-his-depth-suddenly-experts-are-useful-again-lnjdmchp>.

Tattersall, Ian. *Becoming Human: Evolution and Human Uniqueness*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

———. "Human Evolution: Personhood and Emergence." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 37–50. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

———. *Paleontology: A Brief History of Life*. West Conshohocken, PA: Templeton, 2010.

Thiselton, Anthony C. "The Image and the Likeness of God." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm A. Jeeves, 184–201. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

———. *The Thiselton Companion to Christian Theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Thomas à Kempis. *The Imitation of Christ*. Milwaukee: Bruce, 1940.

Thomas Aquinas. *The Summa Theologica of St. Thomas Aquinas*. London: Burns, Oates, and Washbourne, 1912.

Thompson, John L. *Reading the Bible with the Dead: What You Can Learn from the History of Exegesis That You Can't Learn from Exegesis Alone*. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.

Thompson, Keith S. "The Revival of Experiments on Prayer." *American Scientist* 84 (1996) 532–35.

Torrance, Alan J. "Retrieving the Person: Theism, Empirical Science, and the Question of Scope." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm A. Jeeves, 202–19. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Turner, Leon. "Disunity and Disorder: The Problem of Self-Fragmentation." Em *In Search of Self: Interdisciplinary Perspectives on Personhood*, editado por J. Wentzel Van Huyssteen e Eric P. Wiebe, 125–40. Grand Rapids: Eerdmans, 2011.

Twelftree, Graham H., ed., *The Nature Miracles of Jesus: Problems, Perspectives, and Prospects*. Eugene, OR: Cascade, 2017.

Tyndall, John. *Address Delivered before the British Association Assembled at Belfast*. London: Longmans, Green & Co., 1874.

Uller, Tobias, and Kevin N. Laland, eds. *Evolutionary Causation: Biological and Philosophical Reflections*. Cambridge: MIT Press, 2019.

Valentine, Cyril H. *What Do We Mean by God?* London: SPCK, 1929.

Vallance, Patrick. "How 'Herd Immunity' Can Help Fight Coronavirus." *Spectator*, 13 de março de 2020. <https://www.spectator.co.uk/article/the-case-for-the-herd-immunity-strategy>.

Van Till, Howard J. *The Fourth Day*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.

———. "No Place for a Small God." Em *How Large is God? The Voices of Scientists and Theologians*, editado por J. M. Templeton, 113–35. West Conshohocken, PA: Templeton, 1997.

Vandrey, Brianna, et al. "Fan Cells in Layer 2 of the Lateral Entorhinal Cortex Are Critical for Episodic-Like Memory." *Current Biology* 30 (2020) 169–75.

Walton, John H. "Biblical Credibility and Joshua 10: What Does the Text Really Claim?" *BioLogos Forum*, 15 de outubro de 2013. <https://biologos.org/articles/biblical-credibility-and-joshua-10-what-does-the-text-really-claim>.

———. *The Lost World of Adam and Eve: Genesis 2–3 and the Human Origins Debate*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2015.

———. "Origins in Genesis: Claims of an Ancient Text in a Modern Scientific World." Em *Knowing Creation*, editado por Andrew Torrance e Thomas H. McCall, 107–22. Grand Rapids: Zondervan, 2018.

Walton, Steven. "What Is Progress in New Testament Studies?" Palestra inaugural como Professor do Novo Testamento na London School of Theology, 6 de março de 2012.

Ward, Keith. "Cosmos and Kenosis." Em *The Work of Love: Creation as Kenosis*, editado por John Polkinghorne, 152–66. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

———. *More Than Matter? Is There More to Life Than Molecules?* London: Lion Hudson, 2011.

Ware, Bruce A. "Prayer and the Sovereignty of God." Em *For the Fame of God's Name*, editado por Sam Storms e Justin Taylor, 126–43. Westchester, IL: Crossway, 2010.

Watts, Fraser, ed. *Spiritual Healing: Scientific and Religious Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

Weaver, Glenn. "Embodied Spirituality: Experiences of Identity and Spiritual Suffering among Persons with Alzheimer's Dementia." Em *From Cells to Souls—and Beyond: Changing Portraits of Human Nature*, editado por Malcolm A. Jeeves, 77–101. Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

Welker, Michael, ed. *The Depth of the Human Person: A Multidisciplinary Approach*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

Wesley, John. *Primitive Physick: Or, an Easy and Natural Method of Curing Most Diseases*. Philadelphia: Prichard & Hall, 1747.

Whipple, Tom. "Who Do You Think You Are? Probably a Little Bit Neanderthal." *Times* [London], 9 de Agosto de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/who-do-you-think-you-are-probably-a-little-bit-neanderthal-rr52krjdf>.

———. “Your Attitude to Risky Sex, Drink and Fast Cars Lies in the Genes.” *Times* [London], 15 de Janeiro de 2019. <https://www.thetimes.co.uk/article/your-attitude-to-risky-sex-drink-and-fast-cars-lies-in-the-genes-svcn30sq5>.

White, Andrew D. *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*. New York: Appleton, 1896.

———. *The Warfare of Science*. New York: Appleton, 1876.

Whitehouse, Walter A. *Christian Faith and the Scientific Attitude*. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1952.

Wilkinson, Gerald S. “Reciprocal Food Sharing in the Vampire Bat.” *Nature* 308 (1984) 181–84.

Willis, Thomas. *Cerebri Anatome (the Anatomy of the Brain)*. London: Martyn and Allestry, 1664.

Woollett, Katherine, et al. “Talent in the Taxi: A Model System for Exploring Expertise.” *Philosophical Transactions of the Royal Society (Biological Sciences)* B 2009 364 (2009) 1407–16.

Wright, N. T. *The Challenge of Jesus: Rediscovering Who Jesus Was and Is*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999.

———. *The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus’s Crucifixion*. New York: HarperOne, 2016.

———. “Hope Deferred? Against the Dogma of Delay.” *Early Christianity* 9 (2018) 37–82. <https://research-repository.st-andrews.ac.uk/handle/10023/17178>.

———. “Idolatry.” Em *Surprised by Scripture*, by N. T. Wright. New York: HarperCollins, 2014.

———. “Personal Communication.” (2011).

———. “Reading Paul, Thinking Scripture.” Em *Scripture’s Doctrine and Theology’s Bible*, editado por Markus Bockmuehl e Alan J. Torrance, 59–70. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

———. *Surprised by Scripture*. New York: HarperCollins, 2014.

Yancey, Philip. "Prayer and Physical Healing." Em *Prayer: Does it Make Any Difference?* 240–58. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

———. *Prayer: Does It Make Any Difference?* Grand Rapids: Zondervan, 2006.

———. *The Resurrection of the Son of God*. London: SPCK, 2003.

———. *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church*. San Francisco: HarperOne, 2008.

———. *Vanishing Grace: Whatever Happened to the Good News?* London: Hodder and Stoughton, 2014.

———. *What's So Amazing about Grace?* Grand Rapids: Zondervan, 1997.

Zeman, Adam. "The Origins of Subjectivity." Em *The Emergence of Personhood: A Quantum Leap?* editado por Malcolm Jeeves, 120–42. Grand Rapids: Eerdmans, 2015.

Zhong, Wanting, et al. "Biological and Cognitive Underpinnings of Religious Fundamentalism." *Neuropsychologia* 100 (2017) 18–25.

Zmigrod, Leor, et al. "The Partisan Mind: Is Extreme Political Partisanship Related to Cognitive Inflexibility?" *Journal of Experimental Psychology: General* 149 (2020) 407–18.

Zola-Morgan, Stuart. "Localization of Brain Function: The Legacy of Franz Joseph Gall (1758–1828)." *Annual Review of Neuroscience* 18 (1995) 359–83.



## SOBRE O AUTOR

Malcom A. Jeeves é Professor Emérito de Psicologia na Escola de Psicologia e Neurociência na Universidade St. Andrews, na Escócia. Foi presidente da Royal Society of Edinburgh, da Academia Nacional de Ciências e Letras da Escócia, e Fellow da Academia de Ciências Médicas e da Sociedade de Psicologia Britânica. Depois de uma longa carreira como grande psicólogo experimental e pioneiro nos campos de psicologia cognitiva, neuropsicologia e psicologia evolucionista, ele foi condecorado pela Rainha Elizabeth II como Comandante da Ordem do Império Britânico por suas contribuições para a ciência e a neuropsicologia. É autor de vários livros sobre ciência e fé, incluindo *Psychology and Christianity* (Psicologia e Cristianismo), *From Cells to Souls* (Das Células à Alma), *Rethinking Human Nature* (Repensando a Natureza Humana), e *Psychological Science and Christian Faith* (Ciência Psicológica e Fé Cristã).